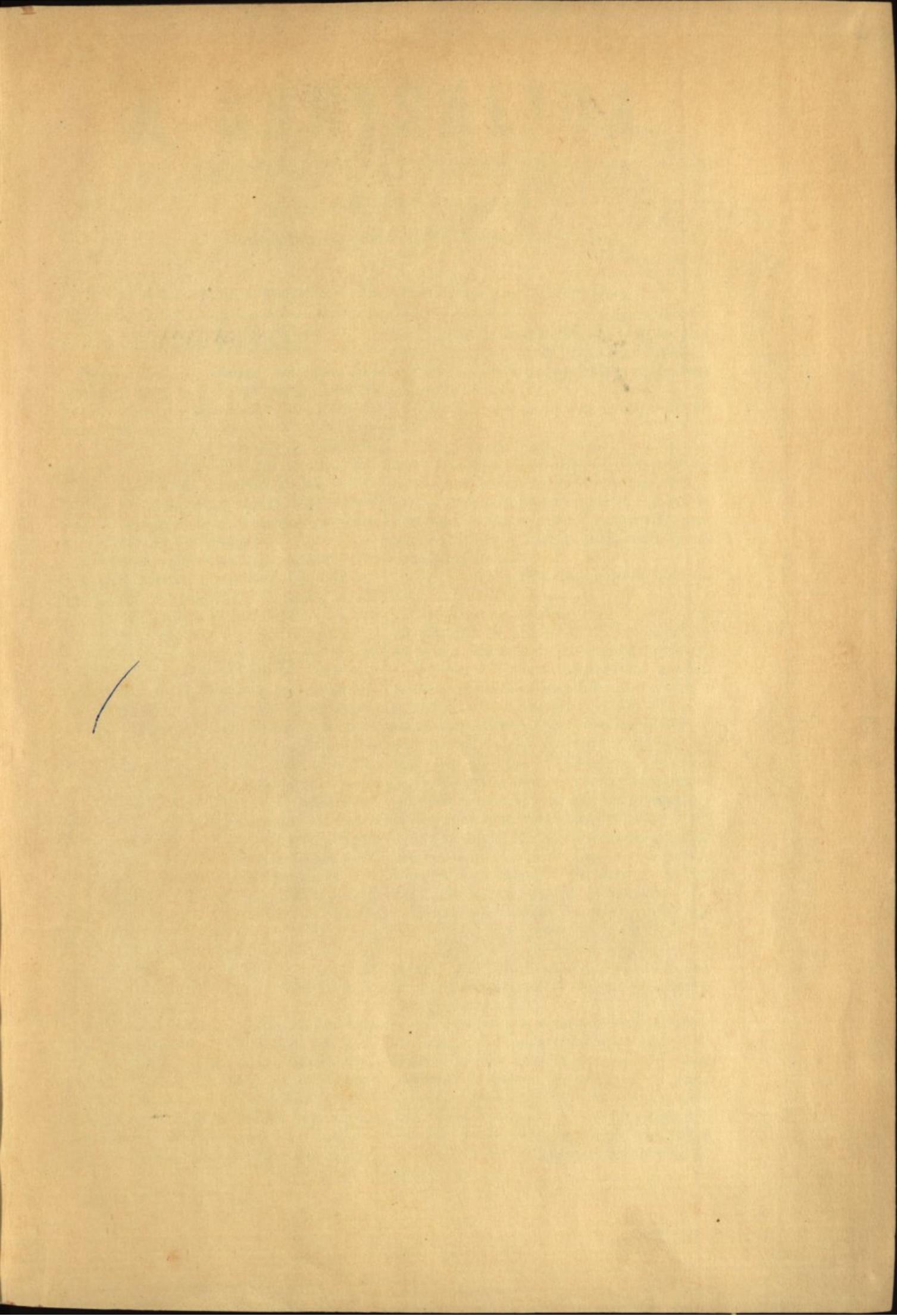
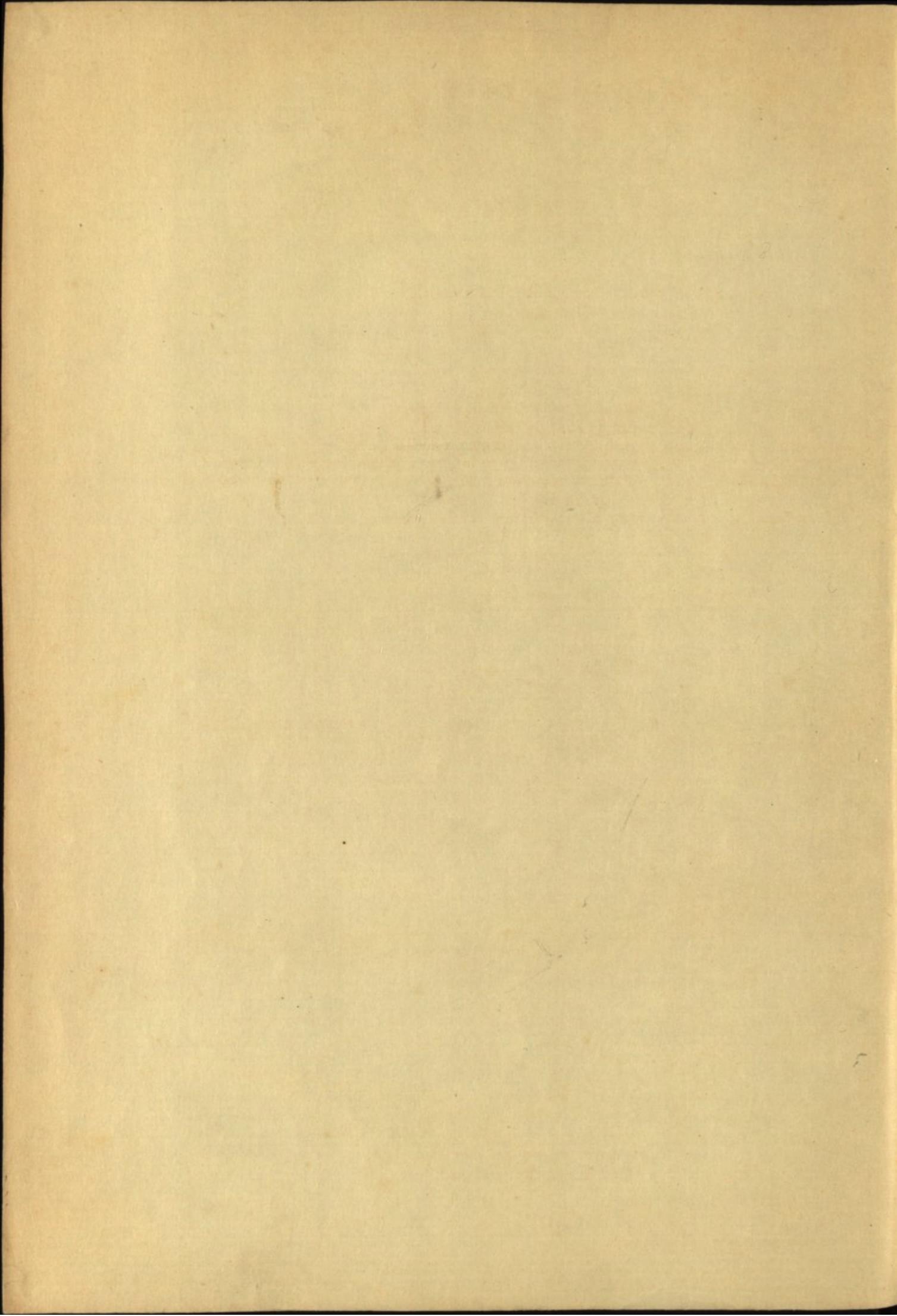


ISMAEL A. CHUVAS
ENCADERNADOR
C. DOS APOSTOLOS
COIMBRA

10
9
7





A CHRYSALIDA

JORNAL DE LITTERATURA

(ACADEMICO)

ADMINISTRADOR — Duarte de Vasconcellos

REDACTORES EFFECTIVOS — Theophilo Braga, e J. Simões Dias

INTRODUÇÃO

Desde o momento solemne, em que a immensidade ouviu da bôcca do Eterno o maravilhoso *fiat lux*, e a vida começou a estremecer no gigante, como no verme, a luz da sciencia rebrilhou nos horisontes do Eden, e continuou cada vez mais intensa nos horisontes da vida: até que um homem, semi-deus da luz — Guttemberg — repetiu o *fiat*, e para cada extremidade do universo atirou as estrellas da sciencia — descobriu a Imprensa!

É bello ver como desde então surdem novas e variadas cruzadas a empenharem-se com reiterada força na grande liça, em que se debatem os dois fortissimos athletas — a luz e a ignorancia, o progresso e o obscurantismo.

Passou o tempo em que o Anjo da luz contemplava de dentro da sua guarita o raio que o Anjo das trevas guindava á cabeça do rei, que, desmaiando nas ancias do crime, pegava a febre contagiosa a todas as cabeças do rebanho! Era então a idade bronzea contra quem não tinha a luz calor bastante, que a fundisse.

O nascer hontem, e o morrer amanha podia ser existencia; mas vida nunca: assim como não era vida a ignorancia completa de d'onde vimos, que fazemos e para onde vamos. Agora que ja sabemos o que foram nossos paes, o que somos hoje e que para a luz caminhâmos, congratulemo-nos pelo esplendoroso dia do nosso *resurrexit*, e communguemos todos na mesma mesa social como irmãos e artifices na mesma Babel, que não é monumento de vaidade humana e porisso não ficará em meio; muito embora os nossos successores no trabalho a tenham de reformar.

Mas cumpre estarmos certos de que amanha, os que depois de nós vierem, hão de cobrir de bençãos a obra, que por nós foi começada hoje: e que não cobrissem, que importava isso? Sirvamos nós á instrucção popular, como Antigo ao Deus dos povos sem o pacto *accipiendi mercedem*. Não seja justo somente o que nos convem, tambem o povo tem direito á

luz da sciencia, como ao Sol, que Deus fez para todos. A eschola *egoista* surgiu com Hobbes, e morreu: a perfeita confraternidade nasceu com Christo, e viverá.

O *docete omnes gentes* seja a nossa estrella polar.

Como a abelha embryonaria na cellula, demore a *Chrysalida* na seda, que vae tecendo, para cobrir juvenis espiritos, até que um dia se desprenda do estado de *nympha*, e á luz de uma nova primavera, possa metamorphosear-se em borboleta ao sahir do casulo, como Venus da espuma do mar.

Seja o jornal o filho bemquisto de Guttemberg.

Seja elle o thermometro do calor scientifico de cada dia, até que o livro possa comprovar ao povo a exactidão do seu augmento gradual.

O jornal é o oraculo da sciencia, que não procura a bibliotheca para fallar do presente e providenciar para o futuro; de cada uma casa faz elle um templo: de cada bôcca um intérprete: de cada homem um amigo: e de cada familia um auditorio de admiradores, que vêm á porta a recebê-lo com o sorriso da bemquerença, como a um filho, que de longe se esperava. O livro, pelo contrário, senhoril em tudo, e em tudo aristocrata, não se dá tão bem nas mãos callosas do trabalhador; procura as almofadas e os dedos do litterato: cria-se ao pe dos jardins, não desce ao tugurio do campino.

É para elle sustento de menos sabor, embora mais delicado. Querem os *espiritos-creanças* rações menos pesadas. O leite da sciencia pouco e pouco espremido, que os não suffoque. Seja o jornal preparativo do banquete, fique o livro para rematal-o.

Sentemo-nos pois á mesa do festim litterario e d'aqui trabalhemos todos neste edificio da litteratura, para onde se arrastam os grandes materiaes da sciencia europeia. Que os braços nos não cansem: nem o espirito vacille como o de Chatterton, em face dos improprios do desdem. Somos jovens em forças, mas velhos no desejar o nivelamento social pela instrucção.

O trabalho póde regenerar-nos: a elle, pois os, que, como nós, desejam o bem-estar da nossa familia — a humanidade; da nossa patria — o mundo inteiro.

A sciencia é cosmopolita: os sacerdotes d'essa religião devem trabalhar na vinha universal; embora os braços pendam cansados antes do brotar do renovo.

Avante! seja a estrella da sciencia a ante-mañhan da felicidade.

Coimbra, 30 d'Outubro de 1863.

J. Simões Dias.

O SOLITARIO

Não me deixes morrer sem ti, meu anjo,
Dá-me essas azas qu'eu levanto o voo.
Do auctor.

Onde vaes por ésta hora
Solitario vagabundo?
Tudo é calado!... e caminhas
Sosinho por esse mundo?
Que pena que a lua agora
Não deixasse ver teu rosto!...
Onde vaes por ésta hora?!...

Pareces barco vagando
'Numa lagoa quieta
Sem remador, sem alguém!...
Pareces ave inquieta
Que alta noite vae bolir
Na ramagem do arvoredó
Com gemebundo carpir!...

Vaes bater a alguma porta?
Não, não vaes... tu suspiraste?!...
Aqui é ermo... e tristonha
A lua em quem tu fitaste!
Teu olhar não disfarçou!
Gemeste... Ai!... foram saudades,
Saudades de quem te amou.

E choras?... Meu Deus!... Coitado!...
Lembranças tristes?... bem sei:
Amores sanctos que foram?!...
Faz pena... também amei...
E ficas olhando os ceus!
E ficas scismando ainda!...
Adeus, solitario, adeus!...

Aleixo dos Sanctos.

ESTUDOS SOCIAES E MORAES

FUTURO DO TRABALHO

O homem ao destacar-se do último elo da cadeia dos seres, sentiu-se forte e senhor da terra. A natureza offerencia-lhe por toda a parte

seus peitos uberantes, e este regosijo da harmonia ligava a sua existencia á vida pantheistica do universo. A grandeza do homem 'neste cyclo genesiaco, symbolisaram-na os escriptores sagrados pelo reflexo da graça e da innocencia que descia das alturas sôbre sua fronte; os escriptores profanos, menos inspirados pelo idealismo espirital, retrataram-a na plastica, nas fôrmas gigantes do corpo e na magestade homérica d'uma estatura cyclopica. 'Neste primeiro dia foi o homem como os anjos, via e falava face a face com a divindade; 'neste primeiro dia foi um gigante da terra, dominou pela fôrça herculea. Ambos os dois mythos têm um fundo de verdade revelada pela inspiração e intuição do passado aos prophetas da historia.

Senhor e rei na criação, o homem deixou-se enleiar no seio voluptuoso da natureza. Admirou, e cahiu adorando. 'Nesse instante descobriu a sua nudeza, e escondeu-se; sentiu a fome e a sêde, e as dores do destêrro; o outro mytho, mais violento e terrivel, para filiar d'essa quêda o naturalismo e antropomorphismo, fal-o *mergulhar no bruto* (*), e o satyro, o minotauro, é o homem a confundir-se na categoria inferior da sua ordem.

A quêda succedeu a ideia da re-habilitação, como ao occaso a nova aurora de luz. Era a lei eterna das antitheses. Foi o trabalho o signal da rehabilitação, sera o caminho para a apotheose. *Sic itur ad astra*. Na mythica do oriente, tenebrosa e profunda, o trabalho é um stigma impresso sôbre o homem, é a dor, a atribulação, é a terra produzindo cardos e espinhos, fecundada pelo suor do seu rosto. É o enigma da vida a ser iniciado pelo soffrimento, e o soffrimento a retratar a vida nomada da raça primitiva na sua passagem atraves do deserto.

No mytho do occidente é sublime o ideal do trabalho. O trabalho, ahi, é a gloria dos semi-deuses, é a vida errante mas heroica. Chiron ensina o mysterio da fôrça.

Os trabalhos de Hercules, os trabalhos de Theseu, eis outros tantos passos para a elevação do homem, perdidos hoje completamente nas sombras imprescrutaveis do mytho. Nos trabalhos de Jason e dos Argonautas está symbolisada a inauguração do commercio da Grecia.

No oriente é o trabalho como uma fatalidade religiosa, um anathema do primeiro passo do homem. O christianismo, creado no berço de todas as religiões, vindo da Asia, transportou comsigo o mesmo dogma doloroso, mas como

(*) Expressão profundissima de V. Hugo na *Legende des Siècles*.

expição. Suavisou o golpe da espada flamejante, que lançou o homem fóra do eden. Exaggerou a culpa para moderar o castigo; suscitou no interior do homem uma lucta, lucta escura e tremenda, um *eu* a combater com outro *eu*, a carne a revoltar-se contra o espirito, a confusão e o cahos onde havia a ordem e a harmonia, e para este dualismo desesperado apontou como panacea—o trabalho. D'esta ideia proveio um diluvio de sangue para rehabilitar a raça futura—foi o sangue dos martyres; a arca fluctuante— a Igreja; e o ramo de oliveira symbolizando a paz universal e fraternidade futura— a cruz. Mas taes symbolos tarde foram comprehendidos; foram como o enigma da Sphinge, que devorava os que iam passando. O christianismo ao ideal do trabalho ligou a universalidade.

A vida aventureira e incerta das guerras, vulgarisou o pensamento que Aristoteles descobriu na sua *Politica*; que havia no homem duas naturezas, uma activa destinada a mandar, outra escrava destinada a obedecer. A fraqueza foi o primeiro signal da escravidão; é por isso que no mundo antigo a mulher era abatida quasi á qualidade de máchima. Roma, a escrava dos Cesares, pelo acaso da conquista adoptára o pensamento do Stagirita. Tinha o orbe a seus pes; repousava o sceptro ensanguentado na cerviz das nações, para involver-se depois descuidada na orgia dissoluta da saturnal do imperio. D'este modo a grande prostituta que se espreguiçava sobre sete collinas, Roma, não podia subsistir sem a escravidão, que era como o musculo da républica, ou os membros d'esse corpo, como sophismou o subtilissimo Agripa. Os senhores do orbe não procuraram outro plano de organização social, davam-se bem com aquelle, á custa da angustia dos outros. Mais tarde, quando o verbo do Christo entrou na cidade eterna, ergueu-se o alarme por toda a parte.

Os politicos, ainda os de maior alcance, como Tacito, viram abalado nos fundamentos o edificio social. O christianismo falava de egualdade, era força repellil-o como um attentado contra a ordem. A philosophia stoica nos seus proverbios juridicos preparava a vereda para a religião nova. Quem ha de trabalhar? era a pergunta e o argumento que apresentavam, como irretorquível, ao christianismo nascente; era por onde Tacito o combatia. O christianismo não abolia o trabalho, abolindo a escravidão; proclamava a egualdade e consequentemente a universalidade d'elle. As suas vistas iam mais longe: estreitando os laços da vida social, entre-

vira a multiplicação da força pela união, e o modo maravilhoso de lançar sobre a natureza o trabalho que o homem na quèda recebera d'ella.

São as máchimas, que vão realisando pouco a pouco esta posse da realza do homem sobre a natureza. Na idade-média a ordem social era classificada pela propriedade territorial; a posse era a característica do senhor, o trabalho da cultura o stigma do servo.

A idade-média é uma antinomia na historia; a influencia manifesta do christianismo é a communa. O abraço dos povos pelo trabalho do commercio e da industria, eis o segredo das riquezas de Pisa, Gand, Genova, Veneza, Bruges e Florença ao pe da barbarie dos estados-feudales. (*) *Virtus unita fortius agit*. No dia em que o homem descobriu a alavanca, o parafuso, a força da agua, foram outras tantas fadigas de que alliviou seus hombros, sobrecarregando-as sobre a natureza. Hoje o trabalho não é o sello da culpa, como na antiguidade biblica, não é o signal da escravidão, como na idade média, nem o tributo dos parias, como o concebia Aristoteles; hoje é o symbolo da dignidade do homem.

O hymno do trabalho eleva-se por toda a parte; poetas como Pelletan, Victor Hugo e Michelet, vão perpetuando as strophes ao estrepito das grandes descobertas de Galvani, Fulton, Watt, Pascal. Pelas máchimas ganha o homem tempo á custa de força; mas força dependida pela natureza. Virá uma epocha em que o homem se liberte do trabalho material; abre-se então outro horisonte mais vasto— o trabalho da intelligencia. Prometheu ergue-se dos fraguedos caucasicos, não para roubar o fogo celeste, porque é Deus, mas para atear aquelle que occultou longo tempo no peito. O homem desprender-se-á da animalidade para absorver-se no anjo.

Esta theoria explica ja a prodigiosa actividade e precocidade intellectual d'este seculo.

Theophilo Braga.

A VIDA!

A vida leva-a o vento,
A vida é folha, que cae!
J. de Deus.

A vida é d'haste cahida
Folha que o vento levou;
É vaga esperança perdida;
Nota que a lyra soltou.

Onda de sangue revolta
'Neste mar de pranto e dor:

(*) Pelegrino Rossi, *Ec. Polit.*, t. I.

A vida é lagrima solta
Do tenro calyx da flor...

A vida é prysma dourado
Que a mão da morte quebrou;
A vida é sonho acordado;
Pharol que o vento apagou

É negra noite sem lua —
—Lua que brilho não tem.
É alma de crenças nua —
—Nua de esperança tambem!

A vida é o *nada* da terra!
É *tudo* o que *nada* é!
O *nada* que *tudo* encerra!
Tudo em que *nada* se lê!
Coimbra, 18..

Duarte de Vasconcellos.

FEIÇÕES

Cada epocha tem um caracteristico particular, porque em cada uma ha novas tendencias, novos gostos. Em cada seculo ha uma virtude ou um vicio predominante, que dão um nome a essas eras.

Houve um tempo, em que o amor da patria era uma virtude, que mais nobilitava o homem. Aquelle, que pretendia occupar uma página brilhante na historia d'esses annos, sacrificava-se em prol da terra, em que recebêra o primeiro ciciar da aragem da vida. Foi ésta, sem dúvida, a origem primitiva de muitos heroes que hoje reconhecemos ainda, e venerámos admirados. 'Nesses dias a affeição pela patria fazia calar no coração qualquer outro sentimento; o amor da mulher de nossos sonhos era supplantado ante esse novo affecto; a amizade sacrosancta, que nossas mães nos mereciam, era sacrificada em frente das exigencias da terra, que nos vira nascer. A patria era o idolo mais querido do nosso coração; a esperança mais faqueira, com que nos abraçavamos; o primeiro somno, que nos embalava no berço; a última inspiração ao desabar na campa. E nossas mães então desinvolviã contentes no espirito de seus filhos essa religião, essa virtude. Eis um dos caracteristicos das eras, que ja la vão.

Hoje porém essa virtude perdeu de voga; foi permutada por outras, que o seculo actual endeusa com mais firmeza. Antigamente o homem, que esquecia tudo, por se lembrar da patria, practicava um dever, era um heroe, se as suas acções o agigantavam; hoje esse homem sera um portento, que veneraremos, uma raridade, que faremos trepar ao throno mais

elevado da gloria, dando-lhe na história contemporanea uma página mais resplandecente.

Eis uma differença entre os tempos, que ja passaram, e os que se volem agora; eis talvez o motivo principal por que o egoismo pretende julgar-se o caracteristico do nosso seculo. Seja-nos, todavia, permittido o não accedermos voluntarios a esse juizo. Que um dos caracteres de nossos dias é o indifferentismo e a descrença, não o contestaremos; mas que o egoismo é privativo de nossos dias, não o admittiremos por enquanto. Antigamente e agora, hoje e sempre esse vicio existiu e existirá entre a humanidade.

'Nestes tempos porém o egoismo é mais pronunciado, porque não é tão involvido na cobertura reprovada da hypocrisia. Outr'ora o homem era egoista, mas hypocrita: morria satisfeito, com tanto que seu nome passasse á posteridade; arriscava essa existencia por uma ideia, por um pensamento; morria pela patria; e a sociedade, ao contemplal-o, admirava esse prodigio de abnegação; e a historia, ao escrevel-o em seu livro gigante, maravilhava-se ante esse desapêgo! Hoje o ente racional trabalha mais desassombradamente para seu bem estar, sem que se esforce, todavia, por indicar á sociedade, que sua mira é o bem geral. Antigamente a ambição do ser humano era uma morte gloriosa, que o fizesse reviver na lembrança dos vindouros: hoje o aspirar constante do homem é o prolongamento da sua existencia no mundo, para que por mais tempo seja comparte nas delicias, que a vida lhe prodigalisa. O homem de outros tempos encarava a morte com alegria, porque, atraz da sua figura descarnada vira a gloria bonançosa e resplandecente; o homem da actualidade, em geral, visa a morte com horror, porque atraz do sepulchro ve somente po; porque a reputação para alem da campa não a julga a felicidade.

(Continúa).

A. G. da Silva Sanches.

O NOIVADO MYSTICO

Nas regiões do Emyreoo
la onde o sol rebrilha,
e aonde Deus perfilha
os filhos do martyrio!

aonde o occulto amor
vae consumir seu fado
em mystico noivado
nos braços do Senhor,

a esses mundos d'oiro
os Anjos te conduzam:

e em roda se produzam
do virginal thesoiro,

que levas no teu seio
ao teu divino espôso,
que delirando em gôso
a receber-te veio!

Que o mundo mais não veja
quem hoje se encaminha
a trabalhar na vinha
da celestial Egreja!

Vae, doce esposa, vae
sagrar mystico laço
'num suspirado abraço
na casa de teu pae!

Jerusalem se ergueu
co'as suas filhas todas...
vem assistir ás bodas
no dia do hymineu.

As portas 'stão em par
e o leito preparado...
mysterio recatado
vae dentro celebrar...

Por ti á espera deve
de estar o teu amante
no thalamo olorante...
vae, pomba côr de neve,

vae, lyrio de Sião...
das vestes a candura
realce a formosura,
retrate o coração!...

Abaixa o branco veu
por sôbre o lindo rosto
sejas como o sol posto,
que em nuvens se escondeu!...

Vae, doce esposa, vae
sagrar mystico laço
'num suspirado abraço
na casa de teu pae!

Ja mal se escutam passos
La dentro do sanctuario...
Abrira-se o sacrario,
fecharam-se os abraços...
Languesce a branca flor...
no esposo se descança...
na desatada trança
involve o seu Amor.

Descêra alfim o veu...
o templo se fechou.
Mulher que tanto amou
Surgira para o ceu!

J. Simões Dias.

UMA VISITA AO MOSTEIRO DE LORVÃO

AO MEU MAIS PARTICULAR AMIGO

Casimiro Antonio Pessoa

I

Eram quatro e meia da manhan d'um bello dia d'agosto; e eu encontrava-me então em Penacova. Felizmente que ja não era pela primeira vez que me achava 'naquella tão linda e tão pitoresca villa, na minha opinião uma terra de fadas, um Eden de poesia! Para surprehender o nascer do sol, fui sentar-me por detraz do Castello sôbre o Penedo da Pena. A poesia, que alli se sente rebentar n'alma, mal pôde exprimir a minha penna tão pouco costumada ainda a traçar voos de tal guiza: quanto pôde dizer-se em lingua de homens, do muito que a alma sente alli, assim como em outros muitos pontos d'aquella terra de encantos, bem o disse ja a penna d'ouro de um joven orador-poeta d'aquella villa, hoje um dos primeiros ornamentos da nossa Tribuna Sacra, e não ha muito, um dos mais doces cantores do *Cysne do Mondego*, etc. Quer da imprensa, quer do pulpito, o sr. Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro bem tem mostrado até onde é capaz de elevar-se nos arrojados voos da sua penna d'aguia! Que posso eu dizer pois de algum interesse a respeito d'estes sitios a quem leu ja — *Umas férias passadas em Penacova?* De certo pouco. Deixemos então o poetico penedo da Pena, e vamos pela primeira vez até Lorvão.

O sol, que agora nos dá de chapa pelas costas, é mais um incentivo que nos obriga a tornear com ligeireza o Reconquinho, a deixar com saudade os viçosos milhares de Carrazedos; e que nos colloca como que por magico encanto no cimo do valle do Bravo. D'aqui sim; d'aqui é que se desenrola ante meus olhos um panorama como jamais hei visto de ponto algum da terra. Não ha sol por mais ardente, que me faça proseguir ávante, sem ler um pouco no livro que a natureza aqui me offerece. Tudo em tôrno de mim é poesia, que me seduz e me prende; em tudo vejo um poderoso talisman que me encanta e me enfeitça.

La em baixo pela esquerda se nos mostra o preguiçoso Mondego recostado em leito d'ouro, bordado por duas largas e longas fitas de verdura, dormindo ao som melodioso do suspirar das noras; alem pela direita, os alcantis do Ca-

ramulo, gigantes arrojados, que pretendem sustentar o ceu com a fronte; mais perto o doce marulhar dos ribeirinhos; e em frente la em baixo, como eremita, que procura a solidão para rezar; la se esconde na profundidade dos vales o venerando convento de Lorvão; por toda a parte emfim a magnificencia do Creador.

Mas quebrems por um pouco os laços magicos que aqui nos prendem; deixemos a terra para nos elevarmos um pouco até ao ceu; deixemo-nos seduzir pela voz da solidão; voemos nas azas d'esta poesia mystica, e vamos até ao convento.

(Continúa).

F. A. Duarte de Vasconcellos.

VERSOS

No dia da primeira missa d'um joven sacerdote
offerecidos pelo sr. Rolão Preto

Dia do teu triumpho... eil-o chegado!
depois do mui remar eis-te no porto
co'as benções da familia por confôrto,
parentes e amigos a teu lado!

Nos rostos o prazer e dentro d'alma
leda esperança por ti la no porvir
são rosas, que começam de florir
entrançadas no pe da tua palma!

Como ao nauta reluz por sôbre os mares
a luz incerta d'ignorada praia
nas ancias d'uma esperança, que desmaia,
—refulge a tua cruz sôbre os altares.

Recolhe a bem fadada do Senhor
e leva-a 'té subir ao teu calvario,
involto nos incensos do sacrario
e sanctas benções de fraterno amor.

Mas se os hombros vergarem, sem abrigo,
ao péso d'essa cruz, que ergues ao ceu,
teras ainda os braços d'um amigo,
serei teu Ceryneu.

J. Simões Dias.

CHRONICA

Que difficil missão me incumbiram 'nesta sancta cruzada! De certo que não era para meus hombros esta cruz! mas ja que a tomei, por esta vez hei de leval-a ao monte! Amaveis leitoras não me hão de crucificar 'nella d'esta vez, pois não?! Eu assim o espero da vossa angelica bondade. Mas, antes de principiar a *chronicar*, (ai! so este verbo me faz tremer na mão a penna!), permittam-me v. ex.^{as} uma innocente pergunta de que não exijo resposta.

Tomar banhos de mar não é hoje um remedio; é uma necessidade para se ser senhora, porque é moda; logo v. ex.^{as} ja tomaram banhos do mar; agora, depois de saber esta verdade, que eu ja suppunha, é que tem logar a minha pergunta innocente, e de que por certo v. ex.^{as} ainda se não esqueceram. Lembra-se, minhas senhoras, d'aquelles calefrios, d'aquelles tímidos receios que sentiram, quando entraram pela primeira vez em lucta com as ondas; lucta de que v. ex.^{as} por certo fugiriam, se não fôra o braço audacioso do intrépido baneiro que as impellia para o mar? Pois é exactamente o que eu sinto ao incetar a minha primeira chronica. Mas impellido pela fôrça d'um dever, vou arrojar-me ás ondas; se naufragar, a bondade de v. ex.^{as} sera minha unica tábua 'neste naufragio; se ainda ella me não poder valer; adeus! tambem ca não voltarei mais incomodar os leitores. E posto isto como *razão d'ordem*, vamos entrar ja na chronica.

Coimbra, a Agar do deserto, que ainda hontem solitaria e pensativa, espalhava pelas margens do seu rio as saudades que tinha por seus filhos, mostra-se hoje risonha e alegre, porque ja sente em seu seio quem lhe dá vida e amor.

A academia mostra-se contente e satisfeita com o seu novo Prelado, porque conhece que tem á frente de si um homem que sabe comprehender bem que ser Reitor é ser Pae! Conhecedora dos sentimentos essencialmente progressistas d'este homem, reuniu-se ja em assembleia geral para felicitar o seu chefe e expor-lhe por esta occasião as suas maiores necessidades. A substituição completa do processo academico — um processo *velho, barbaro, inquisitorial*... — por um processo novo, feito á luz da civilisação do dia d'hoje, é sem dúvida a primeira necessidade academica.

O academico ouve e repete por muitas vezes nas aulas d'esta Universidade, que — *a todo o cidadão é permittido o direito de defeza*; e todavia o academico é punido sem ser primeiro escutado; o seu nome é-lhe riscado do livro da matricula, e com elle muitas vezes o futuro de uma familia, sem que o estudante sequer o saiba, senão na hora, em que é intimado para se pôr fóra de Coimbra. E isto é infelizmente um facto que custa a acreditar; mas é um facto. E isto não se compadece com a altura da civilisação dos nossos dias! Esperámos que d'esta vez sejam ouvidos os brados de quem soffre.

Mas a academia pede mais. A academia quer a refôrma d'hábito, porque aquelle em que se ve *amortalhada*, é negro e feio, como o remorso

do precito; e a academia, que quer um traje que seja a expressão viva de seus nobres sentimentos, tem uma alma candida e pura como o sorriso dos anjos!

Em quanto a este ponto julgámos a reforma boa de mais para ser levada a effeito.

Mas quando nos não seja concedido para o tempo lectivo; ao menos para o tempo de férias não nos neguem uma petição tão justa! Com um hábito exclusivamente academico, exclusivamente nosso, poupámo-nos todos os annos a despesas, com que a maior parte não podemos. Com um hábito academico fugimos aos caprichos das modas, e andámos sempre decentes!

Com o nosso hábito definimo-nos em qualquer parte do mundo; e mostrámos, apresentando-nos, o que somos e valemos. Com um hábito academico finalmente, incurtam-se despesas, promovem-se commodidades, e deserta-se o amor pela sciencia.

Os nossos brados são justos; o ceu ha de escutar-nos piedoso, e nós havemos de ser attendidos. A um MONARCHA ILLUSTRADO, e a um Reitor attencioso, que pedirá com justiça — a briosa academia de Coimbra, em que não seja attendida?!

—E então não nos fala senão de coisas academicas?!

—É verdade minhas senhoras, quasi me ia esquecendo do officio de chronista. O *espírito de partido* quasi sempre nos leva por largar digressões, quando nos deixamos voar nas azas do enthusiasmo.

Vou pois dizer mais alguma coisa d'esta terra.

Hontem (28) houve récita pela segunda vez este anno no theatro de D. Luiz. O officio de que me encarreguei, e a sympathia que me inspira aquelle theatro levaram-me la. Representou a companhia dos *Meninos Florentinos* — que se acha n'esta cidade, e que segundo ouvi dizer pretende dar oito récitas.

Desde ja declaro, embora me censure essa gente que por ahi ha que timbra em dizer mal de tudo; declaro, repito, que gostei muito, e que me maravilharam as creanças! Creio que a maior parte dos espectadores vieram possuidos dos mesmos sentimentos.

Somos d'opinião que andaram muito bem, e que são de muito merecimento. Executam partidas gymnasticas difficultosissimas, e que na verdade não são para esperar de creanças — algumas de 7 annos ainda. Alem d'isso, dansam em geral com muito gosto e elegancia, conservando sempre uma regularidade e ordem

tal na formação dos grupos e dos quadros, que não pôde deixar de ser resultado d'um trabalho insano da parte d'elles e d'uma paciencia prodigiosa da parte do professor.

A lei da symetria nunca ahi se viu alterada no mais pequenino ponto. Em jogos d'uma variação espantosa, nunca se notou o mais passageiro engano.

No primeiro acto, *Il Columela*, distinguui-se principalmente *Eduardo Pons*, ja como actor ja como cantor; e todos os mais agradaram muito. A cavatina é de gosto e apropriada.

O — *passo a dous* — é de pouco merecimento em si, mas é de muito em relação a uma interessante menina, que pouco mais pôde ter que sete annos, e que alli executa o papel de *mullher do poeta*. Como aquella borboletinha se move! com que graça se deixa cahir no chão desfalecida pelo borborinhar da walsa! Aqui é de notar a maneira porque o *homem* a faz voltar á vida, e dansar de novo. E não cuide o meu caro leitor, que é com algum remedio de botica; não senhor; é um remedio caseiro e muito simples — com uns poucos de borrifos de vinho está outra vez prompta. Uma lembrança assim so de poeta; e tão raras virtudes so do vinho!.

A menina *Natalini Innocenti* foi pois freneticamente applaudida, e com razão; em tão tenra idade não sabemos que se possa revelar mais merecimento artistico.

No baile — *a flauta magica* — distinguiram-se principalmente *Mariana Flori* no papel de Laurelia, camponeza, e *Gustavo Valdechi* no papel de Nardino, campones e amante de Laurelia.

Tambem merece verdadeiros applausos *José Tiroco*, desempenhando o papel de rival de Nardino. É moço de muito talento comico, e que pôde vir a ser muito grande neste genero. A plateia fez-lhes justica.

A *flauta* merece-nos menção especial. — Quem nos déra uma *flauta* de tão magico poder.

A de Orpheu arrebatava as pedras dos montes; aquella não sei se faz mais ainda. De que apuros ella livra a Nardino e a Laurelia! Quanto não devem áquella flauta aquellas duas creanças!

Nardino é encontrado em amorosa entrevista pela mãe da sua amante, que os reprehende com aquella severidade propria de velha rabugenta; Nardino soccorre-se á sua flauta; a velha, não podendo resistir á *magia* d'aquelles sons, salta e dansa de contente.

Nardino vae para ser condemnado, por ter commettido o crime de *amar*, e a sua *flauta*

livra-o das mãos da justiça. D'isto é que o chronista muito se admirou!

Que a *justiça* d'hoje se deixa muitas vezes seduzir pelos sons de *outros* instrumentos que *têm attractivos e são convenientes*,... ja elle sabia, mas aos sons de uma flauta campestre, era o que ainda ignorava! É progresso!

A moralidade da peça, cremos nós, que tem por fim rebater um dos peiores vicios da nossa sociedade actual. A mulher a *tróco d'ouro* é que todos os dias por ahi vemos, a mulher alli — mas é so alli — calca o ouro aos pes, e mostra á sociedade que não ha ouro que a pague.

Esperámos que as nossas leitoras hão de reparar 'neste grande exemplo de moralidade, e convencerem-se por uma vez, de que *a virtude vale mais do que o ouro*.

A enchente na plateia era quasi real.

Os camarotes estavam pouco concorridos, mas alguns bem ornados.

Mereceram ao chronista especial attenção tres da 1.^a ordem.

No n.º 6 sobresahia com especial graça, com aquella graça que no meio de tantas é so d'ella — de poetisa — a mimosa cantora do Mondego. Vestida de branco, como os anjos, mostrava 'naquella singeleza, que a alma desprendendo-se da terra lhe paira continuamente pelas regiões do infinito. É que sabe que na terra ha poucas almas afinadas pelos sons da sua!

Mais tres camarotes para diante e la se viam duas mulheres, que para as descrever seria preciso ao chronista ter-se chamado *Abrahão*, ou *Bernardim Ribeiro*. Quem sabe se a mulher que pôde despertar 'num coração de cem annos sentimentos do mais vivo amor, quem sabe se essa mulher tinha uns cabellos louros; ou se aquella que fez d'um poeta um *peregrino* tinha assim altiva e nobre a fronte sôbre que assentava o diadema de rainha? talvez.

Logo adiante, n.º 13, la estava a mulher do romance; a mulher d'hoje — a mulher que sente, que soffre... e que não sabe porque soffre nem porque sente — a mulher descrente; que não supporta um olhar, que nunca descerra os labios 'num sorriso; mas a mulher anjo, a mulher fada, a mulher vaporosa, a mulher linda como a virgem que o poeta ve nos seus sonhos de ventura... E ella era 'naquella noite mais encantadora do que nunca; porque ella era triste e pensativa como a virgem da solidão.— Era o anjo da ternura *reclinado ao pe da cruz!*

Basta de chronica até ao número seguinte, se d'esta vez for bem recebido,

Coimbra, 29 d'Outubro de 1863.

O chronista.

EXPEDIENTE

A CHRYSALIDA

Assigna-se em Coimbra — rua de S. João na loja do sr. Sanches; — rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita; — na Calçada na livraria da V. Moré.

Em Castello-Branco assigna-se e paga-se em casa do ill.^{mo} sr. dr. Manuel Pires Marques.

PREÇOS

Coimbra (por semestre) *pago adiantado* 720
Provincias (por semestre) *pago adiantado* 800

Publicam-se e agradecem-se todos os escriptos que forem dirigidos á redacção, com tanto que se lhe reconheça merecimento, e não offendam susceptibilidades d'alguem.

Toda e qualquer reclamação deve ser dirigida — porte franco — ao administrador, rua da Trindade n.º 3.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

FATALIDADES DO AMOR

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.

RELICARIO

OU O MUNDO INTERIOR

POESIAS

DE

J. Simões Dias

Vende-se nas livrarias da viuva Moré no Porto e Coimbra, e nas de Melchiades em Lisboa e Coimbra.

AVISO

Declarámos aos srs. assignantes que uma boa parte dos escriptos inseridos 'neste número não foram previamente vistos pelos redactores; mas nos seguintes obviaremos a taes inconvenientes.

J. Simões Dias, e Theophilo Braga.

POESIA MYSTICA PORTUGUEZA

I

FREI AGOSTINHO DA CRUZ

O mystico para exprimir a elevação do espirito, o júbilo interior, a aspiração ardente, materialisa a ideia na imagem, sacrifica a imagem ao symbolo. Assim o lyrismo, todo subjectivo, expressão do sentimento ainda o mais vago e indefinivel, é ás vezes frio, monotono, obscuro; e quando é suscitado pelo entusiasmo, toma o caracter da inspiração hymnica, objectiva, onde na essencia permanece a mesma monotonia pelo tropel de imagens semelhantes que fluctuam em volta d'uma mesma ideia. Na fórma, apparece a variedade, a novidade, que seduzem o ouvido. S. Francisco de Assis para falar da sua paixão por Jesus, na odesinha inspirada pela vertigem do amor divino, sem pôder determinar o ideal de sentimento tão mavioso, descreve uma lucta, em que se mostra vencido, ferido, abrazado. S. João da Cruz, na *Noite Escura*, para exprimir o mesmo amor purissimo, como pôde sentil-o um coração fervoroso, symbolisa a alma que no silencio do ermo se remonta a Deus, na Virgem que desce a escada do lar paterno, na hora mais remota da noite, para vir abraçar o amante que a espera. Nos versos de Sancta Thereza de Jesus, Sapho delirante do christianismo, que se precipita num pelago d'amor e morre por não poder morrer, ahí é sublime o delirio d'esse amor do ceu; parece ás vezes um amor carnal, insaciavel, que a fatiga. Depois eleva-se nas azas diaphanas do spiritualismo e paira na serenidade do extasi, para receber a coroa de esposa nas nupcias do Cordeiro.

A poesia mystica portugueza tem um caracter differente. Quem abrir o livro das poesias do monge austero da Arrabida, ou as encontrar dispersas pelos chronicons da sua ordem, e respirar nellas o perfume de melancholia, parecer-lhe-á sentir a expressão elegiaca de Bernardes; descobre quasi que são irmãos pelo genio e pelo sangue. A um inspira-o a saudade da terra, o outro canta a saudade do ceu; um atira-se ao bulicio do mundo fascinado pela gloria, e ella desfaz-se-lhe diante dos olhos como uma van sombra; o outro embrenha-se na solidade, amortalha-se no burel aspero da penitencia, vae cavar longe a sepultura, e deixa escoar-se a vida entre as dores da maceração e do cilicio, e na vigilia continua, como a luz vinda da alampada nocturna que se vae consumindo lentamente.

Frei Agostinho da Cruz é o poeta da vida

monastica. O desgosto do mundo arrasta-o para o ermo, abnega dos louvores do seculo, muda de nome para ser desconhecido. Os seus canticos escreve-os para consolação dos amigos, como Francisco, o Seraphim de Assis, os cantava ao povo pela Italia. É por elles que fala da sua alma; os seus canticos não têm aquella paixão vertiginosa, e ás vezes quasi sensual das palavras de Sancta Thereza de Jesus, a sua alma não delira como a alma de S. João da Cruz, quando busca pelas selvas o espôso. Estes são os poetas do extasi; Agostinho é o poeta da penitencia, cada verso é um gemido de mortificação. Como todos os poetas mysticos fraternizam com a natureza; elle reprehende a corça que o visita, como Francisco de Assis reprehende os passarinhos, estreita os laços da amizade como os solitarios com as feras do deserto.

É nestes sentimentos que o christianismo se mostra poetico e sublime, elle mesmo ensinava ao povo os dialogos com que havia dirigir-se ás alimarias da terra, como se ve d'esta fórmula tirada de um manuscripto de Saint-Gal, para reunir um enxame de abelhas.

É assim que se havia falar á abelha mestra: «Adjuro te, mater aviorum, per Deum regem coelorum et per illum Redemptorem, filium Dei, te adjuro, ut non te altius levare, nec longe volare, sed quam plus cito potest, ad arborem venire; ibi te allocas cum omni tuo genere, vel cum sociâ tuâ; ibi habeo vaso parato, ut vos ibi in Dei nomine laboretis, etc. (*)»

Este pantheismo caracteriza toda a poesia mystica. Frei Agostinho da Cruz canta a infancia de Jesus; é o ideal da pobreza, como o não excedera Lope de Vega no dialogo da Virgem quando adormece nas palhas o Menino.

Os seus sonetos tendem para aquelle spiritualismo a que os elevára Camões; cada um d'elles é como uma prece fervorosa. A fórma classica do *bucolismo* não dá realce algum aos seus dialogos spirituaes; foi o contagio da sua epocha. A alegria da alma e do espôso em S. João da Cruz é toda biblica, eleva-se quasi sobre a pastoral de Sulem.

De todos os poetas portuguezas é Frei Agostinho da Cruz o menos lido; e é nos seus versos que mais se encontra o esforço da poesia do christianismo para desprender-se das ficções do velho d'Areza. *Theophilo Braga.*

A VIDA!

Ainda este phantasma ensanguentado
diante dos meus olhos a erguer-se!

(*) Batuze, *Capit. t. II, pag. 663.*

Ainda este demonio, este mau fado
'neste peito ja morto a remexer-se!

Ainda o som blasphemo da cidade
no sepulchro d'est'alma a retinir!...
Pois não é permittido á orphandade
ao menos no sepulchro em paz dormir?

Não é?! Quero ser livre... ao menos la
c'os mortos abraçado gozarei
delicias, que eu na terra não achei,
mas que Deus, que é bom pae, não negará.

Vida! negrã furia! brasa ardente
nas fornalhas do abysmo retemperada...
dizem-me que no mundo não és nada...
mentira!... és o inferno incandescente!

Quero em vão fugir-te e não me deixas
sombra mofina, que meus passos segues!...
Ouve sequer propicia as minhas queixas...
ser livre!... quero-o ser... oh! não m'o negues!

Não m'o negues por Deus que a ambos formou
a nós ambos 'naquelle triste dia...
Oh! que dia fatal, em que elle baixou
a por-me dentro d'alma ésta agonia

Quero-a d'aqui pôr fóra... quero sim
tragal-a 'nestes dentes esfaimados!
que fiquem seus grilhões despedaçados...
quero moel-os 'néstas mãos por fim!

Quero rasgar a lista dos teus crimes
e mostrar-te o sudario ao mundo inteiro!
Hei de ser sôbre a terra o pregoeiro
da fereza brutal, com que me opprimes!

Hei de sel-o, repito, e juro-o hoje
pelas dores, que tantas me has causado
que um dia me verás inda vingado
d'aquella, que eu procuro e que me fuge.

J. Simões Dias.

FEIÇÕES

(Continuado do n.º antecedente)

Diversas epochas diversos pensares. É por-
isso que em nossos dias o egoismo fulge mais
esplendorosamente, pois á mascara, que o co-
briu, rasgou-a o homem ante as tendencias do
nosso seculo. O amor proprio é um elemento
necessario ao ser racional, e (podêmos dizel-o)
uma das fontes do progresso, porque aquella

sentimento traz consigo uma aspiração conti-
nua, um desejo inextinguivel de conquistar. O
amor proprio, porém, pôde ser um vicio ou uma
virtude. Se é tão excessiva a força d'esse sen-
timento, que desejâmos attrahir a nós o bem
estar, embora calquemos a felicidade dos ou-
tros, embora tenhamos de rojar nossos simi-
lhantes ao tremedal da miseria, então commet-
temos um crime ante Deus e os homens: o
amor proprio degenera na avareza.

Se, porém, mirâmos o nosso interesse em
desejarmos sacrificar o dos outros, se concor-
remos para a nossa felicidade, sem tentarmos
desflorar a de nossos irmãos; o amor proprio
conserva a pureza, com que o Creador o em-
bellezou; o amor proprio é uma virtude, por-
que reflecte de si a *emulação*. O amor proprio,
por tanto, pôde ser um veneno ou um refrige-
rio, sendo, em si mesmo, uma tendencia para
a civilisação. O egoismo sendo pois filho mais
velho d'esse sentimento levado a um excesso,
jamais sera uma virtude: sua existencia, toda-
via, não pode contestar-se tanto nos nossos tem-
pos, como nos ja volvidos.

Porém,—admiravel testemunho da Providen-
cia! incontestavel attestado da harmonia, que
rege o mundo! O homem jamais se esforçará
por adquirir um bem, por avantajarse ante
seus semelhantes, sem que os outros lucrem com
seus esforços, sem que seu trabalho o conduza
a promover o bem geral! Eis uma verdade que
o mundo reflecte em cada acção: eis um prin-
cipio innegavel, que Bastiat, economista e phi-
losopho, leu na vida da sociedade.

Eis mais um argumento para que esses mi-
seraveis scepticos, esse exército de descrentes
reconheça o poder assombroso do Omnipotente.

Eis finalmente a razão porque a sociedade,
apesar do seu egoismo, progrediu sempre na
estrada da maior perfectibilidade.

Attentas por tanto as tendencias de nossa
epocha, comparando á vista d'ellas, esse facto,
que Alberic Second nos descreve em seu ro-
mance, seremos forçados a lançar um sarcas-
mo á frente da sociedade. Hoje o homem que
se alista nas fileiras de nossos exercitos, não é,
em geral, o guerreiro d'outros tempos, que cor-
ria gostoso aos campos da batalha; é sim ou
um ente que procura uma posição social, ou
um filho de que a patria exige mais esse tri-
buto de sangue.

A egualdade sera talvez um direito, mas ne-
nhum poder humano poderá convertel-o em fá-
cto, como disse muito bem Balsac. Que todos
egualmente façamos mais esse sacrificio pela
terra que nos viu nascer, comprehendemos nós,

pois que todos nós somos compartes eguaes nos beneficios que d'ella recebemos.

A. G. da Silva Sanches.

O CAPTIVO

Sentado em fria pedra, em plaga estranha,
O velho, d'olhos fitos na torrente,
Sentia 'nalma a dor, — que dor tamanha —
Ao esperar a estrella do oriente!

Soltas cans de propheta fluctuando,
Ao vento, e ja da vista extinto o lume,
Tornavam seu aspecto venerando,
Davam mais vida ao intimo queixume.

Contemplava das tribus a ruina,
Com que esperanza no futuro dia!
E, ao ver que extranha raça as contamina,
Cantava assim, 'num cantô de agonia:

«Nunca mais se ha de ouvir a harpa saudosa
Do filho de Israel!

Pendida no salgueiro hão de feril-a
As brisas em tropel!

De espaço a espaço, na soidão do exilio
Seu ecco soará!

Talvez suavise o seu cantar humilde
A ira de Johova!»

Calou-se! Muda lagrima fervente
Nas faces murchas, pallida deslisa!
Encosta a fronte á cithara plangente,
Segredos ao passar murmura a brisa.

O voo d'aquella mente foi altivo,
Perdida no infinito immensuravel!
E sorria, sorria o ancião captivo,
Vergado sob a angustia incommportavel:

«As Virgens de Israel, colar de perolas,
Que mão impia soltou,

São como os lyrios que no fundo vale
A rajada tombou!

De Virgens suas candidas grinaldas
Nem sequer deixam pôl-as!

Oh! como silenciosas me parecem
Do sacrificio as rôlas?»

Mas como o tropear d'asperas hordas,
O tufão restrugiu nos arvoredos!
Desde esse instante nas quebradas cordas
Não dedilharam mais os mortos dedos.

Theophilo Braga.

A VIRTUDE DE LEONOR

A. A.

(IMITAÇÃO)

I

A doce alegria da pobreza não se alojou nunca debaixo do tecto de colmo, onde vivia a triste familia do operario. O sol beijava-a suavemente, quando ia esconder-se no tópo da montanha, a cujas faldas jazia a casinhã solitaria; as aguas murmuravam-lhe em roda, despenhando-se dos rochedos agrestes; as comas das oliveiras escuras, agitadas pelas auras vespertinas, suspiravam-lhe o adeus do dia e o adeus da luz; e a pallida fome assentava-se então ao limiar da sua porta entre-aberta.

Elle erguia-se todos os dias ao desabrochar da aurora, trabalhava até ao cahir da noite, e não tirava do mesquinho salario o quotidiano sustento de seus filhos.

Em quanto a mãe pôde espremer dos seios fecundos o orvalho para as flores do berço, ninguem chorou na casa do operario; mas o leite esgotou-se sob os labios sequiosos, e o pae ao recolher do trabalho não viu, como d'antes, a alegre familia a estender-lhe os braços, os innocentes amores de sua alma a amimar-lhe os cabellos, cobertos do po da montanha, empastados do suor da fadiga.

D'antes via-os todos alegres, no ruidoso folgar da meninice, a esperal-o á entrada da choupana; um a saltar-lhe nos braços, outro a pendurar-se-lhe do pescoço, outro a apertar-lhe a mão calejada, e o pae com o riso nos labios assentava-se no meio d'aquelles anjos, esquecia á sombra das arvores do seu paraíso as duras penas do trabalho, e abraçava a mulher com a alegria no coração.

À noite reuniam-se á lareira; as creanças de pe para occuparem menos lugar, e se aquentarem melhor; alli comiam o pão abençoado do ceu, desentranhado dos seios do amor de mãe, e dos suores fecundos do trabalho.

Aos domingos alumiava a sancta pobreza um raio de Deus: la ia o ninho dos filhos conchegado ao manto amoroso dos paes, aquecer-se ao bello sol da montanha, aspirar os ventos perfumados do valle, e ver o azul esplendido do ceu.

Foram aquelles os dias mais felizes do operario.

Depois veio um tempo, em que a pobre mãe esgotou as forças e o leite para um filhinho do berço...; definhou pouco e pouco, perdeu a seiva vigorosa, a frescura da mocidade, e não pôde resistir a tantos sacrificios ignorados.

Até ahí havia soffrido só, resignada, consolando-se com o sorriso e com as lagrimas da manhan da sua felicidade: era outra vez mãe por uma ironia da Providencia, e succumbia ao faltar-lhe o calor da vida nos seios do amor.

E não se lastimou o anjo! o desgraçado pae sentiu a mão negra da miseria a apertar-lhe dolorosamente o coração.

O que sobretudo lhe escureceu a luz de sua alma foi a ausencia dos filhos, no limiar da cabana, quando elle vinha do trabalho.

Á segunda ausencia d'esses unicos amores — empallideceu, abriu a porta, e entrou sem dizer nada. Os filhos achegaram-se á roda d'elle calados e tristes, e a mãe voltou o rosto para esconder as lagrimas.

— Então, que tristeza é ésta? perguntou elle com a voz a pegar-se-lhe na garganta, sequiosa da fadiga do dia e da afflicção da fome.

— Não é nada; respondeu a mulher, anciosa por não poder alegrar-se. Tu esqueceste-te de me abraçar...

O operario sentiu humidos os olhos, e correu ao abraço de sua amada mulher, que ainda desejava esconder as lagrimas.

— E a mim não me abraça, meu pae? disse com um sorriso celeste a mais bonita de suas filhas, a innocente Leonor, apenas desabrochada, mas ja exhalando os deliciosos perfumes d'uma formosura divina.

O pae abraçou a filha. — Como ella é bonita! exclamou elle. E como me consólo d'estes dias d'afflicção! E eu que julgava dar-lhe cem moedas d'ouro no dia do seu casamento.

— O meu casamento, murmurou a doce Leonor com um sorriso de tristeza; eu sonhei que havia de morrer solteira. (Continúa).

Guimarães Fonseca.

DISTICO

(A THEOPHILO BRAGA)

A creança, que chora neste mundo,
Vae no seio da mãe lançar as lagrimas,
É tão doce o chorar!

Uma lagrima, é um anjo, que se esconde
Por nos ter compaixão, dentro do peito
E nos manda esperar!

Aleixo dos Sanctos.

EPISODIOS

A Ex.^{ma} Sr.^a D. M. A. P. C.

I

O BAILE

la-se espreguiçando a aurora, corada dos pri-

meiros rubores, por cima das copas das arvores, e sôbre os arbustos enredados e floridos, d'onde os rouxinoes emboscados nas folhas, desatavam em gorgeios e requebros, os canticos matutinos. A aragem de uma fragrante brisa, embalsamada pelas exhalações da campina, brincava doudejando por entrê as ramas inclinadas. Quanto é magica e saudosa aquella luz de indecisa claridade, que fecha a noite e annuncia o dia!

As últimas lagrimas do orvalho, perolas congeladas, tremem scintillando nas pontas das folhas. As flores, sentindo os osculos do sol e das abelhas, abrem o calyx e sacodem todo o torpor do somno. A rosa e mil variadas plantas despertam com os sorrisos da madrugada, expirando perfumes, e attrahindo de ramo para ramo, de petala em petala, a louca mariposa, que volitando e fugindo, ora timida, ora inconstante, não acerta em preferir uma d'ellas para amante.

A natureza acordando bella, cheia de júbilo e ataviada de galas, despe o veu das trevas, e recobrando-se dos ardores do clima, surge reanimada do regaço d'uma d'essas frescas noutes de estio, que o luar acompanha quasi até alvorecer, e no qual as estrellas para se despedir, aguardam os primeiros clarões do dia, os primeiros hymnos das aves, e o incenso que se eleva com as preces da infancia á patria dos archanjos e cherubins, seus irmãos em innocencia e formosura.

Mais tarde, quando o zumbido dos insectos se avivar, callado o papear dos ninhos e o pipitar dos passaros, pousados nas arvores frondosas e sequiosas, mais tarde, quando o astro esplendido tocar o meio da sua abrasada carreira, as alegrias da manhan; os mil ruidos da vida e do renascimento, irão esmorecendo a pouco e pouco, até de todo se converter em siuencio, tristeza e quasi solidão!

Estamos em julho.

Em o Praso, vistoso e ameno passeio, que olha sobranceiro para a villa de Arganil, passeavam dous mancebos: Eduardo de Aguiar e Julio da Rocha.

Aquelle, filho de paes abastados e nobres; este, ainda mais nobre, mas tendo por herança so ideias e crenças, porquê seus proximos antepassados, soffrendo quebras, roubos, e sendo victimas de partidos, ficaram sem esse pedestal de opulencia, que na actualidade so endeusa o respeito e a consideração da sociedade.

Ambos frequentavam a universidade de Coimbra. Estavam em ferias, gosando as delicias, que lhe prodigalisa a Beira, nucleo de grandezas na-

cionaes, e tão abundante em cabalísticos episodios, como em aventuras graciosas e burlescas.

Tinham sentimentos austeros e nobres. Unidos pelos estreitos laços d'uma amizade sacrosancta, d'aquella amizade, que vive immortal sôbre a esphera da mudança, onde não chega a jurisdição do tempo, e que se não esfria com a ausencia, viviam como dous arbustos nascidos da mesma planta.

As suas habitações ficavam alguns kilometros distantes d'Arganil, encontrando-se aquelle dia na mesma terra para fins identicos.

Enthusiastas pelos encantos da natureza, tinham combinado na vespera levantarem-se da cama mais cedo que o usual, para admirarem e gosarem os esplendores e perfumes da manhã.

— Não será mau apresentares-me antes da noite á senhora D. Guilhermina — disse Eduardo a Julio, continuando a passearem.

— Quando quizeres.

— O baile deve estar animado e concorrido, não te parece?

— Oh! se deve! respondeu Julio com mysterioso entusiasmo.

— Que me dizes a respeito de D. Leopoldina? Acho aquella senhora romantica e com aspirações a litterata — perguntou Eduardo.

— Da sua conversação tenho concluido que é uma senhora, digna de figurar entre as damas de Paulo de Kock — respondeu Julio rindo-se maliciosamente.

— Aquelles olhares meigos e demorados, que hontem fitou em mim, provam o que acabas de communicar-me. Ella dança bem?

— Com muita perfeição e donaire. É sôbre tudo apaixonada pela walsa, como quasi todas as senhoras das suas ideias.

— O calor esta ja bastante intenso; se te parece vamos ver ao correio se temos cartas dos nossos amigos, e ler os jornaes.

E sem mais detença se dirigiram para a villa.

Algumas horas depois se encaminhavam para a estalagem; e passando pela rua onde morava D. Leopoldina, e como não apparecesse á janella, que frequentava com assiduidade, fez com que Eduardo dissesse ao seu companheiro:

— Admira-me não estar á janella?

— Provavelmente está-se preparando para o baile. As senhoras necessitam d'um dia inteiro para se arranjarem para uma noite.

Na estalagem destinaram outro passeio.

Ao pôr do sol, cujos raios tenues e esmorecidos desmaiavam de momento para momento no cupulas dos penedos, respiravam a aragem

fresca e balsamica do fim da tarde, sentados de baixo do enredado tóldo d'um chorão na Fonte de Amandos.

A luz tibia e indecisa do crepusculo ia-se transformando no pallor da noite, tão amena e cheia de serenidade, que a lua ja alta no firmamento precedia com as primeiras estrellas, de que se acompanha, apparecendo ainda sem brilho no azul finissimo do ceu.

A viração ainda tímida e inconstante, ora brincava ao de leve com os ramos, que fazia rumorejar, beijando-os, ora se escondia medrosa nos massiços dos arbustos, e aonde parecia adormecer até de novo se levantar e volver mais viva a destoucar as arvores e as plantas, que um veu de sombras transparentes vestia de enlevada melancholia.

Os dous mancebos, porque ambos estavam ainda na invejada aurora, em que a vida se esmalta de illusões, um pelo braço d'outro, se recolheram finalmente do passeio longo, mas agradável, pelos sitios mais solitarios e agrestes das proximidades d'Arganil.

Traziam nas mãos os ramos de flores alpestres, colhidas durante a poetica romaria.

Vestidos com esmero e perfumados com aromas recendentes se apresentaram no tão suspirado baile.

Depois das aulicas saudações exigidas pela etiqueta d'hoje, foram sentar-se no lugar mais ermo da sala para mais escrupulosamente verem e analysarem os esmerados gostos dos vestuarios das senhoras. D'alli admiraram tambem a destreza e affabilidade, com que D. Guilhermina fazia as honras da casa, provando a sua continua frequencia nos salões da alta aristocracia. Vestia com simplicidade e sem pedrarias, mas com attractiva elegancia e irresistivel sedução. As senhoras perdoavam-lhe a belleza por causa da sua graça; os homens perdoavam o seu rigor por causa da sua formosura; consideravam-se todos indignos de um sorriso d'aquella bôcca, que parecia ter tocado em sonhos, os labios de um cherubim.

As salas resplandecentes da luz, deixavam ver as louras deusas do Olympo na sua nudez suberba: os vasos de flores cruzavam os seus perfumes; as janellas abertas aspiravam a frescura da noite, e a distribuiam por todas as salas.

Alfredo, depois de trocar com D. Leopoldina alguns olhares meigos e significativos, decidiu-se a convidal-a para uma walsa, o que agradeceu D. Leopoldina com uma effusão de prazer ja anhelado.

Acabada a walsa, Eduardo foi ter com Julio

que se achava no vão d'uma janella, aspirando a brisa da noite, e lhe disse:

— Dança maravilhosamente: trazia-me enlevado a tal ponto, que mesmo walsando intentei desperdiçar-lhe algumas finezas!

— São ellas o grande Tarquinio das mulheres. Tarde ou cedo nenhuma lhes resiste.

— Boa é a theoria, mas a occasião?

— Descansa. Eu vou lembrar aos nossos amigos, que se devem convidar algumas senhoras para cantarem, porque nem sempre se ha de dansar. Ella canta magicamente, e eu vou propor-te para seres nomeado intérprete dos nossos desejos juncto d'ella, e póde acontecer que depois se te offereça algum ensejo para a tua declaração.

E se dirigiram para o gabinete de fumar, onde se achavam quasi todos os convidados. Julio, propondo as suas ideias, que foram acolhidas com enthusiasmo, conseguiu a nomeação do seu amigo.

Eduardo foi logo convidar D. Leopoldina que accedeu ufana ao honroso pedido; e dando-lhe o braço a conduziu para o piano, conservando-se a alguma distancia em pe.

Depois de cantar, sendo phreneticamente applaudida se levantou, e dando o braço a Eduardo, se encaminharam ao lugar menos concorrido da sala, e se sentaram ao pe um do outro. Eduardo, vencendo a timidez natural, rompeu o silencio emfim:

— Faltaria ás leis da urbanidade, se não tributasse a v. ex.^a os mais expressivos agradecimentos pela sua amavel condescendencia. Acredite v. ex.^a que não tenho tido em minha vida um momento mais feliz, que aquelle que seu talento acaba de proporcionar-me. É de baixo de palavra d'honra que posso affiançar a v. ex.^a que meu coração jamais tem experimentado as doces emoções, que o seu delicioso canto me fez sentir!...

— Lisonja!... acudiu D. Leopoldina com afavel sorriso.

— Á fe que não sei mentir... Demais, o geral applauso com que todos hão recompensado tanto talento, tantas graças e formosura, justifica a minha opinião. Tenho tido a honra de contemplar por vezes a admiravel belleza de v. ex.^a; á tempo que anhelava o prazer de poder tributar-lhe as mais sinceras homenagens da minha admiração: julgue porém v. ex.^a qual tera sido minha surpresa ao ver unido aos attractivos d'uma incomparavel belleza, esse talento magico com que v. ex.^a sabe avassallar as vontades. Perdão, senhora, se acaso me excedo em fazer-lhe uma declaração que deve segura-

mente ser intempestiva: não sou eu por certo quem deve aspirar á felicidade de ser correspondido por v. ex.^a V. Ex.^a com tantos attractivos, ha de ter mil admiradores, não poderei duvidal-o... algum d'elles tera a felicidade de ser fielmente correspondido por v. ex.^a: mas isto não é por certo um obstaculo para que deixe de adorar a v. ex.^a como a propria Divindade!...

— Sem dúvida está zombando!... respondeu D. Leopoldina, orgulhosa por ter ja um lugar predilecto no coração do amigo de Julio.

— Zombar! isso seria uma detestavel profanação... Deus me preserve de tal... mas faz bem em desprezar o meu amor... primeiro disse a v. ex.^a... seu coração tera ja cedido um lugar distincto a outra pessoa mais digna. Não sou eu pois quem deve aspirar a tanta fortuna...

— Meu coração está livre: mas, vós os homens, custa-lhes tão pouco prodigalisar lisonjas!...

— Eu sinto que v. ex.^a me confunda com a generalidade dos homens, e sinto mais ainda que não possa ler o que se passa 'neste angustiado coração: é um fogo que me abrasa, e todavia ésta chamma inextinguivel faz as delicias da minha alma.

Não teve tempo para mais, porque teve de levantar-se á voz da senhora da casa, que lhe pedia tirasse par para completar o segundo turno de uma quadrilha de lanceiros. Offereceu o braço a D. Leopoldina, que accitou, e foram collocar-se no seu lugar respectivo. Durante a quadrilha trocaram mais algumas palavras, bafejadas pelo amor, se é que o era.

Acabada a contradança, Eduardo foi ter com Julio para contar-lhe o que passára com D. Leopoldina; porém foi logo interrompido por D. Guilhermina, que pedia a Julio animasse a respeitavel concurrencia com alguma das suas produções poeticas.

(Continúa).

A. G. da Silva Sanches.

...

Nossas rosas de maio la ficaram
Entre a relva do prado emmurhecida!
Tu lembras-te mulher? fugiu a vida
E as flores e os suspiros desbotaram!...

Que paramo azul! que ceu dourado!...
Que estancia percorremos a sonhar!
Accordámos; o sol ia a tombar
E deixava o horisonte annuciado.

Não dá o abril, Amelia, as nossas flores,
E a barca adormecêra na corrente!

Ja hoje me não leva docemente
A cythara festejada dos amores.

Vejo-a d'aqui ainda a remirar-se
No espelho da corrente crystalina,
Como a virgem celeste desmaiando
Aó lampejo *do amor*, da luz divina.

Na senda tortuosa e sombreada,
Onde o sol penetrava debilmente
Que vezes no meu braço reclinada
Te esquecias commigo, anjo *dolente!*...

Mulher, tenho saudades d'esse tempo
D'esperanças, d'amor, e de alegria,
Do teu pe tão gentil e tão pequeno!
Do rosto divinal que me sorria!

Se eu pudesse outra vez volver ainda
À estancia, que deixámos venturosa,
Por la me demorára eternamente
Com a nossa mocidade *tão saudosa!*

Mas as rosas de maio la ficaram
Entre a relva do prado enmurchecida,
Como o raio do outomno, ja sem vida
Nossos sonhos ridentes desmaiaram!

Luiz Jardim.

UMA VISITA AO MOSTEIRO DE LORVÃO

AO MEU MAIS PARTICULAR AMIGO

Casimiro Antonio Pessoa

(Continuado do n.º antecedente)

II

São dez horas do dia. A voz da religião levada nas azas d'uma briza tepida como a de uma manhan d'estio, depois de chamar ao côro as virgens do Senhor la vae perder-se suspirosa nas quebradas das montanhas! Porque é que assim nos faz estremecer a alma o sino do mosteiro?!

Melancholico trovador da soledade; a tua voz é sempre triste e saudosa como as trovas d'um poeta namorado; harpa de David, teus sons tristes e plangentes são ternos e suspirosos como os queixumes da rôla da solidão; doces e encantadores como o balsamo da religião que difunde. Quem pôde escutar-te sem sentir tremer-lhe a alma de saudade?! Quem pôde ser indifferente aos teus gemidos, ó echo da solidão?!

Mas entremos ja na casa do Deus vivo. O templo que alli se esconde na vastidão d'aquelle

immenso edificio é dos mais sumptuosos que temos visto e admirado; alto, comprido e bem illuminado, conta por cada lado (se me não engano) quatro altares; sendo os dois mais proximos do altar-mor — um d'um lado e outro d'outro — os das irmans Sancta Thereza e Sancta Sancha, filhas ambas da ordem de S. Bernardo, e cujos milagres têm por mais de uma vez assombrado a pertinacia dos incredulos.

São alli veneradas — em carne — em ricos mausoleus bordados a prata em relêvo. Cobrem-nos dois amplos veus bordados a ouro; alfaias de muita arte, riqueza e luxo, e obra das mãos de uma religiosa que alli ja não existe, e que foram offerta sua.

O côro, onde ja fizeram oração junctas mais de cem filhas do Martyr do Calvario, é espaçoso e alegre, como que inculcando que para louvar a Deus não é necessario esconder o rosto; hoje vão apenas alli cinco, cuja prelada é ainda uma senhora de excellentes qualidades, e das mais virtuosas que alli foram trocar os caprichos da moda pelo escapulario. À sua tão rara delicadeza e bondade devemos a felicidade de ter ouvido e admirado os sons do orgão; os mais harmoniosos e suaves que o gôsto d'homens ha podido inventar. São hymnos que se sentem, mas que se não traduzem em palavras.

São vozes afinadas pelos coros celestes que nos fazem sentir n'alma um não sei que de vago estremecimento que nos vem persuadir de que alli — naquelle doce morrer de saudade — ha mais de divino que d'humano; ha mais do ceu que da terra; mais dos anjos que dos homens.

(Continua).

F. A. Duarte de Vasconcellos.

LANGUET FLOS

(A ALEIXO DOS SANCTOS)

Na tua alta janella,
Que olha para o occidente
Tinhas uma flor tão bella,
Graciosa confidente.
Sem sol, pendida n'haste
Murchar-se alli, bem viste?
Assim a ausencia faz-te
Andar languido, triste!

Theophilo Braga.

CHRONICA

As promessas d'um chronista são sagradas:

é por isso que aqui volto outra vez, minhas senhoras.

Despedi-me de v. ex.^{as} até ao número segundo se me não crucificassem no primeiro. V. ex.^{as} não me *crucificaram*,—como era de esperar!—e eu appareci. Mas temos hoje tão pouco em que cavaquear!

A moda é um phantasma terrivel, sahindo do inferno para tormento das almas que ca andam por este mundo de Christo predestinadas para escravas dos seus caprichos. E que atrevido phantasma! entra por toda a parte não respeitando sequer o sagrado templo do jornalismo litterario; e depois que lhe transpoz os humbraes, a chronica ficou sendo o inferno do chronista.

Ora digam minhas senhoras que querem que lhes conte d'uma terra litteralmente esteril de novidades como Coimbra?! d'esta terra, cujo estado normal é o somno da monotonia, o enôjo da insipidez?! onde o dia d'hoje é sempre o dia que hontem foi?! Vou dizer-lhe que esta *desengracada preguiçosa*, apenas uma vez, so depois que tive o gôsto de falar com v. ex.^{as}; se ergueu do seu costumado somno de *pasmaceira* aturdida pela harmoniosa hilaridade das *crianças florentinas*, que com a sua segunda récita a despertaram por uma noite.

O chronista não foi la d'esta vez, e a razão dou-a a v. ex.^{as} em latim, para ver se nem todos me comprehendem—*nec semper lilia...* (*traducção livre!*)

Por informações soube que as creanças continuaram a encantar os espectadores. Amanhan voltam pela terceira vez á scena; e eu volto á plateia se o *nec semper lilia...* se não der repetido. Depois diremos mais alguma cousa do theatro, que é quando o chronista tem mais que dizer.

Hoje acabo por noticiar ás leitoras, cuja curiosidade o não tiver ja presentido, que SS. MM. passam aqui até ao dia 20 do corrente.—Vêm visitar as provincias, e assistir a duas grandes festas; grandes por que são ambas do trabalho,—a exposição de Braga, e a distribuição dos premios aos alumnos mais distinctos da nossa academia.—A respeito de festejos o chronista so sabe que Coimbra ainda dorme—pena tem elle de que a briosa academia, que toma sempre uma parte tão distincta 'nestes actos solemnes, durma tambem com ella. Ja vêem queridas leitoras, que d'aqui por alguns dias temos muito sôbre que conversar, e por isso desculpem-me por ésta vez e até ao número terceiro.

Coimbra, 6 d'Outubro de 1863.

O chronista.

EXPEDIENTE

A CHRYSALIDA

Assigna-se em Coimbra—rua de S. João na loja do sr. Sanches;—rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita;—na Calçada na livraria da V. Moré.

Em Castello-Branco assigna-se e paga-se em casa do ill.^{mo} sr. dr. Manuel Pires Marques.

PREÇOS

Coimbra (por semestre) *pago adiantado* 720
Provincias (por semestre) *pago adiantado* 800

Publicam-se e agradecem-se todos os escriptos que forem dirigidos á redacção, com tanto que se lhe reconheça merecimento, e não offendam susceptibilidades d'alguem.

Toda e qualquer reclamação deve ser dirigida—porte franco—ao administrador, rua da Trindade n.º 3.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

FATALIDADES DO AMOR

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.

RELICARIO

OU O MUNDO INTERIOR

POESIAS

DE

J. Simões Dias

Vende-se nas livrarias da viuva Moré no Porto e Coimbra, e nas de Melchiades em Lisboa e Coimbra.

Advertencia

Assigna-se e paga-se em Vizeu—Em casa de Joaquim da Costa—livreiro, Rua da Cadeia.



PHILOSOPHIA?

INTRODUÇÃO

«... intellectus vita veritas,
«MORS CITOT.»

SR. ALBINO JACINTHO, *Dissert. Inaug.*

A citação que ahi deixámos é uma sentença; um dito conceituoso e brilhante, que, fallando eloquentemente á intelligencia e calando fundo no coração, prova por si, e sobejamente, a utilidade do assumpto e reflecte a sublimidade da materia, que ora vae discutir-se.

E longe de nós o dizer que havemos tractar uma discussão bem regrada, — longe, bem longe de nós, a ideia de sujeital-a a todo o rigor da arte; porque, dada, mas não admittida, a nossa competencia, mais proprio seria isso d'outro, que d'este logar. — Estimular outras capacidades com ligeiras considerações apenas, atrahir outros ingenhos e chamar-lhes a attenção sôbre o assumpto, sem descurarmos, em tanto, completamente os preceitos da critica, e nunca as leis da modestia, que nos guia a penna, é e sera o nosso principal intento.

Se o censeguirmos, ja isso sera muito, e menos mau.

Adiante.

No campo da philosophia, á luz dos bons principios, todos o sabem, a verdade é sempre o norte da intelligencia humana; e o erro, onde ésta encalha, é o escolho mais perigoso na vida do pensamento.

Evitar este, pois e demandar aquella, para fazerem-se as devidas applicações ao positivismo da nossa actividade, é o fito que o ser intelligente e racional deve mirar constantemente; não so porque a verdade é a unica base solida em que o homem pôde firmar seus passos, qualquer que seja o ponto a que os dirija, mas porque a verdade é ainda o esteio seguro da razão humana, que muitas vezes calcando ja bom terreno, arreceia-se comtudo de progredir e vacilla, so porque a sua condição de finita e debil lhe não permite ver para logo e ao mes-

mo tempo, os limites do horisonte que percorre.

É por ventura nestas circumstancias, que a verdade, quando, de madura, chega a ser arvorada em principio supremo das nossas cogitações, se torna conjunctamente base solida e esteio seguro, que dá estabilidade ao pensamento, e animando a razão a progredir com bons auspicios, a dirige e encaminha com firmeza ao porto desejado.

Mas devassar todos os arcanos da sciencia, não é tarefa de um so homem, nem de um so dia; é de todos os homens e de todos os dias: foi sempre assim, e ha de ser, em quanto á humanidade toda não competir de direito e quadrar com justeza o verdadeiro titulo de *sábia*; pois cremos piamente que sempre ha de haver quem, e que se aprenda.

So assim irá minguando o vacuo immenso, em que se fina o grande *desideratum* da humanidade inteira; so assim ainda se poderão ir realçando, em maior ou menor escala, as aspirações ardentes de todos os genios da philosophia!...

Attingir o infinito, alcançar a verdade absoluta pela comprehensão nas raias do finito, e fazer entrar no espirito fraco e limitado a subjectividade infinita, que nunca pôde ser para ésta senão mera objectividade, não como objecto proprio, mas como objecto da subjectividade propria, — isso não, que é cousa mais séria!... Quando tal se dêsse, o homem seria de si e por si necessariamente; — seria Deus! — Impossivel metaphysico, por tanto, para o espirito analytico, cujo corollario necessario e immediato é a perfectibilidade humana ou o aperfeiçoamento constante e omnimodo do homem, ora mais ora menos bem graduado.

A perfeição do homem pois é por isso mesmo sempre finita, porque é do homem perfectivel por seu espirito analytico, — e sempre relativa tambem, porque tem um typo absoluto, Deus, para o qual tende e tenderá, sem que jamais as qualidades, as propriedades e attributos d'um se possam vir a confundir com as do outro ser, ainda que as suas relações, as relações entre Deus e o homem muito se estreitem, como estreitam, entre a infinitude, que caracteriza o primeiro, e a indefinidade, que caracteriza o segundo.

O saber, por consequencia, d'ambos estes seres, como corollario indispensavel da natureza de cada um, fica sujeito ás condições respectivas; o de um á necessariedade, o do outro á contingencia: Deus sabendo, porque é synthetico, o homem, porque é analytico.

E o homem é assim. Finitudes e relatividades constituem e resumem ao mesmo tempo todo o seu ser.

Mas isto so não basta, é antes um motivo ponderoso, para que a humanidade não descreia completamente do seu futuro d'esperanças.

A perfeição infinita; — o principio supremo e o fim último de tudo, Deus, de que o mesmo sceptico é uma testemunha insuspeita, porque em meio de suas torturas e delirios ainda crê na affirmativa — que não sabe se sabe, nem sabe se não sabe; — a perfeição infinita, dizemos, não tira, porque não destrua a ideia, que a perfeição finita se va approximando d'aquella, posto que não seja possível attingil-a completamente; *por que não ha*, nem pôde haver, senão um Deus, como muito bem ha dicto um sabio mancebo da nossa terra.

(Continuar-se-á).

P.

A CRUZ

Poesia apocalyptica

Ao longe o ribombar de enraivecidos roncões embate e rugé iroso ao pé dos grossos troncos, que monges similhando erguidos 'num pinaculo contemplam em silencio esse horrído espectáculo!

Mas taes phantasmas vêde ao longe como vão de valle em val' cahindo ao som do furacão!

Pasmae vendo-os ruir, bem como um gram penedo, que um dia se soltou do cimo d'um rochedo!

Parece que anda alli o genio das tormentas em noites involvido espessas, nevoentas a desfazer, prostrar c'os pes agigantados o roble e os matagaes no fundo dos vallados!

Depois erguendo a juba e os olhos retorcidos ao ceu, que lhe restruge em cima dos ouvidos os membros alongando estende ao firmamento, e logo o ceu desaba em terra 'num momento!

Confundem-se 'num mar, que a mente nos atterra as ondas, ar e ceu e quanto aqui se encerra!

'Num cahos se dilue o *Todo* e em nada jaz!... O que em seis dias fez 'numa hora se desfaz!

Mas não desfez; que o pae que tem na sua mão os mundos, quantos ha por toda a criação, não quiz que 'num momento volvesse ao exterminio de todos o mais nobre, o mais rico dominio!

E andava assim o mundo! O crime era o gigante!...

Qual manda em seu solar o mais bravo imperante mandava em seu imperio ao homem sonogado mais que um Deus... senhor de quanto se ha creado!

Maior que em mole immensa os Titans so erguidos scallar pretende os ceus c'os braços atrevidos!

E nem o raio vi... e nem igual portento o insano fulminar la do ethereo assento!

E em troca ouvi rugir desesperadas vozes de victimas sem conto ás mãos dos seus algozes!

E o inferno estremeia ao ver so canibaes sem se fartarem inda entre o chorar e os ais!

E andava assim o mundo, e o mundo era um abysmo aonde o homem louco em torvo paroxismo cahia sem que houvesse alguém, que fôsse erguel-o d'aquelle eterno somno, eterno pesadelo!

E as fauces la no fundo abertas sequiosas de horrífico dragão de garras sanguinosas metiam medo!...

E ao vel-o erguer-se la do fundo e vir ao cimo a olhar por esse grande mundo!...

E mais era de ver librar-se pelo espaço e abarcar a esphera em seu comprido abraço!

E esse monstro enorme, assombro de gigantes ja novo, ja edoso, e as forças mais possantes não era de honte' ou de hoje: ha annos quatro mil fechava, qual pastor o armento em seu redil, a velha raça humana afflicta, agrilhoada ás gargalheiras d'oiro, á servidão amada!

E d'oiro era o seu idolo, e torpe o seu altar, que se avistava erguido alem no lupanar.

E o homem e a mulher e o velho e a creança depunham la sua *vida* a unica esperança, que herdaram de seus paes no dia da partida p'ra estancia mais incerta e mais desconhecida.

«Desconhecida! ai! como?!... e Deus, que descobri? «A natureza o viu com ella eu bem n'ô vi!...»

— E Deus?! Quem fala 'nelle ao pé d'esse dragão — que não teme a voz e o genio de Platão?! —

E ja nem voz havia ao menos, que dissesse — se eu fôsse um Deus e ao fundo agora la descesse traria ao porto e á luz o nauta sem phanal, que se revolve em baixo em lucta desigual!...

E os annos vi passando e a noite sempre a mesma sem paschoa appetecida ao cabo da quaresma!

Depois (como o direi?) eu vi por mim passando mil gerações, correndo unidas 'num so bando, cubrir a Palestina ebria pelo sangue d'um homem, que era mais que um Nazareno exangue!

Vinham como a tremcr c'os olhos semigastos de tanto meditar nos sibyllinos fastos.

Traziam d'entre as mãos mil versos e augurios 'studados na cidade e mesmo nos tugurios!

Olhavam para o ceu e o ceu lhe respondia em lingua segredosa o quanto por la ia!

E eu estava so, callado, e contemplando no que essa gente vinha alli fazer em bando senão quando radiante assurge o sol jucundo allumiando ao longe a vastidão do mundo!

'Splendoroso vinha a mais não poder ser, os anjos a cantar e o sol a amanhecer.

Os astrós pelo espaço a reluzir, saltar e o homem stupefacto ao ver um tal brilhar!

Insolita era a luz!... e mais espanto havia

em ver nascer o sol d'uma mulher—Maria! —
a flor de Jericó, e lyrio dos palmares,
thuribulo do ceu embalsamando os ares!

Era um folgar sem fim, um prazer sem medida
o ver brotar da terra a árvore da vida!

E eu ouvindo o hossanna, o hossanna triumphal,
que a natureza toda erguia á celestial
morada, parecia estar-me a um tal encanto
a mente a endoidecer ouvindo aquelle canto.

E puz-me a ver de donde um tal cantar provinha,
que bem pensava eu, que d'alli perto vinha!

Que vi? Palhas no chão o leito offereciam
ao rei, que os reis da terra em casa não queriam.

E 'nesse humilde feno um throno se elevou,
e em cima o rei do mundo — o mundo contemplou.

Depois, quando esses veus, que os orbes enluctaram,
dos porticos do ceu á terra se rasgaram,
que viram 'nesse instante os cimos de Sião?
As gerações aos pes da cruz da redempção!
Coimbra, 9 de Novembro de 1863.

J. Simões Dias.

AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages

1.^a

D'onde se origina o sentimento? perguntas
tu: a resposta é obvia — da consciencia.

Quando o ente racional haure os effluvios da
atmosfera vivente acha-se dotado de uma certa
sciencia innata — Eis a primordial consciencia,
o embrião da racionalidade.

Depois a educação — Eis o grande problema
das sociedades. A educação é o pedestal sôbre
o qual se ergue o homem: e a um augmento
maximo de sciencia corresponderá uma ausen-
cia — no minimo da ignorancia. E é esse o pa-
drão para a avaliação do homem de san consci-
encia, e não escravo da atmosfera asphy-
xiante do servilismo e do crime.

Suppõe mais uma sociedade illustrada com
san consciencia isto é com san sciencia, ós mem-
bros d'essa sociedade serão todos eguaes perante
o tribunal da consciencia.

Que resultaria d'essa egualdade?

Um paraíso! Nenhum membro era pobre,
embora uns fôsem millionarios e outros não
possuissem um seutil.

Mas este delineamento sera uma phantasma-
goria?

Affianço-te que sim.

Quasi dois mil annos têm decorrido, desde
que Christo deu o último suspiro pela redemp-
ção da humanidade nas escabrosidades do Gol-
gotha, e antes d'isso mais de duplice tempo se
tinha escoado no philtro da eternidade: a cons-
ciencia têm sido mais ou menos ruda: mais ou
menos barbara: mais ou menos sanguinaria
sendo que os mestres da sciencia não têm sido
escutados. E appareceram homens no horisonte
dos seculos esplendentes, como a aurora boreal,
mas terriveis depois deixando tudo em trevas:
pois esses esplendores olhados mysticamente,
encarnaram nos espiritos imbecis a sciencia ma.

E hoje sobrecarrega os hombros d'este se-
culo essa sciencia anti-christan! É um medon-
ho volcão, cuja cratera se some aqui para
engulir alem milhares de victimas, tapando-se
e reabrindo-se de novo mais amaçadora — in-
definidamente no exercicio d'esse labor maldicto.

Mas não havera influxo potente para a ex-
tincção d'esse abrir de crateras?

O influxo seria sobrenatural: essa extincção
associa-se ao desaparecimento da miseria do
proletarismo, da injustiça, do misantropismo,
da vingança, do odio entre homens, sociedades,
nações e imperios!

Essa axtincção levaria o homem ao infinito.
E podes tu por ventura total-o?

É irrisoria a interrogativa!

O mundo ha de ser sempre mundo: o crime
uma necessidade, a virtude um predicado raro,
a vaidade sotterrando victimas; a ambição alle-
goriada no fio vibrante d'uma espada, ou na
pena philosophica destruindo — Polyphemo myo-
pe — os domicilios da probidade e da ventura:
a egualdade um mytho — uma harmonia, um
canto, que mil vezes nasce entre a toada liber-
rima do canhão, e mil vezes expira na quebrada
da montanha com o último echo abafado pela
tyrannia ou pela oligarchia!...

Ao menos valham á humanidade esses pou-
cos que *sentem!*

E é magestosa palavra, amigo, ésta de sentir!
— Ser democrata, ser progressista, ser
justiceiro, ser benigno philosopho para certas
transgressões de lei é sentir: é ser Christo; pois
ha alli uma cruz que é a sociedade e um cal-
vario, que é o coração!

Esses predestinados pelo Senhor — para es-
tancarem algumas lagrimas, para atalharem a
alguns pezares, para abafarem alguns gritos com
o fim, quiçá, de que essas lagrimas não inun-
dem o planeta moral com o fim, de que essas
amarguras sejam o livro, pelo qual aprenda a
viver o neophito na vida, esses predestinados
pelo Senhor — são tão raros!.. raros como as

palmeiras do Sahará. E como ellas soffrem a miragem: pois quantas vezes a sociedade stigmatista com o ferrete da ironia o caridoso que cicatrisou as pustulas de quantas familias!

Mas quem sente soffre e soffre devéras! A seus olhos se offerece o lugubre painel das gerações passadas, o inferno do presente e o — que — do futuro! A seus ouvidos ressurtem os ecchos gementes e excruciantes do mendigo, do proletario, do escravo — todos escravos d'uma lei, que os homens sancionaram olvidados das maximas de Christo!

É por isso que para quem sente — uma singela historia arranca lagrimas, um facto expresso aridamente commove!

E quantas boas noites — boas porque choravamos — não passámos nós em Coimbra em vesperas de feriado, philosophando a nosso modo, contando historias, estudando nós o meio do bem-viver!

Essas noites aproveitaram-me muito. Esse teu sentimento para o bem, essa tua intelligencia, que em momentos d'extasi parece distillar da tua frente, me ensinaram a sentir!

Por ventura viste tu as lagrimas que eu furtivamente limpava quando me falavas com todo o carinho de bom filho, com triste saudade de tua sancta mãe, que tu vias em sonhos abençoando-te e cingindo-te a frente com a aureola da felicidade e da resignação?

Ah! amigo! Nada ha mais nobre e elevado do que o amor de mãe! É um amor sem cálculo e basta. O homem ordinariamente ama a virgem ou porque ella é bella ou porque é rica. De individuo para individuo, ha apenas a amizade, quantas vezes effeito de uma gratidão, de uma obrigação social, de um cálculo! Ora no amor de mãe ha so o cálculo de uma felicidade, a desejar para o filho, de uma surpresa, a offerecer, de um beijo a imprimir.

Foi uma noite célebre essa, amigo.

Pois como me lembraste na carta que me escreveste, fizeste um pacto duplamente sancto — escrevermo-nos nestas ferias exercitando-nos em litteratura. Tu encetaste a obra grande para nossas aspirações escrevendo-me essa tua carta toda philosophica: eu principio por te contar como podér a historia de um d'esses homens que *sentem* demais para se perderem. Gustavo com effeito foi victima do seu coração: ás vezes é como o louco que esmaga o craneo nas fragas da cumiada, precipitado no abysmo estúpido attrahido por aereas e doidas imaginações.

Eis o unico perigo para o homem que sente — o *sentir de mais*.

Conheceste tu esse Gustavo?...

Deves possuir algumas reminiscencias do academico que me acompanhava muita vez para o *Penedo da Saudade*, e que possuia um sulco profundo cicatrisado no osso coronario, espaçoso e enrugado. Sua face, realmente bella, attrahia as vistas as mais indifferentes, por via de uma *negra melancholia*, que fatal lhe transparecia ahi. Mergulhado sempre em cogitações tomal-o-ias, ora pela estatua do desespero, ora pela da tristeza! Davam-lhe um certo realce á physionomia os supercilios azevichados e os anneis do bello annellado que lhe cahia pelo frontal negligentemente. As vestes talaes academicas eram de um philosopho. Por mais d'uma vez era avisado pelos archeiros para andar *secundum ordinem*. Mas aquelle desalinho externo, aquelle esquecimento de si mesmo denotava uma continua tesmpestade, que lhe rebramiam sobre o craneo.

Gustavo era para mim então um mysterio.

Tentára um dia decifral-o: elle estendendo-me sua mão, murmurou:

— És meu amigo?

— Dedicado.

— Respeita a dor do amigo!

Desde essa intimativa nada mais indaguei. A amizade, que me unia a elle, me levava a procurar-lhe passa-tempos.

E sabes que passa-tempos elle preferia? Encafuar-se nas espeluncas dos botequins, e alimentar a sua existencia de *cognac* e *genebra*!

Eu estudei Gustavo na embriaguez!

Era original.

Ordinariamente as bebidas alchoolicas nos conduzem o espirito para a galhofa, e temporariamente se olvidam as dores, se as ha.

Gustavo pelo aspecto mais parecia soffrer.

E jamais se trahiu a si mesmo. So ás vezes como que illuminado subitamente suspirava:

— Oh! vou abraçal-a!...

E rapido se levantava e me obrigava a acompanhal-o até ao limiar do seu domicilio.

Num d'esses transportes consentiu que eu entrasse no quarto d'elle, onde ninguem entrava, e eu esperançado em contemplar alguma huri clausurada, pasmei, quando elle me disse, apontando para um esqueleto:

— Eil-a!... Oh! como eu a amo!

— A quem? lhe perguntei eu.

Gustavo dirigiu-se a uma mesa: recostou a frente sobre suas mãos. Pareceu meditar um pouco depois abriu um bahu, e tirando uma pequena caixa me disse entregando-a:

— Saberás tudo!... e mesmo é necessario que o saibas... Lê esses papeis, e amanha m'os

entregarás de novo, e contar-te-ei o resto. Confio na tua amizade. Deixa-me a sos.

(Continúa).

Manuel S. Alegre.

DESCANSA

Então o dia todo na costura!...

Para que, braços lindos, tanto afan!...

Basta... Deus não descansa por ventura,

Quando aponta nas serras a manhan?...
Toda a noite, que luz, que maravilha,
Vae elle derramando pelo ceu!...

Trabalha, e para quem?... Descansa, filha

Quem te admira, tambem adormeceu.

Era o cravo tenrinho, que seu cofre

Ja fechou, todo aroma, todo amor

Para teu coração. Não vês, que soffre

Com tanto trabalhar a pobre flor?...

Hoje nenhumas telas as ondinas

Ergueram do oceano — o seu tear:

E tu, formosa, o rosto ao chão inclinas,

Inferna o dia todo a trabalhar!

Bem sei, linda, que Deus não te hembfada,

E a pomba não tem dotes eguaes.

Podéra ser meu seio uma almofada,

Que recebesse o aroma de teus ais.

A quanto aspira o coração d'um louco!

Agora quer a concha, logo o mar!

Mas teus dedos se cançam por tão pouco;

Quem ignora, que um ceu nos possam dar?

Basta, filha, descansa, apparecendo

Os astros pouco a pouco em cima vão.

Olha, assim a mortalha estás fazendo,

Com que hei de sepultar meu coração.

A. A.

A VIRTUDE DE LEONOR

A. A.

(IMITAÇÃO)

(Continuado do n.º antecedente)

II

Leonor tinha a pállida e encantadora belleza da mulher formosa das cidades, que nasceu em berço doirado, e pisou tapetes de Susa; tinha esses olhos azues, velados de longos cilios ne-

gros, que são o ceu no inferno; a bôcca de graciosa e fina malignidade, como o espirito, mas eloquente, e amorosa, como a paixão; esse perfil ondeante e acariciador, que desespera o esculptor mais ingenhoso, e arrebatava o amante ás doçuras do extasi.

A pobre menina so aspirava a engrinaldar-se debaixo do ceu das suas quinze primaveras; mas como havia de florir a desditosa, vendo a macerada doença a arrebatava a formosura de sua mãe, o trabalho duro e pesado, curvando para a terra o infeliz pae, e sete irmãos que brincavam e choravam, sem se esquecerem da fome?

E depois, Leonor era na humilde casa do operario um anjo da guarda, uma segunda providencia; — occupava-se todas as horas e instantes a beijar com o seu amor tres irmãos e quatro irmans, que lhe queriam, como a segunda mãe. Era a deliciosa mestra d'aquelles innocentes. Nos dias de menos penuria, a mãe ensinou-a a ler; ella repartia a lição e o amor.

E ainda assim, atarefada com incessantes fadigas, soffrendo muitas vezes as duras privações da miseria, Leonor guardou a sua formosura debaixo d'aquella atmospha de morte.

Se passava a nuvem negra d'alguma afflicção profunda, vinha logo a luz doirada de seus alegres annos desfazer o veu entenebrecido.

E que deliciosos momentos de sonhada poesia, ao ver ás doces horas da tarde a campina illuminada dos esplendores do ceu, e o mundo tão formoso, onde ella esperava ainda um lugar no banquete da vida, entre as rosas da mocidade; ou quando mirava, atormentando os lustrosos cabellos, em penteado caprichoso, aquella rosto d'uma alvura desmaiada, ao espelho quebrado, o unico amigo, que lhe imitava os sorrisos de sua alma!

De manhan, para começar alegremente o dia, cantava com a voz suave e melodiosa dos anjos as doces cantigas, com que sua mãe lhe embalára o berço; á noite adormecia contente, pedindo a Deus os sonhos da felicidade, e descansando no seio da noite, como nos braços da sua patria.

A pobre cabana do operario, o santuario de tantos amores e de tantas tristezas, era uma loja terrea, que servia de cosinha e casa de jantar; e dous pequenos quartos sobradados, um dos quaes pertencia a Leonor, e a seus innocentes irmãos.

Nos maiores dias de penuria e indigencia, o sacrario de Leonor exhalava um perfume de mocidade e formosura, que suavizava em delicias.

Era um vestido de chita, do trabalho primo-

roso de suas mãos, que enfeitava a trave nua e defumada; além um chapelete de fina palha, que ella tecêra para a irman do berço; um lenço de lan azul e verde, que seu pae lhe havia comprado dos minguados recursos para ao domingo levar á missa; e os dois leitos brancos de neve, com a sua innocencia e simplicidade, a alegria do coração, — e a pequena janelle, que deitava para a campina esmaltada, e para o limpido ceu, aos raios do sol nascente...; e depois, quando Leonor apparecia la, cantando ao desabrochar da aurora, penteando os longos cabellos, seu unico adôrno, e sua unica riqueza, não se via a mocidade e a formosura naquella bonita apparição?

E muitas vèzes chorava em suas longas tristezas as soledades de sua alma, e advinhava os gosos do mundo, que ella apenas entrevira ao longe na vida animada da cidade, onde tinha ido duas ou tres vezes, em dias de festa, na companhia de seu pae; e presentia tambem os grandes prazeres, que a taça uberante da fortuna e da riqueza espalha caprichosamente sôbre os felizes da terra. Até ahi que tinha ella gozado? A benção de mãe e a benção de Deus.

E aquellas damas formosas, que passeavam em suberbas equipagens, todas cobertas de seda e veludo e pedrarias; e aquelles palacios cheios de ruido, musicas e festas; aquelle grande banquete deslumbrante de luxo e opulencias, que tinha passado diante de seus olhos fascinados na mysteriosa intuição das grandezas do mundo?

Todas as noites sonhava com estes esplendores phantasticos; no dia seguinte, ao ver o interior nu e humilde de sua choupana, chorava pela visão dos sonhos, e mais ainda pela realidade dos prazeres.

A serpente, reptil astuto, que reconhece á primeira vista as filhas de Eva, tinha-lhe desenrolado diante da imaginação ardente todas as vestes mais queridas da vaidade feminil: a seda ondeando, realce da gentileza do corpo; o chale brilhante, matiz das mais bonitas côres e dos mais finos bordados; os enfeites primorosos, coroas lindas para o seu cabello formosissimo; e o ouro, que prende a mulher pelo dedo e pelo braço com a fórma do anel e da pulseira, e os diamantes, que são os olhos de fogo do tentador.

— Porque vivo eu 'nesta choupana humilde? perguntava ella a si mesma.

Que fiz a Deus, para que elle me condemnasse a esta fria sombra, a esta escravidão dolorida, quando la fóra brilham as galas do luxo?

E a serpente respondia-lhe:

— Deixa teu pae e tua mãe, sae para longe

d'esse tecto defumado, atravessa com o teu pe ligeiro a campina florente; eu te levarei ao banquete, onde se canta e ri; a arvore da vida tem fructos doirados para ti, como para os outros.

Ella presentia vagamente, que a sua pureza e virtude seriam o preço do logar no banquete da vida; e indignava-se contra a tentação, e abraçava com ânimo novo as pesadas cadeias da miseria. (Continúa).

Guimarães Fonseca.

EPISODIOS

A Ex.^{ma} Sr.^a D. A. M. P. C.

I

O BAILE

(Continuado do n.º antecedente)

Julio accedendo a tão difficil, como honroso pedido, foi sentar-se ao pianno.

Elevou-se áquella altura do genio, que faz o poder da sedução! a sua voz sempre energica e angelica tomou então aquelle encanto, que divinisa a palavra humana! Era digno de ver-se como as senhoras suspendiam os seus sorrisos nos labios do poeta inspirado! Como seus olhos respondiam com chammas ao seu ardente improviso!

No meio de tanta embriaguez, as mulheres escarneciam os maridos. Aquelles hymnos e melodias provam ás mulheres, que seus maridos rojam sôbre a terra, quando os outros homens cantam no ceu!

O romper do dia veio pôr termo a tanta animação e enthusiasmo.

O sol acabava de surgir do seu berço d'ouro e purpura, alegrando com os raios ainda frouxos a linda paisagem d'Arganil, que, namorada e cheia de encantos ao sahir dos braços da clara noite, em cujo regaço adormecêra, despertava radiosa com ardentes sorrisos a realçar-lhe a formosura.

Os nossos heroes deixaram saudosos aquelle marulhar de delicias. Eduardo trazia fogo na fronte, febre no coração e o delirio no espirito.

Em quanto Julio e Eduardo estão desafogando as impressões, que receberam durante o baile, esboçaremos o caracter de D. Leopoldina.

(Continúa).

A. G. da Silva Sanches.

CHRONICA

A chronica d'esta vez vae quasi toda escri-

pta com uma penna *ensopada em fel*; porisso o leitor, ou leitora que tiver mais melindroso o paladar, póde ja deital-a fora.

Hoje vamos fallar *quasi so* do theatro de D. Luiz, e temos muito que dizer.

Temos tres récitas a *chronicar*, todas dadas pelos *meninos florentinos*, que continuam a ser o unico entretenimento de Coimbra, e o vasto assumpto da chronica. Tambem é o que nos vale para termos alguma coisa de que fallar; so porisso, ainda que por mais não fósse, não podiamos deixar de ter sympathisado, e sympathisado muito com os *meninos* e... com as meninas; mas não é so porisso; é tambem porque lhe reconhecemos no geral, merecimento artistico relativo.

Digam o que quizerem do chronista; digam mesmo que elle ou não tem gôsto ou não sabe o que é theatro; digam tudo... que elle nunca sera capaz de dizer que é preto o que a sua consciencia lhe representa como branco, que é encarnado o que ella lhe diz que é azul, ou que é mau o que ella ve que é optimo.

O chronista da *Crhysalida* nunca ha de dizer,—porque não sabe porque não póde mesmo — que os *meninos florentinos* não prestam, como lhe soou ja por muitas vezes ao ouvido. Póde sim notar-lhes defeitos, e aconselhal-os, como hoje o pretende fazer, mas nunca dizer que não prestam. Não; que isso seria mentir á consciencia, e ir contra a opinião de milhares de pessoas que os têm em toda a parte admirado!

Não temos por *estupido* systema dizer mal de tudo, nem por *louca vaidade* deprimir os outros, para nos elevarmos na sua quêda. Somos imparciaes; e havemos sel-o sempre: nem havemos de dizer absolutamente bem do mal, nem absolutamente mal do bem. Ésta é a nossa bandeira, que sempre arvoraremos.

É porisso que não podêmos deixar de censurar a maneira covarde e miseravel porque a plateia — em parte — se portou para com a menina *Flori*. Que ha 'naquella creança que vos mereça censura como artista?! Não vos recompensa com beijos as palmas que lhe daes?! não lh'as deis: olha-vos com desdem e com indifferença?! Que mais vos deve ella alem da arte?! Fazer chorar uma creança que devieis animar no ardor do trabalho, é, senão uma malvadez, uma miseria inclassificavel. Enganaes-vos redondamente, quando dizeis que todo o homem tem *direito a patear* em theatro publico.

O direito é uma coisa muito sagrada para se junctar a uma palavra tão feia. O homem não póde ter nunca direito a fazer mal, nem

ao seu proprio inimigo, quanto mais a innocentes que tanto cultivam a flor do trabalho para não deixar emmurcheçar a da virtude.— Que mais podêmos esperar de creanças, algumas das quaes, como diz Julio Cesar Machado, «apparecem tiradas do berço e atiradas para o palco, mal embrulhados no roto pedaço de uma bambolina, que lhes sirva de coeiro!...»

Á direcção do theatro tambem cabe parte da culpa das scenas de *miseria* que se deram na plateia, nas récitas de domingo e terça-feira.

Entendemos — e cremos que bem — que a ninguem extranho ao serviço do theatro deve ser permittida a entrada para alli em dias de ensaio; e muito menos para o palco em dia de récita. D'outra maneira hão de dar-se sempre d'estes funestos desaires para o theatro — o serviço ha de marchar sem ordem e sem regularidade, e o palco — o que é mais de temer — póde vir a tornar-se de eschola de moral que deve ser, em lupanoso bordel... A mulher requestada torna-se vaidosa, e a vaidade... não captiva, repelle.

Á menina *Flori* cabe-nos recommendar que não desanime no meio do seu talentoso merecimento.

Chore, e chore muito, que as flores do palco regam-se com lagrimas, e d'estas lagrimas hão de brotar flores ainda mais bellas, que a hão de ensinar um dia — quando não for creança — que no meio d'ellas ha espinhos que não consentem vaidades, e esses espinhos serão os despertadores que hão de advertir-a de que com o público não se brinca; de que á plateia se não devem recompensar as palmas com *gargalhadas sarcasticas que a infidelidade dos bastidores, não sabe encobrir...*

Lembro-lhe que tome por guia no seu mar, essa estrellinha tão meiga, cujo brilho tanto sobresaes no meio de todas.—Veja com o entusiasmo delirante com que ella recebe as palmas, as coroas, as pombas que lhe lançam. Os beijos d'uma creança são sempre frios como o sorriso da innocencia, mas quando dados como aquella creança os sabe dar, arrancam-nos da terra, e transportam-nos em effluvios da-mais delirante poesia, ás regiões do paraizo.

Natalini Innocenti, estava predestinada para o palco elle foi e é ainda o seu berço cremos que sera tambem o seu mundo e o seu tumulo.

A graça com que aquella menina sabe quebrar-se por todas as articulações quando dança aquella languida *morbidez do afago*, que ella exprime 'num olhar dos seus, não é filha d'arte, que uma creança possa aprender na idade

de 7 annos: alli ha mais que arte, ha a condição essencial do artista e do poeta; ha a natureza.

No segundo acto da *Vivandeira* distinguiram-se muito ésta menina, e as outras duas companheiras, cujos nomes ignorámos.

Tem-se tornado sempre distinctos os meninos *Valdechi* dansarino, *Eduardo Pons* cantor, e o talentoso *José Tiroco* dansarino jocosos. Além da immensa graça com que sempre se apresenta, é talvez o que alli melhor comprehende o papel que desempenha.

Aconselhámos ao sr. D. Jose Soldaini que reprehenda o menino que desempenhou o papel d'escravo na *Revolta do Serralho*. — Accções d'aquellas não são para parte alguma, e muito menos para o palco que é tambem eschola de educação.

Aquí ficou a plateia socegadissima.

Mais uma prova de que as suas manifestações são movidas a capricho, e não impellidas pela consciencia! Mais uma demonstração de que a plateia de Coimbra — que devia ser por todos os motivos o contrario — é quasi sempre injusta nas suas apreciações; applaude quando deve stigmatizar, e stigmatiza quando deve applaudir!

Melhor sera até supprimir aquelle papel, a não haver outro menino que melhor se saiba ou possa appresentar.

A escravidão não confunde tanto o homem, que o reduza á condição de petrificada estatua. É necessario uma inflexão de voz mais energica, aliás o canto do escravo torna-se monotono, e causa somno aos espectadores.

A musica n'êsta última r'ecita estava insupportavel — duas vezes foi interrompida pelo sussurro da plateia, e com razão; porque os musicos não merecem contemplação — alem de tocarem mal, não são creanças.

Damos agora uma breve revista pelos camarotes; breve porque não posso demorar-me por la — as mulheres são como o sol; podem ver-se mas não fixar-se por muito tempo.

Nas r'ecitas de sabbado e terça-feira, nada por la viram os oculos do chronista que lhe mereça fazer menção.

Na de domingo vamos ver.

Camaroté n.º 8, 1.ª ordem, la estão duas mulheres, que sendo irmans, fazem a authitese uma da outra — uma é a mulher corpo, outra a mulher *espírito* — uma a mulher *mulher*, outra a mulher *anjo* — uma a mulher *realidade*, outra a mulher *illusão* — uma a mulher que se *ve*, outra a mulher que se *idealisa* — uma a mulher da *paixão*, outra a mulher do *soffri-*

mento — e senão perguntae-o ao fio de lagrimas que lhe bordam o toucado, ou ás *violetas* que lhe circumdam aquelles olhos de fogo.

Olhae para diante na mesma ordem n.º 10. Quem vêdes la? aquellas duas mulheres de que vos fallei ja na minha primeira chronica; — andae com o curioso binoculo, dois camarotes mais para a direita; no 12, ahi; detende-vos ahi um pouco, la está uma menina que não é feia, e a que até talvez podersemos chamar linda, se não foram dois enormes *ramalhos* que nol-a furtam á vista um que lhe encobre do lado esquerdo mais de metade da cabeça, outro que elevando-se-lhe do peito, nos esconde parte do rosto.

Recommendámos áquella menina mais mimo na selecção das *suas flores* — e virá ella mesma a ser uma das mais mimosas do jardim do theatro.

N.º 13, la estava o anjo da primeira chronica, mas d'êsta vez não tinha juncto de si a *crúz*. D'êsta vez não fitava os olhos no ceu; olhava ca para baixo, para a plateia a procurar o seu reflexo nas lentes d'*uma luneta*, que segundo ouvimos dizer, são quem a prendem á *terra* — a descrente! — e a não deixam guindar o voo ao ceu!

Na 3.ª ordem, n.º 13, estavam tambem tres mulheres que antes deveramos chamar tres graças, se a sua existencia na terra não fôra real, — muito real! — e tão real, que a muita gente *boa* tem impressionado a sua *real realidade*.

Naquelle raminho de tres flores, o mimo era sem dúvida a do centro. O seu typo de verdadeira andaluza, concedeu-lhe a preferencia.

Defendeu hontem theses em direito, o distincto academico — hoje doutorando — Macario de Castro.

Damos os parabens a s. s.ª, apesar de não termos a honra de o conhecer senão como irmão nas lides, bom estudante que sempre foi, e de que deu as últimas provas hontem no seu acto de conclusões magnas, e sôbre tudo como uma excellente pessoa.

Foi tambem nomeado lente cathedratico, da faculdade de direito, o ex.º sr. Dr. Joaquim José Paes da Silva Junior.

Damos os parabens a s. ex.ª e ao corpo cathedratico, por contar entre si, mais um tão raro prodigio de bondade e saber.

Coimbra, 14 de novembro de 1863.

O chronista.



AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages

II

O amor de Gustavo para com Eulalia principiou, como ordinariamente acontece, por um olhar. Esse magnetismo que se desinvolveu e que ás vezes se transforma em odio, pôde pois ser duplamente fatal.

Gustavo reconheceu em Eulalia uma mulher de genio: comparou-a a essas terras incultas, mas uberosas, que podem dar muito pelo cultivo. Principiou pois a cultivar-a.

Orphan de pae e mãe, em companhia apenas de uma thia, Eulalia, instigada pelo amor principiante, submetteu o collo a todo esse jugo de sciencia e litteratura.

Desde esse instante Gustavo ficou sendo olhado por Eulalia como irmão, pae e mestre.

Gustavo via na sua amante tendencias que procurou extinguir: uma d'ellas era o genio demasiadamente folgasão. Um dia de sarau era um dia de paraíso para aquella alma innocente!

Em resposta a uma missiva de Eulalia, em que lhe descrevia as impressões d'um baile, escreveu Gustavo:

«Foge minha amiga! esconde-te da luz morbida da sociedade, que quer enquadrar em tua essencia, o impeco da atrophia moral!

Foge!

Almeja esses scismares dos quinze annos que, latentes, te descortinou o Abeilard de teus arroubamentos! Mas se n'elles queres devaneiar, emascara-te; pois aos quinze annos aspira-se o aroma da rosa innocente, e não se calca o insecto que ella esconde!

Olvida-os, que é fatidico um ensejo de ventura, se a sociedade o sabe! E que essa tua felicidade seja angelica e jamais transponha a

esphera do devaneiar! — Pois a felicidade illicita faz o cynico!

Não ves?... Passa em tua frente o homem reprobado. Aquella melancholia arada de traços cynicos, quer dizer-te — amei! mas o amor gosado deixa-nos em arrhas o marasmo e o tedio! E o reprobado deslembrou esses dias de ventura para mais não cuidar *nella*, na sua dedicada, e agora passa e sorri amargamente, porque foi feliz, e pregou as farpas da desventura num coração, cujo sangue virginal, elle hauriu em anhelantes osculos!

O cynismo fórma o impio! pois o reprobado tripudia a desgraçada, dando risadas satanicas, e expulsa com a ponta do pe o filho d'esse sangue que bebêra e que tornára sangue seu!

Mais um orphão, mais uma desvalida creatura, pisa como que inerte e stygmatisada as fragas do deserto, e quem sabe se o gêlo da fome lhe resfriará as arterias que pulsavam d'alegria ao olhar na cimeira da acacia o rouxinol regorgeando — as quaes estremeciam de terror ao ouvir elle de longe esse continuo e omnipotente rugido das aguas que se balanceiam no planeta, zombando do homem como o acrobata no trapezio, as quaes se brutificavam d'estertor, quando os seus labios pronunciavam, innocentes e frios, o nome doce de pae e de mãe, pois n'esses vislumbres d'innocencia buscava o orphão, por pressão innata, pela imaginação, o verdadeiro *Pae* e a sancta e carinhosa *Mãe*! — Mas o orphão morre de fome na lagea da rua, que o reprobado calcava embriagado d'orgias, offegante de sensualidade, olhando para a face do infeliz que desconhece, sem ao menos sua alma buscar alentada na compaixão um voo infinito e divino!

Amiga!

Foge da sociedade que olha para ti, porque pretende sorver o sangue de tua formosura — valiosa pelo ouro que possues — porque quer defraudar-te ralada de inveja.

Acreditas tu no sorriso das turbas que applaudem tua vida, tua caridade, tuas acções evangelicas? — Esse sorriso é a triaga que o vaso de tua felicidade tem em depósito. Esse sorriso é o echo do rugido intimo que anceia por te avassallar ao poste da ignominia e da miseria! Esse sorriso é a belleza attrahente da sensitiva... Não volites em redor da planta mortifera; foge-lhe como se fugiria do inferno!

Lança ao fundo do mar o teu oiro, e vem dizel-o á sociedade: verás esse sorriso transformado em gargalhada que te intibiara o tympano. De que valerão então as tuas virtudes?

A sociedade é mais fatal do que o infortu-

nio : este respeita a resignação do infeliz, mas aquella alquebra-a, taxando de miseros os que não mercadejam ao balcão da fortuna!

Dinheiro! Oiro! Diamantes! são os titulos a que a sociedade cambaleia, ajoelhando e grunhindo invejosamente — salve!... O dinheiro dá posições, o oiro virtudes, os diamantes genio!... Genio!...

Como se elle não fôra essa flamula ardente e heraldica, que a divindade assoprou, e que o primeiro homem depois em parte sequestrou! Como se elle não fôra — emanção de Deus — que se acota tanto sob os colmos do albergue, como sob o Louvre dos nobres, e que jamais se vende!...

O oiro jamais dará virtudes, embora o espirito da sociedade o queira: Deus vela da mão etherea, e a balança do justo jamais sera fallivel!

A unica posição verdadeira 'neste mundo é a da probidade!

Amiga, foge do reprobato, foge da sociedade. Conserva sempre teu intimo de quinze annos, embora a materia progrida: fixa na mente essas maximas de summo bem, da summa innocencia, que aos quinze annos se devaneiam: positiva-as, e ellas serão a egide que te resguardará da guerreira e tyranna sociedade.»

Esta carta devia impressionar Eulalia, pois não encontrei resposta alguma, directa. So passado um mez lhe respondeu. Dizia-lhe que estava poetiza, e que muitas vezes falava com elle no — *Ermo*, collina onde era sita uma sua casa de campo, e onde se refugiára julgo que da sociedade, cumprindo assim o conselho de Gustavo. 'Nessa carta lhe mandava copiadas duas poesias que não vale a pena transcrever.

Umás quarenta cartas extensas, poeticas, romanticas e todas philosophicas, traduzem a vida d'esses dois entes até aos desenove annos completos de Eulalia. O amor entresemeado de felicidade, eis em que se cifrava a vida de Gustavo e de Eulalia, como é a de dois enamorados. 'Nestes havia a unica differença que amando estudavam: eram duas existencias 'numa, no estudo do amor e no amor do estudo.

'Numa carta dizia Eulalia a Gustavo:

«Hontem minha thia chamou-me. Com seu ar bonançoso singelamente disse:

— «Eulalia, que tens tu? Que quer dizer essa tua tristeza?!... Eu não gôsto d'isso minha sobrinha.

Eu quando era da *sua* idade alegrava-me e ainda saltava como uma creança!... As mulheres d'agora não são como as do meu tempo!... Agora mal chegam aos doze annos logo se de-

finham, parece a fructa que amadureceu antes do tempo. Os livros, os maldictos livros é que lhe deram esse *seu* ar de triste, de philosopha?

Que vida! Diga-me minha sobrinha, que vae fazer alli para cima para o *Ermo*, quando por la se demora horas e horas? — E depois vem de la triste e vae assentar-se ao pianno para tocar não sei que modas mais proprias de semana sancta, do que de um salão onde tudo deve rir e galhofar!

Diga-me tem alguma coisa que lhe dê cuidado? Não deve ter: nada lhe falta; Gustavo ja me pediu a sua mão: d'aqui a tres annos casam, pois é quando elle se fórma. É que não quer casar com elle?... Aborrece-o? Bem: não case!

Eu o que quero é ver-te gorda como quando tinhas quinze annos, risonha como quando tinhas doze, quero e mando, senão fujo d'êsta casa.»

Minha tia parou de falar quando me viu o borbulhar das lagrimas e o esgaseamento dos olhos. Abraçámo-nos por mútua attracção, e ella chorou tambem.

Ah! Gustavo, que consolação não foi para mim contemplar na face de minha thia as lagrimas, cahindo brilhantes e mais lusidias do que o seu branco e alvo cabello de sessenta annos!

Eu não pude fallar: raciocinava so no amor d'aquella alma sancta!... E mais chorava, mas era por orgulho d'aquella posse.

Que tristeza sera ésta, Gustavo?

As vezes lembra-me o cemiterio e derramo uma lagrima a essa lembrança. Começo a phantasiar coisas!... Cadaver sob uma singela lousa supponho-me, vendo-te ajoelhado sôbre a minha sepultura, inundada e sanctificada pelas tuas lagrimas! Ouço-te sublimes orações d'amor e de religião, e perco-me em mil pensamentos tão funestos para a tua felicidade!

Adeus Gustavo até ás proximas férias.»

Eulalia aos desenove annos se transformára 'numa d'essas victimas, cuja alma é um nexo entre a vida e a sepultura! Era um d'estes genios sotterrados pelo futuro: argumentando pouco do passado, e desconfiando tudo do porvir.

Tornára-se fatalista.

Sonhou um dia em devapeios poeticos — morro breve, e queria fazel-o persuadir a todos. As vezes uma lucta se dava comsigo mesma: d'um lado o hymeneu, d'outro a sepultura: mas seu genio fatidico arrastava-a para o abyssmo do sepulchro. (Continúa).

Manuel S. Alegre.

HYMNO

A SUA MAGESTADE IMPERIAL

A DUQUEZA DE BRAGANÇA

Protectora do asylo dos invalidos militares de Runa

Levem os anjos nossa voz mundana,
que se ergue d'alma, juncto aos pes de Deus.
Comnosco entoem divinal hossanna
por quem d'esmolos vae ganhando os Ceus.

Chovam as benções da morada esplendida
n'angusta fronte, que mimosa veio
cobrir d'esp'ranças o mesquinho thalamo,
volver aos pobres maternal aneio.

Ainda ha pouco da ventura a estrella
foi d'entre as sombras esconder a luz;
mas hoje torna mais 'splendente e bella,
que ao desgraçado vosso amor seduz!

Levem os anjos nossa voz mundana
que se ergue d'alma, juncto aos pes de Deus.
Comnosco entoem divinal hossanna
por quem d'esmolos vae ganhando os Ceus.

Chovam as benções da morada esplendida
por quem, Senhora, sôbre a terra passa
colhendo affectos, dispendendo prôvida
sanctos effluvios de divina graça.

Ainda ha pouco 'nésta humilde palha
gemiam todos na pobreza e dor...
Oh! Deus bêmfaze quem no mundo espalha
por sôbre os pobres a merce do amor.

Levem os anjos nossa voz mundana,
que se ergue d'alma, juncto aos pes de Deus.
Comnosco entoem divinal hossanna
por quem d'esmolos vae ganhando os Ceus.

J. Simões Dias.

DISTRACÇÕES

Quem não tem que fazer, faz colhéres.
Rif. prop.

— Como explicas tu as catastrophes d'esses poderosos imperios, que o Ganges, o Nilo, o Eufrates e o Mediterraneo, viram outr'ora erguer nas suas margens?

— Sôbre isso divergem os criticos. Uns que-rem, que fôsse o resultado necessario da dominação quasi exclusiva, d'um so principio, d'uma so fórma, que vigorava 'nesses povos; porque

um tal systema, dizem elles, absolutamente intolerante, havia de forçosamente abafar as individualidades, e por consequencia as responsabilidades, seguindo-se em breve o embrutecimento, a barbaria e a morte; pois que, accrescentam os mesmos, só com a bussola da liberdade é que as naus dos estados podem aventurar-se a descobrir novos mundos, sem receio de naufragios. E effectivamente a India e o Egypto, foram victimas da tyrannia, do principio theocratico, e a Grecia do democratico. Outros attribuem essas quédas ao excesso das riquezas, e do luxo d'essas nações, porque taes elementos, no entender d'elles, corrompendo-lhes os costumes, haviam de cavar-lhes a sepultura. Assim Babylonia e a Grecia, personificadas uma em Balthasar, a outra em Alexandre Magno, descem ao tumulo com a taça das orgias na mão. E o mesmo aconteceu á grande prostituta das sete collinas.

Estes, comparando os grandes corpos collectivos com o individuo, sustentam, que todos esses povos haviam de necessariamente passar pelas tres grandes phases — aurora, meio-dia, e occaso. Aquelles, pretendendo que as constituições geographicas dos povos tem uma natureza especial, cujo desinvolvimento e assimilação são limitados, asseveram que esses povos em consequencia d'isso, haviam de inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, retirar-se ao silencio. Assim o Egypto, depois de haver descoberto, pela disposição particular do seu territorio, a architectura e a geographia, entregou o papel de iniciador do progresso á Phenicia; e ésta, depois de haver inventado, pelo mesmo motivo, a navegação, entrega-o a seu turno á Grecia, onde quasi todas as artes, e especialmente a esculptura, se desinvolvem de uma maneira prodigiosa. Ainda os ha que explicam tudo isso pelo esgotamento da terra, e por alguns accidentes imprevistos. Eu porém, como ecletico, entendo que todas as causas mencionadas concorreram mais ou menos para o tragico desenlace dos imperios em questão.

— Pois eu, meu caro, apesar de não desconhecer essa influencia, não posso todavia concordar, em que fôsse apenas isso a origem d'esses successivos cataclismos.

Com effeito, se atténtares bem na lei da historia, has de concluir forçosamente, que a vida das nações depende essencialmente d'um *que* mysterioso, que forme as consciencias, e satisfaza as necessidades dos espiritos, resolvendo-lhes os graves problemas dos seus destinos.

E como o nivel da humanidade se vae elevando continuamente, em consequencia da cou-

stante actividade do espirito, é de absoluta necessidade que esse *que*, ou como quizerem chamar-lhe — principio, elemento, etc., soffra a mesma lei: aliás os povos cahem asphixiados, como Prometheu e Faust no inferno do desespéro, retomando mais cedo ou mais tarde o caminho do deserto, seu primeiro ponto de partida. Sim, a India, o Egypto, Babylonia e a Grecia, estão hoje cobertas de cinzas, porque fizeram do principio da immobildade o dogma de suas doutrinas.

— Isso póde ser exacto, mas envolve consequencias muito graves... é verdade, vamos ou não dar o passeio que projectámos?

— Tens razão; tão embebidos estavamos na questão, que ja nos esquecia. Preparemo-nos e partámos.

(Continúa).

J. Jacintho Nunes.

AVE LIBERTASI

AO MEU BOM AMIGO

Jose de Vasconcellos Sousa e Lebre

Liberdade, sancto nume,
Talisman celestial!
No coração es o lume
Do mais formoso ideal:
Tu so á Italia opprimida
Déste luz, calor e vida:
Tu so da terra dos lusos,
Nas eras, que ja la vão,
Expulsaste os vis intrusos,
Sorriste da escravidão!

Liberdade! quem não ama
Tua sancta illustração?
Não gosa a esplendente chamma,
Servilisa o coração!
Oh! mas tu, mimosa diva,
Ao mortal com luz mais viva
Dás a solida esperança
D'um futuro so de paz:
E se ha vida, que não cança,
Vem de ti — so tu lh'a dás!

E ja imperaste outr'ora
Como deusa na razão:
Abusaram d'essa aurora,
'Scravisou-os Napoleão.
E no tempo dos Romanos
Os liberaes e os tyrannos
No templo teu joelharam:
Por ti um Bruto morreu;

Os filhos do *outro* vasaram
As fezes, que o pae lhes deu.

E agora la na Polonia,
Berço d'inclytos heroes,
Fulgentes como d'Ausonia
Esses modernos pharoes,
Embalde o *gelo* te opprima!...
E que Deus n'aurora prima
Te doe a livre fragancia
De liberrimo jardim;
Como se aspira com ancia
No academico festim!

Seja a Polonia no mundo
Livre em canticos d'amor,
Como o pelago profundo,
E dos astros o esplendor!
Livre como o forte raio,
Que arrogante põe desmaio!
Livre! pois diz liberdade
Das espheras a harmonia;
E a Polonia não ha de
Erguer-se á luz d'este dia?!

Ave, celsa liberdade,
Talisman celestial!
Es p'ra mim a magestade,
Amor de mãe, Portugal.
No ceu te venero — um Deus;
Na terra, — filha dos ceus;
No mundo esmaltada vida;
Nas trevas, — raios de luz;
Na terra, — a unica avenida,
Que á honra e á gloria conduz.

1862 — Maio.

Manuel S. Alegre.

A VIRTUDE DE LEONOR

A. A.

(IMITAÇÃO)

(Continuado do n.º antecedente)

III

Um dia o operario entrou, com o rosto anuviado de profunda tristeza: a ceia do sabbado, ordinariamente alegre; a vespera do descanso, a fêria sancta do trabalho, a deliciosa mensageira da folga, das cantigas, dos passeios ao prado das flores, e da piedosa romagem ao adro do presbyterio — foi triste e desconsoladora.

O pae não acompanhou de manhan os filhos á missa; dirigiu-se a casa de seu mestre, e pediu um augmento de salario.

Como não tinha ceado na vespera fallou com asperesa e azedume. O empresario, que havia soffrido um pequeno revés, respondeu-lhe duramente.

O pobre pedreiro pegou na sua ferramenta, e procurou quem lhe dêsse o afadigado sustento da pobreza.

Mas a desventura, quando persegue os seus escravos, não afrouxa o braço; esmaga-os de baixo das garras. André ficou tres semanas sem trabalho.

Principiou a vender o que tinha de melhor em casa. Cada dia d'essas tres semanas fataes, os labios desmaiados de seus filhos, que d'antes se abriam como as rosas, para sorrirem aos abraços do pae, não se abriam mais, senão para lhe dizerem essa palavra terrivel, digna do inferno: — Tenho fome!

O quadro de Prud'hon, «a Familia Desgracada,» uma obra prima de resignação, no meio da desesperação incomportavel, podia ver-se todos os dias em casa do operario.

Similhantes ao desenho do artista, os filhos do proletario, por mais fome que soffressem, tinham não sei que doçura no olhar, e sorriso nos labios desbotados, assim humedecidos de lagrimas, que apertava e feria o coração.

A pobre mãe, apesar da penuria e do trabalho de todas as noites, não pôde comprar outra vez o branco linho do seu leito.

A Mater Dolorosa sentiu nascer-lhe o filho mais amado no presepio aquecido ao bafo da Providencia; a mulher do pedreiro, infeliz! no dia de Natal, sentiu cahir-lhe o derradeiro pomo do seu amor, numa cabana humida, sem calor e sem mantilhas.

E ainda assim resistiu a tantos soffrimentos; encontrou nos peitos emagrecidos a última gotta de leite para nutrir o seu último filho.

IV

Uma bella manhan, Leonor foi á cidade vender o chale de lan azul e verde, e comprar o sustento de um dia para sua mãe e seus pobres irmãos.

A formosa Leonor ia vestida pelo amor de Deus: — Uma saia curta cor de rosa, um lenço de algodão branco a escurecer-lhe a alvura dos seios, e a afagar-lhe o donaire da cintura em laço gracioso, e mal escondida ainda a pequenez de seu mimoso pe no calçado singelo.

As caprichosas madeixas do cabello fluctuavam aos beijos do vento matinal nas faces de leite, e velavam apenas os seus olhos d'um azul profundo, como o céu.

Era encantadora assim em todo o luxo dos annos juvenis.

Um estudante aventureiro, que a viu sahir, como a luz d'uma appareição celeste, d'entre a escuridão d'uma rua estreita, seguiu-a de perto, maravilhado por tantas graças esquecidas. Leonor sustou o voo á passagem d'um carro, que abrangia o pequeno espaço do bécó; o estudante parou tambem naturalmente.

— Meu querido anjo (era a primeira vez, que lhe falavam com tanta doçura) tu vaes perder-te por essas ruas, dizia elle, se não quizes vir comigo.

Leonor não respondeu, nem se offendeu com a delicadeza do convite.

— E depois, minha formosa menina, continuou o estudante com um olhar mais ardente, que é o que prova a vida? A morte. Que é o que prova a morte? A vida. Que é o que prova a vida e a morte? O amor.

O carro ia a deixal-os, e o estudante aproximou-se mais de Leonor, travando-lhe da mão trémula.

— Meu senhor, balbuciou ella timidamente... Eu não sei responder-lhe.

— Que importa, meu amor? A primeira palavra da sciencia da mulher é a sua formosura, a última é o seu coração.

— Mas... A voz de Leonor expirou-lhe nos labios.

— Vou fazer-te um pedido ainda. Queres tu viver comigo, repartindo entre nós ambos a minha fortuna de estudante? Olha, minha filha, dez libras por mez... foi hontem o primeiro do mez...; um bonito quarto com uma cama, o delicioso passeio aos jardins do campo, duas vezes por semana, um lindo chapéu branco para esconder a suavidade do teu rosto, um vestido de seda azul, um colar de perolas a desmaiar no teu pescoço, e as botinhas a amimarem os teus lindos pes... É pouco, mas o coração de Eduardo é tudo. Se tu soubesses como seriamos felizes, vivendo sempre no abraço do amor?

O carro ja ia longe. Leonor absorta naquellas deliciosas palavras, apenas comprehendidas, soltou a mão da prisão doce, e evolou-se como a avesinha da gaiola dourada para o seu ninho escondido.

O estudante conheceu que se tinha enganado; entretanto resolveu-se a continuar a boa aventura; seguiu com os olhos a formosa rapariga, e viu-a comprar maçans, e voltar a mordel-as com seus bellos dentes.

Esperou a pe firme, para tentar nova fortuna: mas Leonor temendo o duplicado encontro e o renovado galanteio, escondeu-se em casa da

fruteira, sua conhecida, d'onde não sahiu, toda trémula ainda, senão depois de assegurar-se da ausencia do tentador.

Ja la não estava a esperal-a, e a pobre menina sentiu-se mais commovida e mais triste, com o desaparecimento do estudante, que lhe tinha segredado com a persuasão da verdade o valor da sua formosura.

De volta á solidão da montanha, mirou-se vinte vezes ao espelho quebrado, affligindo-se por haver sahido com os cabellos em desordem.

— Se eu fôsse com elle... balbuciou a candida Leonor, subindo-lhe ás faces o rubor da innocencia.

E começou a desenhar com as tintas brilhantes da imaginação, o quadro da vida do estudante; no centro do quadro apparecia ella, a amante formosa e feliz, com um vestido de seda azul... — um vestido de seda azul, dizia ella estremecendo; um chapéu... branco... — a esconder a suavidade do meu rosto, suspirava a innocente entre sorrisos d'alegria, afagando-o com as mãos alvissimas...; e depois d'aquelle apetecido luxo — via-se suspendida ao braço do estudante, arranjando e desarranjando o seu bonito quarto, de manhan abrindo a janella para respirar a felicidade, e regar algum vaso das suas amadas flores; á tarde trabalhando ao lado d'elle, em qualquer obrasinha delicada — um bonet de setim, o punho d'uma camisa de brentanha, o bordado d'um fôlho voluptuoso...

— Mas á noite?... gemeu a voz tímida 'nesta pergunta mysteriosa.

Ai o cruel desengano! Derrubou-a a mão de ferro d'aquelle pensamento do ceu dourado de tão bonitos sonhos, e ao cahir as pulsações do coração mostraram-lhe os seios palpitantes. Viuos com o incendio da commoção nas faces, e a humidade do amor nos olhos... dois bellos seios, que até la jamais lhe pareceram assim.

(Continúa).

Guimarães Fonseca.

AO MEU AMIGO

João Antonio da Fonseca

Fitas o ceu com os olhos razos de lagrimas a ver se divisas la o anjo, que te fugiu?

É justo.

Um filho que nos morre, é um pedaço da alma que se nos vae.

Não o lamentos, João, o menos feliz não foi elle: tenhamos saudades dos que se vão, e chorem, os que ficámos.

A infelicidade é a vida, se no coração, sen-

timentos nobres nos instillou o ETERNO; a vida é decepção continuada, se generosas crenças nos nutre a esperanza.

Diz Rivéra:

La vida, es un infierno,

Quando la vida la comprende el hombre.

Seres em que a sensibilidade não é mentira e a franqueza mascara, collocam sôbre o peito a mão do homem que lh'a estende; em troca d' affectos verdadeiros, dão-lhe... um sorriso; em troca de serviços uma traição: recuam e forçam então por serem... maus. A primeira mulher que vêem, é o seu primeiro amor, a sua religião, o seu Deos que adoram annos, e ás vezes *muitos*... no fim d'elles, em premio de illimitada constancia reclinam-lhe no hombro a cabeça... Oh! um mundo de vidas por um momento d'aquelles: a sos então, e a horas mórta brandamente enlaçados, 'naquelle silencio magico que diz mais que uma eternidade de palavras, 'naquelle enleio todo divino, não é d'esta vida o homem, eleva-se e eil-o 'num mundo ideal todo dos anjos; fixando no espaço uma estrella, que tomam por testemunha de promessas reciprocas e juramentos mutuos: julgaria elle uma profanação, um sacrilegio, o tocar o mais leve que fôsse aquella frente ainda pura: em breve o prysma, através do qual elle viu essa mulher, cae-lhe aos pes feito pedaços, a crystalisação pára e aniquilla-se depois: hesita... quasi que cede... está prestes a fazer-se cynico; então, se elle é como deve, a nobreza d'alma reage, toma alentos, e consegue desprezar os que o fizeram soffrer.

Não é de certo este, o esbôço da tua existencia, nem talvez da minha; mas encontra-se d'isto, João, e mais a miudo do que era para desejar...

Não lamentos a perda do teu filhinho; bem feliz foi elle, e bem merece invejado, por tão cedo romper o diafragma que separa a vida da eternidade.

Coimbra, 8 de novembro de 1863.

Thomé de Britto Pinto d'Albuquerque.

EPISODIOS

A Ex.^{ma} Sr.^a D. A. M. P. C.

I

O BAILE

(Continuado do n.^o antecedente)

Era uma d'aquellas mulheres, que tão nu-

merasas se encontram na sociedade d'hoje, e que merecem o nome de garridas e levianas, e sem as quaes ficaríamos privados d'um dos mais risíveis divertimentos do mundo.

Figura-se-nos sempre empunhando uma trombeta, como a estatua da Fama: toca, torna a tocar, e não descansa em quanto se não ve bem rodeada: assim como os feirantes estendem a fazenda para attrahir os compradores, assim ella faz alarde de todos seus attractivos, enfeites, dictos engraçados, para captivar a attenção e os affectos dos que a admiram. Note-se-lhe o volver dos olhos, o sorriso dos labios, o inclinado do collo, os requebros do corpo, a languidez ou vivacidade dos gestos: passa-se depois a examinar as dobras e tufos do vestido, o ondeado dos folhos, o bordado do lencinho, que meneia com desdem, o justo das botinhas e pequenez do pe, que tem cuidado de mostrar: este é o estudo dos olhos; segue-se o dos ouvidos, que é mui curto, porque éstas damas dizem todas o mesmo, segundo se acham lançadas ou no genero sentimental ou no apaixonado. Se fallam de litteratura, so conhecem o romantico; se contam suas viagens, extasiam-se com as impressões, que receberam e querem que compartamos suas emoções.

Era por tanto D. Leopoldina uma perfeita coquette. (Continúa).

CHRONICA

Então a nossa chronica passada *amargou* a muita gente?! Nem podia deixar de ser; pois ella foi quasi toda escripta com *fel!* Mas a culpa teve-a o leitor que se *agoniou* com ella; porque a não deitou fóra? O que o chronista sente é que ella fôsse estimular o melindroso paladar d'alguns senhores que dizem que ella foi um insulto feito á academia; muito pouco ve quem assim o julga! O chronista não insultou a academia, porque o chronista não pôde insultar-se a si proprio; não despeitou a academia porque nem nella fallou.—O chronista disse apenas, e repete ainda agora aqui, e sempre, e em toda a parte, que não pôde deixar de censurar a maneira por que a plateia — em parte — se portou para com a menina *Flori*. De que aquella joven artista levou uma *pateada* immerecida — ninguem é capaz de o desconvenecer — e se algum academico, tendo tomado parte neste acto, se julga offendido, que tenha paciencia, porque a *Chrysalida* com quanto seja jornal academico, não faz excepções de ninguem, quando tracta de avaliar acções que não ficam

em caracter a uma corporação, por todos os titulos tão respeitavel; — portanto o chronista, dada mesmo a hypothese de ter comprehendido implicitamente alguns academicos na censura que fez, longe de despeitar a academia, honrou-a e defendeu-a, porque alguns academicos não são uma academia inteira; e nem elle pôde consentir que uma corporação, tão numerosa e tão nobre, soffra por causa de meia duzia de *discolos*, que se possam esconder em seu seio.

O chronista pois não lançou a luva a ninguem; apresentou o facto, e estigmatizou-o como elle merecia; mas, se alguém, julgando-se offendido, lh'a quizer lançar, que venha defender-se; que venha, que elle promptamente lh'a apanha; seja o logar o campo da imprensa; — mas campo mais amplo e livre que o da *Chrysalida* — a hora, quando quizer; as armas, a penna; padrinhos, a consciencia — Deus!

Relativamente á entrada para o palco, o chronista deu apenas um conselho, não uma ordem.

Em quanto ao *receio* do palco se podêr converter de eschola de moral em *lupanoso bordel*; o chronista tem muita dignidade para se supôr que fôsse capaz de julgar menos convenientemente de quem alli representa, ou entra. La, no meio de creanças, não pôde haver senão innocencia e candura; de ca sabe o chronista muito bem que vae so a dignidade, o cavalheirismo e a honra. O chronista, pois, não se referiu ao palco do theatro de D. Luiz, nem de theatro algum, fallou do palco, em geral.

O chronista tem a consolação de que a sua obra ainda não foi mal olhada senão por quem não sabe, ou não *pôde* ter uma critica imparcial.

Mas deixemos isto, que nos vae levando o tempo e a paciencia, e a leitora está anciosa para que eu lhe diga o que se passou durante a semana.—Attenção, pois, minha senhora, que la vae d'esta vez uma chronica como muita gente quer.

Houve theatro tres vezes — domingo, quarta e sexta-feira. — Os meninos têm continuado a agradar muito; o centro continúa a pertencer á menina *Innocenti*. — As enchentes foram regulares. — Na plateia não tem havido que notar. Desde os desaires que lhe aponteí na antecedente, tem-se portado sempre cavalheirosamente.

Na récita de domingo, os camarotes estiveram bastante concorridos, mas bem pouco *engraçados*, como quasi sempre.

Merecem ser mencionados dois: — o n.º 10 das frizas, e um outro que v. ex.ª pôde collocar onde quizer.

No primeiro estavam... dois anjos, se quizerem. No segundo viu o chronista, pelas faces d'uma... mulher, deslizar duas lagrimas, que o impressionaram. Seriam de compaixão?! não cremos. Conhecemos assás o coração d'onde ellas dimanavam! Seriam de desesperança?! Não; que ellas iam, como o arroio que se perde na relva, esconder-se 'num seio que arfava opprimido por um vestido verde. Seriam de remorso?! Talvez; porque o remorso é consequencia necessaria do crime: mas não chores, mulher, que se Deus te perdoar, tambem ja te perdoou a tua victima. Basta o teu castigo!!...

O chronista espera que ninguem lhe virá tomar contas por éstas duas linhas; isto é para elle so.

Na récita de quarta-feira distinguia-se principalmente a mimosa philomela do Mondego, que tão raras vezes desfere seus voos das regiões do infinito, onde habita continuamente a alma do poeta, para vir pousar no theatro.

Récita de sexta-feira. Pelos camarotes reinava mais amor e vida que nas outras récitas. O sceptro e a corôa de rainha do theatro 'nesta noite, cremos nós, que pertence de direito a uma mulher que estava no n.º 8, da 4.ª ordem, a qual trocou o seu fio de lagrimas d'outra récita por uma camelia branca; e o soffrimento que ellas denunciavam, então, por um travêssoriso, que de continuo lhe doudejava á flor dos labios.

No mesmo camarote se via um rosto de mulher, risonho e prasenteiro. O conjuncto de tão delicadas e expressivas feições, representava um verdadeiro typo á *Parisiense*.

Na mesma ordem, n.º 5, estavam uns olhos pretos, travêssos e holicosos, cheios de fogo e de vida, como os do Lynce do Deserto...

N.º 13 da mesma; la estava aquella mulher que ja todos conhecem — agora não era o anjo do deserto; era a pallida e magêstosa estátua que chora sôbre um túmulo.

No n.º 5, de frisas, estava uma mulher verdadeiramente linda — juncto d'ella, ao lado direito, uma criança *interessante*.

Basta de theatro.

Quinta-feira defendeu brilhantemente theses em direito o sr. Vaz. O talentoso doutorando acabou de demonstrar, no seu acto de conclusões magnas, que não era mentiroso o elevado conceito em que ja era tido, tanto pelo corpo docente, como pelo discente.

Não conhecemos de perto s. s.ª, mas dizemos que ao seu raro talento reune as mais nobres qualidades. Deus lh'as conserve.

Parabens ao sr. Vaz!

Houve assembleia academica na quinta-feira, para se nomear a commissão que tinha de cumprimmentar, por parte da academia, a SS. MM.

Fallou José Braz; e orou Vieira de Castro.

Foram nomeados membros da commissão — Chaves, José Leite Monteiro, Vieira de Castro, José Braz.

Passaram SS. MM. para o Porto hontem (20) pelas 11 e meia horas da manhan — demoraram-se uma hora. Havia dois arcos triumphaes; um á Portagem, á entrada da Calçada; outro em Sansão, á entrada da Sophia. Desde ésta rua até ao meio da Ponte estendiam-se d'um lado e d'outro dois engraçados cordões de murta, em festões, matizados de bandeiras das duas nacionalidades — Portugal e Italia — contrastando nas côres, duas a duas. Era obra de singeleza, mas de maravilhoso effeito.

As janellas das ruas do trãnsito estavam esmeradamente ornadas e guarnecidas de senhoras, que lastimavam não poder expargir as flores, de que estavam providas, sôbre os augustos reaes viajantes, que não iam em coche descoberto. Foi pena que o tempo estivesse tão mau, 'num dia de tanta alegria.

SS. MM. trajavam á particular. Abstemo-nos de fallar agora mais detalhadamente sôbre tão augustos personagens, reservando-nos para o fazermos quando se dignarem voltar por aqui, onde tencionam demorar-se alguns dias. Espero encontrar-me então ca com muitas das minhas leitoras *provincianas*. Então, como de mais perto, fallaremos mui largamente sôbre o que quizerem — por ésta vez...

Buenas noches, señoritas.

Coimbra, 21 de novembro de 1863.

O chronista.

EXPEDIENTE

Rogâmos aos srs. que não receberam o 1.º n.º da *Chrysalida*, nos não censurem de descuido. Foi preciso fazer a reimpressão do mesmo, ficando a tiragem ordinaria para cima de 720 exemplares, em consequencia do grande numero de assignaturas que tem affluido — o que prova que a *Chrysalida* não está moribunda como muita gente affirma e deseja; pelo contrario tem mais, do que nunca vida, e muita vida no presente e muita esperanza no futuro. Dizemol-o alto e desassombradamente, porque temos coragem bastante para esmigalhar com o pe esses metediços vermiculos, que por ahi rastejam nas Caixias da maledicencia... e da *covardia!*...



O SECULO DEZENOVE

Estamos em pleno seculo dezenove, seculo das luzes, da confraternidade de nações, da liberdade e independencia. Seculo famoso na historia da humanidade; seculo em que alguns philosophos, levados por sentimentos humanitarios, mas desconhecendo talvez a natureza humana, têm sonhado uma confederação de nações, uma paz perpétua...

Salve, seculo dezenove!...

Mas que!?... Ao longe ouço eu o som marcial de cornetas, o rufar de tambores, o tinir d'espadas, o troar do canhão, e os lamentosos ais de moribundos, estorcendo-se na mais dolorosa agonia!...

Para o oeste, na America, uma guerra de destruição e de morte tem assolado o paiz mais civilisado do mundo; o asylo da foragida liberdade tornou-se em theatro de horrivel carnificina; o incessante movimento do commercio e industria substitue-se pelo marchar e contramarchar de milhares de homens armados, ávidos do sangue de seus irmãos; os fertilissimos e alegres campos dos Estados-Unidos e Mexico fizeram-se logares sombrios e ermos!...

Acorda, Washington, vem ver a tua obra!...

Mas não!... Oxalá que as tuas venerandas cinzas descansem em paz; que ellas não estremeçam por tão horrorosos attentados.

Para o lado do norte, na Polonia, uma guerra de martyres contra uma invasão de esfaimados lobos, tem ensanguentado palmo a palmo, a heroica patria dos Kociuskos e dos Langiewieks!

Essa Russia, desdouro da humanidade, está practicando atrocidades que Attila nunca sonhou. As decapitações, os fusilamentos, os incendios são o seu direito das gentes! Nem creanças, nem velhos, nem mulheres, nem sacerdotes, têm escapado ás suas horriveis barbaridades! Custa a crer que tão longe va a crueldade do homem!...

Aquelles tyrannos têm certamente o coração tão gelado, como o paiz em que vivem...

E consente-se isto na Europa, que se diz a parte do mundo mais civilisada!?...

E é este o tão decantado seculo das luzes?!... Sim.

Têm-se inventado peças d'artilheria raiadas, navios couraçados, balas para os furar... a arte de matar com brevidade tem progredido muito.

E é este o seculo da confraternidade das nações? Mas em 1855 houve a sanguinolenta guerra da Crimeia, em 1859 a guerra d'Italia, e ha perto de um anno que dura a da Polonia, heroica pelo lado dos polacos, atroz e impia pelo lado dos russos.

E é este o seculo da liberdade? Mas os Estados Pontificios ainda gemem debaixo de um intoleravel regimen theocratico; a Russia continúa a soffrer o mais rigoroso despotismo; Veneza espera anciosa pela sua emancipação: a soberania dos povos continúa a ser desconsiderada.

E é este o seculo da independencia das nações? Mas olhem para a desventurosa Polonia, olhem para a Hungria; e a Italia póde chamar-se independente sem estar constituida nos seus limites naturaes?...

Como é pois que Eugenio Pelletan escreveu o seu *Le monde marche* e a sua *Profession de foi*?...

O mundo caminhará para a perfeição, ou, segundo Eugenio Huzar, para o abysmo?...

(Continúa).

Coimbra, 20 de novembro de 1863.

A. Eduardo de Moura.

ADEUS

Poesia recitada no Club das Caldas da Rainha

Eu venho grata lembrar as rosas,
Que me offertára festival prazer,
'Neste recinto d'amizade e encanto,
Que talvez nunca tornarei a ver!

É doce áquelle que em montanha esteril,
Por entre espinhos tanta vez gemeu,
Ver-se 'num campo vicejante e esplendido,
D'um negro abysmo transportado ao Ceu!

Porisso, eu, pobre d'affeições e mimos,
Amada filha do martyrio e dor,
Onde a ventura me sorriu fagueira,
Dando-me á vida fascinante cor,

Venho saudades semear — que n'alma,
Ha muito as sinto com ardor brotar;
Rega-as o pranto d'um adeus sentido
Que o labio a custo poderá soltar!

Matta frondente, mystr'iosa gruta,
Onde inda ha pouco, tão feliz sorri,
Nega-me a sombra, quando a calma abraza,
Se eu algum dia me esquecer de ti!

E tu — Passeio — que ao amor convidas
Roubado em sonhos ao jardim dos Ceus,
Em cada folha que te leve o outomno,
Repete a todos meu saudoso adeus!

Caldas da Rainha, 4 de setembro de 1863.

Amelia Janny.

AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages



Os espiritos fortes olham para essas coisas d'amor com um sorriso amarello nos labios. Pois, se ha sentimento que me invoque uma lagrima de alegria ou de dor, é esse unificar d'almas.

Quando havia lido todos os escriptos de Gustavo, derramei uma lagrima d'alegria que mal resvalou pela face, ao lembrar-me de sua existencia última.

Vou-te copiando o necessario para te anor-teares.

Agora ja encontras um homem e uma mulher.

THRENO

«A noite d'aldeia é um suspiro melancholico que as esferas, alando-se no espaço, resumbram para o nosso planeta; é a harmonia d'amor que ellas entoam na serenidade estrellada, que se innocula no íntimo de quem é amado.

Numa d'essas noites estava eu recostado no monte do Ermo com Eulalia. Os liames de parentesco que nos prendiam, amiudavam esses encontros... E que melhor parentesco ha do que o coração?

Eu enlevado pela brisa sympathica que dos labios d'ella assoprava para refrigerar o calor da minha alma, eu sublimado pelos olhos sinceramente fixos em meu semblante lhe dizia:

— Sabes Eulalia, que, se não estivesse junto de ti, estaria hoje triste?

— Porque?

— Porque fui hoje passear ao cemiterio! Não sei que poesia melancholica me transsuda 'nalma o aspecto grave do cypreste e do chorão que

se debruça na campa funebre! E eu comêço então a pensar...

Oh! quantas lamentações, quantas cruezas, quantas fugitivas felicidades, quanto sangue derramado pela espada da tyrannia, quanta existencia ceifada intempestivamente pela foice do vicio ou do grito vingador, quanta dor esquecida nos não entorpeceria os passos, se tentassemos descer, pouco a pouco, ao abysmo do passado, d'essas gerações esquecidas, cujos membros não vivem na historia, porque não conquistaram uma praça, ou porque não derribaram um throno! Quantas lições de bem viver não aprenderiamos ao descortinar o veu tenebroso que nos rouba a historia de um homem que jaz na valla d'um cemiterio, nas vagas do oceano, no apice da montanha, ou no abysmo do valle profundo?

E a verdadeira historia da humanidade se obteria, se podessemos abrir as sepulturas das gerações, e interrogarmos essas sombras sumidas, projectando apenas um clarão pallicento, desde o alto Atlantico até ao Hymalaia, desde os páramos ardentes e aridos da Lybia, até ás veigas amenas da Europa e florestas virgens da terra de Colombo!

Mas essas sombras mal se divisam e parecem fugir ao modo que nos approximamos; como o infinito semelha distanciar de nós, e é porisso que a historia ignora muita lagrima vasada na taça da morte — amphora que vae pouco e pouco recebendo a vida dos homens transformada em sorro de agonisantes lagrimas!

— Gustavo! interrompeu Eulalia, cujas mãos eu tinha enleadas ás minhas. Gustavo! Não falles em coisas mortuarias!

— Pois repugna-te Eulalia, saberes a historia de uma sepultura? a historia da humanidade? Lê Thiers, mas vae aos Inválidos, ve se fazes fallar esse marmore que encobre o guerreiro corso, e verás onde está a verdadeira historia!...

Debaixo d'esses porphyros... ; Mas quem sabe o que la estará! Por ventura podêmos nós advinhar se aquelle recinto tão limitado é um outro mundo, no qual uma vertebra, um calcaneo, um osso, represente um papel para nós invisivel, mas efficaç' nessa rapida transfiguração de homem?

Mas isto não pôde ser!

O infinito e a sepultura, eis os dois pontos de contacto entre Deus e o homem, pois entre um e outro polo existe a vida. E a vida, emanação de Deus — do infinito — perder-se-ia em estúpido marasmo dentro d'um castello de porphyro?... A vida, vindo do infinito, foi para o in-

finito, assim como a materia — a vertebra, o osso — vindo da terra para a terra voltou. A vida, a alma, vive infinitamente: mas sera essa vida analogia á da materia que hoje forma aqui a petala de uma flor; que amanha fórma alem a molecula d'um perfume que constantemente muda de fórma, vivendo na essencia? Irá a vida para outros mundos, como peregrino que busca a patria, e animando várias feições se abrigue alfin no seio infinito de Deus, aperfeiçoando-se a vida 'nessa peregrinação de mundo em mundo, trocando o infinito verdadeiro e virtuoso pelo despenhadeiro infinito do crime? Sera o *Purgatorio* da Biblia, a allegoria d'essa peregrinação?»

Eu 'numa febre, deixo cahir a mente sôbre o seio, e sou despertado d'esse lethargo pela voz angelica de Eulalia que dizia assim:

— Não gôsto d'esses teus infinitos... Olha, Gustavo, esses mundos que tu sonhas e as estrellas do Ceu, são as almas esplendentes e virtuosas que da terra voaram ao Ceu! Foi isto o que eu li 'noutro dia. Eis uma anastromia bem faceta.

Tu vens agora com peregrinações das almas; cada vez entendo menos: por outra, entendo tanto como tu. Para que te embrenhas 'nesses mysterios onde tua alma pôde encontrar mais do que um precipicio? Admira, como eu, esses esplendores que agora cahem sôbre nossas frentes: toma-os até como vislumbres parcellas d'esses raios, d'essa aureola que cinge a fronte do Omnipotente — apenas para o adorar, e não te importe com esse louco phantasiar... a que chamas poesia!

— Loucura... a poesia!

Duplamente louca! Loucura na ficção, 'nesse sonhar d'outro mundo, que jamais alcançarão real, e d'onde toma origem essa vaga tristeza que se innocula nos Alfredos Mussets, nos Soares de Passos! Loucura 'nesse reproduzir dos sentimentos, que deviam ficar escondidos no amago d'alma... A atmospheria do seculo empallidece a formosura d'esses threnos, por que este seculo é um pagode gentio, cujo altar é o oiro e o tredo egoismo.

Mal sabes quantos sorrisos sarcasticos me seriam arremessados, se eu fôsse confidenciar á sociedade todos os nossos suspiros, as mais intimas peripecias de nosso amor, traduzidas 'nessas poesias que guardo como a Christo no meu album! E essa mofa não deve ser reprehendida? Pois por ventura a sociedade pediu-me o meu segredo?...

Agora ja não faço versos porque os livros, a sciencia materializou-me. Aos quinze annos fu-

gia, por teu conselho, do mundo, e saudava na lyra a tua ausencia! mas hoje... Não sei Gustavo que pêsio sinto aqui no coração... lembra-me que sera a morte que é perto...

— Eulalia!

— Ouve Gustavo... Tenho sido feliz de mais. A felicidade quando é um excesso, assassina como o osculo da voluptuosa áspide!

Para eu viver era mister que tu não me amasses... O amor que me consagra dá-me uma vida fatal!... Esse teu amor é como a flor que entre a corolla esconde o verme venenoso! Mas olha que nem tu sabes que 'nelle é occulto o veneno.

— Que veneno poderia eu offertar-te?

— Escuta Gustavo. Nada a que se chama bom ha no mundo, que não tenha o seu *qué* de mau, ja na essencia, ja nos effectos. Do pomo das vegetações despreza-se o caroço; ao animal nutriente aparta-se o exterior; assim da ave lança-se ao vento a plumagem. As amphoras do Lyco, para te fallar classicamente, contém no fundo as feses: para o anho ha o lobo; para os insectos a sensitiva, para os peixes mais pequenos os maiores governando no mar. Emfim, em tudo e por tudo se ve uma guerra natural inflamada, jamais inextinguivel! Essa guerra ecoa ca dentro tambem. Dá ca a tua mão, escuta estas pulsações: 'nellas está a doçura e a triaga — está a felicidade porque o coração pulsa por ti: felicidade incompleta, meu Deus!

Eulalia suspirou.

Na sua fronte então divinizada para mim notei ao reflexo melancholico da lua uns assomos de tristeza, que as rugas aliás pareciam augmentar.

Eu lhe reflecti:

— Sera que tu ja me não ames?!...

Eulalia me exclamou arfando, qual voz d'orchestra, suspirada em pleno espaço ermo, como o Eden phantastico, como gemido eolio.

— Eu... amo-te!..

E depois estivemos immersos em tristeza, e tacituros. O tetrico echo da duodecima badalada no campanario, nos veio despertar d'aquelle mau sonhar.

Osculei Eulalia como o fazia a um innocente que dormita no berço, e por entre uma floresta de oliveiras, tristes como a minha alma, procurei o meu domicilio.

185.. Junho 16.»

Que ves 'nessa poetisa cansada, 'nessa Eulalia aos vinte annos, amigo? Deves considerar a victima dos livros. A leitura illustra-nos: a sciencia ajuda a fazer Napoleões: o estudo da poesia Miltons. Mas considera a fatalidade que arremessou á tumba esses genios-homens.

Eulalia tinha vivido muito em tão pouco tempo: sem lidar com a sociedade, sabia o que ella era, melhor do que os que 'nella affrontavam risos ou tristezas.

(Continúa).

Manuel S. Alegre.

A FEITICEIRA

De farrapos coberta a um canto escuro de escura habitação juncto do lar, como se fôsse a Parca do futuro, não cessa a pobre velha de fiar!

Esmorece a fogueira: o lume extingue-se co'a estopa final depõe a roca. É tudo silencioso, mas destingue-se secreto balbuciar da sua bocca!...

Que póde ella dizer a triste velha ao mundo, que na face lhe ha cuspidio? Mas que dor no franzir da sobrancelha? Que dor lhe vem do peito dolorido?!...

Á chuva que restruge no telhado accende o extinto lume da fogueira. De novo põe a estriga e o seu fiado continúa, cantando, a feiticeira.

«Tantos annos la vão! tantos insultos soffreram nossas mães!—Crel-o me aterra!—seus corpos nem sequer foram sepultos! Negavam-lhes a terra!

«O vento lhes levou as cinzas todas quando a pyra queimava a carné d'ellas! Não pouparam, covardes! 'nessas bodas as tímidas donzellas!

«E nós — as suas filhas somos tidas como filhas do inferno! — ao que parece — maldictas Jazabeis escarnecidas por quem nos não conhece!

«Como a raça proscripta dos Judeus que nem patria sequer do's homens tem, c'os olhos sempre erguidos para os Ceus soffremos nós tambem!

«Mas ai! não se acabar — como ésta febra que me expira na roca — a minha vida!... quebrára, como o fio, que me quebra, o encanto infantecida!»

D'est'arte procurava em seus cantares volver as longas noites ao serão.

Recordando a gemer os seus pesares pensava dar allivio ao coração!

«Allívio que palavra, que mentira pretende escarnecer da minha dor? Ao seio moribundo quando expira de que vale o fallarem-lhe d'amor?!»

Com as noites, que a pobre seroava mais noite a sua vida lhe par'cia! Eram da cor dos fios, que fiava, os cabellos, que a touca lhe escondia!

Morreu aquelle peito penitente Rasgaram-lhe a punhaes

O coração

Levou aquella martyr innocente por preces funeraes a maldição!

J. Simões Dias.

DISTRACÇÕES

Quem não tem que fazer, faz colhéres.
Rif. pop.

— Applicando agora ás modernas Babylonias os principios, com que estes dias explicaste as ruinas das antigas, *quid inde?*

— Silencio!... Mudemos de conversa... Que me dizes sôbre essa grande obra de Lutherô, que chamam vulgarmente a *Reforma?*

— Sôbre isso dividem-se muito os campos. Do lado esquerdo (fallando parlamentarmente), uns dizem, que a Reforma não foi mais que uma vingança, que Lutherô, como Agostinho, quiz tirar de Leão X, por este haver dado aos Dominicanos a commissão da venda das célebres indulgencias, cujo producto era para a continuação de S. Pedró: outros attribuem-na á ambição dos reis, á sua rivalidade com o poder ecclesiastico, e á avidez dos nobres, que pretendiam appropriar-se dos bens da egreja. Do lado direito porém, uns crêem, que foi um simples protesto contra a corrupção, que lavrava no seio da egreja, mormente durante a venda das indulgencias: outros asseveram, que foi uma insurreição do espirito humano contra o poder absoluto na ordem espiritual. Alem d'isso.....

— Perdão. Ponhamos de lado a questão da origem, por pouco interessante, e nem toquesmos sequer na da natureza e effeitos proximos, por muito melindrosa; e vejamos, se nas suas consequencias finaes e indirectas a Reforma foi um passo *en avant, ou en arriere*, da humanidade.

— Os que creem firme, e vivamente, que a igreja latina é a unica Vestal, que entretem o fogo sagrado da verdade, exclamam, que os resultados da Reforma foram nocivos á humanidade, porque (dizem elles) á voz de Luthero, a Allemanha, a Suissa, a Hollanda, a Inglaterra, a Escocia e a Suecia, divorciaram-se da igreja, transviando-se portanto do verdadeiro caminho, com gravissimo prejuizo do futuro. Aquelles porém, que sustentam, que a razão é o unico Verbo, que vae continua e indefinidamente regenerando a humanidade, eis, pouco mais ou menos, como elles divagam: «O espirito humano, esse generoso archanjo, que emancipara o homem das florestas do Eden, atravésmente injuriado pelos raios do Vaticano, retirara-se silencioso e triste, ao exilio da Thebaida. E o papado, vendo-se então desembaraçado do seu unico e formidavel adversario, entoa o *Te-Deum* da victoria, estende o manto das trevas, e levanta a espada do mais barbaro *Tartarismo*, d'uma curva á outra da terra.

Felizmente porém, um d'esses genios extraordinarios, a quem a mais affrontosa violencia, longe de desalentar, revolta d'uma sublime e energica indignação, surge de um claustro da Allemanha; e, novo Titan, decide escalar o novo Olympo. O novo Jupiter tonante, vendo-se surpreendido na ostentação da sua inviolabilidade, chama immediatamente a fe ás armas, tropeja irado do alto do Vaticano, accende as fogueiras da Inquisição, e trava com o seu adversario uma lucta desesperada; mas, serenada a tempestade, ve-se apenas um culto de pe sôbre o cadaver do vencido...

Foi durante este duello, que o sublime exilado se desencadeou dos fragedos do Caucaso, e veio despertar a humanidade do lethargo, em que jazia, apontando-lhe ao longe a terra da promissão. Agora bafeja Descartes e Bacon, logo Leibnitz, Kant, e mil outros, e mais tarde pela voz do gigante Mirabeau prepara o surpreendente cataclismo do mundo velho,—o famoso 89,—a que o seculo actual deve o diluvio de luz, que o inunda... A ti pois, o nosso puro incenso, ó nobre voluntario do pensamento, que emancipaste o crente, e preparaste a liberdade do philosopho, do cidadão, e de todos os mais estados do homem!» 'Numa palavra, o que cre na revelação, e portanto na immutabilidade do ideal da humanidade, diz, e com razão, que a Reforma foi um mal: o que porém sustenta, que — o mundo marcha,— e que, por consequencia, o ideal vae soffrendo as suas modificações através dos seculos, replica, que foi um bem.

— Estou pasmado da propriedade da tua phrase, e do vigor do teu estylo!!... Mas, falando sério, qual é a tua opinião?

— Que innocente! Ignoras por ventura, que neste seculo, em que o estandarte da liberdade fluctua em todos os pontos do horisonte, ainda desgraçadamente entre nós está pendente sôbre a consciencia a espada de Damocles?

(Continúa).

J. Jacintho Nunes.

POESIA

OFFERECIDA POR JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES,
NA RÉCITA DO THEATRO DA GRAÇA

AO SR. EMYGDIO FERRAZ DE CARVALHO

A voz é som que mata
do espirito as grandezas,
se em suas estreitezas
a lingua as não retrata:

assim, quando o teu genio
de consumado artista
assombra a minha vista
nos thronos do proscenio,

então tudo me falta!
Emprehendo e nada pinto.
De tanto que hoje sinto
a lyra nada exalta!...

Mas fique a voz em calma
nos intimos do peito...
mudo rebente o preito
dos seios da nossa alma.

Coimbra, 22 de novembro de 1863.

J. Simões Dias.

UMA VISITA AO MOSTEIRO DE LORVÃO

AO MEU MAIS PARTICULAR AMIGO

Casimiro Antonio Pessoa

(Continuado do n.º 2)

III

Se é certo que ninguem vae a Lorvão que não visite o convento, porque o convento é Lorvão; tambem é certo que poucos são os que la vão, que não vão passear ao Souto. Dizem-m'os os encantos que para la nos arrastam, e as muitas inscripções que por alli se lêem, e escriptas a lapis nas paredes d'uma pequenina casa, que

la se perde escondida entre arbustos e silvados (a); e os nomes de muitos academicos — e de alguns que me são bem caros — que se vêem entalhados nos troncos das nogueiras e nas pedras dos assentos. Lá vi o de muitos amigos e companheiros de estudo, como o de A. Rodrigues da Silva, M. Simões Alegre, Valerio N. de Moraes, e outros muitos que seria fastidioso enumerar aqui; todos meus condiscipulos ou pelo menos contemporaneos, que me fizeram recordar com saudade do nosso tempo de Coimbra, e aborrecer mais uma vez o longo tempo de ferias. Este pittoresco passeio, o unico que alli se nos offerece, é numa porção de cêrca abandonada, e em desprêzo, no que bem se parece, seja aqui dicto de passagem, com o nosso poetico passeio das Lagrimas; mas é mesmo naquelle abandono que mais se revelam seus encantos e attractivos. Percorrendo um estreito carreirinho que se estende em suave declive pelo valle acima, vae o visitador gosando da fresquidão d'um ribeirinho que se vae despedindo em suspirosos queixumes, dar comsigo ao sitio da India.

Foi alli, como em parte alguma, que eu senti correr pela alma effluvios da mais sublime poesia. É talvez o sitio mais pittoresco de todo o Lorvão.

Se algum dia o meu leitor ou leitora visitar Lorvão, não deixe de subir á India e sentar-se, pelo menos durante uma hora, nos poiaes da Eira. Se tiver uma alma sensivel, — como eu creio — ha de sentir alli o que eu senti, e que não posso explicar-lhe aqui, porque o que alli se sente não se escreve. Para deleitar a vista tem em frente de si a parte mais mimosa da cêrca; que, elevando-se pela encosta, em ajardinados canteiros matizados por mil alfobres de verdura e flores, parece um altar erigido á natureza, onde as virgens do Senhor, depois das horas do côro, vão dirigir fervorosas preces ao Supremo Auctor d'ella; e tanto que lá se vêem, aqui e alli, singelas capellinhas onde ellas se recolhem em oração.

Esta parte da cêrca, onde cada religiosa tem a sua sorte, é fertilissima principalmente de hortaliças e fructas porque é toda regada por um bem ordenado systema de caleiras, que arastando-se como cobras ao longo das quebradas da encosta, lhe vão buscar a agua ás faldas da serra que remata o vale do Souto.

As plantas d'este throno magestoso erguido alli pela mão da natureza, e guarnecido pela mão do homem ajudada pelo gosto da arte, é que se assenta em espaçoso terraplano, o vasto

(a) A que chamam ainda hoje a casa do cha.

e monumentoso edificio do convento, deixando ver por cima da cupula do zimbório — elevada e magestosa fronte de gigante! — o quadro que deixámos apenas esboçado, e em presença do qual por mais d'uma vez tentei vibrar as cordas da lyra, mas baldados eram meus intentos; não me era possivel exprimir o infinito que alli sentia a alma. Alli foge o homem da terra, e perde-se na vastidão da immensidade. Era a meu lado o meu caro Casimiro Antonio Pessoa; amigo collegial de sete annos; um excellente mancebo que gosou sempre da sympathia de todas as pessoas que o conhecem; que ainda hontem completou com muita dignidade o seu curso theologico, e ja hoje occupa dois lugares dos mais culminantes na escala social. O sacerdote e o mestre são talvez os dois unicos arbitros dos destinos da sociedade; pena é que ainda para elle se olhe com tanto desprêzo e desconsideração, mas temos fe que em pouco tempo se lhes apontará o logar que lhes compete ao banquete social.

O meu amigo é hoje sacerdote e um dos mais dignos professores d'este districto, tendo merecido até ja o honroso epitheto de *professor modelo*.

Ai! quantas vezes elle me perguntou o que eu tinha, e porque estava assim tão triste e melancholico, ao que eu nem sabia que responder. Olhá Casimiro, disse eu interrompendo o meu silencio, não sei o que sinto; ha um não *sei que* a embriagar-me a alma que me faz estar assim.

Este logar recorda-me o tempo que ambos passámos em Coimbra. Aquelles passeios ao Penedo da Meditação; aquellas noites de luar no Penedo da Saudade; aquellas tardes á sombra dos altos cedros dos Amores; os castellos que nós por alli formámos no futuro; os protestos de amizade fraternal que nós reciprocamente nos jurámos; tudo isto, Casimiro, agora me assalta a mente: gostava de ficar em Lorvão contigo; viver sempre contigo, chamar-te amigo e irmão; mas ja que a minha penosa vida me não deixa realizar nossos protestos; recebe em teu bom coração este meu desafôgo; o mais sincero testemunho da nossa íntima amizade e das muitas saudades que levo de ti e de Lorvão. Dá-me um abraço e adeus!

Quinta dos Covaes, 23 d'agosto de 1863.

F. A. Duarte de Vasconcellos.

QUE NOITE!

Que noite! que noite de mágico enleio!

Que sonhos, que anceios, que arroubos alli!

Que ethereos momentos de etherea magia!
Que infindos anhelos que est'alma sentia
Por cada sorriso que vinha de ti!

Que noite! que noite de mágico enleio!
Como inda te vejo, qual eras então,
Tão rica d'encantos, ó rosa d'amor!
E vejo a florinha d'eburneo alvor,
Finar-se d'inveja, pender-te da mão.

Que noite! que noite de mágico enleio!
Como inda ca sinto por dentro lavar
Dos olhos o fogo que o peito calcina,
Que enleva, que arrasta, deslumbra, fascina!
E... qual mariposa, deixei-me queimar.

Que noite! que noite de mágico enleio!
Que sonhos, que anceios, que arroubos alli!
Que ethereos momentos de etherea magia!
Que infindos anhelos minh'alma sentia
Por cada sorriso, que vinha de ti.

Augusto Ferreira.

CHRONICA

Ja sabemos que a passada ainda *amargou* um pouco; não admira; ha por ahi paladares tão melindrosos! O chronista empregou ja muito de proposito, mas sem a mais leve intenção de offender susceptibilidades, dois *verbos* differentes para exprimir a mesma ideia. Foi apenas uma experiencia que quiz fazer, e que lhe sahio como elle ja esperava.

D'onde nascerá tanta antipathia?! qual a causa?! não sabemos. Sabemos so que se toda a liberdade tem o seu martyriologio, a liberdade academica tambem conta alguns martyres no seu. Pois bem; seja-se embora martyr, mas seja a liberdade a palma florescente do martyrio. Que mais podia esperar quem la de longe junctou o seu ao brado da academia, e disse — eial que sois livres?!

Tambem o Apostolo foi apedrejado por aquelles a quem prégava a verdade! Tambem o Christo apontava aos homens a estrella de felicidade, em quanto elles o conduziam ao Calvario a cravar-lhe na frente a coroa de espinhos! É que os homens não *sabiam* o que *faziam*, e o Christo perdoou-lhes!

Vinde agora dizer ao chronista da *Chrysalida* que elle não tem razão para falar, porque ainda ninguem desconsiderou o *academico* que ensinou a ser academicos os academicos de Coimbra. — Vinde, que se lhes quizerdes negar ou-

tros factos, não lhe podereis esconder as palavras do evangelho academico profanadas nas columnas do *Torniquete*.

Vós não podeis ver o chronista porque elle diz a verdade, e o brilho da verdade cega!...

Tambem não quereis que o chronista fale da ingratidão feita a Mendes Leal?! ao homem — unico! — que vendo sobre nossas cabeças a espada da justiça, levanta o braço, e diz «Pára, que é innocente!» Se não quereimos ir visitar o mestre illustrado, — que ja isso é orgulho estúpido e mal entendido, — porque não havemos ir agradecer ao protector bemfazejo?! andae, respondei, se poderdes; que a tal respeito so mais vos diremos por hoje «*vanitas vanitatum, et omnia vanitas.*»

Para algum leitor que julgar que isto não é chronica, porque duvide que o que deixamos dicto sejam factos; ahi vae.

Na occasião em que SS. MM. sabiam d'aqui para o Porto deu-se um facto bastante desagradavel, e com quanto fôsse no meio do calor do entusiasmo com que a massa do povo acclamava os reaes viajantes, não passou comtudo desaperccebido.

Ignoravamos ainda o facto, e por isso nada dissemos a tal respeito na chronica passada, mas hoje informados por pessoas que o presenciaram, e porque é nossa divisa não poupar ninguem, recommendámos mais cautella para a volta aos cocheiros da comitiva real, e lhes lembrámos que a academia de Coimbra tem muita dignidade para repellir com orgulho a ponta de um *azorrague*...

Os jornaes de Lisboa têm fallado todos os dias do grande incendio do Banco, da Municipal, etc., que todos ja sabem. Os do norte todos os dias nos dão noticias da viagem de SS. MM. Em toda a parte são recebidos no meio de calorosos vivas, debaixo de nuvens de flores, de sorrisos e de bençãos. Nem outra coisa é de esperar d'este Rei e d'este povo! Que chegam de volta aqui no dia 6.

Estamos anciosos pela sua vinda por aqui; não nos fartámos de olhar para aquelles anjos. Coimbra ainda não fala em mais festejos; mas a academia, a lembrança d'alguns briosos mancebos, ja se prepara para receber d'uma maneira o mais brilhante possivel o seu monarcha — pretende illuminar e abrilhantar a toda a rua Larga, a expensas suas, desde o Castello até a porta da Universidade.

Louvámos e unimo-nós a tão feliz lembrança. Acções d'estas hão de sempre representar a academia como ella é; embora alguns — bem poucos felizmente — de seus filhos pretendam

loucamente marear-lhe o brilho. Não pôde uma pequenina sombra encobrir o sol...

No theatro de D. Luiz tem continuado os engraçados bailes dos *meninos florentinos*.

A concorrência vae diminuindo, embora não diminua o merito das creanças — tem-se dançado muito, e os *porte-monnaies* também se cançam.

Pelos camarotes pouco tem havido que mereça especial menção 'nestas duas últimas récitas.

As *damas* do camarote, n.º 2, são quem tem valido á plateia para não se ter morrido de sem-saboria nos intervallos dos actos.

O espirito que d'este camarote se difunde por todo o theatro, tem substituido perfectamente a falta d'animacão que se tem feito sentir por todos os outros.

Na última récita (26) o theatro *alto* era um perfeito deserto... sem flores. Apenas no n.º 7, da 2.ª ordem, se viam tres mimosas açucenas e um botõesinho de rosa — e no n.º 11 da mesma — aquella mulher — typo de andaluza — de que já fallámos d'outra vez.

Coimbra, 28 de novembro de 1863.

O *chronista*.

EXPEDIENTES

Alem do fim caritativo a que mira esta publicação, outro de não menor valia tem ella em vista. Chamar ao trabalho os espiritos ociosos também é caridade. Parece que podemos congratular-nos por havermos attingido este fim; pois que myriades d'escriptos tem affluído em volta da *Chrysalida*, como abelhas em volta do tomilho. Os versos principalmente teriam a esta hora suffocado o nosso jornal, se 'nelle os tivessemos publicado: o que não fizemos nem fazemos para que os seus auctores nos não acusem no futuro de excessiva complascencia, que muito desagradaria a certos paladares.

Agradecemos, todavia, a boa vontade com que alguns academicos se levantaram ao nosso chamamento, para este festim litterario; e se hoje 'nelle se não podem sentar, talvez para o futuro lhe seja offerecido o primeiro logar. Não vae 'nisto o incenso da lisonja; pois que entre os muitos ramilhetes, que nos foram offerecidos, muitas flores embryonarias por la vimos, que, desabrochadas e melhor dispostas, abrihantarão no futuro a corôa dos seus auctores; porisso: adiante srs. J. L. e A. F. P., etc., porfiemos como Colombo: na sciencia ha muitos mundos por descobrir.

Ao sr. Alexandre da Conceição agradecemos

especialmente a mimosa poesia, com que nos brindou e que verá publicada na *Chrysalida*. Esperámos que nos honre com mais escriptos de sua lavra por nós tão apreciados.

Os srs. assignantes de fóra de Coimbra podem satisfazer o importe da sua assignatura em vales do correio ou em estampilhas, enviadas a esta redacção, o que podem também fazer, se mais lhe convier, em Vizeu, em casa do sr. Joaquim da Costa, — livreiro, rua da Cadeia; em Monte-mór, na loja do sr. Novaes, á praça; na Redinha, em casa do sr. Francisco Manso Preto; em Lisboa, em casa do sr. José Rocha da Silva Sanches, rua de Sancta Apollonia, rua da Cruz n.º 8; e na travessa do Pintor n.º 13, em casa do ill.º sr. Antonio Luiz dos Sanctos

A redacção d'este jornal mudou o seu escriptorio para a rua dos Estudos n.º 22.

Todo e qualquer escripto ou reclamação que não for enviado *exclusivamente* ao administrador responsavel, sera tido como não recebido.

Agradecemos a todas as redacções que têm tido a summa delicadeza de trocar os seus jornaes com a *Chrysalida*. Orgulha-nos ver que lhes não é indifferente o pobre helminto litterario.

O administrador responsavel
Duarte de Vasconcellos.

Os directores d'este jornal, não sendo homens encyclopedicos, e porisso não podendo prever se todos os artigos inseridos na *Chrysalida* são da lavra da pessoa que os assigna, devolvem de si toda a responsabilidade, que alguém lhes poderia imputar proveniente de plagiatos perpetrados por outrem, 'nalguns artigos que se têm publicado.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

FATALIDADES DO AMOR

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.



REGRESSO DE SUAS Magestades A COIMBRA

A formosa Rainha do Mondego; a patria de Martim de Freitas; o alcaçar das sciencias portuguezas; o theatro dos amores desgraçados do filho de Affonso IV — a séde de D. Diniz e de D. João I, acaba de gosar por tres dias, involta nas galas do mais jubiloso enthusiasmo, dos seus foros d'antiga côrte.

Coimbra despe hoje com saudade as galas de Princeza com que hontem se ataviava para receber em seu seio os *augustos nettos* dos dois martyres da liberdade — o Rei soldado, e o soldado de Novára.

No dia 6 pelas duas horas da tarde, do alto do capitolio das letras, — da torre da Universidade — Coimbra annuncia em estrepitosos brados de girandolas e repiques de sinos a seus habitantes, que se avizinham dois Anjos vindos das partes do norte, de premiar os operarios que mais se distinguiram no mundo da industria e do trabalho, e que vêm cobrir agora á sombra de suas candidas azas, os filhos mais queridos da sciencia. É sublime ésta festa porque é do Rei e do povo; que é de todos porque é a festa do trabalho. Por isso o povo corre nas azas de delirante enthusiasmo, e 'num momento Coimbra resume-se 'num ponto so. Á Ponte d'Agua de Maias ha uma pinha de gente de todas as condições, sexos e edades, que é quasi impossivel romper. Não obstante isto, uma grande parte da academia, que em taes momentos não concebe que haja cousa alguma que a possa separar de um *Rei sympatico* e de uma *Rainha piedosa*; rompe por meio d'aquella massa compacta, e vae postar-se em duas alas na frente de todos.

As tres horas em ponto apparece a comitiva real acompanhada por muitos par-

ticulares, como o ex.^{mo} conde da Graciosa e seu dignissimo filho, Reitor da universidade, bispo conde, governador civil... e outros muitos personagens, constando, ao todo, o sequito de mais de vinte trens.

SS. MM. foram recebidos debaixo do magnifico pavilhão real que alli se tinha erguido, onde o presidente da camara lhe fez entrega das chaves da cidade, e se cumpriram as demais etiquetas do estylo.

Em seguida, no meio de duas alas de academicos, e ao som de estrepitosos e entusiasticos vivas que partiam do meio do povo, em carrinho descoberto o Rei e a Rainha, acompanhados da duqueza da Terceira, e do ministro da marinha entraram na rua da Sophia, que, adornada de cobertores de damasco, de postes embandeirados e ligados entre si por festões de murta e louro, bordados de flôres, offerecia uma vista deslumbrante. De cima choviam nuvens de flôres sôbre o coche de SS. MM., lançadas pelas muitas e bem vestidas damas que acenavam ao mesmo tempo com seus lenços brancos. O Rei e a Rainha agradeciam tantas demonstrações de jubiloso affecto com respeitosas venias. Assim percorreram o trânsito pela rua do Visconde da Luz, Calçada, Couraça de Lisboa, rua dos Militares, Castello, e finalmente Largo da Feira, onde foram recebidos á porta da sé cathedral pelo ex.^{mo} Bispo Conde e Cabido, seguindo-se o *Te-Deum* mandado celebrar pela camara municipal.

Alem de SS. MM. e sua real comitiva, assistiram a este acto o corpo cathedratico da universidade e lyceu, todas as auctoridades, trinta voluntarios da Rainha da campanha do Porto, todos fardados, e um concurso immenso de povo de todas as classes, sendo a maior parte academicos. Em quanto durou ésta cerimonia religiosa, a academia agora toda reunida postou-se em duas alas desde a sé pela rua dos Loios, e rua Larga, até á porta ferrea da universidade.

SS. MM. acabado o *Te-Deum* foram conduzidos debaixo do pallio pela camara

municipal, desde a porta da sé até á sua real residencia da universidade, em cujo atrio os esperava a fôrça d'infanteria 9, com a philarmonica *Boa-União*.

SS. MM. durante este trajecto eram precedidos por todo o corpo cathedratico com as suas insignias; atraz do pallio seguiam-se os voluntarios da Rainha e a fôrça de infanteria 14, estacionada'nesta cidade, acompanhando as musicas do regimento 14 e *Conimbricense*.

Recollidos ao paço da universidade, SS. MM. dignaram-se mostrar-se um momento depois ao povo, que os cumprimentou com acalorados e repetidos vivas, a que correspondiam com todo o respeito.

Á noite principiou a illuminação. O effeito da alameda, ajardinada e illuminada pela academia não póde descrever-se. Era um d'esses jardins phantasticos que por ahi nos descrevem as imaginações dos poetas!

Do lado do paço erguia-se um gracioso coreto em caramanchão, onde tocava a philarmonica academica durante o jantar de SS. MM.; findo o qual ás nove e meia, principiou o theatro academico, dignando-se SS. MM. assistir a todo o spectaculo.— Foi á scena o historico e apparatuso drama do eximio litterato portuguez o sr. Mendes Leal — D. Maria de Alencastro.

Para fazer ideia da maneira brilhante e apparatusa por que se achava decorada a sala do theatro, basta dizer que tinha sido tudo feito e regulado pelo gôsto de academicos.

Logo que SS. MM. entraram no camaroté real, tocou a orchestra o hymno d'El-Rei, e resoaram por todo o theatro freneticos vivas.

SS. MM., os espectadores, e senhoras nos camarotes, tudo estava de pe, e acenavam com seus lenços brancos. O quadro que agora aqui se nos apresenta é para imaginar-se e não para descrever-se. Acabado o hymno real, o ex.^{mo} sr. dr. Raymundo Venancio Rodrigues, presidente da academia dramatica, rompeu os vivas a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, a Sua Magestade a Rai-

nha a Senhora D. Maria Pia, ao Principe Real, a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, ao Senhor Infante D. Augusto, á Carta Constitucional, ás liberdades patrias, á casa de Bragança e de Saboya, que foram correspondidos pelos espectadores ainda de pe.

Seguiu-se o spectaculo excellentemente desempenhado por todos os actores, distinguindo-se principalmente Soares Franco, Tello, Guedes, Nuno, e Valle no papel de D. Maria de Alencastro, a quem num dos intervallos foi offerecida e distribuida por todo o theatro a seguinte mimosa poesia do distincto poeta academico, o sr. J. Simões Dias:

(A J. VALLE)

O genio é como o sol, que a luz brilhante espalha em fios de ouro sobre as flores. Como elle o vejo agora, neste instante espalhando no palco os seus primores.

Se o ter muitos vassallos é realza, e em volta os corações submissos ver; tens de rei no proscenio a grandeza, que os nossos corações fôrça a render!

Bem sei que 'nessa frente ja pousaram mil flores, d'entre as quaes a gloria nasce; mas tambem nunca frontes se c'roaram, que logar para c'roas não ficasse.

Enfeixa os louros de hoje, e guarda-os n'alma, como um nome se guarda na memoria. No palco, onde a realza achou um Talma, surgiste á soberania — achaste a gloria!

Findo o drama, foi chamado fóra o seu digno auctor o sr. Mendes Leal, que mesmo do seu camarote agradeceu em repetidas palmas e delicados acenos de cabeça. E assim acabaram as demonstrações de júbilo e alegria do dia 6.

Escusado é dizer que os camarotes eram todos primorosamente ornados e bem guarnecidos de lindas e mimosas flores. Não haviam so rosas do Japão; haviam tambem flôres de Condeixa, d'Anadia, de Cantanhede, de Poiares, e d'outros muitos canteiros d'este lindo jardim de Portugal.

Na segunda-feira, 7, antes de almoço foram SS. MM. em companhia dos srs. ministros do reino e da marinha, Bispo Conde, Reitor da universidade, e parte da real comitiva ao templo de Sancta Cruz visitar os tumulos do grande fundador da monarchia portugueza, e de D. Sancho I.

De volta ao real paço da universidade, foi-lhes servido o almoço, para assistir ao qual SS. MM. se dignaram convidar, alem d'outros distinctos personagens, a commissão academica encarregada de felicitar a SS. MM.; a commissão encarregada dos festejos academicos, e a commissão da academia dramatica.

Em seguida ao almoço, por volta do meio dia, teve lugar na sala dos capellos a solemne festa da distribuição dos premios aos academicos que mais se haviam distinguido no proximo anno lectivo preterito.

Os premios eram distribuidos aos alumnos pelas régias mãos de Sua Magestade o Rei que tomava lugar no tópo da sala onde se lhe havia armado um magnifico throno com docel de veludo carmesim. Sua Magestade a Rainha tomava lugar na tribuna real ao lado direito de seu augusto espóso.

Do mesmo lado em pavimento inferior era o ministro do reino, e logo em seguida o sr. Reitor da universidade e Bispo Conde. Á esquerda d'El-Rei estavam os srs. ministro da marinha e ajudantes. Os grandes do reino e as faculdades occupavam os seus logares respectivos nos doutoraes.

A Rainha estava em cabello simples — como sempre a vimos — e de vestido cor de azul celeste. O seu rosto angelico era o ponto onde iam convergir as vistas de todos. Ninguem se saciava de ver aquelle anjo de sympathia e bondade!

Os espectadores fóra da teia estavam todos de pe, e ainda assim o vasto pavimento da sala era uma pinha de gente, a ponto de alguns estudantes chegarem a perder a capa no apertão.

A festa principiou por uma excellente allocução dirigida a SS. MM. pelo sr.

Reitor da universidade, nos termos seguintes:

ALLOCUÇÃO

Senhor!

A universidade de Coimbra, que sempre deu publicos testemunhos d'amor e lealdade a seus Reis naturaes, sente-se hoje cheia de júbilo por ver a Vossa Magestade e a Sua Magestade, a Excelsa Rainha, neste alcaçar das sciencias; e acha-se curvada com o reconhecimento, o mais profundo, pela merce, que Vossa Magestade lhe faz de honrar com sua augusta presença ésta festa academica.

Hontem pela régia mão de Vossa Magestade foram em Braga galardoados os vencedores nas luctas da industria agricola; hoje em Coimbra condecora Vossa Magestade os estudantes distinctos com os titulos maiores, que estes podem adquirir nos certames da intelligencia. Acolá inspirou-se Vossa Magestade nas recordações do Rei lavrador, e do augusto amigo do trabalho; aqui segue as tradições gloriosas de dois monarchas, que foram os grandes reformadores e protectores d'esta universidade.

Eu não devêra, Senhor, neste acto solemne affastar da sagrada pessoa de Vossa Magestade a minha attenção um so momento. Porem, Vossa Magestade accrescenta tão grande preço ao valor intrinseco dos premios academicos, que me animo, com a permissão de Vossa Magestade, a dirigir duas palavras á esperancosa mocidade academica, com quem Vossa Magestade tem de regular os futuros destinos da patria.

Estudiosos mancebos, que, pelo vosso talento e constante applicação, tiveste a ventura de serdes, no anno lectivo findo, premiados pelos vossos mestres, perseverae. Os trabalhos litterarios são grandes: as honras porém são maiores.

E vós outros, briosos mancebos, que não podestes neste anno obter a honra de receber da mão do vosso Rei um titulo de premio, de partido, ou *accessit*, não desanimeis. Redobrae os vossos esforços; porque a porta da gloria litteraria está aberta para todos.

E vós finalmente, illustre academia de Coimbra, contemplae em El-Rei, o Senhor D. Luiz I, o neto e successor do Senhor D. João IV, cuja gloriosa acclamação recordastes solememente, ha poucos dias. Se for necessario, em defeza da religião, do Rei e da patria, segui o exemplo dos jovens filhos de D. Philippa de Vilhena. E seja o moto de nós todos — sciencia, liberdade e independencia nacional.

A que Sua Magestade El-Rei se dignou responder de pe da maneira seguinte :

Discurso real

«Nas páginas d'uma nobre historia tem pasado de seculo a seculo as tradições de amor e lealdade na antiga e preeminente universidade de Coimbra. Lealdade e amor aos seus reis e liberdades foi sempre brazão de portuguez. Neste alcaçar das sciencias não podiam deixar de predominar os sentimentos da nação.

«Assim como estes affectos herdados continuam e se acrisolam na benemerita corporação cathedratica e academica, assim os exemplos dos meus antecessores, que em epochas diversas tão claramente manifestaram a sua sollicitude por esta universidade, me estão indicando o norte que me cumpre seguir.

«Premiar o merito devidamente reconhecido e authenticado pelo voto dos competentes é dever dos reis, aprazível dever entre tantos tão arduos.

«Nestes incruentos torneios, francos a todas as aspirações, o triumpho so deve ser estimulo e nunca desar. Os vencedores de hoje acharão emulos amanha, e em tão honradas porfias ganhará sempre a sciencia e a patria.

«Á illustre universidade, e á briosa academia está confiada uma nobre e gloriosa missão. Sera em todo o tempo digno d'ella este grande corpo, e em quaesquer circumstancias nunca este desmentirá nem as memorias do passado, nem os sentimentos que exprime.»

Em seguida, pedindo venia a SS. MM., recitou o sr. conselheiro Francisco de Castro Freire, um dos primeiros ornamentos e decano da faculdade de mathematica, por parte do corpo cathedratico o seguinte bem elaborado

Discurso

Senhor!

Permitta Vossa Magestade que, á voz, auctorisada e eloquente, do digno chefe d'esta corporação, eu accrescente algumas palavras em desempenho da honrosa missão que me cabe: e que, em nome da universidade, eu repita as mais cordeaes felicitações a Vossa Magestade pela sua boa vinda, em companhia de Sua Magestade a Rainha, a estes paços reaes; e, ao mesmo tempo, apresente a Vossa Magestade o testemunho do nosso mais vivo reconhecimento pela prova, altamente significativa, da protecção

que Vossa Magestade se dignou dar á universidade, vindo honrar com a sua augusta presença a festa mais solemne d'esta academia.

O júbilo e enthusiasmo que, por tão fausto motivo, animam hoje o corpo docente, a mocidade academica, e toda esta brilhante assembleia, transluzem tão claramente, e reflectem-se em todos os rostos com tanta viveza e força, que, para serem apreciados por Vossa Magestade dispensam felizmente quaesquer ornatos oratorios, quaesquer flores d'eloquencia, a que eu, so mal e a custo, poderia recorrer.

Senhor! Ha pouco mais d'um anno, quando todo Portugal festejava o vosso auspicioso consorcio, tambem a universidade de Coimbra solemnisou aquelle dia memoravel, e de verdadeiro regosijo nacional, inaugurand' neste alcaçar das sciencias o vosso retrato, que alli vêdes, a par d'os de todos os vossos egregios predecessores. Cedendo ao lisongeiro convite do sabio e venerando prelado, que então era d'esta universidade, tambem 'nesse dia tive eu a honra de servir d'intérprete dos sentimentos de júbilo e prazer d'esta illustre academia.

Por essa occasião dizia eu aqui, invocando o nome de Vossa Magestade: — Iris de bonança, depois da aspera tormenta que tanto abalou a nau do estado, o vosso feliz consorcio, Senhor, promette a Portugal, com a estabilidade da dynastia constitucional, dias bellos de paz, de concordia e de prosperidade pública.»

Estas esperanças, que então nutriamos, e que hoje vemos em grande parte realisadas, não eram prophecias vans e temerarias; eram as consequencias naturaes da confiança, que todos depositavamos na Providencia, sempre desvelada pela prosperidade d'esta boa terra de Portugal; eram as consequencias do conhecimento que tinhamos da bondade de coração, das virtudes e illustração d'um Rei, moço ainda, mas que subira ao throno preparado ja pela mais apurada educação, pelos mais proveitosos estudos, por viagens longas e instructivas, e até por trabalhos e duras provações.

Na verdade, Senhor, o anno que tem decorrido, depois do vosso feliz consorcio com Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, ha de ficar memoravel nos annaes da patria pela completa concordia e paz que tem reinado entre a familia portugueza, pela estreita união em laços de amor e lealdade entre o povo e o rei, e finalmente pelos consideraveis melhoramentos que se têm operado em diversos ramos da administração pública. E, para coroar tanta fortuna, foi Deus servido abençoar, ha pouco, o vosso consorcio com esse fructo mimoso, pe-

nhor seguro da estabilidade da dynastia reinante, pelo qual todos os portuguezes tão anciosamente suspiravamos. Sua Alteza Real o Principe D. Carlos, herdeiro das gloriosas tradições das casas de Bragança e Saboya, sera, assim o esperámos, afortunado e grande, não por descobrimentos através de mares nunca d'antes navegados, não por conquistas de remotas e vastas regiões, mas pelas descobertas mais solidas de mananciaes de riqueza e prosperidade pública, mas pela conquista mais sancta dos verdadeiros progressos moraes e civilisadores, por meio dos quaes a nossa amada patria ha de vir a ser grande e ditosa.

Em Vossa Magestade tera elle o mais brilhante exemplar para esses destinos futuros. Vossa Magestade tem reconhecido que a nossa completa regeneração so póde realisar-se por meio da educação religiosa e instrucção popular, pelo desinvolvimento do amor ao trabalho, pela sciencia e pela liberdade. Por isso, comprehendendo e desempenhando os deveres de verdadeiro Rei constitucional, Vossa Magestade brinda, protege, visita e anima as nossas escolas primárias e os institutos d'educação. Por isso, acompanhado de sua régia e virtuosa Espôsa, Vossa Magestade corre, por entre saudações e vivas jubilosos, ás exposições dos productos do nosso solo e da nossa industria, e digna-se conferir por suas régias mãos os mercedos premios aos nossos agricultores, fabricantes e artistas mais aprimorados e intelligentes. Por isso, finalmente, seguindo nobres tradições e trilhando as pisadas de seu chorado Irmão o Senhor D. Pedro V, e de sua virtuosa Mãe a Senhora D. Maria II, Vossa Magestade apresenta-se hoje protector d'esta universidade, distribuindo tambem aqui por suas proprias mãos os premios e honras aos alumnos que, no preterito anno lectivo, mais se abalisaram na cultura da sciencia.

Senhor! Os estatutos, pelos quaes ainda hoje se rege esta universidade, decretados no reinado d'El-Rei o Senhor D. José I, de gloriosa memoria, e talvez por sua data de 1772 alcunhados de velhos e retrogrados por alguma gente, que nunca lhe abriu a primeira página, alem de serem o documento mais brilhante e irrefragavel, que ainda hoje podêmos apresentar a nacionaes e extranhos da nossa não recente illustração, são ao mesmo tempo o codigo litterario onde transparece sempre a ideia do verdadeiro progresso, que aspira a aperfeiçoamentos embora lentos, mas seguros, successivos, mas sem abalos, do progresso sensato, que não edifica hoje para derrubar amanha, que não

corta boas arvores para lhes substituir plantas exóticas, que vêm definhando e morrer em terreno improprio. A estes famosos estatutos, ao espirito que os dictou, ao estudo do coração humano que presidiu á sua redacção, aos seus excellentes methodos d'ensino, deve por ventura a universidade a sua existencia até hoje. Esta festa esplendida, esta pompa da distribuição dos premios academicos, la está como uma das suas primeiras prescrições. E é por virtude d'ella que, ainda por último, peço licença a Vossa Magestade para me dirigir á mocidade academica, e recommendar-lhe que corresponda á inapreciavel honra que Vossa Magestade hoje lhe faz, á sollicitude do seu digno prelado, e ao zêlo dos seus illustrados mestres, entregando-se com todo o brio e dedicação ao estudo das sciencias. Assim não so se illustrarão e tornarão uteis a si, mas poderão servir a patria, levando ás diversas carreiras, que ella lhe offerece, os proveitosos fructos que das mesmas sciencias se colhem em beneficio da sociedade.

Mas não basta so illustrar o espirito.

A instrucção sem moralidade é luz que cega e não allumia, é fogo que abraza e não aquece. Cumpre alimentar ao mesmo tempo todos os sentimentos nobres e generosos, os quaes desabrocham espontaneos nos corações da mocidade, sempre que os maus exemplos a não desvaíram, ou perniciosas sugestões a não seduzem.

Confiemos, pois, que os briosos alumnos d'esta academia, esperanças futuras de nação, cultivando os sentimentos religiosos que suas mães lhes inocularam no coração, e conservando os principios d'honra e probidade de que seus paes lhe dão exemplo, respeitarão sempre os seus superiores, e se respeitarão a si mesmos, tornando-se por este modo os filhos mais queridos da patria. Para isso sirva-lhes de norte o nosso illustrado e virtuoso Monarcha, que hoje temos a dicta de possuir entre nós, e que, ainda joven, é ja as delicias da patria, e reina no coração de todos os portuguezes.

Disse.

Em seguida os alumnos premiados receberam de Sua Magestade El-Rei os seus respectivos diplomas, beijando a régia mão.

Terminada assim a maior festa da academia, e recolhidos SS. MM. ao paço real foram alli visitados, na sala do docel, por todas as senhoras e familias mais distinctas que se achavam em Coimbra, titu-

lares, commissões das differentes corporações, etc. Entre éstas eram a commissão academica, a commissão da academia dramatica, e a commissão da sociedade philantropico-academica.

Julgâmos digna de especial menção, entre tantas que por ésta occasião foram dirigidas a SS. MM., a felicitação academica recitada pelo membro da commissão o muito brioso academico, o sr. Vieira de Castro, a qual lhe mereceu um apertadissimo abraço do grande amigo e protector da academia, o sr. Mendes Leal.

Eil-a

FELICITAÇÃO ACADEMICA

Senhor!

Os filhos da universidade de Coimbra, ao tatearem 'nesta hora com a mão o solo do seu paiz, sentem la dentro no coração de todo elle a febre vertiginosa do enthusiasmo, e o anciado estremecimento dos grandes jubilos!

Passa o Rei e a Rainha de Portugal! Preceded-os o clarão, e segue-os o rasto de um me-téoro! Tremulam as bandeiras por sobre as ameias dos castellos, bailam os galhardetes nos postes das esquadras, é harmonia e festa por toda a parte, dessoldam-se e enfileiram-se as turbas, e nas turbas não ha senão alas-de namorados!—Logar pois á academia de Coimbra, alma de vinte annos, alma tambem enamorada, que tem uma crença, um braço, e uma ideia para vir depôr como oblata, 'nesse trajecto, aos pes da sua Rainha e do seu Rei!

Alvorocára-se de contentamento o genio da industria 'num dos angulos do paiz, descerrára elle de par em par os áditos do seu templo, mandára tanger os sinos a rebate de festa nacional, e apontando para as capellas desnudadas conclamára aos povos todos: «entrae, e na pedra de ara uni a ésta data o vosso nome.»

O grito convidativo galgou aos paços da realza, ergueram-se do escabello as magestades, e uma á outra disseram: «Vamos nós tambem, e vamos ser alli os ultimos romeiros; os ultimos, porque fica sempre mais viçosa a derradeira flor na Jerusalem visitada:» 'neste repente vem cortal-os o lacrimoso vagido de uma creancinha onde foi aninhar-se a alma d'elles ambos, e que como elles sera Rei um dia; gela o susto nos ouvidos onde o echo se apagou, mas a alma forte dos Reis de Portugal, revoando aos labios, disse: «os netos de D. Pedro IV e do martyr de Novara aprenderam ja nos fastos de seus

avoengos que o mais bello e suberbo impulso de um Rei é fazer hecatombe dos affectos da sua paternidade particular aos deveres da sua paternidade pública! Quando o rei Dom Carlos acordar do somno da sua infancia encontrará no seu berço gravada com as lagrimas de sua mãe uma data, que sera ao mesmo tempo uma gloria esplendida no passado d'ella, uma lição magnifica para o futuro d'elle! Spartano heroismo! A academia de Coimbra curva-se diante d'elle!

Rei de Portugal! a mocidade academica tem para vós uma saudação, livre, liberrima, e amoro-sissima, porque vós sois para ella, como para o mundo todo, o capitulo de uma historia ja muito avançada em tradições gloriosas, porque sois na terra a synthese das liberdades públicas portuguezas; porque sois para ella so, alem de tudo isso, o primeiro mestre, o primeiro pae e o primeiro amigo!

Rainha dos portuguezes! a mocidade academica tem para vós um voto, sincero, expansivo, ardente! Nas régias mãos o acolhei, se vos não pesa, e comvosco o deixae ir até ao recesso dos vossos paços! Este voto, nós aqui o jurámos todos com a mão sôbre o coração da patria, é o voto pela felicidade de Dom Carlos, voto de lealdade e amor eterno ao nome do vosso filho! *voto eterno*, e assellado ja, porque nos vem a consciencia instruindo a todos de quão magnanimas devem de ser as virtudes insufladas pela filha de Victor Manuel ao neto do libertador da Italia! Tendes, Rainha, uma aurora a educar. Esplendida e coruscante deve ella romper pelo horizonte dos mundos, porque 'nesta hora renasce do augusto consorcio em que um elo uniu a estrella de Italia com o sol de Portugal! E tambem, Rainha, quando no meio dia do seu curso mais fulgidos rebrilharem os raios d'esse astro educado por vós, então, e sempre, e eternamente, a mocidade academica, nós ou nossos filhos, procuraremos a vossa imagem no mais formoso d'esses raios!

Reis de Portugal! A academia de Coimbra tem uma cabeça para pensar em vós, um braço para vos servir, e um coração para vos amar. Assim felicitarão sempre as academias os Reis que eram como vós. Assim felicita a academia de hoje os Reis que são como os Reis da historia!

Coimbra, dezembro de 1863.

A commissão academica: — José Cardoso Vieira de Castro, Antonio Bernardino Cerqueira Lobo, José Braz de Mendonça Furtado, José Leite Monteiro, Manuel de Oliveira Chaves e Castro.

RESPOSTA DE SUA Magestade

«Fulge o ardor do enthusiasmo nas expressões que me dirige a brilhante mocidade academica.

«Sente-se bem e muito 'nessa quadra da vida. Como as flores da primavera brotam os affectos ao sol dos primeiros annos. São das almas juvenis os impulsos generosos.

«Toda a mocidade é esperanza e a mocidade estudiosa verdadeira esperanza é da patria e do futuro.

«Sahem do coração as manifestações da vossa dedicação. Do coração as agradeço e retribuo.

«Aos Reis livres de um povo livre so prazem os livres applausos. Retribuo-os e agradeço-os tanto mais, quanto mais espontaneos, tanto melhor, quanto abrangem tudo o que no mundo me desvella — a minha familia como homem, a minha grande familia como Rei.

«Nas festas da industria, ou da sciencia ha sempre o mesmo pensamento fecundo — honrar o concurso dos prestantes labores — recompensar os que se avantajam nas pacificas lides.

«Operarios da civilisação são todos os que nas diversas espheras da intelligencia e do trabalho, á sombra da paz, cooperam na obra commum.

«Distinguir esses é glorificar a um tempo o seculo e o paiz; e os mais invejaveis titulos dos soberanos são hoje os de paes e amigos do seu povo.

«Aceito-os com alvoroço, e peço a Deus que me dê constantemente inspiração e forças para bem os desempenhar.»

FELICITAÇÃO DA ACADEMIA DRAMATICA

Senhor!

A Vossa Magestade, tão intelligente e desvelado cultor e protector das bellas artes, vem a academia dramatica, penetrada de profunda estima, render preito do mais acrisolado amor e dedicação.

O feriar os estudos graves e as boas letras no seio convidativo das artes bellas, foi sempre empenho d'espíritos bem nascidos, motivo a louvores sempre recrescentes. Consagram-se ao agradável as sobras do util.

O culto das artes no throno attrae-lhe redobrado o culto d'affeição nos povos.

Um sceptro que viceja palmas captiva corações: um diadema que as artes esmaltam, tem fulgor mais vivaz, luz mais vivificadora.

No solio, ao lado de Vossa Magestade enle-

va-nos a filha d'Italia, da patria das artes: — é mais um segurissimo penhor do seu progresso.

Acolha, pois, benigno Vossa Magestade os cordeaes votos que fazemos pela prosperidade do seu reinado.

Antonio Ayres de Gouveia, Macario de Sousa, Rodrigo Velloso.

RESPOSTA DE SUA Magestade

«Agradeço á academia dramatica os cordeaes votos que faz pela prosperidade do meu reinado, e farei quanto em mim caiba para corresponder a esses votos.»

'Nesta mesma occasião se apresentaram tambem os voluntarios da Rainha fardados. Depois de beijarem as régias mãos de SS. MM., El-Rei, dirigindo-se ao sr. dr. Manuel dos Sanctos Pereira Jardim, que elles levavam á sua frente, lhe disse, para o transmittir aos seus camaradas «que muito lhe aprazia os cumprimentos dos restos do bravo regimento de voluntarios, que tantos serviços havia prestado á causa da liberdade; que desejava ver-se sempre cercado d'estes veteranos, restos de uma falange que fôra sempre tão cara a seu Avô e a sua Mãe, e que jamais esqueceria os seus serviços á patria.»

De tarde teve logar no jardim botanico um abundante jantar, dado pela briosa academia a mais de 200 pobres. Mais de 150 tinham sido os convidados, mas a este número accresceram muitos mais, que todos foram acolhidos da melhor vontade, sahindo todos saciados e ainda com muito comer de sobra, que levavam para os dias seguintes.

Alem da muita abundancia e decencia com que as mesas estavam dispostas, a comida era de excellente qualidade e muito bem feita.

Tinham alem de sopa, cozido e arroz, dois pratos do meio, e duas qualidades de sobremesa, tudo acompanhado de vinho com abundancia.

Passava-se ésta scena de caridade no terra-pleno arborizado que limita o jardim pelo lado do Seminario. Tinham sido alli collocadas duas longas e largas mesas em separado, uma para mulheres e crianças, outra para homens.

Eram guarnecidas de lindos e bem dispostos vasos de flores, e as arvores todas enfeitadas com festões e bandeiras de varias côres, offerecendo tudo uma vista pittoresca, mais para observar-se que para descrever-se.

Os pobres eram todos servidos por estudantes e tocavam as muzicas do 14, Philharmonica Boa-União, e Conimbricense, em roda era a massa compacta do povo observando a satisfação e a alegria a transluzir nos rostos d'aquelles infelizes! Quadro sublime de caridade, mais digno por certo do pincel d'um poeta inspirado, que dos traços da minha pobre penna, jamais a mão do tempo pretenderá riscar-te dos fastos da academia de 1863! Acções assim tão virtuosas são gravadas *in aeternum* pelo dedo de Deus no coração de quem as recebe, e na historia de quem as practica! honra ao digno inventor de tão grandiosa ideia... parabens a todos que do coração a acolheram! Practique assim sempre a academia acções tão grandes como ella, e la ao longe soará que é muito outra do que por la se julga; que em corações de vinte annos todos vida, esperança e amor tambem se esconde para apparecer, quando *il faut*, a mimosa e meiga flor da caridade.

Quasi no fim do jantar appareceu Sua Magestade El-Rei no jardim, tendo ido a pe desde os paços da Universidade até alli, para visitar a festa dos estudantes e dos pobres. Quando o Rei chegou ao lugar onde era o jantar, o enthusiasmo tocou o delirio; alguns voluntarios da Rainha chegaram a subir a cima das mesas do budo, e agitando os bonets e derramando lagrimas de contentamento, soltavam freneticos vivas ao Rei caritativo e á mocidade academica.

« É a festa que mais tem encantado o meu coração » disse o Rei. E nem admira. Que outra causa poderia ter dicto d'uma acção tão virtuosa, uma alma toda bondade e virtude?!

A commissão academica, que promoveu e dirigiu ésta tão louvavel festa da caridade, foi composta dos dignos academicos, os srs. José Pereira Pinto dos Sanctos, Manuel d'Oliveira Chaves e Castro,

José de Mendonça Cardoso Lemos e Mello, João Freire Themudo d'Oliveira, Francisco Augusto Castello-Branco, Manuel Ferreira da Silva, e Thomé de Britto Pinto e Albuquerque.

Sua Magestade El-Rei, depois de ter percorrido todo o jardim e examinado com interesse a estufa que se anda concluindo, debaixo da direcção do incansavel director do Jardim Botanico e Lente de Botanica, o ex^{mo} sr. dr. Henrique do Couto, recolheu-se outra vez a pe aos paços da Universidade. Em seguida, teve lugar o jantar, para assistir ao qual SS. MM. se dignaram convidar dois estudantes premiados por cada faculdade.

Seguiu-se depois do jantar, espetaculo gratuito no theatro de D. Luiz I, a que SS. MM. se dignaram assistir, sahindo depois dos dois primeiros actos, por encommodo de S. M. a Rainha, e vindo a pe para o real palacio.

Ao levantar do panno appareceu a sala do palco ricamente mobilada, e ornada ao fundo com um brazão d'armas, e a companhia dos meninos florentinos cantando acompanhados pela orchestra, o hymno de Sua Magestade El-Rei, e o hymno italiano, conservando-se durante este acto todos os espectadores de pe. Foi uma feliz lembrança da direcção do theatro, pelo que lhe damos os parabens.

Seguiram-se depois as *Cartas do Conde Duque*, comedia-drama em dois actos, de maravilhoso effeito e rara invenção poetica, principalmente no segundo acto. Achámos as *Cartas* bem desempenhadas por todos os actores. Em cada entre-acto houve um bailado dos *meninos florentinos*, distinguindo-se por entre todas as meninas *Innocenti, Flori, Liberti, Concheta*, e... e os meninos *Valdechi* e *José Tiroco*.

O theatro estava enfeitado com singeleza, mas com muito gôsto e arte.

Os intervallos dos camarotes eram ornados com festões de flôres e emblemas das casas de Bragança e Saboya, e alternados com grinaldas de camelias perolas e rubis, dentro dos quaes se entrelaçavam as letras significativas *L. M.*

Cs camarotes eram todos lindas cornucopias de flôres, e algumas de bem

mimosas côres; a plateia era uma pinha de gente, tendo de ficar muitos espectadores de pe. As vistas fugiam todas do palco para se irem cravar continuamente nos rostos sympathicos de SS. MM., que, tanto ao entrar como ao sahir da tribuna real, foram victoriados com entusiasticos e acalorados vivas.

Na manhan do dia 8, terça-feira, foram os voluntarios da Rainha cumprimentar a ex.^{ma} Duqueza da Terceira; s. ex.^a apresentou-se pelo braço do ex.^{mo} sr. marquez de Ficalho — typo venerando de verdadeira nobreza e fidalguia; — e apenas o sr. dr. Jardim, á frente d'aquelle trôço de bravos da Asseiceira e da Villa da Praia, principiou a falar, copiosas e eloquentes lagrimas se viram deslisar pelo rosto da nobre duqueza.

Os voluntarios resolveram então entregar a sua felicitação por escripto a s. ex.^a que lhes agradeceu tão delicado cumprimento, retirando-se summaamente penhorada, bem como o ex.^{mo} marquez de Ficalho, tambem soldado valoroso das campanhas da liberdade, a que estes actos sensibilisam sempre; em seguida foi convidada, alem d'outros distinctos personagens, uma commissão dos mesmos voluntarios para o almôço de SS. MM. que, principiando ás onze horas, terminou á uma da tarde. Findo elle SS. MM. dirigiram-se para a real capella da universidade, a ouvir missa. Depois de missa acompanhados pelo corpo cathedratico seguiram para a sala dos capellos.

Sua Magestade El-Rei tomou assento na cadeira real por baixo do docel, e Sua Magestade a Rainha occupava a tribuna á sua direita, assistida pela ex.^{ma} duqueza da Terceira e pelo ex.^{mo} conde de Valle de Reis, ás suas ordens. Sempre singela e afavel, o seu rosto angelical era 'neste dia mais alegre e risonho que no antecedente.

Dispostas todas as coisas convenientemente, tomaram o grau de doutor na faculdade de direito os srs. José Joaquim Fernandes Vaz, e Macario de Castro e Sousa Pinto Cardoso. Do primeiro foi padrinho Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I; e do segundo Sua Magestade

El-Rei o Senhor D. Fernando, representados pelos srs. ministros da marinha e marquez de Ficalho.

A vasta sala dos capellos esteve sempre litteralmente cheia de espectadores, e o corpo da universidade apresentou-se em grande número.

Todas as tribunas d'um lado e d'outro eram apinhadas de senhoras d'entre as familias mais distinctas.

Cumpridas todas as ceremonias determinadas no programma para este acto solemne, foi Sua Magestade El-Rei acompanhado até aos seus reaes aposentos pelo corpo cathedratico.

De tarde, Sua Magestade El-Rei achou-se encommodado, em virtude do que não pôde visitar alguns estabelecimentos publicos. Foram, pela sua real pessoa, os srs. ministros do reino e da marinha, a pe e vestidos á particular, e visitaram o Museu, o Laboratorio chimico, o Lyceu nacional, o Hospital universitario e a Imprensa da Universidade. Durante toda ésta visita s. ex.^a o sr. Mendes Leal nas suas bem cabidas reflexões deu mostras de seus profundos conhecimentos scientificos, e provas da mais rara delicadeza, que o tornam alem de digno d'uma pasta de ministro, um homem verdadeiramente sympathico e tractavel. Tambem nós tivemos a summa felicidade de falar com s. ex.^a, e confundiu-nos a maneira delicada e affectuosa porque aquelle sr., descendo do alto logar que occupa até nós, nos acolheu e tractou.

Á noite houve espectaculo nos dois theatros — academico e D. Luiz I.

SS. MM. não foram a nenhum dos dois pelo mesmo motivo. Foram a ambos os srs. ministros. No academico, deram-se muitos vivas a Mendes Leal.

Tanto 'num como 'noutro, havia enchente real; os espectadores esperavam a assistencia de SS. MM.

No academico representava-se *o anjo da paz* — e a comedia *a mulher deve acompanhar seu marido*. Em D. Luiz I eram os engraçados bailes dos *meninos florentinos*.

Na quarta-feira, 9 do corrente, por onze horas da manhan, sahiram SS. MM. para á côrte.

Duas alas de academicos no meio de continuados e delirantes vivas, todos munidos de bandeiras azues e encarnadas, o que produzia uma vista magnifica, acompanharam a real comitiva desde os paços da universidade, pela rua Larga, Jardim, Fonte Nova, Sancta Cruz, rua do Visconde da Luz, Calçada, até ao cabo da Ponte. Ahi SS. MM. apearam-se, e subindo a ladeira a pe, foram visitar a Sancta Espôsa d'El-Rei D. Diniz, ao real mosteiro de Sancta Clara. Pela ladeira acima foram sempre acompanhados de academicos e grande massa do povo.

Em quanto SS. MM. visitavam o convento, grande número de academicos, não podendo ainda largar alli o seu sympathico Rei, e a sua virtuosa Rainha, partiram com anticipação para Condeixa.

Na volta da visita do asceterio, Sua Magestade El-Rei, que ignorava a resolução que havia tomado a academia, na occasião em que ia a subir para o coche real para seguir para Lisboa, chamou o academico que se lhe achava mais proximo, o estudante do 1.º anno juridico o sr. Heitor Aambar Cabido, e dando-lhe um apertadissimo abraço, lhe disse: que compenetrado dos mais vivos e sinceros sentimentos de estima pela briosia academia de Coimbra, lhe pedia transmittisse aquelle abraço a todos os seus irmãos academicos como o mais vivo testemunho do quanto ia penhorado e a Rainha, sua augusta espôsa, pelo excellente acolhimento que tinha recebido de tão nobre e distincta classe.

O Rei não sabia que diante d'elle, com avance de mais d'uma legoa, corriam abordoados ás suas bandeiras mais de 300 estudantes, que, não podendo separar-se d'elle ainda, o queriam ver mais uma vez em Condeixa.

Este grande trôço de academicos foi apanhado pela comitiva real em Sernache.

D'alli até Condeixa, formados em duas alas, acompanharam sempre os augustos reaes viajantes, entrando na villa no meio de grande entusiasmo e alvoroço, adejando com frenesi as suas bandeiras ao som de vivas os mais delirantes e signi-

ficativos. Ouviam-se sahir do meio da multidão alguns bem expressivos como «vivam os augustos netos dos martyres da liberdade! viva o Rei sympathico e a Rainha virtuosa! viva o Rei que tem o seu throno no coração do seu povo! Etc.

Sua Magestade El-Rei dignou-se agradecer á academia, apertando a mão ao academico do 3.º anno medico o sr. Menterrozo, e pedindo-lhe que em seu real nome e da Rainha agradecesse a toda a academia as muitas e leaes provas de sympathia e affecto que lhes prodigalisaram na sua passagem por Coimbra. Que nunca se esqueceria da briosia academia de 1863!

De volta para Coimbra muitos academicos foram cavalheirosamente bem tratados pelo administrador d'este concelho o ill.^{mo} sr. Abilio Xavier Pereira, e por seu cavalheiroso pae na sua casa de Sernachê; alem de bem hospedados alli, ss. ss.^{as} dignaram-se arranjar carros para virem a cavallo, ao que os briosos academicos não quizeram annuir. Em nome de toda a academia, d'aqui agradecemos os grandiosos obsequios de tão officiosos cavalheiros.

Á proporção que todos iam chegando á ponte, a pe ou a cavallo, iam todos esperando uns pelos outros, até que, reunidos todos, percorreram as principaes ruas da cidade de bandeiras levantadas e entoando continuados vivas ao Rei e á Rainha, á Cidade das letras, á Flor da mocidade portugueza, ás esperanças da patria, etc.

Chegados á porta do seu digno chefe, o Reitor da universidade, renovaram os vivas aos *bravos* de Condeixa, ao Rei, á Patria, e ao Reitor progressista. S. Ex.^a apparecendo a uma das sacadas do seu palacete dignou-se agradecer á academia em termos breves, mas os mais cordeaes e lisongeiros.

Em seguida a academia, dispersando-se, desapareceu.

E assim terminou o regresso e a estada de SS. MM. em Coimbra.

Duarte de Vasconcellos.



O SECULO DEZENOVE

(Continuado do n.º 5)

O mundo marcha para a perfeição; mas perfeição relativa em quanto ao tempo. É marcha lenta e vagarosa; porque a estrada do progresso, como todas as da vida, é cheia d'espinhos e abrolhos: esses espinhos são as luctas gigantes entre os tyrannos e os escravizados, entre os amigos da luz e os amigos das trevas.

Apparece hoje o vulto radiante de gloria de um Garibaldi, e ainda se lhe apresenta fronteira a figura sinistra de um Muravieff; mas Garibaldi é filho de Veneza, Genova, Florença e Piza, cidades que na civilisação europeia deram o primeiro passo; Muravieff é filho de Moskou, cidade que, sendo a primeira, talvez, do imperio, foi reduzida a cinzas pelos seus proprios habitantes, o que certamente comprova a sua barbaria: Garibaldi, representando a europa progressista, está em linha com o seculo dezenove; Muravieff, representando a Russia e a Siberia, é um phantasma do seculo onze.

Ainda hoje ha guerras sanguinolentas, é verdade, e ha de havel-as em quanto houver homens; porque nós, tendo algum conhecimento do coração humano, não acreditamos nas utopias dos que imaginaram uma paz perpétua. Mas a differença está nos meios com que hoje se fazem, e nos motivos que as determinam.

As guerras de hoje fazem-se de govêrno a govêrno, segundo os mais sanctos principios do direito das gentes; os soldados d'ambos os campos são inimigos politicos, e não pessoas. A guerra que ainda anda ateadada na America não é de assassinatos e atrocidades, como a do seculo dezeseis entre os hespanhoes e os indigenas.

As questões de independencia, liberdade e soberania dos povos, quando não são decididas nos congressos, ou pelas nações escolhidas para árbitras, são as que no seculo dezenove originam essas luctas gigantes de nação a nação, e muitas vezes de mundo a mundo; nos tempos anteriores eram a escravatura, a conquista e o roubo.

As nações de hoje convenceram-se de que os meios mais estaveis de prosperidade e adiantamento, e mais conformes com a lei de Deus e da natureza, eram o trabalho, a industria, o commercio: os povos do seculo dezenove, esclarecidos pelo brilhantismo do progresso, não seguem a nefanda e falsa politica de se enriquecerem uns á custa do suor dos outros.

Antes d'essa tremenda explosão de 1789 os reis eram tudo, os povos eram nada, porque eram máchinas dos reis; os reis consideravam-se delegados de Deus; tendo recebido o poder de Deus, so elle lh'o podia tirar — diziam elles. Que cegueira, que loucura!... Mas, pouco depois, os thronos vacillaram, a cabeça d'um monarcha rolou aos pes do algoz: os reis foram chamados a responder pelas suas iniquidades perante o tribunal supremo e terrivel do povo!... Quem sabe de Deus a justiça?... Quem sabe se um so pagaria pelos attentados de toda uma dynastia?...

Seguiu-se depois Waterloo, que produziu esse sudario de 1815. Quiz a realza oppor este dique á manifestação da liberdade que por toda a parte se pronunciava; mas, baldada pretensão! o despotismo tornou a baquear em França no anno de 1830, e os povos, que tinham a vista nos destinos da França, seguiram o seu exemplo.

Hoje, no seculo das máchinas a vapor, dos caminhos de ferro e das telegraphias electricas, todos os povos conhecem a sua situação no universo; todos sabem que vivem para si, para viverem para os outros. O regimen liberal predomina em quasi toda a Europa. É sublime ver como o homem se tem elevado em dignidade moral!

Em vista de todas éstas considerações, quem negará a superioridade do seculo dezenove, com razão chamado das luzes, sôbre os outros?...

Com este pequeno esbôço quizemos demonstrar a excellencia do seculo, em que felizmente vivemos, sôbre a dos ja passados, apresentando as difficuldades que o homem encontra na senda do progresso. Adduzimos primeiramente os argumentos, que nos poderiam aventar os apologistas de Eugenio Huzar, para depois os refutarmos, o que nos parece termos feito.

Até aqui temos considerado o homem no seu desinvolvimento social; nos numeros seguintes havemos de estudal-o isoladamente nas suas faculdades — *razão, liberdade e sensibilidade.*

(*Continua.*)

Coimbra, 2 de dezembro de 1863.

A. Eduardo de Moura.

ADORMECIDA

Dorme, estatua de neve,
Vergontea de marfim!
J. de Deus.

Silencio!... Falae baixo!... Dorme a bella!...
Adeja-lhe nos labios um sorriso
Que o dissereis um ar do paraiso
A perfumar-lhe as faces, a involvel-a!

Não sabeis que existencia é um sonho, quando
Brotta em sorrisos taes 'num labio puro!
É como, se, ao sahir d'um antro escuro,
Entrassemos 'num templo venerando.

Que linda!... Ai! Eu não sei se a flor curvada
Ao beijo perfumado d'uma aurora
Tem mais mimo e frescor do que ella agora,
Assim, soltas as tranças, reclinada.

Eu ja vi nos meus sonhos, pelas séstas,
Surgir ao pe de mim, mas não sei d'onde,
Um anjo que se curva e que me esconde
Nas tranças que eu jurava serem éstas.

As tranças eram de oiro... vi-as perto...
E o mesmo ar socegado e o mesmo riso!...
E se a dormir seus olhos não diviso,
Nunca eu d'uns olhos soube a côr ao certo.

Não é visão, não é!... Visões tão bellas!
E uma visão não dorme nem respira!...
E se ha visões assim, quem não suspira
Por ter 'num sonho uma visão d'aquellas?

Quem a vida levára assim sonhando!
Ao menos não te vira a ti dormindo,
Anjo que me roubaste a alma sorrindo,
Sem eu saber porque, nem como e quando.

Porto, 26 de novembro de 1863.

Alexandre da Conceição.

AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages

IV

Decorreram dois mezes.

'Num Eden devem florir sorrisos: na mu-
tuidade do amor a ventura, um beijo, o anhel

do infinito — a suprema felicidade! Mas é que no Eden rastejou a maldicta serpente: no amor ha um não sei que de triste; 'num beijo ha o veneno da posse. E essa serpente e essa tristeza e esse veneno, estudei-os e apalpei-os evidentemente através do devaneiar de dois amantes: através d'essa sua philosophia epistolar 'nalguns trechos de Gustavo. A última missiva que Eulalia escreveu para Coimbra a Gustavo, era uma propheta que um sonho lhe inspirára: essa propheta reduzia-se a que morreria dentro de poucos dias.

«Recostemo-nos um pouco, escrevia Eulalia, no travesseiro dos prejuizos. Analyseemos com o escalpello do espirito melindroso, o que quer dizer esse sonho que te relatei... Por ventura poderei eu affiançar que esse sonho symbolisa a minha última hora? Attende Gustavo. O Senhor falou sempre a favor dos seus por meio de signaes, por meio de symbolos. Aos primeiros patriarchas appareceu-lhes pessoalmente: e depois essa columna de fogo conduziu o povo de Deus ao deserto. E por meio de visões falou a Pharaó, a Abimelech, a Nabuchodonosor, a Balthasar: e quem foi que inspirou essa formosa Judith a salvar Oseas e os seus, senão uma inspiração divina que o Senhor lhe innoculou por meio de algum symbolo?! Em quanto os prophetas viveram, falou Deus aos homens por meio da bôcca d'elles, e depois que esses nuncios do Omnipotente deixaram de existir tem falado, como diz Vieira, aos homens por meio de cometas: sendo certo que esses signaes celestes so appareceram depois da morte de Malachias, o último dos prophetas.

Ora porque não devemos nós crer que os sonhos são tambem visões enviadas pelo Senhor, para govêrno nosso?»

O sonho de Eulalia reduzia-se a ella ver-se 'num feretro abraçada a Gustavo e á mãe de Gustavo. Em redor á direita alavam muitas cohortes de anjos, e á esquerda havia um abysmo negro e medonho, d'onde sahiam uivos que eram abafados pelas harmonias que os anjos menezes entoavam em citharas e harpas.

De repente o feretro se desfaz, e ella era levada mais a mãe de Gustavo para o Ceu: Gustavo ficára em baixo. Neste ponto diz Eulalia que accordára.

Cogitando 'nesse sonho repetidas vezes uma arruinadora tristeza se apossou de Eulalia. De-finhava visivelmente, de dia em dia.

Gustavo sabendo do estado de sua amante, vem, dando algumas faltas, vel-a.

Esteve algumas horas juncto d'ella, e a donzella pareceu viver como aos quinze annos.

À despedida, Eulalia tomada repentinamente de um pezar íntimo, disse a Gustavo:

— Não ves a minha magreza?

— Vejo, filha, e tenho medo.

— Também eu, porque tu possues um bom coração e eu queria que tu fosses feliz, visto que o não posso eu ser.

— Mas eu amo-te tanto!

— Bem sei... Eu devia gozar muito com isso mas acho so prazer em pensar na soledade, no cemiterio, na morte.

— É célebre!

— Gustavo, ve se me podes esquecer.

— Nunca! Nunca!

— Has de esquecer-me, porque dentro em breve estarei alem por detraz d'aquella floresta d'onde soam — não ouves? as notas plangentes e funereas que symbolisam um ataude?

— Eulalia, tu matas-me!

— Vae-te! Vae-te! Sê feliz! Ve se me podes esquecer... Parece que uma mortifera e contaminosa ideia se me inoculou 'nalma! Foge-me que te assassino com este veneno que me myrrha!

— Adeus Eulalia! Pedirei a Deus por ti!

Mal tinha chegado a Coimbra o mancebo, quando uma carta da thia de Eulalia o chamava a toda a pressa.

Gustavo estarrecido com as fibras do coração fistulado, antes de doze horas estava de novo juncto do leito de Eulalia.

A virgem em delirio pronunciava o nome do amante. Este estremecia, estorcia-se 'num marasma lethifero.

Gustavo ao depois, narrando-me estes tristes acontecimentos, me dizia:

«Não sabes, amigo, o que é subir ás fauces um fogo devorador que o coração dardeja para todas as arterias, voltejar o craneo como soterrado por massa de Adamastor, e cahir de bruços sobre o leito do amor agonisante sem poder lacrimar sem poder haurir um rocio d'allivio no presente? Essa agonia me repellia para longe d'aquelle leito da morte!

E arrastado por uma pressão incognita, procurei um padre para que nos abençoasse, para que eu ouvisse entre as benções sacerdotaes o celeste *sim*, que Eulalia me daria no fim de minha formatura!»

Com effeito, o levita acompanhou Gustavo.

Na ausencia d'este, Eulalia tinha recuperado os sentidos. Ao vel-o, ella deu um grito, levantou-se no leito, pronunciou o nome do amante e cahiu depois esbracejando. Gustavo em desespero clamou:

— Eulalia! Eulalia!...

— Gus...tavo! mal pronunciou ella.

Duas lagrimas vidradas lhe rolavam pela tez pallicenta. Sua voz enrouquecida mal souou aos ouvidos:

— Quanto sou feliz por te ver ainda Gustavo!

— Eulalia! Tu não me ouves! Aqui está este padre para nos abençoar, dá ca a tua mão!...

— A minha mão... não é para ti é para os vermes: a minha alma se não voejasse agora para Deus, t'a poderia dar toda: mas ainda assim eu te levo gravado: a tua doce lembrança sera o sol que me ha de guiar aos Ceus!...

— Eulalia, a tua mão!

— A mi...nha mão... eil-a... Gustavo!...

O moço aperta a mão ja fria: olha para a face da donzella, e ve gradualmente os olhos cerrando-se: um último grito que lhe ressurtiu no íntimo, lhe evidenciou que aquella mão era d'um cadaver!

Gustavo permaneceu tempo immenso 'naquella postura. De quando em quando, apenas o fazia estremecer uma surda voz que perto era articulada. Essa voz cessou de se ouvir, e Gustavo sentiu-se como excitado por choque electrico:

— Ajoelha infeliz!... Deixa a materia — essa é para a terra — de la volveu. Ajoelha e eleva o espirito a Deus que a ésta hora está recebendo no seu infinito imperio mais um anjo!...

O mancebo ajoelhou.

Segundo depois elle me disse, d'esse instante de nada positivo se recordava.

— «Não sei o que orei, me dizia elle. So me apparecem vislumbres d'um côro angelico: que parecia acompanhar a alma de Eulalia aos Ceus.

Uma harmonia, ora melodiosa, ora estridente, mas sempre surda, me soava ao ouvido. Depois, de repente, pareceu-me cahir-me um peso enorme em meu craneo, que me fez derrear. Nada mais soube de mim!

Um dia como que nasci de novo para este mundo. Acordei sem saber onde estava, e porque alli era. O primeiro gôsto que me veio ao ver minha mãe juncto de meu leito, foi sorrir-lhe, e ao ver as lagrimas d'ella, chorar também. Quando escutei a voz suave e materna, senti no coração uma dor aguda, e a imaginação como que se nublou. Meus labios pronunciaram então sequiosos o nome de Eulalia!

Desde então foi um continuo soffrer.

Passaram seis mezes: parecia que andava quasi bom, voltei para Coimbra matricular-me, para obedecer a minha mãe. D'estes quatro mezes anteriores, sabes tu a metade de minha vida. Nas poesias que te tenho lido tens visto a lin-

guagem d'um profundo soffrimento; em meus passeios solitarios, o misantropismo excruciante da dor; 'nessa orgia, a que tantas vezes te tenho arrastado, o soffrimento em excesso e mal reprimido pelas bebidas alchoolicas. Na minha *cábula* a não interrupção da dor.

O soffrimento é o suicido lento do genio!»

Eis como até se embota e se apaga essa scintilla que do infinito nos veio!

O amor dá a morte da alma, e este estado um marasmo que corta os voos á imaginação, que tripudiá a ascensão do genio! Emfim ha muito genio suicidado pelo amor.

A mulher que amei fez-me homem! Para ella estudava, para guindar-me ás nuvens do esplendor glorioso para mais lhe agradar: essa mulher morreu-me, e minha poesia e minha alma e meu genio desceram á sepultura com ella!

Várias tentativas tenho feito para me reabilitar.

Impossivel!

Ha uma campa de marmore chumbada por tal fórma, que minha intelligencia so com a resurreição d'essa mulher poderia ressuscitar-me!

E gósto de todas essas excruciantes agonias, pois quanto mais soffro, mais perto d'ella estou!

(*Continúa*).

Manuel S. Alegre.

CONVERTIDA

Outr'ora tu vinhas galante, mui bella,
Qual fada corrias por entre os salões,
A fronte altaneira, mas nunca singela,
Fazia captivos a mil corações.

Esguia palmeira do vento embalada
A copa não ousa volver para o chão;
Mal sabe se fôra da brisa curvada
A flor debilsinha, que surge em botão.

Assim tu pairavas nas azas do espaço,
E cega não vias, sedenta d'amor!
Falcão atrevido não sente cansaço,
Nem teme que as azas derreta o calor!

No baile, que louca, que insana vertigem
Fazia teu corpo gentil palpitar!
Se alguém te dizia — eu adoro-te ó virgem! —
Tu tal ousadia fazias pagar!

Franzino veado que vae perseguido,
O raio imitando veloz a correr,
E vae nem que houvera seus olhos perdido
A bella armadura nas folhas prender!

E fica espantado, de balde forceja!
Não sabe que força seus passos detem!
Qual homem sem tino, que brame, pragueja,
Que ja do lab'rinto o bom fio não tem!.....

Tambem tu perdeste teu guia incansavel,
Que a altura tamanha teus passos guiou;
E vendo a teus pes um abysmo insondavel
Teu corpo mimoso, gentil, vacillou!

Modorra espalhada por sôbre a cabeça
O fogo em que ardias mui breve extinguiu;
Em ti mais e mais a tristeza s'espessa,
De ti a alegria virente fugiu!

Depressa deixaste mundano attractivo
«Protheu não varia com mais rapidez!»
E vejo-te agora d'olhar pensativo,
O mundo desprezas, no mundo não crês.

Bem hajas porisso, o porvir te esperava,
Julgaste ser culpa viveres assim;
Tombou-se-te o calix, que fezes te dava
A ti, ebria sempre d'immenso festim!

Os rizos trocaste por votos sentidos,
Que á noute se elevam, que vão até Deus,
Teus passos agora ja não são perdidos,
A vista ja podes erguer para os ceus!

Ruido de festa ja não te embriaga,
Ja não dás ouvidos ao teu anjo mau,
O brilho fingido dos lumes se apaga,
E vaes para a egreja, não vaes pr'o sarau!

E, vendo-te agora tão triste, sentida
Não penses que triste me ponha a chorar!
Eu gósto de ver-te d'orgulho despida,
Talvez eu te possa assim mais adorar!

Tu és melancholica estatua de sancta,
Que a fe do bom povo achar foi no val,
E agora na egreja, que a todos espanta,
So d'ella o contacto nos livra do mal.

Outr'ora nas dansas, na douda folia
Diziam-te «és moura formosa, és huri!»
Christão cavalleiro, na dura porfia,
Venceu teu rival, e te oscula — sorri! —

No sancto baptismo, que graça divina,
Que unção sacrosancta te deu tanta luz?
Que fe no porvir te encaminha, e te ensina
Preceito sagrado, que ao ceu te conduz?! -

Porto — agosto de 1863.

F. M. de Sousa Viterbo.

DISTRACÇÕES

Quem não tem que fazer, faz colhéres.
Rif. pop.

(Continuado do n.º 5)

—Hoje sôbre que havemos de discutir?

—Eu entendo, que sôbre partidos politicos.

—Valeu. E ahi vae ja formulada a questão: Os partidos são um bem ou um mal, para as nações?

—Eu estou tão convencido, de que são um bem, que vou mais longe; sustento ainda, que são uma condição essencial da vida e progresso das nações.

—O que?! Sera possivel que fales com a sinceridade da convicção?... Ignoras por ventura, que os partidos são uns insaciaveis abutres, que se disputam as entranhas dos povos? E senão vejamos: por quem são constituídos? Unicamente por ambiciosos e esfaimados, que em grande parte têm inutilmente batido ás portas da industria, da arte e da sciencia. Qual é o seu fim? Empunhar as redeas do poder, para acarvarem as mãos nos cofres dos estados. Quaes os meios que empregam? O embuste, a calúmnia, a traição, e toda a especie de violencia, como a revolta, o tumulto, etc.; porque os partidos não discutem meios: para elles todos são legitimos, com tanto que os conduzam ao poder.

D'ahi odios, vinganças, rivalidades represalias e dissensões, que esfriam o espirito de sociabilidade, com gravissimo prejuizo da civilização, que sem a unidade de esforços é impossivel.

Alem d'isso compromettem fatalmente o futuro, porque não so fazem mentir a historia, explicando-a em proveito de seus interesses, mas porque desvirtuam todas as revoluções, que preparam, fazendo-lhes assumir uma physionomia apropriada ás suas conveniencias.

E, se as minhas palavras te não merecem credito, consulta a historia contemporanea, que la verás a minha opinião sobejamente confirmada.

Ágora ve se podes adduzir razões em abono da tua atrevida proposição — que os partidos são uma condição essencial da vida e progresso das nações. —

—Comêço por advertir-te, que com abusos nunca se argumenta, porque o homem em todas as manifestações da sua actividade ha de revelar a imperfeição da sua natureza. Alem d'isso, o que tu esboçaste com tão negras côres, não tem no *Diccionario politico* o nome de

partido, mas de facção, que são coisas mui distinctas. Os partidos representam sempre um sistema de principios, porque os espiritos so podem ligar-se pela unidade de crenças. E desde o momento, em que o principio, a ideia, cedem o lugar ao interesse, o partido perdeu a sua razão de ser, o seu caracter fundamental, e degenerou em facção.

Posto isto, vou ver se demonstro a minha proposição.

Está hoje reconhecido, que o estado tem a grande e espinhosa missão de fornecer a todos os órgãos do corpo social meios exteriores de vida, e desinvolvimento. Como porém a civilização moderna é complexa, multipla e variadissima, é mister, não digo bem, é indispensavel, que esses meios revistam o mesmo caracter, isto é, sejam complexos, multiplos, etc. D'ahi a necessidade de tantos grupos d'homens patriotas e progressistas, isto é, de tantos partidos «quantos são os systemas dos principios sociaes, para os estudarem, desinvolverem, elaborarem e applicarem, principalmente quando forem chamados a dirigir o leme do estado: porque é forçoso confessar, que um so partido não pôde tornar-se práctico e especial nas diversas ordens de ideias, que hoje se cruzam nos horizontes politicos.

Alem d'isso influem immenso na moralidade pública, porque os partidos são rivaes que se não poupam; e até mesmo os seus membros, cada um de per si, andam sempre com toda a cautella e prudencia, para não fazerem cousas que deshonorariam o seu partido, e o exporiam ao desprezo e ás censuras implacaveis do partido contrário.

E mandas-me interpellar a historia! E que me diz ella? Que os partidos têm feito correr o sangue das nações, não é assim? Mas que prova isso? Que a humanidade não pôde dar um passo *en avant* sem um sacrificio. É a ordem natural das cousas. Sim, o christianismo não poderia succeder ao mosaismo sem a tragedia sublime de Golgotha, e o astro da liberdade não illuminaria hoje a Europa, sem o cruento martyrio de 93. Mas, porque o viageiro encontra um obstaculo no meio do caminho, ha de sentar-se, e firmar a face 'numa das mãos? 'Nesse caso deviamos voltar a estatua da humanidade para o passado. Mas não! O mundo marcha; e portanto os partidos são indispensaveis.

Agora ouve o que diz o ardente apostolo do progresso, — E. Pelletan.

«Os partidos representam as diversas opiniões d'um paiz, cada um no seu lugar, e na sua medida. Sua lucta contribue tanto para a

grandeza d'uma nação, como a concorrência para o desinvolvimento da industria... Se não houvesse sobre a terra, senão o partido do progresso, a humanidade não teria tempo para reflectir; se não houvesse senão o partido do passado, a humanidade não aperfeiçoaria nunca o seu destino. A acção e a reacção dos partidos no corpo social, como a acção e a reacção dos órgãos no corpo humano, dão pois o movimento a uma nação, e, por seu contra-pêso reciproco, a regularidade ao movimento.»

Basta por hoje que estou incommodado.

(Continúa).

J. Jacintho Nunes.

SACERDOS LACRYMANS

(A THEOPHILO BRAGA)

In recondito sacello,
super fuso longo velo
totum corpus,
per dolorem, quem sentiebat,
multas lacrymas fundebat
genuflexus!

Qualis supplex, timorata,
virgo Deo consecrata
prope aras,
candelabros, et incensum,
viditque Jesum suspensum
super crucem!...

Contristatur pungens multum
cor afflictum et sepultum
in dolore!...
post, voce moribundi
volvens facta hujus mundi
rursus gemuit!

In silentio murmuravit,
solus, secum suspiravit
in moestitia;
inde surgens album velum,
ponens spem ad altum coelum,
abii lacrymans.

J. Simões Dias.

AHI VAE! (a)

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

«Desde que a espada deixou de ser argumento unico, a palavra e a escripta, ajudadas da imprensa que as reproduz, tornaram a ter grande valor.

Os homens que, falando ou escrevendo, chegaram a convencer os outros e a obrigar-os a mudar de opinião, vieram a ser tão célebres como os antigos capitães, e tão poderosos como os reis. A sua voz marcharam os povos no caminho da civilisação, e a penna veio a ser o sceptro da nova realza!»

O Sampaio, por A. A. Teixeira de Vasconcellos.

I

Sempre imparcial em seus oráculos, quando inspirada so pelo amor á verdade, e registrando as evoluções incessantes, pelas quaes a humanidade tem passado atraves os longos seculos do seu peregrinar constante sobre a terra, a historia, na dupla qualidade de *pregoeira da antiguidade e mestra da vida*, como lhe chamou o grande escriptor romano (b), ensina-nos que a infancia de muitas gerações, embaladas e adormecidas ao som das lyras pastoris, foi gemida e soluçada nas solidões, em quanto aquellas vagavam errantes pelos desertos, onde uma população ainda minguada, bem que crescente sempre, não consentia semear frequentes domicilios, para abrigo certo e commodo das alternativas do tempo.

E tal fôra um dos primeiros e mais longos periodos da vida dos *orientaes*, quando menos dados ja ao exercicio da caça, que antes se tornára o fito a que mirava sua actividade nascente, começavam de alongar suas vistas em de redor do berço, que escutára os primeiros vagidos da humanidade embryonnaria.

Cresceram depois, com ao mesmo tempo se multiplicaram cada vez mais as necessidades; e a intelligencia, halito divino soprado no homem, alargava a sua esphera, á medida que a geração assumia tambem proporções mais vastas, importando sempre necessidades d'outro genero.

(a) E vae *qua tal*, sem alteração nem, talvez, modificação; porque persiste a intenção e tambem o fim, embora diverso o meio de manifestar aquella e de chegar a este. Cedi então; e era em particular, podia fazel-o como quizesse: accederei hoje; va, mas usando da mesma liberdade. So sinto perfilhar hoje o que aliás engeitava como anonymo. A necessidade se attribua, e so a ella.— De resto,— *quod scripsi, scripsi*,— como dizia o outro.

(b) Cicero, o orador-philosopho.

Mal eram satisfeitas éstas, appareciam logo outras, e a industria nascente, offerecendo e prestando sem reserva os seus recursos, em sua mesma liberalidade provava quanto, de dia a dia era mais fecunda, até que na ampliação do seu ambito chegára a receber perfillhados os primeiros rudimentos da arte.

Ésta, por seu turno, accitendo tambem o novo desinvolvimento, que lhe offertava uma cultura progressiva, posto que lenta e vagarosa, ja começava de antever o grau de aperfeiçoamento, a que seria levada, quando os primores do genio do homem lhe viessem insuflar mais vida, e, depurando os preceitos d'ella no cadiño da intelligencia, os despissem dos andrajos da sua pobreza, tão propria e proverbial sempre de tudo que é incipiente.

Assim se progredia então. (Continúa).

G. Pereira.

SONHO E REALIDADE

Quem és tu, Virgem celeste,
que em meus sonhos de delirio,
contra os meus imprimes soffrega
os teus labios côr de lyrio?

E nos sorrisos da aurora
que sorris tão meiga e bella?
E me soltas mil suspiros
na canção de philomela?...

Quem és tu, que eu mal diviso
entr'as vagas da neblina
acenando-me risonha
la do cimo da collina?

Seras um anjo baixado
da mãsão celestial,
p'r'arrancar minha alma triste
a este abysmo infernal?

Ou bussola, que norteie
meu baixel?... Oh! desalento!...
És apenas uma filha
do meu vago pensamento!...

1862.

J.

CHRONICA

Ser *chronista* é ser martyr; e por fim a palma d'este martyrio é o epitheto de... *sandeu!* Declaro que de muito boamente cederia a mi-

nha *palma* a quem m'a deu, e deixaria por uma vez de ser *chronista*, se uma dura necessidade me não obrigasse a sel-o.— Ésta necessidade nasce da *chronica* constituir *parte obrigada*, introduzida a capricho 'num jornal litterario.

Alem d'isso, a nossa fe de christão leva-nos a crer que *nosso padrinho* ja goza da sua nó ceu, porque o ceu é a *patria dos pobres...* d'espirito. No céu nos veremos! mas em quanto não vou, va de la escutando as minhas *sandices*.— O que me admira é que ellas subam tão alto! É que no meio das nossas *sandices*, ha alguma cousa de verdadeiro; e a verdade é como o sol que, depois de reflectido, volta ao ponto d'onde partiu. Ella toda do ceu, filha a mais querida de Deus, volta a procurar o seio d'onde nasceu.

E nem se julge que o que deixámos dicto é *espirro* filho da pitada que nos dêram; não. É fraco de mais o *seu rapé* para nos fazer *espirrar...*; e parece-nos até que V. S.^a so para entreter o *vicio-moda...* de correspondente, em vez de rapé cheira... *pós de sapateiro!*

Pois meu caro senhor, guarde la para si as suas *pitadas*, que julgo lhe hão de fazer bem, porque ao que parece padete bastante... da cabeça; e em quanto o meu caro vae *cheirando* vou eu alivanhando, bem ou mal, ésta *chronica*.

Falar inda hoje aqui ás caras leitoras na viagem de SS. MM. e na sua estada em Coimbra seria tornar-mo-nos, se não *sandeu*, porque ja o somos, pelo menos *semsaborão*. O assumpto é altamente importante, mas ja tão falado e repetido! e alem d'isso ja lhe consagramos não uma *chronica*, mas um número intero d'este jornal; por isso fugiremos para os theatros, que são o *refugi*... *dos chronistas*.

Antes da volta de SS. MM. do Porto, tinha havido no teatro de D. Luiz o beneficio da muito interessante e sympatica bailarina, a menina *Natalini Innocenti*. Admirou-nos na verdade que o mimo da companhia dos *meninos florentinos*: a predilecta da plateia e dos camarotes tivesse tão pouco concorrido o seu beneficio.

Não obstante a falta de concurrencia e desanimação que n'aquella noite reinava para todo o teatro, o que não era de esperar, por ser aquella criança de tanto interesse e merecimento, inda teve muitas corôas, flores do Japão, pombas, e as duas seguintes poesias:

A NATALINA INNOCENTI

Na quadra singela d'amenos folgares,
No palco dominas cercada de luz;

E ves alastrada de lyrios e rosas
A senda, que ao templo da gloria conduz.

O genio e a innocencia, 'num mystico abraço,
T'esmaltam a fronte serena e gentil;
Fieis te dirijam os timidos passos,
E intacta conservem tu'alma infantil!

Ó flor, que estremeces ao sôpro das auras,
Não venha uma nuvem toldar-te o porvir;
E os anjos, teus socios, co'as candidas azas,
Amparem, protejam teu casto florir.

Dos coros celestes nas azas do genio
Pousou no proscenio cercada de luz!
E Deus á pombinha perdida do ninho
Mostrou-lhe o caminho que á gloria conduz!

Da coroa dos anjos, florinha mimosa,
Cahiste no palco, teu berço infantil;
E á sombra de palmas, na aurora da vida,
Vegetas agora, qual rosa d'abril.

O norte não venha roubar-te os encantos,
Beber-te os perfumes, queimar-te o frescor!
Os ceus te protejam, e os anjos em cantos
T'exaltem, e cubram de bençãos d'amor!

Duarte de Vasconcellos.

Pelos camarotes ou nada havia digno de menção especial n'aquella noite, ou de todo nos esqueceu. Já ha tanto tempo!

Depois da partida dos reaes viajantes houve duas recitas so. Uma no theatro academico, outra no de D. Luiz.

No Academico foi á scena repetido pela segunda vez o drama *D. Maria de Alemcastro*; e a comedia-drama o *Anjo da paz*. Tanto uma como outra peça agradaram muito.

Soares Franco, Valle, Callado e Nuno são sempre bons e cada vez melhores. No drama revelam tambem bastante talento dramatico. Tello e D. Guedes.

O *Anjo da Paz* é uma verdadeira lição de moral. O vicio que ella tem por fim rebater é uma das feições mais predominantes da nossa epocha. Oxalá que ella aproveitasse a muita gente e que pôr uma vez a mulher se convencesse que a felicidade se não esconde muitas vezes debaixo d'um montê d'oiro!

C. Castello-Branco foi dar com ella debaixo d'uma tábua carunchosa, eu, parece-me que se um dia me deitasse á busca d'ella, havia de ir

encontral-a aninhada entre dois corações que bem se amassem!

D'esta vez tivemos a felicidade de admirar de perto dois olhos azues, que já d'outra vez chamámos pretos. Parece que o nosso engano chegou a produzir descontentamento; mas esperámos que nos seja perdoado o engano, filho sem dúvida da distancia a que os viramos, e nunca de desconsideração de côr. Pretos ou azues são sempre lindos e de interesse para o chronista; então, pretos contemplava-os por que via n'elles a côr do seu viver; agora azues admira-os e estima-os porque ve n'elles o céu que é a sua esperanza!

Em D. Luiz levaram os *meninos* á scena o aparatoso baile *Ezilda*.

No 1.º acto ha uma vista de mar, que podia não ser feia, se tivesse sido bem executada. O embate das ondas assim tão regular torna-se monotono e tira toda a verosimilhança, e por consequencia todo o interesse — alem d'isso o machinismo dos barcos mal preparado e mal executado fez naufragar a peça logo no principio. Entrego a descripção do prematuro naufragio, assim como o piloto *inexperiente* aq espirito do collega do *Atilla*.

A vista do 2.º acto seria surprehendente, se não fôra a imperfeição do repucho. O jacto principal era cousa de fazer arripiar. Inda assim o resto da vista pôde dizer-se obra prima no seu genero.

No 4.º acto foi bem executado e produziu maravilhoso effeito o incendio do castello.

Valdechi tambem não podia andar melhor no episodio da defeza contra os seus aggressores.

Nos bailes foram rainhas como sempre *Flori*, e *Innocenti*. Foram tambem muito admiradas e applaudidas *Liberti* e *Concheta*.

O throno das rainhas do theatro era o camarote n.º 8 da 1.ª ordem. Aquelles sorrisos dê desdem e desprezo é que fazem feios dois rostos que são tão lindos!

Coimbra, 19 de dezembro de 1863.

O chronista.

EXPEDIENTE

Pedimos aos srs. assignantes que se dignem pagar a importancia da sua assignatura. De fôra podem procurar os seus recibos nas seguintes partes — na Redinha, em casa do sr. Francisco Manso Preto; em Lisboa, em casa do sr. José Rocha da Silva Sanches; em Castello-Branco, em casa do ill.º sr. dr. Pires Marques, e em casa do ill.º sr. José Espirito Sancto Caio.



AMOR DE SALVAÇÃO

CARTAS AO MEU AMIGO E CONDÍSCIPULO

Antonio Mendes Lages

(Continuado de pag. 54)

▼

'Num d'esses dias de agonia, em que Gustavo timbrava immergir-se, em que a luz nos parece a chamma morbida, que nos apascenta a atrophia moral, 'num d'esses ensejos em que a vida nos parece o ante-soffrimento da morte, debruçava-se o mancebo 'num compendio da aula. Embalde concentrava no livro da sciencia o seu pensamento.

Ao lado era, como phantasma agonisante, um craneo, cujas bossas frontaes preeminentes tocavam ao vivo.

— Quem sabe! murmurou Gustavo, que alma agigantada não seria a d'este individuo!

E, fascinado, abriu o livro para estudar a phrenologia de Gall.

Depois de alguns minutos exclamou o academico:

— Que Byron sublime não poderia ter sido este pobre desconhecido!... este pobre lavrador que eu no anno anterior ajudei a retalhar! E que fez a sociedade d'este genio, que petrificou em embryão?.....

Se este homem nascesse rico, seu nome se reuniria, como flor aromatica, á grinalda da immortalidade! Mas como nasceu na lama da sociedade, perpassou pela estrada como o animal sem razão! Mais infeliz do que elle, pois, o borbulhar do seu genio devia tortural-o quando seus vãos cahissem ao golpe da miseria!

Este homem foi um algarismo da sociedade, algarismo perdido entre o chaos da arithmetica social, que não sabe *dividir* com egualdade!

Gustavo embrenhava-se 'nestes e outros scismares quando de subito estremece a uma lembrança que lhe occorreu.

— Que imaginas tu que seria, amigo?.....

Uma hora depois que o academico teve essa lembrança montava a cavallo. Eu, que o vi partir para o norte de Coimbra, parecia ver um d'esses genios da mythologia, atravessando em-

pavidos as cumiadas e as planicies sem tocarem nem de leve no solo!

Sube depois que no dia seguinte, a horas mortas, entrava Gustavo na egreja de... com outro homem que levava aos hombros uma pa e um alvião. A campa n.º 3 foi aberta. O mancebo hirto, qual o proprio cadaver, esperava com ancia o momento em que um cesto que ao lado estava fôsse cheio de uma ossada.

Causava um certo terror o movimento automatico do alvião do coveiro, ao lado um lampeão, bruxeleando uma vaga luz para cima da nave do templo, uma lampada cujo pallor amortecido ia lambar os cravos de Christo na cruz, e em pe, mal respirando, pallido como o finado, Gustavo com um frasco de fragancias na mão!

O moço deu um grunhido — último uivo da agonia — quando é lançado no cesto o primeiro osso. Ao estalido sécco de outros tantos ossos, correspondia um estertor gemente do mancebo. Quando o coveiro começou a deitar para a cova a terra que era ao lado da sepultura, Gustavo desaparecera com a ossada.

Esses ossos eram de Eulalia.

Não te posso exprimir bem a sensação, o estremecimento, que me assomou quando Gustavo me narrava a realisação da lembrança que tivera, estudando o systema de Gall.

O academico me continuou a narração de suas emoções em puro delirio:

— O meu primeiro trabalho, dizia elle, foi laval-o com soes, depois reunir as peças com arames. Assim predisposto colloquei-o aos pes do meu leito. Essé esqueleto, pois, que vês lá é de Eulalia! Essa fronte e essa face, que eu a sós á meia noite no silencio das trevas beijava, seguro de que ninguem me presenciava senão a alma d'ella, é de Eulalia! É ella que eu vejo quando quero e com quem converso, apesar de ella nada dizer.

Sim! 'naquella mudez esqueletada phantasio ainda os braços d'ella cingindo-me a cintura, cuido oscular ainda os labios d'ella, rubros de amor e de delicias, penso sorver ainda 'naquella sua formosa face a ambrosia d'uma paixão que os mais felizes invejariam: sim! 'naquellas fossas orbitarias phantasio á noite, ao reverbero da lua e das estrellas, o movimento de seus fulveos supercilios, e por baixo os seus olhos azues, mais poeticos, mais amorosos, mais bellos do que o azul dos ceus, illuminado á tarde pelo crepusculo moribundo.

E é para mim phantasioso ao duodecimo som do campanario, som que se melancholisa por entre as grimpas do mosteiro proximo, olhar para esse todo esqueletico, dar-lhe pouco a pouco

as fôrmas vivas, evocar á minha imaginação o passado, como pombinha que traz o ramo de oliveira, e fazer d'aquelle liame d'ossos uma mulher bella e formosa—Venus em formosura; Sapho em poesia; Heloisa no reverdecer d'amor; Natercia no prometter d'esperanças!

Uma noite passo eu assim 'nesse desvanecer até que o dia, com sua luz aborrecida, me turva os olhos, chamando-os á realidade da vida e lhes diz:

—Eulalia é morta!

Oh! então grunho rugidos de bronco sceptico! Embalde invoco as sombras da noite, mas ellas fogem horrorisadas do meu sonhar, tão ficticias, mas tão mysticas de sabores para a minha alma!

Um dia d'esses lancei insensivelmente mão de um revolver, ia atravessar o craneo com uma bala. 'Nesse instante mesmo lembro-me de minha mãe: mal pude affastar o cano, pois que uma bala inda roçou na minha frente — d'onde me proveio a cicatriz que 'nella vês: e cahindo no chão pareceu-me que Eulalia alli viera soprar-me a vida, pois quando accordei d'uma syncope estava no leito!

A vida, que até hoje se me alimentava, era por amor de minha mãe, por amor d'aquelles cabellos brancos que eu tanta vez beijei com veneração!

Agora... nada tenho a esperar! Morri para o mundo, pois que minha mãe acaba de morrer!

Tenho vinte e dois annos e os cabellos me enbranquecem: são intensissimas as borrascas sob-eraneanas! Minha imaginação amortece-se em devanear no esqueleto de Eulalia, vejo so ossos! Por ventura posso viver assim?

— Talvez, amigo, lhe reflecti eu.

— Como?

— Busca o abrigo sancto da religião!

— Religião! Fallas-me em religião, continuou Gustavo. É cousa que eu não posso buscar: tenho a alma morta. Ha um pensamento terrivel que volteja constantemente em frente dos olhos para eu ler: é — *Deus podia dar-me Eulalia!*

— Medita bem: o suicidio equivale a não se acreditar em Deus!

— Deus! murmurou meditabundo Gustavo, recostando-se no seu leito.

Previ que uma grande tempestade, uma grande batalha ia dar-se no intimo do amigo. Deixei-o. Apenas lhe reflecti ao sahir:

— Christo resignou-se!

Não sei bem que pensamentos torturaram o pobre moço. Deviam ser agudos e dolorosos como espinhos: como quem está entre dois abysmos

e caminha por uma agreste vereda, resvalando quasi a cada passada que dá; e julgo isto pois que no outro dia recebi um bilhete de Gustavo, em que me dizia que ia deixar Coimbra, voltando so para outubro matricular-se em theologia.

Era a unica tábua de salvamento onde poderia o martyr viver e não resvalar no pelago do crime!

Hoje, se passares pela aldeia de... e perguntares pelo padre... ouvirás dizer a uma unisona voz — é um sancto o sr. prior!

Tu, observador, admirarás a ordem, a abundancia e felicidade de toda a parochia, e até engraxarás com o bom prior, que debaixo de uma imponente calva occulta trinta inverniás! No seu quarto vês apenas duas esteiras, servindo-lhe de leito, uma rude caixa, onde podes observar todos os papeis d'onde tirei estes apontamentos, e a um canto uma tábua, similhando uma cantoneira. Abrirás uma porta falsa, e la dentro encontrarás o esqueleto de Eulalia!

Vês sorrir constantemente o padre; esses sorrisos querem dizer que ha um unico amor de salvação; é aquelle que é apascentado pelas letras do evangelho.

Manuel Simões Alegre.

CIUMES

A. M. P...

ao fundo do coração
desgostos, penas, ciume,
de dores todo o cardume,
todo o peso da afflicção...

A. A. da Fonseca Pinto.

É noite — vae alta a lua,
e alem na janella tua
se espelha o baço clarão!
é noite — esvoaça a brisa
sobre o arroio que deslisa
mansamente pelo chão!
é noite — 'nesta clausura,
sinto a lia da amargura
cahir em meu coração!

Infeliz, embalde almeijo
imprimir-te doce beijo
na frente celestial! —
da brisa tenho ciumes,
que alem rouba mil perfumes
ao odorifero rosal,
e d'elles vae arroubada

beijar-te a trança dourada
e teus labios de coral!

Tenho ciumes da rosa,
que ja brilhou tão viçosa
da existencia no verdor,
e que ora, murcha e fanada,
trazes ao peito de fada,
como reliquia d'amor!...
tenho-os tambem do regato
que reflecte teu retrato,
teu retrato encantador!...

Dos astros tenho ciumes,
dos astros, que em vivos lumes,
te inundam a tez de luz!...
tenho-os do livrinho sancto,
sôbre que vertes teu pranto,
ajoelhada aos pés da cruz...
tenho ciumes das aves,
que te dão cantos suaves
de cima dos troncos nus!...

Tenho ciumes do monte,
que alem se ergue no horisonte,
onde fixas teu olhar...
tenho ciumes do leito,
onde repousas teu peito,
que em delirio ouvi pulsar...
tenho-os, emfim, da almofada,
onde a face idolatrada
tu costumavas recostar!...

Seminario de Vizeu, novembro de 1863.

A. Candido Pereira de Figueiredo.

AHI VAE!

AO MEU CARÍSSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

«Desde que a espada deixou de ser
argumento unico, a palavra e a escri-
pta, ajudadas da imprensa que as re-
produz, tornaram a ter grande valor.

Os homens que, falando ou escreven-
do, chegaram a convencer os outros e
a obrigar-os a mudar de opinião, vie-
ram a ser tão célebres como os antigos
capitães, e tão poderosos como os reis.
A sua voz marcharam os povos no ca-
minho da civilisação, e a penna veio
a ser o sceptro da nova realza!»

O Sampaio, por A. A. Teixeira de Vasconcellos.

I

(Continuado de pag. 57)

Mais as necessidades porém brotavam espon-
taneas aos pes do rei da criação, mais este se

convencia pouco e pouco de que o imperio das
circunstancias lhe reclamava novos esforços para
debellar o soffrimento, que aquellas geram e és-
tas patenteiam.

O estabulo começou de ser mais permanente,
e ao lado d'elle fixou-se por mais tempo o do-
micilio para resguardo das intemperies.

Origina-se a propriedade na occupação e no
trabalho pessoal; um pouco mais, e dá-lhe novo
incremento, faz-lhe tomar nova face a multipli-
cação da familia, que reclama para cada domi-
cilio e augmento de mais uma pedra no lar do-
mestico.

Ergue-se no seio d'aquella o chefe, reconhe-
cido tal em pleno convivio; dá principio ao cen-
so; tenta verificar o cálculo aproximado do seu
dispendio diario e annuario: e d'um lado a ne-
cessidade; d'outro a curiosidade, impellindo o
homem a pequenos ensaios de contabilidade,
inculcam ja os primeiros elementos d'uma arith-
metica, cujos symbolos deviam de ser, por
mais adequados, os phalansterios digitaes.

Tal é o esbôço rapido dos movimentos so-
ciaes, que 'nessas eras de tão longe data se fa-
ziam ja sentir em dois poderosos elementos da
riqueza pública e particular.

Era que o homem, fitando a abobada celeste
que o cobria, medira com a vista a altura im-
mensa dos astros, e, attentando melhor em tanta
sublimidade, volvéra os olhos para a terra, por-
que ahi lhe cumpria assentar o theatro de suas
lides!

Não era la, 'naquella concha reluzente, pa-
tria d'abrolhos; que não se dão espinhos onde
so vegetam boninas!...

Gloria! — Lêra o homem no azul dos ceus.
E — *trabalho!* — fôra a condição penosa e dura,
imposta ao mesmo para alcançar aquella. Exer-
cel-o pois era a tarefa que cumpria.

E o homem que mirava o ceu, contemplan-
do-o extatico, sentiu-se deslumbrado pelo bri-
lho de taes fulgores!...

Bem poucos momentos depois desceu suas
vistas sôbre a terra que chamava por elle. A
vida positiva foi subito acordal-o em seu des-
lumbramento; e as dores de novo lhe excita-
ram a actividade.

Instado á acção benefica, de que pendia o
balsamo para calmar aquellas, outra vez consa-
gra o trabalho; e, votando esforços á distribui-
ção d'este, na preparação do solo cimenta a agri-
cultura, e com os outros em seus meneios fo-
menta a industria.

A agricultura e a industria ampliam-se e
prosperam, felicitando o homem todos os dias
mais; e no abraço que ambas se trocam, vão

consubstanciar-se no estabelecimento do commercio, que, trazendo uma nova phase á sociedade, alarga as dimensões da sua esphera e proporciona-lhe uma escala mais vasta e variada pela communicação de novas necessidades e novos meios de as satisfazer. (Continúa).

G. Pereira.

DEUS T'O PAGUE!

A. . .

Deus t'o pague, mulher, que uma saudade
Nas aras do passado vens depor;
Deus t'o pague, meu anjo, que assim lembras,
Que assim recordas nosso ardente amor!

Deus t'o pague, formosa, que á minh'alma
Mandaste num olhar consolação:
E num sentido adeus me dêste provas
Qu'inda bate por mim teu coração.

Amei-te; d'esse amor a intensidade
Fui vendo pouco e pouco esvaecer;
A culpa tua foi, amada minha...
Não devo, pois, da causa o veu erguer.

Esse amor expirou; não me envergonho
De assim te confessar que ja te amei,
E que pura amizade, em vez d'amores,
Mais tarde, em seu lugar, somente achei.

E mandas-me um adeus, uma saudade!
E assim 'inda te apraz lembrar de mim!
Deus t'o pague, mulher, que ao meu retiro
Enviaste essa flor do teu jardim.

Deus t'o pague, mulher, que não pensaste
O bem que me traria a pobre flor!
Tórno a ver no meu ceu brilhar a esp'rança,
E teu peito mimoso arfar d'amor.

A. F. Barata.

DUAS PALAVRAS

A RESPEITO DO ESCRIPTO QUE SE SEGUE

«..... Sei que v. não é dos que zombam das tentativas mulheris; antes anima os fracos para grandes commettimentos. É por isso que, enviando a v. os *Contos da thia Cecilia*, me atrevo a pedir para elles um canto na *Chrysalida*, o que talvez não mereçam, mas á falta de melhores escriptos... Conheço que nada valem, mas as recordações que me trazem faz que para

mim tenham algum merecimento. Ao menos que ésta confissão me sirva de desculpa aos olhos de v. Se este primeiro ensaio merecer a approvação de v. prometto continuar com outros romancesinhos 'neste genero, que tantos assumptos para elles se deparam 'nestas boas terras da Bairrada.....»

Nem tanta modestia em labios de v. ex.^a Os *Contos da thia Cecilia* têm muito merecimento para quem se compraz em ler nos livros ineditos das crenças do seu povo. O genero de litteratura, que v. ex.^a escolheu, é dignissimo de cultivar-se, principalmente por quem o sabe tractar como a auctora dos *Contos da thia Cecilia*.

As tantas lendas, que por ahi se somem, esquecidas em Portugal, são outros tantos monumentos litterarios, que devem erguer-se do po do esquecimento.

Oxala que os nossos sabios se decidissem a escavar essas preciosas minas, apenas conhecidas do povo, que as não sabe avaliar.

Foi Garrett um dos que mais trabalhou por levantar das ruinas esses mutilados fósseis de acções incognitas, e como em signal de bom exito levantou nas lettras um marco commemorativo — a *Adozinda*.

Porque sera que o exemplo do mestre não attrahiu as atenções dos discipulos? É que as ideias da cidade fizeram esquecer o caminho para a aldeia.

Quanto mais vale um serão volvido em volta de fogueira aldean do que um baile da cidade, aonde se confrangem os convidados com maneiras ridiculas, e mal desempenhadas etiquetas e sorrisos malignos?!

La aprende-se muito e vive-se mais, porque a vida é a innocencia e a felicidade, e éstas fogem da cidade para a solidão coroada pelas benções e sorrisos de Deus.

Foi, por certo, na tranquillidade da aldeia que v. ex.^a foi buscar os materiaes para os singelos contos que fez a honra de nos mandar.

Aconselhámos-lhe que não esmoreça na obra em que anda empenhada, para gloria de v. ex.^a e regosijo nosso; e accredite v. ex.^a que não somos nós da opinião de J. M. da Costa e Silva: apoiámos até os arrojões da nossa poetisa D. Isabel de Castro e Andrade; porque a mulher tem tanto direito a sentar-se á restea do sol da instrucção como o homem.

Não somos nós dos que desprezam a Sapho para gabar Pindaro: aquella por ser mulher não deixa de ter assento menos distincto nos jardins do Parnaso.

Queríamos até que a instrucção começasse pelas mulheres e subisse depois ao homem. A mãe, com preferencia sôbre os paes, sabe melhor incarnar no coração dos filhos o verbo da sciencia, verdade e educação.

Ja ve que não podêmos zombar das tentativas mulheris, nem v. ex.^a produz cousas que provoquem zombaria, antes o que nos manda é apreciavel e sel-o-á tambem pelos leitores da *Chrysalida*, cujas columnas ficam á disposição de v. ex.^a

CONTOS DA THIA CECILIA

S. Sebastião

I

Era 'nesses tempos em que as nossas varzeas e collinas não eram atravessadas pela estrada mac-adamisada e pelos carris pesados da via ferrea: era 'nesses tempos, em que em vez de jornaes e fios thelegraphicos havia o verbo persuasivo dos missionarios e dos frades, que conduziam assim a civilisação ás nossas aldeias em limpida corrente que dimanára das páginas do evangelho: era 'nessas epochas em que o *oidium* e tantas gigantescas molestias não tinham castigado os homens honrados, patriotas e christãos, que eram então.

Oh! tempo cheio de tradições, de estupidez, de cegueira para nós outros que temos trepado mais um grau na escada da civilisação — e que ás vezes tanto nos rimos do passado!... Pois d'esses tempos me dizia a thia Cecilia, contando-me este conto:

— Bello tempo!... todos os d'aldeia iam á missa: a fidalga da terra não ficava na cama até alto dia: não se desprezava a religião sem se saber porque... era tempô em que nós beijavamos os habitos dos sanctos frades... Ai! que bello tempo o dos frades!

E a thia Cecilia derramava uma lagrima.

Mas era 'nesses tempos que a thia Cecilia presenciou, quando 'numa manhan cedo, muito cedo, a sr.^a Thereza, indo á lenha, encontrou 'numa collina formosa e vicejante, em um altar de madresilva, funcho e loiro... mas que encontraria a sr.^a Thereza, a mulher a mais beata da aldeia de... e diante da qual todos se descobriam, quando a avistavam? A thia Cecilia m'o contou: encontrára 'num altar, que por si se formára, uma rica e linda imagem que ella bem comprehendeu ser a d'um sancto!

Ai! mas como poderia eu pintar a afflicção, a alegria, o pavor, o estremecer, o pensamento

tumultuoso da sr.^a Thereza quando vê no peito do sancto fistulas d'onde escorria sangue bento, quando observa as mãos do sancto atadas a um tronco, onde o martyr está prêso, quando parece ver-lhe gottejar das palpebras uma lagrima de resignação e de graça, lagrima que de certo os anjos apanhavam em taças de diamantes para regar o jardim vicejante dos ceus, onde as almas sanctas passeiam! A sr.^a Thereza succumbia a tantas impressões: ajoelhada na relva macia e humida e em grande extasi de devoção, extasi que lhe arrancára tambem pungentes lagrimas, exclamou:

Ai! meu bom sanctinho!... vós que estaes na côrte dos ceus pedi a Deus por mim!... Eu peccadora me confesso de meus peccados... ai! e que Deus Nosso Senhor me perdoe!...

A sr.^a Thereza não pôde fallar mais: as palavras, quando vêm do íntimo, enfraquecem e emmudecem os labios!

E ella continuava a chorar... mas repentinamente foi despertada d'esse agonisar por uma voz mysteriosa, que um poeta tomaria por gemido echoante da orchestra dos anjos, com que alegravam no Eden aos nossos primeiros paes, mas que a sr.^a Thereza affiançára ser do proprio sancto! A voz dizia assim:

— Teus peccados estão perdoados!... E no ceu ja está um logar para a tua alma; mas é mistér que faças o que por Deus te digo: — levar-me-ás á aldeia d'onde és, e dirás ao povo que eu sou S. Sebastião, que nasci, vivi, soffri e morri por Christo, o Redemptor da humanidade, ás settas do impio Diocleciano, em Roma. Ora eu quero ser patrono d'esta terra, porque aqui ainda não veio assentar o seu throno Satanaz e seus subditos, portanto levantar-me-ão uma capella, onde serei adorado para eu intervir ás vossas afflicções perante Deus!... Eu o digo e Deus o quer!

A sr.^a Thereza logo que acabou d'ouvir fallar o sancto collocou-o ás costas e se encaminhou para a aldeia, apressada e electricada pela alegre nova que ia dar aos seus.

E era um quadro bello para o pincel de um Ruben, vel-a corcovada, coitadinha da velhinha, com passo trémulo, quasi escorregar aqui, prêso o pe pela haste do junco, entrepeçando alli na cepa da vinha, e sempre offegante e trémula a respirar, caminhando sempre, não obstando o suor que em jorros lhe distillava!

Ai! mas o sancto era de pedra, e a sr.^a Thereza achava-o pesado como de pedra! E tambem sessenta annos 'naquelle corpo e muitas abstinencias e cilicios, porque á boa christã tudo lhe tinha enfraquecido as forças de beata!

Cansada propriamente chegára a uma limpa fonte, que era a fonte da aldeia. A sr.^a Thereza colloca com geito e amor o sancto no pequeno assento de pedra, que borda a origem da corrente; corre o lenço pela frente e pela face; refresca os labios sequiosos do cansasso na lymphá cristallina, e mais afflicta do que Cyreneu, e olhando com olhos de beatitude o bom do sancto, assim exclamou do íntimo com as mãos erguidas:

— Senhor S. Sebastião! vós que fazeis tantos milagres... oh! valei-me agora... Eu não posso mais, sou uma pobre velhinha sem fôrças, ja não tenho o vigor de rapariga. Ah! Senhor S. Sebastião, fazei-me nova de fôrças, se não morro!

E a sr.^a Thereza, com fe e confiança, se agarra ao sancto... e qual é o seu pasmo quando o acha leve que nem se fôra de pau!

— Milagre! Milagre! gritou a boa velha.

A esse grito começou a acudir o povo, que ia para a agricultura de suas terras. A beata conta mil vezes o que ouvira: e o povo boqui-aberto a tudo o que succedêra rodeia a sr.^a Thereza, gritando jovial:

— Milagre do Senhor S. Sebastião!...

E depois, reunidos todos no *terreiro* da aldeia, construíram logo, a lembrança da boa da velha, um templosinho de pau, em quanto se não faz outro de alvenaria e mais proprio para um tão bom sancto!

(*Continúa*).

Heresta do Vaticinio.

A FLOR DA VIRTUDE

'NUM ALBUM, NO DIA D'UNS ANNOS

A mulher pura, innocente,
É do mundo a maravilha,
É qual anjo sôbre a terra,
É do ceu candida filha!
M. Adelaide Pratta.

Conheci-te pequenina,
Tenra e fina
Como a flor;
Hoje ja na face airosa
Tens da rosa
A rubra côr!

Guarda-o bem, casta donzella,
Pura e bella,
— O teu carmim.
Juncta da rosa á côr pura
A candura
Do jasmim!...

Hoje linda, como a aurora
Quando chora
Sôbre a flor,
Has de ter por entre as salas
Meigas fallas...
— Tudo amor —

Mas não t'illudas, donzella,
Tem cautella...
Pensa bem...
Não julgues que ha so carinhos
Onde espinhos
Ha tambem!...

Hoje de todos querida
Tens da vida
Almo frescor?!...
Tambem no campo a baunilha
Nasce, e brilha,
E perde a côr!...

Tambem a rosa dos prados
Tem agrados
Mil e mil;
Tambem nos campos as flores
Têm amores
No mez d'abril;

Tambem o lirio dos montes
Tem das fontes
O correr.
A praia la tem a vaga
Que a affaga
Em seu gemer.

.....
.....

Passa o tempò, tudo esmaga...
Morre a vaga,
A flor é po!...
So não murcha a linda côr
D'uma flor...
Mas d'uma so!

Donzella, teu virgem peito
Seja estreito
Vaso seu!...
Que os encantos que ella encerra
São da terra
E são do ceu!...

Guarda-a bem, que linda e bella
Tem da estrella
Almo fulgor.

Não 'squeças na juventude
— Da virtude
A linda flor.—

Coimbra, 6 de fevereiro de 1862.

F. A. Duarte de Vasconcellos.

EIA!

AO MEU AMIGO

Duarte de Vasconcellos

As impressões agradáveis ou desagradáveis, sentem-se; tentar descrevel-as, é querer o impossível. Podêmos quasi sempre dar-lhes uma fôrma material, mas ésta ha de ficar muito á quem, do que ellas são.

Amigo, eu sei que os sentimentos que te adornam o espirito, são de mui subido quilate; sei que tocam o extremo da pureza, e por ventura podem ir em competencia com a virtude, se é que elles não são a propria virtude.

Averiguar o ponto de acrisolamento, a que elles se elevam não nos pôde caber. Falta-nos um estalão por onde aferil-os no estadio em que gravitâmos. Preconisar, o que so por si se recommenda, é uma ousadia imperdoavel. Nós bem o sabemos: mas o que não podêmos é abafar as manifestações, que mais ou menos podem exprimir o que nos dita o coração.

O estyigma não cahirá sôbre nossa fronte, porque as nossas abluções são leaes, e não vêm manchadas de pungente ironia.

Vaes definhando-te de dia para dia 'numa existencia atrophiciada de agonisantes dissabores, e victima resignada, nem sequer soltas um gemido... um queixume...

Comprehendeste o que é o mundo, que por um momento de prazer nos obriga a tragar as amarguras mais atrozes, offerecidas em taça de ouro. Deslumbra-nos a vista com flores arteiramente combinadas, mas em seguida sentimo-nos varados pela dor que nos inflige o espinho occulto 'nellas.

Eú tambem me não queixo, e soffrendo em silencio, nem ao menos projecto uma vingança, porque o mundo é abjecto, e sordido de mais, para ser digno d'uma vingança nobre. Nós não podêmos abater-nos até o charco, onde elle se revolve.

Ja que te não entendeu, porque as suas faculdades são hermeticamente calafetadas para tudo quanto é sublime e elevado, supporta com valor e coragem, os insultos que elle te arrojara

á face, onde vislumbra a nobreza d'alma, que a elle ha de sobreviver e aos seus insultos, sem ser embaciado.

Coimbra, dezembro, 1863.

José Ferreira d'Albuquerque e Castro.

CHRONICA (a)

Estâmos em 1864!

Isto ja todos o sabem; mas temos de dizel-o ainda aqui, para terem cabimento as boas festas ás amaveis leitoras e bondosos leitores. Áquellas desejámos que as consoadas não fizessem mal; a estes que passassem umas férias divertidas no seio de suas familias, em volta do lar domestico, aquecidos ao calor do *cepo* do Natal.

Nós por cá ficâmos, mergulhados na *semsaboria*, que é tão d'esta terra 'nesta época, em quanto que 'noutras as noites de Natal e Anno Bom são noites *cheias*, enebriantes de prazeres e de folgares innocentes.

Tambem cá tivemos *missa do gallo* em Sancta Clara, Sanct'Anna e Therezinhas; mas seja-nos permittido dizer que achâmos uma missa como qualquer outra, sem aquella sublimidade divinamente poetica, sem aquella unção de graça e doce arrobamento que nos trasborda n'alma ao assistir á sáncta singeleza d'uma *missa do gallo*, celebrada á meia noite, e acompanhada dos sons innocentes e pastoris d'uma gaita de folle e d'um tambor, 'numa igreja d'aldeia.

Alli é que se disfructa, em toda a sua singeleza, a scena mais encantadora do drama da redempção.

Assistir la fóra a uma *missa do gallo* é como que estar ainda a sentir os vagidos do Christo nas palhas do presepio da Galilea: e nós que não fomos gozar tantos encantos! Talvez tivessemos ido, se a ideia — a grandiosa ideia — d'um uniforme academico para as férias não tivesse ficado abafada no seio de nós — da academia — como ficam abafadas quasi todas as ideias aproveitaveis. Um *fato* proprio da estação so para trajar por quinze dias é muito luxo para um chronista; e a fazer de *cavalheiro da triste figura*, antes ficar em *copas*.

Foram-se os *meinos florentinos*, que ja se acham em Braga no theatro de S. Geraldo. Desejámos-lhes que sejam alli bem acolhidos, como merecem.

Despediram-se d'aqui com o beneficio do actor-cantor da companhia Eduardo Pons. Esteve ainda bem concorrido, apesar do pouco interesse que

(a) Estava feita no dia 7 d'este mez, como se vê da sua data.

Coimbra ia mostrando ja nas ultimas réeitas pe-
los *meninos*, cujos bailes tão continuados em
D. Luiz ja se iam tornando monotonos e enfa-
donhos. A enchente quasi total d'esta noite aca-
bou de demonstrar ao joven artista que Coimbra
soube avaliar bem o seu merecimento, e sympa-
thisou sempre com o sr. Pons, por ser um moço
de talento e maneiras mui delicadas.

Natalini teve *bis* na sua despedida que fez
em verso castelhano. A plateia despediu-se com
saudade dos beijos d'aquelle anjo de innocencia
e candura.

Tivemos no dia 3 o primeiro baile de mas-
caras em D. Luiz. Havia pouca animação. Pelos
camarotes nada havia que despertasse interesse
e animação; na sala da plateia reinava *genuina*
pepineira.

Os mascarar eram muito poucos e, no geral,
de pouco *gosto*.

Os vestidos eram trivialissimos: quasi todos
usavam de *dominó* ou *gavão*.

Reinava em todos grande carestia de espiri-
to, á excepção d'um de *dominó ráxo* e mascara
preta, que era realmente seringador, e por ve-
zes tinha dictos tão picantes que chegavam a
tocar a insolencia. Advertimol-o de que tenha
mais cautella para os bailes seguintes, porque
o *espirito de um mascara* não estende a sua peri-
pheria por tão longe que chegue até aos gracejos
insolentes!! Com isto não julgue o sr. mascara
que o seu *espirito* nos incommodou. Pelo con-
trário nos admirou e maravilhou muitissimo.
Folgámos — porque não somos invejosos — de
ver nos outros aquillo com que a natureza se
não dignou brindar-nos. Damos-lhe, pois, os pa-
rabens, porque nunca suppozemos que debaixo
d'aquelle *chapeu d'abas incommensuraveis*, e
d'aquelle *frack chronico*, se escondesse um ho-
mem tão *espirituosamente chistoso*. Foi por isso
que o não *matámos* logo.

Esperámos e desejámos que os seguintes bai-
les se apresentem com mais vida, para o que
é indispensavel que as amaveis leitoras não
fiquem em casa como d'esta vez. Pois nem
gratis!!

Forte falta de *gosto!*

E la vem a *cabra* dizer que as férias acaba-
ram, e que acabe aqui tambem a chronica para
me agarrar ao *Digesto!*

Que falta de *gosto* que tem a *cabra* tambem!
Façamos então o que ella manda, e
Boas noites.

Coimbra, 7 de janeiro de 1864.

O *chronista*.

EXPEDIENTE

A redacção d'este jornal espera dos srs. as-
signantes das provincias que mandem satisfazer
o importe das suas assignaturas por seis mezes
(840 réis) o mais breve e pelo meio mais com-
modo que lhes seja possivel.

Julga-os a todos mui cavalheiros, para espe-
rar que lhes seja repetido um semelhante pe-
dido, devendo ter em consideração que a publi-
cação d'este jornal tem em vista um fim essen-
cialmente nobre, qual é o auxiliar um acade-
mico; fim que por certo a redacção não alcan-
çará, e antes se comprometterá, se os seus as-
signantes não satisfizerem prompta e cavalhei-
rosamente o importe de suas assignaturas.

Esperámos que nos não façam repetir um
pedido que, com quanto seja tão justo, por certo
nos não fica bem, nem aos srs. assignantes, e
muito principalmente, se nos virmos na dura ne-
cessidade de publicar seus nomes.

Cumpre-nos tambem por esta vez e a este
respeito advertir, que o importe deve ser re-
mettido, com *toda a cautella*, e *exclusivamente* á
redacção d'este jornal, ao administrador respon-
savel Duarte de Vasconcellos; ou entregue a
quem so entregar um recibo *impresso*, com o
nome do mesmo administrador tambem *im-
presso*.

Obriga-nos a usar d'esta advertencia *um tal*
cavalheiro d'industria, que a titulo de *secretario*
d'este jornal tem ja *chupado* alguns vin-
tens.

Recommendámos, pois, aos nossos assignan-
tes cautella com elle, para não perderem o im-
porte da sua assignatura.

Novamente advertimos tambem que a redac-
ção d'este jornal tem o seu escriptorio na Rua
dos Estudos n.º 22, e não na Rua da Trindade
n.º 3.

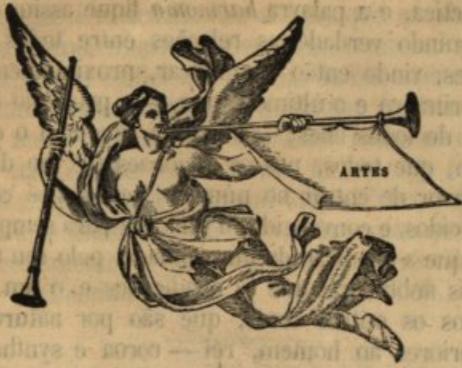
Pedimos desculpa a todos por não ter sahido
o jornal durante estes quinze dias de férias. Obrá-
mos assim, attendendo a que, sendo academicos
de Coimbra e Porto a maior parte dos nossos
assignantes, podia haver muitos extravios e trans-
tornos no serviço do jornal.

Em troca d'isso haverá um mez em que em
vez de quatro receberão cinco numeros.

Aquelles srs. que ainda não têm o 1.º e 3.º
n.ºs pedimos desculpa, e participámos que ainda
este mez receberão pelo menos o 1.º

Coimbra — escriptorio da redacção da *Chry-
salida*, Rua dos Estudos n.º 22 — 4 de janeiro
de 1864.

A redacção.



O SECULO DEZENOVE

(Continuado de pag. 51)

Temos fallado sôbre o desinvolvimento social do homem; passemos hoje a consideral-o individualmente. O progresso individual do homem consiste no desinvolvimento da sua natureza moral; este desinvolvimento não pôde ser outro, senão a perfeição relativa das faculdades — *liberdade, razão e sensibilidade*. A perfeição d'estas faculdades pôde, com razão, julgar-se comprehendida no desinvolvimento progressivo da *liberdade*. Demonstrado, pois, o progresso da liberdade, está demonstrado o progresso do homem moral.

Considerámos portanto esta questão do progresso individual pelo lado da liberdade humana. Progredir é caminhar, e não se caminha sem se ser livre. O primeiro symptoma de progresso em qualquer povo manifesta-se na mais plena liberdade de pensar, que comprehende a liberdade de consciencia, de cultos, etc.

A apparição de Christo sôbre a face da terra, as reformas de Lutero e Calvino, e a revolução franceza de 1789, são os tres pontos capitaes que havemos de tocar, para demonstrarmos a regeneração progressiva do homem moral.

Vivia o homem desde o peccado original mergulhado no pelago da devassidão, e envolvido nas trevas da mais escura barbaria; era o escravo da materia e das proprias paixões; a força bruta era a unica que imperava, o homem era um automato, um miseravel. Os primeiros sabios e pensadores d'aquellas epochas de envilecimento eram tambem os primeiros escravos: não podia haver um Virgilio, um Horacio sem um Mecunes.

Mas eis que apparece no mundo o prometido Messias; este homem, certamente divino, passa os primeiros tempos da sua vida na mais

escura humildade. Depois do sexto lustro da sua sancta vida manifesta-se aos homens; prega e vae prégar as mais sublimes e sanctas doutrinas; sanciona no seu evangelho a egualdade entre os homens, e liberta-os das leis necessarias da materia. O homem é restituído á sua antiga dignidade; os principios da doçura e humildade substituem a força bruta e o orgulho.

Christo, prégando as suas sábias e sanctas doutrinas, deixa a todos a facultade livre de as abraçar, ou de as repellir: a força é completamente banida do seu systema. Evangelisa os povos; diz-lhes a verdade, mas não os obriga a acreditar-o. O homem é portanto julgado um ser livre pelo proprio filho de Deus...

Todavia torrentes de povo seguem-o irresistivelmente; fascinados com as verdades que elle eloquentemente prégava com a força da convicção, querem eleva-lo em triumpho, que elle rejeita.

A todos maravilha tanto prodigio! Os potentados da terra recuam horrorisados em presença de uma tal transformação social; temem que os povos esclarecidos pela palavra do Divino Mestre digam: — acabou o vosso reinado de tyrannos; somos todos eguaes; so Deus é nosso superior. Jesus Christo foi sem dúvida o primeiro democrata, porque foi o primeiro progressista. (Continúa).

Coimbra, 16 de janeiro de 1864.

A. Eduardo de Moura.

VERSOS AO ACASO

Eu quizera ter cantos, quizera,
Mas meus cantos so lagrimas são!
Morre a flor da gentil primavera,
E com ella os perfumes la vão!

E quizera ter crença sincera!
Vão desejo! se a fe ja morreu:
Por gozal-a outra vez quanto dera,
Quem á força de dor a perdeu?!

E quizera inda esp'rar; se eu podéra!...
Mas esp'rança, não mais volverás.
Como nasce nas campas a hera
Tambem lucto minh' alma teras.

E quizera ter prantos; quizera:
Quantas vezes chorar nos faz bem?
Quantas vezes allivio trouxera
Esse pranto que aos olhos nos vem...?!

Mas nem prantos eu tenho, nem crenças,
 Nem um raio d'esp'rança ou d'amor:
 Tenho penas e máguas immensas
 Sob um riso que gela de dor!

Porto, 6 de novembro de 1863

Henriqueta Elisa.

PHILOSOPHIA?

INTRODUÇÃO

(Continuado do n.º 3)

Disse; e disse bem, supposto mesmo não tenha dito cousa nova e inaudita. Sua ou alheia, d'elle ou d'outros, como é também nossa pela adopção, a ideia tem calado fundo no coração de muitos pensadores. E todos elles, excluindo com a unidade a pluralidade de deuses, que é cousa desusada ja hoje n'um seculo de luzes, têm exprimido, mais ou menos fielmente, as aspirações da humanidade para o infinito, como ideal da perfeição; e, revelando assim as tendencias naturaes, buscam na unidade do eu a unidade do pensamento, na do pensamento a do sentimento, em ambas a da vontade, em todas a da acção; e na uniformidade da acção a harmonia, que é a synthese de todos esses postulados d'ordem, que se disputam o campo entre a these e a antithese por meio da hypothese, que alli não pôde ter senão uma existencia transitória e passageira: porque a philosophia, que tiver por principio o absoluto, por meio a boa ordem das relações entre todos os seres congeneres, e por fim a approximação d'estes em suas diversas gradações para a unidade, não temporisa, nem pôde condescender com as temporisações, senão em quanto instada pelas necessidades da situação, — a que é ainda uma temporisação relativa, por último uma relação, e consequentemente um simples meio, para melhor se demandar a posse do fim que se propõe e pretende lograr, á custa de esforços constantes.

So assim se pode conceber a ideia d'harmonia; e a harmonia é, ou deve ser, o principio regulador do universo, e cousequentemente o fim a que devem tender e dirigir-se todos os entes, qualquer que seja a sua condição e natureza.

Mas, para que esta ideia sympathica se converta de realidade subjectiva, i. é, para que a concepção se realice practicamente, e a idea se traduza em facto, o facto ideal em facto material, de modo que o bem so ideal se torne tam-

bem um effeito sensível, o bem realisado na practica, e a palavra *harmonia* fique assim exprimindo verdadeiras relações entre todos os seres, vindo então a significar, proxivamente, o primeiro e o último termo, — o principio e o fim de todos elles; — é mister, ninguem o duvida, que todos, nós os racionaes (se me daes o favor de entrar no número), estejamos convencidos, e convencidos d'uma vez para sempre, de que a condição da humanidade, pelo seu fim mais nobre, resume as condições e o fim de todos os outros seres, que são por natureza inferiores ao homem, rei — coroa e synthese da criação; assim como Deus, Rei dos reis (a), coroa e synthese do universo, resume o fim de todas as creaturas, porque é a expressão unica, como principio supremo, de tudo quanto existe.

Tal é a *omneidade* de Deus, resumindo, sem nunca ser, a totalidade dos seres; porque á philosophia não basta *Deus finito*, uma simples somma de quantidades, e so lhe satisfaz um Deus absoluto, que, como tal, seja independente de todo o outro ser que não seja elle, e que, por consequencia, tenha, ainda de si e por si, o attributo d'*aseidade*: o que exclue radicalmente a ideia de um «todo... deus» — *pantheos* —, como *constituto* d'elementos repugnantes ou quantidades, e, o que é mais, de quantidades heterogeneas!...

Assim, como alguns têm pretendido, Deus não é, nem pode ser, Deus; affirmal-o é negal-o, demonstrar a sua existencia seria demonstrar o absurdo; seria, em fim, tomar a Deus para assumpto da apothose é impiedade! — Não assim, quando, como ja fizemos sentir, Deus, a causa das causas todas, a faculdade insolita do universo, for considerado de modo que possa assumir o *titulo* de — *ser tudo*, como realidade suprema.

Este *pantheismo* admite-se; aquell'outro, o de *Spinosa*, não.

Uma vez convencido d'estes principios, o homem, unico ser que dizemos livre, depois do Ser unico verdadeiramente livre, tem que sujeitar todos os seus actos, sem excepção de nenhum, á voz imperiosa da consciencia, aos dictames do eu, que interiormente lhe falla e constantemente brada, que, se bem reflexionar, *ceu* e *inferno* (eternidade de premio e pena) não são uma van chiméra, não são termos vagos, a que nada corresponda, e so inventados para armar á credulidade dos homens, mas sim termos substanciosos, que alguma cousa exprimem e significam de realidade, embora pintem ésta, — pouco importa, — de diversos modos; por-

(a) Psalm. XLVI, 8, — XCIV, 3 e 4; etc.

que não é, nunca foi, a variedade de feições, segundo a variedade dos artistas que em diversos tempos traçam ou desenhão o mesmo quadro, prova sufficiente e cabal da não-existencia d'uma cousa ou entidade qualquer. A ideia está na mente de todos; e não dizer como a cousa é, não é dizer que ella não existe, não é negal-a; pelo contrario, mui longe d'isso, é proval-a, é attestar a sua existencia, posto que indirectamente, no facto da crença universal.

(Continuar-se-á).

G. P.

SACERDOS RIDENS

Parodia ao — *Sacerdos Lacrymans* — de Simões Dias

A Anselmo d'Andrade

Derelicto suo lare,
prope rosas, quae altare
pulchrae ornant,
per laetitiam, quam sentiebat,
gratos risus remittebat
ad Altissimum!

Qualis flos, qui ad auroram
laetus ridet juxta horam
diei primam
penetrans caeruleum velum,
vidit angelos et coelum
multum fulgens!...

Rogat coelum gloriam tantam,
laudat Jesus matrem sanctam
hominumque!
et oblitus tristem mundum,
oc'los volvit ad jucundum
altum coelum.

Dulce ridens ad Eternum,
laetus horridum infernum
triumphavit...

Paulò post, immensam gloriam,
fugiens vitam illusoriam,
ridens tenuit.

Seminario de Vizeu, dezembro de 1863.

A. Candido Pereira de Figueiredo.

INDUSTRIAS

Desde o meado do seculo passado que uma força vigorosa começou a animar a classe artistica, e a dar-lhe vigor para emprehender gran-

des obras, que podessem competir com a magestade da natureza. A inquisição, com o seu vulto negro, levantava-se no occidente, desenrolando o seu veu de torpezas, e prohibindo a emancipação do homem. A liberdade era um insulto; a religião um simulacro de vicios; a moralidade um dogma falso; a virtude um emblema de horror. Tremia o artista ao dar desinvolvimento ás concepções do seu genio, e deixava no limbo grandes e maravilhosas obras d'arte, porque a incuria dos usurpadores não lhe dava apoio, antes lhe frustrava todos os meios de adiantamento.

Em 1820, um novo sol raiou no occidente: o grito de liberdade repercutiu-se d'um polo ao outro, e o artista deu impulso ás suas obras, e o progresso abriu fileiras na civilização, ainda em embryão.

Appareceram as grandes exposições, e la sobressahiu Portugal como uma das nações adiantadas.

Festejou-se a pequena terra da oceania, e deu-se um premio aos artistas. Mas era necessario dar-lhes mais apoio. Era necessario animar-os na carreira brilhante da arte, e por isso appareceu no seu gremio um rei-artista dando-lhes vigor, animando-os, e pagando do seu bolso todos os meios de prosperidade para as bellas-artes.

Chegámos á epocha que em cinco seculos se ambicionou, e ahi temos a classe artistica bem-dizendo da civilização e do progresso, que a animou nos seus mais arrojados pensamentos.

E não havemos de levantar um brado em prol d'esses homens, que tanto têm contribuido para a causa do progresso? Era uma vergonha se da imprensa periodica do paiz não sahisses os applausos para os grandes artistas!

Temos ja novos melhoramentos; vemõs ja as industrias progredindo; possuimos artistas de incontestavel merito; falta-nos so a maneira de contribuir para o sustento do artista, cuja obra não lhe dá meios de subsistencia, visto que em Portugal não se premeia o merito nacional. O verdadeiro patriotismo, se o ha, é em politica, e não para com os nossos artistas conterraneos.

Portugal tem em si grande número de melhoramentos devidos ao incansavel zêlo dos artistas. O nosso querido e sempre chorado rei o Senhor D. Pedro V quiz dar impulso á sua grande obra — o apoio á industria, e, se a morte o não arrebatasse tão cedo, teriamos d'aqui a pouco tempo alguns artistas favorecidos pelo seu trabalho.

Foi elle que plantou a exposição industria

na cidade invicta, onde se viu o que ja podia a nossa industria.

Temos ahi um rei-artista que tambem contribue para a prosperidade das bellas artes; mas a sua vontade não pôde attingir aos fins que a industria demanda, porque elle pôde premial-os, mas nunca poderá fazer com que em todo o reino se dê o verdadeiro merecimento ás grandes obras, pois vemos ahi a preferencia que se dá ao que vem das nossas vizinhas.

Estamos certos de que o govérno ha de propor os meios de tornar mais feliz a sorte do artista e do operario.

Continuaremos no assumpto.

Annibal Augusto Pereira.

DUAS POMBAS

A PEDIDO DO MEU AMIGO

Jose Joaquim de Moura Correia

Que lindo vae no ceu com voo igual
brincando descuidoso
de pombas um casal!

Que lindo! como em extasis de gôso
se beijam 'num suspiro
d'amor delicioso!

As vezes quando em sonhos eu deliro
na tepida bafagem
d'um ar, que então respiro,

parece estar-lhes vendo a linda imagem
mirando-se nas côres
da candida plumagem...

E quem ao ver do affago taes primores
não fôra alli matar
a séde dos amores?

Fui eu, pombas do ceu, que ao despertar
do sonho, em que eu andava
matei, quem me matava,
em vossos lindos seios de invejar!...

Fui eu, que namorado de vos ver
diante de meus olhos
me fui calcando abrolhos
aos vossos pes morrer!

Fui eu, que 'num excesso de demencia,
quando os olhos ergueis para os ceus
do vosso excelso throno de innocencia
vos tombei 'num inferno, anjos de Deus!

Não podestes erguer-vos! Eu tambem
matando — aos vossos pes morto cahi!...
Agora porque espero, se ninguem
me pôde dar a vida, que perdi?!...

Bemfeita — Natal de 1863

J. Simões Dias.

CONTOS DA THIA CECILIA

S. Sebastião

II

O milagre se espalhou nas aldeias circumvizinhas, e á noite a aldeia de... se tornára pelo número de pessoas uma grande villa! Nas casas dos principaes havia esplendido bailarico: os trovadores da terra improvisavam cantigas ao sancto: e a sr.^a Thereza era a rainha da festa!

Ninguem ousava olhal-a de perfil: nem que de seus olhos partisse uma aureola de luz! As raparigas comparavam-na a Nossa Senhora do Rosario, pois ella nunca deixava em casa as suas contas que, salvo o êrro, tinham ja pertencido a um frade da companhia dos Antoninos!

Ai! essas contas era um romance que as aldeias ignoravam... e eu... eu vou continuar o conto.

E depois essa noite era bella noite de Paschoa: no regaço da sr.^a Thereza choviam folares, fios de pinhões, maçans com figos estrelados e mil presentinhos que ella aceitava sorrindo e agradecendo!

Feliz velha! mais feliz do que a rainha que sustenta o sceptro do consorte com o sangue dos braços e dos innocentes martyres! mais ditosa do que essas mulheres que se assentam no throno do seu imperio, para presenciar a tyrania e o despotismo do soberano seu consorte!

Soberano?!... Quem impera é o corã — não a cabeça de maus pensamentos: impera a virtude não o sangue: campeia a religião na pessoa da sr.^a Thereza, não a tyrania na corôa d'uma imperante! Campeia, porque a vida é a verdade com dois polos: o polo mais elevado é o empyreo!...

Mas o bom povo aldeão, depois de muito folgar, adormecêra recolhendo-se a seus tugurios levado por um extasi de ventura e devoção.

Que noite tão bella! Que sonhos tão embriagantes!

Como as horas eram beneficas!... Como ellas decorreram celeras!...

Raiou a madrugada, e com ella sumiu-se o lethargo do leito... Na aldeia acorda-se com os gorgeios da philomela na arvore ou silveira proxima: a existencia dos aldeões é vivificada pela brisa matinal que lhes refresca as fronteas, pelos nascentes raios do sol que se coa por entre as frondes das arvores fructíferas, pela atmosphera san e salubre que cria e sazona os fructos dos vegetaes; que fórma a bella vicejação dos milheiros, a verdura do pampano nas encostas, e todo esse fructificar são da aldean natureza!...

E então, pois, começa o movimento todo sancto do trabalho. Primeiro gorgeiam as aves: ao hymno d'essas creaturinhas respondem as bellas cantilenas das raparigas que vão á fonte; depois o cantar rouco e viril do trabalhador, que, com o alvião ás costas, se dirige para a horta: ao mesmo tempo o chiar dos carros do lavrador que vae para a lavoura: a tecedeira assentou-se ao banco do tear: o sino da igreja mais proxima tange as Ave-Marias matinaes: reza-se, e definitivamente se começa a trabalhar! Ah! mas no dia seguinte ao do apparecimento do sancto, tudo mudou de face. A creada, a ceifeira, o trabalhador, o agricola, tudo voou a um tempo para o templosinho, e ajoelhados todos ante a frente cantavam a ladainha!

Nessa harmonia sobresahiam as vozes finas e agudas das donzellas, como que para chegarem primeiro ao ceu, por serem as mais innocentes!

Entretanto a sr.^a Thereza acordada ao ruido religioso, se levanta e se dirige para o templosinho. As religiosas todas se levantam.

A boa velha, radiante de júbilo, dá a mão a beijar a todos, e vae abrir a portasinha da pequena capella atravessando por entre alas do povoleu. Thereza, abrindo-a, mostra ao povo, que a rodeiava, uma catadura mais original do que a da rainha que diz ao seu senado — perdeu-se a batalha — e logo exclama constricta:

— O sancto não está ca!...

Todas as bôccas se abriram a um mesmo choque, os labios inertes se mecheram a um mesmo tempo, e todos meio attonitos, meio alienados regougaram a um echo de espanto:

— O sancto não está ca!?!

As pobres creaturas olham para a sr.^a Thereza como para ouvir, mas a velha repetiu o que tinha dicto.

Todos conjecturam. Um affirma que o sancto fugira, porque algum da aldeia fizera de noite alguma ma acção; outros observam que o capitão-mor da terra é um ladrão, e que o

sancto não quer viver com ladrões; uma velha chora e diz com os punhos fechados «fôra o capitão-mor!» Todos berram: tudo é confusão, quando de repente tudo tambem se calou a um unico aceno do braço da sr.^a Thereza. A velha olha para a assembleia silenciosa; respira e clama:

— Milagre! segundo milagre!!

Como podia o sancto sahir se eu tinha a chave em casa?!

— Mas para onde iria o sancto?!

A afflicção era extrema naquella boa gente! gritava conjecturando ainda, quando sem o esperarem, lhe sahem d'um canto da aldeia dois frades que marchavam com passo lento e sizudos.

O povo rue para onde os frades apparecem a contar-lhes o caso: e pasma, quando, depois de um delongado sermão, ouviu de um d'elles:

— Sim milagre meus irmãos! Nós agora o vimos, o bom sancto, acolá em cima naquella collina... num altar de ervas sanctas... E o sancto nos disse: ide dizer ao povo que eu quero que me construam aqui o templo... foi aqui onde me encontrou a quasi sancta Thereza: d'aqui vigiarei melhor d'este alto os bons filhos d'esta aldeia!»

O sancto aqui nos mandou e nós viemos!

Christãos! mil indulgencias ganharão as almas dos que concorrerem para a formação do templo ao advogado, d'ora ávante, d'esta terra, ao patrono dos doentes e dos desgraçados, ao martyr de Narbona que morreu atravessado de settas para gloria do Filho de Deus vivo!

Ajoelhae irmãos e orae!!

A este falar, o povo ajoelhou e depois quasi em correria seguiu aos brados para a collina, e em júbilo delirante exclamava:

— Milagre!

Pois viam o seu sancto tão festejado.

Uma semana não se cuidou da lavoura: todos trabalharam em construir o templo onde ainda hoje se venera S. Sebastião no dia 20 de janeiro.

Ora eu disse no serão á thia Cecilia, que dobava na sua dobadura depois d'ouvir o conto:

— Medite bem, minha boa velha! Olhe que os frades foram feitos com a beata para engrolar o povo... aproveitaram-se de sua innocencia para fazerem construir mais um templo!

— Ih! Jesus — Por S. Sebastião! não ha sancto mais milagroso! Eu o diga... Estava eu de cama, levada da breca, com maleitas, e vae eu apeguei-me com S. Sebastião, e o sancto me valeu... O que não fizeram remedios de botica, fel-o o milagroso sancto. Se hoje vivo, de-

vo, o a elle: bemdicto seja Deus e os sanctos da côrte do ceu!

— Amen! Lhe disse eu com ar d'incredula.

Heresta do Vaticinio.

Homenagem

(Posta em labios de creancinha)

Se acaso em peito de joven
pôde haver coração grande,
que a dor dos outros abrande,
quando as lagrimas lhe chovem,

e nos meus labios agora
se pôde haver um sorriso,
que retrate o paraizo
diante de vós, senhora,

pois que eu muito chorava
por vos ver penar no leito,
como sentindo no peito
a dor, que vos magoava,

possa tambem 'neste dia
de regosijo e folgar
a minha voz ajunctar
ao pe da vossa alegria.

Coimbra, 25 de dezembro de 1863.

J. Simões Dias.

AHI VAE! (a)

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDISCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

(Continuado de pag. 61)

II

Lançadas assim as ideias rudimentares da patria, e talhados ja os lineamentos da sociedade, a actividade humana recresce; e, á medida que aquella se vae engrandecendo com o augmento progressivo da população, assim de dia a dia o trabalho é mais desinvolvido e consagrado sempre como o unico balsamo mais efficaz e precioso para calmar, como se disse, essas dores soffridas 'neste destêrro da vida.

Mas o engrupamento de familias exigia, por

(a) Parece enigmatico similhante titulo!... E parece —sou comvosco. Mas — *quod scripsi, scripsi* — é o que me resta repetir-vos até final. Volvei sempre por isso a attenção sôbre a nota (a) do n.º 7, que la está e la achareis, talvez por último, a chave do enigma.

bem e necessidade da ordem, um centro, que, garantindo a maior estabilidade, tornasse solidarios os interesses de todos com os interesses de cada um; e, assumindo as funcções de auctoridade, unificasse muitos elementos ainda dispersos, arvorando entre elles, como divisa do principio unitario em acção, o estandarte da ordem, que é presagio certo de mais felizes tempos.

É, na verdade, á sombra d'esta, dictado e modelado por ella, devia crear-se outro systema de governação, ensaiar-se novo regimen, cujos preceitos, encarnados no espirito de todos pela bem querença geral, fizessem não so representar á communitade um papel mais digno das primicias do desinvolvimento intellectual; mas que, vogando alem d'isso ainda como leis (cuja execução plena acharia garantia segura e valiosa na communhão de interesses reciprocos, a que todos deviam dar-se com desvelado empenho), abrigassem tambem sob sua protecção e salvaguarda os direitos primevos do homem: porque era pelo exercicio livre d'estes, e livre cumprimento de deveres analogos, que haviam ir-se estendendo e alargando em todo o sentido as relações sociaes, de cuja manutenção dependia essencialmente o respeito á propriedade, que é o germen dos estímulos de a servir e beneficiar.

Este regramento sempre extensivo e ostensivo na multiplicidade de similhantes relações, resume a vida activa d'um povo, a qual, sendo uma como ideia preliminar do seu progresso, é tambem o elemento primordial da sua prosperidade e riqueza.

E tal é o movimento intellectual, exercendo-se na exploração da natureza, e a reacção d'esta, em suas contrariedades, grangeando sempre para aquelle novos impulsos e novas direcções!...

A este tempo a sciencia e as artes, se bem que restrictas ainda em suas áreas, ja tinham archivado alguma somma de principios e regras; mas o *tradicionalismo* que se encarrégara de esgotar esse cofre, para espalhar aquelles e aquellas, a fim de assegurar-lhes a perpetuidade, mal sabia ainda que o thesouro, que custára ao homem tantos e tão penosos sacrificios, se iria engrossando cada vez mais com a propagação de tão importantes conhecimentos.

A experiencia porém, que é a pedra de toque para tudo, pôde insinuar no ânimo das gentes e mais tarde confirmou em suas demonstrações irrecusaveis, que o appello da theoria para a práctica, e reciprocamente da práctica para a theoria, era sem dúvida o melhor e mais seguro meio de alargar a esphera dos conhecimentos humanos.

Assim se conseguiu que as gerações, alternativamente revezadas em suas metamorpheses successivas, fossem aprendendo umas das outras, e fôsem aprendendo a verificar tambem; as noções geraes, que em tempos mais maduros deviam de constituir definitivamente as bases de um systema de organização social, mais ou menos perfeito, segundo fôsem mais ou menos perfeitos, egualmente os meios e recursos alcançados e havidos pelo trabalho do homem.

Nem podia deixar de ser assim.

O labutar continuo do homem, sempre mais ou menos audacioso em seus commettimentos, devia de instaurar assim, pouco e pouco, a ideia do progresso, que, materializando-se nos factos, quer do mundo moral quer do mundo physico, para logo deveu tambem trazer, a prol da vida activa e energica da sociedade, o melhor e mais valioso penhor das lides affanosas d'aquelles de seus membros, que mais se afadigavam em melhorar por seus constantes esforços a situação de todos em geral, e a de cada um em particular!

E, assegurando d'est'arte um porvir mais ditoso, por menos semeado de soffrimentos, ou antes por mais fecundo em recursos para os debellar, gerações innumeradas, que successivamente se foram sumindo no po roçado pela lima dos tempos, legaram haveres preciosos á sua posteridade, que abraçava com mãos avidas tão feliz e donosa herança.

(Continúa).

G. Pereira.

Publicámos em seguida uma poesia do Ill.^{mo} Sr. Antonio Joaquim Ribeiro de Campos, offerecida ao Ex.^{mo} Sr. conselheiro e commendador Antonino de Sarzedo, por occasião de alcançar do govêrno licença para se construir sobre o Alva uma ponte reclamada pelas necessidades dos povos d'aquella localidade.

Alem do merecimento litterario — novidade de estylo, verdadeiramente homerico, o espirito summamente grato e alheio da lisonja, — que presidiu á confecção d'aquelles versos do sr. Campos, tornam recommendaveis aquellas demonstrações de verdadeira amizade que o sr. Campos consagra ao homem, que pelos seus serviços ao concelho d'Arganil, merece o primeiro logar nas attenções e respeito.

Em breve publicaremos aqui um hymno que o mesmo sr. Campos compoz ao lançar-se a primeira pedra nos alicerces da lindissima ponte do Sarzedo, hymno, que mãos malignas alteraram no *Viriato* para lhe diminuir o merecimento, assim como obscurecer a gloria, que ao dis-

tincto professor de latinidade tem grangeado os seus apreciados escriptos publicados e alguns ineditos, que por *teima* conserva na gaveta.

AO EX.^{mo} SR.

A. R. DE G. A. P. A. PACHECO

Por occasião d'alcançar a construcção da ponte do Sarzedo sobre o Alva em 1858

Era o bemquisto Pedro quem sentado na imminencia do solio lusitano por sobre o povo amado repartia da doce liberdade os doces mimos. Eram Sa da Bandeira e Carlos Bento, um Avila e Loulé, — varão preclaro, — os ministros fieis, em cujo zêlo dos negocios o péso descansava. Quando no filho seu, que perto mora, o genio tutelar do velho Alva insufla ideia audaz — subida empreza que deve na memoria ser eterna! Eis o inclito varão, que presuroso a inspirações taes obedecendo, promove, sollicita, e não descansa até que sobre o Alva a ponte se ergue. Salve! pois, Antonino, que venceste da miserrima inveja adrede guerra!... Na virtude prosegue, — novo Pio, — que ao depois a distante posteridade, gosando esse padrão de tua gloria ao lembrar o teu nome com saudade eterna ha de fazer tua memoria.

A. J. Ribeiro de Campos.

CHRONICA

Coimbra, 21 de janeiro de 1864

Carissimos leitores:

Que vos direi eu hoje do fundo d'esta prisão (do leito) para onde me arrojou sem piedade a mão de Deus?

— Note-se que me não refiro ao drama do nosso Simões Dias, que debaixo d'este titulo breve sahirá a lume. —

Involto nestes lençoes, que me estão parecendo a mortalha e recordando os destinos d'alem da campa, como poderei fallar-vos do mundo brincalhão, que por ahi tripudeia solto e desvairado anticipando o carnaval?

Ai! meus amigos, folgae, folgae, em quanto mão de ferro vos não arrasta para estes sepul-

chros de vivos, aonde me contorso com saudades vossas. Vós não me acreditaes; porque eu bem sei que não daes credito ás palavras de chronistas, mas, se por um momento podesseis conceber a intensidade do amor, que vos consagro, e medir nos thermometros da vossa alma a quentura das lagrimas que me estão cahindo sôbre o papel, estou bem certo que irieis atulhar os templos e pedir ao Senhor dos Afflictos o meu rapido restabelecimento.

Deixae, que o doente allivie os seus pesares com tão doces meditações, e que, resando as minhas contas, esteja pedindo por vós, e principalmente por mim, ao Deus, que me trouxe até aqui, e que perto vejo estender-me o braço para juncto d'elle!... Estas reticencias querem dizer, que a chorar vos estou fallando!... Nem 'nisto acreditaes? Pois bem: desenganar-vos-eis, quando, em vez de chronica, lerdos 'neste jornal o meu bem elaborado necrologio, que vou fazer para evitar algum esquecimento da parte dos meus herdeiros. Mas, quando penso 'nisto... Senhor! (Deus me perdoe) parece que a vida me agrada mais do que nunca, parece que vejo em volta de mim as luzes amarellentas dos brandões, o psalmear atterrador dos padres, e o plangente dobrar dos sinos, regôugando como horda de demonios, e mais que tudo uma chusma de amigos espremendo as lagrimas em volta do meu leito, como para significar a sua dor ao pobre que lhe deixa em penhor da sua amizade apenas o echo do suspiro derradeiro, que por certo Deus receberá no número das minhas boas acções. Mas eu não desejava morrer sem ver o Hermann, por quem tenho suspirado tanto!

Hermann!.. a ésta palavra resuscito. A vida que eu estava contemplando, ja esvoaçando por fugir para o Emypyreo, essa vida, que debil fio prendia ao corpo, que breve ia a deixar, sinto-a refluir ao coração e mais e mais arreigar-se nas carnes! Hermann! palavra magica que um dia souu aos meus ouvidos, e que de la nunca mais sahiu. Quiz ver-te, quando, pela primeira vez, Coimbra admirou em ti um genio surpreendente, não sei que sorte ma me havia então clausurado entre quatro paredes, que não pude associar-me então ao brado unanime que as turbas rugiam em volta de ti. So a fama, que a mim chegava, me ensinou o teu nome, hoje queria ver-te e admirar-te... queria, porque em fim tu fazes milagres, e podias prolongar-me a vida com alguns feitiços.

Antes porém de morrer, permite que eu te saude do leito do moribundo; e vós, meus leitores, permitti que eu envie dois abraços, que embora sejam de um moribundo levam muita

amizade e muita sympathia. Toda a fôrça que me resta vae 'nelles.

É um para o meu íntimo amigo Cazimiro Antonio Pessoa, que no dia 6 de janeiro de 1864 celebrou na egreja do Collegio Novo a sua primeira missa, desejando que no cuidado das almas seja o levita exemplar, como até aqui o tem sido em todos os actos da sua vida, o que é de esperar do seu elevado talento e virtudes.

O outro é para o sr. Francisco Antonio Barata, em prova do quanto gostámos do seu drama — *O moedeiro falso*, que ultimamente subiu á scena no Theatro da Graça, e em que desempenhou o protagonista.

Mostrou o sr. Barata mais o seu merito, terminando o spectaculo com a seguinte poesia:

Tomba na encosta o solitario arbusto,
Se o norte frio lhe vareja a coma;
'Stala, vacilla e cae o cedro adusto,
Se um raio dos ceus o fôrça e doma.

Mas, se o fragil arbusto á sombra posto
D'outros arbustos, se avigora e medra,
Dá sombra, dá frescura ao sol d'agosto,
Cresce formoso, não carece redra.

Taes somos nós: devemos, pois — unidos —
Á conquista correr da illustração;
Com mútuo abrigo, dita mil teremos,
Nome, respeito: — d'outra sorte — não!

Portanto, meus amigos, como um laço
Que sempre mais e mais nos deve unir,
Transmitto a todos vós com este abraço
O voto ardente de um melhor porvir.

Fallando d'esta récita, não podémos deixar no esquecimento os nossos parabens aos noveis actores, com especialidade aos srs. Emygdio, Perdigão, e D. Emilia, que não so se houve muito bem no seu papel de Antonia, mas ainda no de *Bertha de Castigo*. Foi chamado ao palco o sr. Gonçalves, pintor, pelo seu primoroso trabalho no panno de bôca.

Quizera podér fallar-vos bastante, mas temo que éstas impertinencias de doente vos desagradem, porisso vos não tomô por mais tempo estes preciosos momentos, que podeis ir passar á funcção do Hermann, que hoje quinta-feira deve ter logar no Theatro Academico.

Adeus, meus caros irmãos, resae-me por alma se Deus me levar de entre vós, pelo que vos fica obrigado o vosso amigo *Chronista*.



O SECULO DEZENOVE

(Continuado de pag. 67)

No entretanto essa Roma, a prostituta dos Cesares, que avassallára quasi todo o mundo até então conhecido, acabára por se escravizar a si mesma. Com o suicidio do virtuoso Catão cahira esse simulacro de liberdade, porque nós não cremos que haja um povo livre, dividido em duas castas radicalmente distinctas e oppositas, quaes eram a dos patricios e plebeus.

O apparecimento do Christo coincidira com o de Cesar. Já viram o absolutismo e a democracia mais bem representados? Ambos grandes homens; ambos tidos na conta de deuses: um entre os pagãos — *divus Caesar*, outro entre os christãos.

O reinado de Cesar, que alguns consideram como apogeu da grandeza romana — *divisum imperium cum Jove Caesar habet*, — representava todavia uma situação facticia, e uma civilização mentirosa.

Esse colosso gigante, já corroído em sua base, podia sustentar-se, em quanto existisse o vigoroso braço, e o robusto talento de um Cesar; mas é condição da natureza o surgirem Cesares so de seculos a seculos.

Dizem que, depois que Deus tirára o mundo do *nada*, so têm apparecido tres — Alexandre Magno, Cesar e Napoleão I. Dada pois no senado, juncto ao busto de Pompeu, a horrorosa tragedia, a ruina era quasi inevitável; a morte de Cesar symbolisava a morte do imperio; o edificio devia acabar com o architecto.

Succediam-se os imperadores uns aos outros com incrível rapidez; a violencia os elevava ao throno, a violencia os derribava: o direito é sempre coherente consigo mesmo.

Para vergonha do genero humano, mostram-se ao mundo dois monstros com figura humana — Nero e Caligula. Um manda incendiar Roma, para se divertir; outro decreta as honras de consul a um cavallo!! E o senado, representante do *Populus Romanus*, aprova-as!!...

Vêde até onde pôde chegar a abjecção d'um

povo escravo; vêde quaes são os efeitos forçados da negação da liberdade!...

E ainda ha escriptores que, sophismando o progresso, digam que, assim como a civilização romana cahiu, tambem ha de cahir a do seculo dezenove?... O argumento d'analogia é falso; Roma nunca foi civilisada; isso a que chamam civilização era luxo, elemento de corrupção e quêda nas grandes sociedades.

Roma cahiu, nem podia sustentar-se; duas especies d'armas a lançaram por terra — as sábias e justas doutrinas do evangelho, prégadas por Christo, e as invasões dos barbaros do norte. Estes foram meramente instrumentos, foram o braço da Providencia.

Era necessario que o novo edificio se construísse sôbre as ruinas do velho; era necessario que as novas ideias soterrassem as velhas.

As conquistas que Roma tinha feito por meio das armas, e por consequencia da força bruta, devia o christianismo fazel-as por meio da palavra, prégando a verdade por todo o mundo, — *Sicut misit me Pater, ita ego mitto vos; euntes ergo docete omnes gentes*, etc. Com a quêda, portanto, do imperio romano, e com o triumpho do christianismo uma nova e radiante aurora despontava no horisonte do porvir.

(Continúa).

Coimbra, 24 de janeiro de 1864.

A. Eduardo de Moura.

SONETO

A ...

Treme, treme, mulher, vingar-me juro
Sôbre as aras do amor, que desprezaste:
'Neste peito, onde outr'ora amor achaste
Hoje tens maldições e odio duro.

De minha alma extremosa o sentir puro,
So a ti consagrado, aos pes calcaste!
Chorarás esse mal, que practicaste:
De te ver arrependida estou seguro.

Oh! então impassivel ao teu pranto
Ver-me-ás motejando de teu fado,
Nos teus ais de amargura achando encanto.

Tão barbaro — mas basta; arrebatado
Pela dor e pelo odio fui ha tanto
Que esqueci por ti mesmo estar vingado.

Assis.

IMPRESSÕES DA NOITE

Á MINHA AMIGA

Henriqueta Elisa

É-me importuno o teu brilho, ó bello astro da noite!... Essa luz incerta, tão mysteriosa e seductora, essa luz que inspira em tantas almas a suave melancholia d'uma saudade pungente e deleitosa, não me desperta um so dos sentimentos adormecidos em meu peito!...

Saudades não as tenho!... e de que as poderia eu ter, se o meu passado me foi tão indifferente, como é o presente, e como sera, talvez, o futuro?... Que me póde dizer o brando sussurrar das florestas, se me não desperta uma so lembrança, uma recordação risonha da aurora da minha vida?... Que diz o suspirar das fontes, se eu não comprehendo as suas melodias?...

É muda para mim a natureza, porque não encontro no meu peito um echo a responder aos seus hymnos de harmonia, porque não tem uma voz que me faça vibrar as fibras do coração, tão frouxas, como as cordas da quebrada lyra!...

É-me importuno o teu brilho, ó bella flor das campinas do céu, porque a tua luz duvidosa derrama nos prados a seducção e o encanto; porque emprestas á lympha os teus prateados brilhos, porque dás a todos os objectos mentirosas côres que se esvaem, apenas vaes reclinar a fronte de traz dos vizinhos montes!... E então desaparece todo o encanto; e a natureza, como que envergonhada de ter-se adornado com os falsos ouropeis de uma seducção ephemera, apparece mesquinha e desornada, qual a face do traidor depois de rasgada a mascara da hypocrisia!... O teu brilho é-me importuno, porque eu diviso 'nella da falsidade o emblema, que dá ao coração humano reflexos mentirosos, que se apagam, logo que o prisma do fingimento deixa de nol-o mostrar decorado assim de emprestados adornos!...

A magnetica influencia, que a tua luz feiticeira derrama em dois corações felizes, não me seduz tambem; a mim alma alquebrada nos transe do soffrer, e a quem a descrença tem impresso o seu gelado sêllo!... Não me seduz a mim, porque não tenho um ente, que me pareça mais formoso na reflexão do teu argentino raio, e cujo olhar encantador como que deslumbre o brilho, que desprendes sôbre a terra!... O teu raio não me torna mais graciosa a existencia e as trevas que enluctam a minha alma

não se dissipam ao despontar de teu pallido clarão na immensa planície de saphyra!...

Para essas, que em horas de infindo gôso sentem palpitar um coração sob as impressões do amor nascente, e que comprimindo esse coração contra o seu peito, lhe sentem as pulsações violentas e anhelantes, casadas ao anhelado e á violencia de suas proprias pulsações: para essas, a quem o sentimento indefinido do amor, tem feito aspirar os perfumes d'uma inebriante ventura, é doce a tua luz; porque seductora sempre e mentirosa, mergulhando-lhe a existencia 'nesse lethargo de brandas illusões chamado felicidade, lhe embriaga ainda mais os sonhos da imaginação com as encantadas chimeras de um devaneio d'amor!...

Oh! como sera doce o viver então assim! Credo na affeição mútua, namorando a brisa das campinas, e o perfume dos prados, extasiando-se 'numa sensação deliciosa e indefinida, ao ouvir pronunciar palavras de suave enleio, e amando a tua pallidez, ó lua, que lhe emprestas o encanto de teu delicioso sentir!... Como então deve ser bella a saudade, que, em horas de melancholia vem na mente reproduzir celestes gosos d'uma passada ventura!...

Quanto esse — «delicioso pungir d'acerbo espinho» — deve então mergulhar 'num sentimento vago e indizível, que partilha ao mesmo tempo da seductora illusão que passou, e da cruel incerteza que tem de preceder o despertar gelado e frio nos braços da descrença! Como sera bella então a lua! Ella, que foi testemunha dos nossos fêrvidos transportes, ella, que parece haver sorrido á elevação extatica de nossas almas; ella tambem agora pensativa e mensoria, parece compartir a nossa saudade!... E o coração que sosinho vagava nos ermos de recordações saudosas, encontra 'nella uma companhia que presenciou os seus primeiros devaneios, 'nella, que illuminou as suas primeiras emoções, 'nella que escutou os solemnes juramentos que traduziam esse sentimento de impressão ardente que se nos fez sentir; o coração encontra 'nella uma companhia como nós a temos na sombra que ao seu clarão projectámos!...

Oh... vae, esconde os teus pallidos raios de traz da nuvem que se embala brandamente nas azas da viração, ó bello astro da noite! Não dês a tua luz mysteriosa e seductora senão aos que comprehendem, aos que sentem as magias do amor, d'esse amor puro e verdadeiro, archivado pelos anjos no céu, abençoado por Deus, e acceito á natureza e ao coração humano. Então sera doce o teu fulgor ó facho luminoso das

noites; os teus raios se reflectirão puros e sem mancha na face afogueada da mulher, que estreme á doce impressão d'esse affecto, e a fronte pallida do mancebo receberá tambem esse teu brilho, sem que o teu raio luminoso o venha importunar!...

Mas hoje é-me importuno o teu brilho; que não pôde achar reflexo nas trevas que me anuiviam o coração!...

Vae!... esconde á frente detraz da collina, e repousa alli esse somno de magia, que eu quero as trevas da noite para se casarem com a procella que me vae no fundo d'alma!...

E se no porvir tiver, acaso, uma dôce emoção de amor, talvez então busque o teu brilho que hoje, ó gentil alampada celeste, não pôde deixar de me ser importuno!...

Sinfães, 27 de setembro de 1863.

Thereza Izaura.

TRISTEZA E SOLIDÃO

Como é triste a natureza,
Trajando de lucto e dó
Por cada folha que a aspereza
Do inverno arroja ao pó:
O tronco semi-despido
Do carvalho, diz sentido:
«Inda ha pouco guarnecido
«Agora despido e so:

«Tiram-me as galas virentes
«Que a primavera me deu,
«Agora as folhas pendentes,
«Ao mais leve aceno meu.
«Cahem no chão dessecadas
«E são p'ra longe arrojadas
«Do norte pelas rajadas:
«Onde vão?... não o sei eu!

«Passam em ondas ligeiras
«Do vento no turbilhão:
«Atraz florestas inteiras,
«Ficam inertes no chão,
«Mas, quando a aurora apparece
«E entre nuvens fenece,
«Meu tronco nu estremece
«Ao seu pallido clarão!...»

Prados e montes sem vida,
Sem florescia ou verdor!
Longa mortalha estendida
De sinistra e triste cor:

Onde uma flor não vegeta
Nem um raio se projecta,
Onde o olhar do poeta,
Encontra so lucto e dor!!

Por toda a parte a tristeza
De (lamentada) viuvez,
Nos faz ver a natureza
Em sua horrivel mudez!
Assim passa a mocidade:
Mais tarde encontra a saudade,
Caminho da eternidade
O desalento talvez!...

Fugitivos como as flores
Que a primavera nos traz,
Da mocidade os ardores
São apanagio fallaz.
Cercada de doce esperanza
Abre os olhos a creança;
Mas a sorte pára e cansa
Se a voz de Deus diz — Assás!...—

Illusões, crenças sinceras,
Sonhos d'amor no porvir,
São mais algumas chimeras
Que o tempo vem destruir.
Hoje, ainda a mocidade,
A formosura, a vaidade,
Amanhan... a soledade,
A velhice... a morte... a vir.

Henriqueta Elisa.

CONTOS DA THIA CECILIA

Uma aventura

I

Gottas d'agua cahiam resvalando pelos feixes do colmo, que formava em apertada textura o tecto do atrio, sob o qual se aninhava jovial uma assembleia classica e bella em tradições, como é a do serão da aldeia.

E aqui ha a singeleza das conversas que recahem sôbre o modo como a *fidalg*a da terra se comporta á missa: sôbre a colossal fortuna dos morgados, sôbre a lavra aventureira dos ricassos, e sôbre outras cousas, que tocam de perto esses espiritos rudes em geral, mais aptos para admirar, do que para invejar.

Ahi pois não apparece o *jornal* com suas columnas de fundo, massudas com o noticiario

às vezes bem pago pelos especuladores, e com essas golpadas da chan escripta — as correspondencias, nas quaes se amostram, como em basar, todos os epithetos que Agostinho de Macedo sabia bem empregar, para atacar integras e inconcussas reputações particulares ou litterarias. A paixão dos partidos, a vaidade dos salões, a espada de Cesar, a inveja dos Mevios, o punhal dos Ravailacs, o livro de Renan, o motejo dos Desmoulins, não infeitavam como nuvens miasmaticas aquella atmospherá pobre em faustuosidades, onde exhalava perfumes a rosa da veiga, o funcho do cêrro, o loiro da silveira, a pinha da arvore; perfumes naturaes bem superiores ao da rosa artificial, que enfeita a dama nos bailes; bem mais nutrientes do que os ramalhetes de flores, que as bellas conservam na atmospherá de sua camara, absorvendo pouco e pouco o gaz deleterio que se transuda nas petalas.

Era pois 'numa d'essas noites invernósas, em que na aldeia se reúnem ao serão as raparigas mais bellas da terra, que se collocam em semi-circulo em redor da fogueira, para cantar e para trabalhar, e para sorrirem tambem aos campinos, que de perto formam outro semi-circulo, em sentido inverso, para ouvir cantar e tambem para amar!... E que dúvida?!... o coração do aldeão é que sabe bem amar: para exprimirem esse sancto sentimento não invocam o auxilio dos romances, não simulam os heroes do palco: deixam-se levar pelo que sentem, e não dizem mais; porque mais não sentem...

Mas estava-se em pleno serão... e as raparigas cantavam e depois callavam-se para ouvir contos, para se arripiarem de medo ao ouvir as façanhas dos vampiros, para escutarem a historia do *soldado velho* da terra que combatteu francezes, para chorarem aos contos da thia Cecilia, a mais velha da aldeia, e que conheceu ja tres reis e uma rainha!... Depois fiava-se e cantava-se mais, e assim se passavam bellas noites de serão; pois 'nesses entretenimentos inda vale mais a presença dos campinos que trazem o seu derriço com as mocetonas da reunião...

Ora um dia... não me lembra bem o dia; mas 'numa d'essas noites, a thia Cecilia, que dobava na sua dobadoira, assim fallava á pequena sociedade:

— Bem me lembro... foi 'num dia de defunctos: faz amanhan quarenta e sete annos... estava eu servindo em casa da fidalga velha e fallou-se nos defunctos, nas almas que vão para o outro mundo... Jesus!... quando me lembro d'esse dia!...

A thia Cecilia apanhou com a mão trémulac

o novelo que lhe cahira, e depois assim continuou:

— A senhora fidalga velha tinha dois filhos: um, que era mais velho, que é o pae da fidalga nova, e outro mais novo, que era o vivo demonio! Nada parava com elle! tinha coração de pedra, acenava os cães aos pobresinhos, que, coitados, vinham pedir esmola; e por várias vezes, na caça, dera tiros nos homens que o seguiam. Um dia a fidalga velha chamou-me, e disse-me: «Cecilia, tu has de ir á *Carapanta* perguntar, se meu filho traz o diabo no corpo.» Sim, minha senhora — lhe disse eu —: e fui ter com a advinhoa.

— E viu a advinhoa, senhora Cecilia? — perguntaram quasi em coro as rapariga.

— Não; ella fallou-me por um buraco da porta: mas disseram-me que ella faz pacto com o diabo, e que tomou a figura d'elle!

— Jesus! — disseram as raparigas persignando-se.

— E depois ella me disse: «Á meia-noite do dia de finados, levarão o fidalgo novo ao adro da egreja: deixal-o-ão so, e os espiritos ruins que la tem dentro sahirão».

Depois eu levei o fidalgo ao adro: deixei-o a sos e...

A velha parára de dobar: as raparigas não fiavam, e um dos campinos observou rindo:

— E depois thia Cecilia?

— Eu ouvi gritos a distancia... e embalde esperei pelo fidalgo... quando cheguei ao palacio ia a tremer de frio... deitei-me e consegui adormecer. No outro dia pergunto pelo fidalgo novo, e elle tinha partido de noite para o convento para ser frade.

As raparigas ficaram emmudecidas: cada uma depois faz a sua pergunta, e várias sôbre o conto. Os rapazes uns riam-se, outros eram callados: d'aquelles, o Antonio Duque, assim motejou:

— 'Nesse tempo havia muito vinho, ó thia Cecilia?

— Nunca gostei de vinho! — disse a velha — em tom de desespero.

— Então sonhava-se muito no seu tempo...

As raparigas voltaram-se todas em ar de reprehensão para o campino e thia Cecilia continuou:

— Não foi sonho... E demais o sr. padre prior (que Deus haja na sua sancta gloria) explicou-me depois o caso. Disse elle, que na noite dos finados vêm os anjos da guarda rodear as egrejas, para que o demo não persiga as almas que estão no purgatorio, e que vêm fazer proissão em redor das egrejas, onde foram enter-

radas... Ora, disse mais o sr. prior, todo aquelle que tiver espirito ruim, venha uma noite á uma hora ao cemiterio que ficará são!

— Bravo! thia Cecilia; eu amanha irei á meia-noite ao adro-cemiterio.

Todos os do serão ficaram estupefactos ao dicto de Antonio o Duque: no semblante de todos via-se retratada essa estupefacção, que pouco depois era substituida por um ar incredulo. Antonio o Duque notára essa última expressão; e, offendido no seu amor-proprio de aldeão, o primeiro e mais resolutivo, segundo resava na aldeia, disse em voz de Stentor:

— Ha quem queira apostar?

— Eu! — disse um dos que mais desacreditára d'essa resolução.

— Quanto a aposta?

— Jesus! credo! — diziam as raparigas a um tempo, e interrompendo os dois — ir á meia noite ao cemiterio!

— Quando as almas andam em procissão!

— Quando os lobishomens andam no seu curso!

— Á meia noite andam as bruxas bailando nas encruzilhadas!

— Eu quero ir dansar com as bruxas! — retorquiu Antonio o Duque, accendendo com toda a fleugma um cigarro a uma pinha. — Va, vamos á aposta — accrescentou elle, dirigindo-se para o outro aldeão — Que ha de ser?

— Um magusto de castanhas! — lembrou um dos rapazes.

— Com um almude de vinho! — accrescentou Antonio Jovial. — Alem d'amanhan ha de ser um dia de festa: alegrem-se raparigas! alem d'amanhan ha de haver *bailarico!* tudo é á custa do *Ze Conde...* Ha de ser um *pagode chinez*, como diz o meu amo estudante.

As raparigas riram-se: so uma d'ellas, que bem se distingue pela sua peregrina formosura, ficára entrestecida. Deitava a furto uns olhares de angustia para Antonio o Duque, e bem se notaria 'naquella expressão de labios uma vontade de lhe fallar a sos: Rosa-Branca estremecia de pavor á lembrança de se realizar a aposta.

Heresta do Vaticano.

A ...

Abre aos raios do sol da madrugada
No calice orvalhado a tenra flor;
Tal minh' alma se expande no infinito,
Se 'nella vibra teu olhar d'amor.

Sem os raios do sol a flor fenece,
Assim feneço eu; tu es meu sol,
Sem os raios dos teus magicos olhos
Não tenho luz na vida, es meu pharol.

Tu es a minha estrella; eu sou finado,
Se te vem occultar sinistro veu,
Desprézo tropheus, glorias não quero,
So te quero a ti, tu es meu ceu.

Es o elo, que me prende 'nesta vida,
A ventura, que 'nella me sorri,
A minha crença, o meu Deus, es tudo,
So quero a vida p'ra viver p'ra ti.

Jose Ferreira d'Albuquerque e Castro.

BIBLIOGRAPHIA

AO MEU AMIGO

Antonio Francisco Barata

Fui eu talvez uma das primeiras pessoas, que vi o drama intitulado — *O Moedeiro falso*, de que A. F. Barata é auctor, e o qual a companhia dramatica do Theatro da Graça levou á scena.

Desde o momento em que o li, entendi, que *O Moedeiro falso* era a prova mais manifesta e solemne, que podia adduzir-se para corroborar o conceito elevado, que no mundo litterario o seu auctor tão dignamente tem sabido grangear, e para vingar alem d'isso a verdade das lisongeiras expressões, com que o mimoseou ainda recentemente o distincto auctor do immortal *D. Jayme*.

Meu amigo o seu drama é para mim um dos soes mais fulgurantes, que brilham no firmamento das suas glorias litterarias.

Não admire, *Barata*, o eu appresentar-lhe ja realizado um firmamento de glorias litterarias.

As flores, que o meu amigo tem colhido com as producções litterarias, têm um duplice valor: são-lhe dadas, não so em recompensa do merito litterario, que aquellas producções concentram, mas tambem em premio do sacrificio excessivo e agudo, que realisa, quando, em vez de ir repousar dos trabalhos materiaes, com que lucta incessantemente para grangear os meios de subsistencia, vae entregar-se aos livros, ao estudo, e á meditação, sendo assim artista, e ao mesmo tempo homem de letras.

Barata é artista, mas um artista, que sem-

pre tem procurado a instrução, e que hoje nobilita e honra duas cathogorias de individuos — os homens do trabalho — e os homens do estudo.

O seu drama, *Barata*, para mim tem em primeiro logar um *especialissimo* merecimento.

Todos sabem que não ha facto da vida do homem, mais apreciavel á razão sensata do mesmo homem, do que a sua existencia. Não existe homem algum a quem a ideia do tumulto deixe de infundir no intimo da sua alma um abalo forte e sensível.

E se isto é verdade, eu tambem não posso conceber a existencia d'um filho de Adão, cuja alma não seja toda amor, vida, poesia e dedicação pelo *torrão*, onde foi realizado aquelle facto.

Quem nas aras da sua imaginação deixará de conceber o mais pequeno hymno de sympathia e amor, para o consagrar todo á terra que o viu nascer?!...

Qualquer terra rescende sempre amor e poesia, que vão exhalar os mais suaves perfumes no sanctuario da alma d'aquelle, que pela vez primeira admirou em seu seio a intelligencia do *infinito*, ja no doce murmurio de corrente, ja no fulgor radiante dos soes que scintillam no firmamento, ja no melodioso gorgear das aves, ja no poetico desabrochar das flores.

Amo Coimbra, *Barata*, porque é a minha terra natal... porque é a *alegre flor do Mondego* tão decantada por J. de Lemos... porque tem feito desabrochar a poesia no peito de tanto joven... porque é o sanctuario de tantos corações de 20 annos, que em seu seio commungam o pão eucharistico da sciencia...

Quantas almas têm accordado poeticas á margem do Mondego, no Penedo da Saudade, no theatro dos amores de Ignez infeliz, no Penedo da Meditação, na Lapa dos Esteios, e em todos os logares amenos d'esta poetica terra? Que o digam Castilho, João de Lemos, Cunha-Belem, o sympathico Thomaz Ribeiro, e tantos outros...

Porisso, *Barata*, o seu drama tem para mim um valor *especialissimo*, que é o ser objectivado por uma scena, que tem a sua existencia real na terra, que me viu nascer.

Porém, alem d'este merecimento, que so póde talvez ser apreciado pelos filhos e amadores d'esta terra poetica por excellencia, o seu drama tem outros, que se tornam sensiveis e manifestos aos olhos de todos.

Tem um merecimento verdadeiramente litterario e poetico. A linguagem rigorosamente portugueza e extremamente poetica, nelle exarada, prova o que acabo de dizer.

Quão bem se acha pintado esse amor puro, que so surge no peito do homem na idade *rosa* da vida, o qual Julio dedica á innocente Maria 'numa das scenas finaes do 1.º acto?

Que bem pintado se acha o remorso, que dilacera o espirito de Antonia, quando ella em presença do commendador, recebendo um epitheto deshonesto, lhe responde:— *É o mais amargoso fel que provo ha vinte annos!*— Expressões do mais vivo arrependimento, arrependimento d'uma Magdalena!...

Que dignidade não transcende d'aquellas palavras d'Augusto, quando este perante o commendador declara— *Que o verdadeiro dote do artista está nos seus braços, é constituido pelo trabalho...*

Nestes pensamentos tão poeticos e tão vivos, que a imaginação, quasi que cansa, quando os concebe, abunda muito o drama.

Alem d'este merecimento litterario e poetico, o drama tem tambem mui merecimento moral, porque a sua acção é constituida por principios altamente moraes.

Reconhece a auctoridade da consciencia e a força da sancção das leis impostas por este tribunal, porque, quando a consciencia lhe pede contas pelo abandono da sua familia, pela vida desgraçada em que a lançaram, ella responde-lhe com duas cartas, que traz sempre junetas ao seio, que são o documento justificativo da da sua innocencia, e a prova da existencia de um seu seductor.

Eu vejo-a mais tarde á porta do convento de Sanct'-Anna, a implorar que a deixem ir expiar no seio do claustro, a braços com a penitencia e oração, o crime que foi obrigada a praticar.

O coração de Antonia não chegou a immacular-se com o crime.

E que caracter honrado não é o d'aquelle Augusto? A sua probidade fica demonstrada desde o momento em que elle obriga a casar o filho, que era esperado por uma nobre posição social no fim da sua carreira litteraria, com a filha de Antonia, sem dotes, sem fortuna, mas rica de nobres sentimentos.

Sobre tudo a licção severa, que no drama é dada a esses commendadores, que, como Bernardo da Silva, vêm do Brasil para Portugal, é uma prova manifesta da moralidade do drama.

Por último as consequencias que com tanta luz apparecem no drama, da exposição dos filhos nas rodas dos expostos, não deviam ser esquecidas por essas mães perversas, que abandonam e votam ao desprezo— o doce fructo das suas entranhas— o unico objecto que deviam sempre conservar e estreitar ao seu peito!

O drama portanto é dominado por altos pensamentos moraes.

Em Antonia — prescreve o arrependimento á mulher, que uma vez, realisando a sua fraqueza natural, praticou um crime.

Em Augusto — apresenta um typo, que convida á honradez e probidade.

Na sorte final do commendador apresenta a condemnação do procedimento d'essas mães, se ellas merecem este nome tão sancto e puro, que, revestindo-se de toda a malvadez, vão collocar um filho na roda dos expostos, e nunca mais querem saber d'elle. A sorte final do commendador são *as flores que sua mãe semeou na roda dos expostos*, segundo mesmo a sua phrase.

Aqui tem, *amigo Barata*, o meu pequenino mas sincero juizo ácerca do seu drama. Desejava ser mais extenso, mas as obrigações escholasticas, e o estado sanitario não o consentem.

Mas poucas, como são as palavras que aqui deixo exaradas, possam ellas servir de estímulo ao artista intelligente e litterato, para que com os seus productos litterarios continue a mimosar os seus amigos.

E eu, como um d'estes, o desejo summamente.

Coimbra, 15 de janeiro de 1864

J. Ferraz de Carvalho.

ULTIMOS ADEUSES

AO MEU AMIGO

Christiano Maximo da Fonseca

Na morte da sua adorada irman

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelaide Maxima da Fonseca

Eu não te conheci, flor delicada,
quando á tarde nas praias do teu Douro
realçavas da candura almo thesouro,
nos espelhos das aguas retratada.

Eu não te conheci, ó rosa pura,
nas margens do teu rio a vecejar:
e choro por te ver assim levar
dos braços maternas á sepultura!

Choro; porque me dóe o coração,
quando penso na flor enverdecida
e a vejo depois ao sol pendida,
no pino caloroso do verão!

Choro; porque no fim d'este caminho
de lagrimas — não vejo a doce calma
aonde o coração busque seu ninho,
quando a esperança nos morre dentro d'alma!

Eu bem sei que não ouves quem suspira
soluçando nas cordas do alaude:
bem sei que aos tristes echos d'esta lyra
não podem responder os do atahude!...

Bem vejo tudo isso, mas as máguas,
que me lavram no peito, que estremece,
quem póde minoral-as, se éstas aguas
não forem refrigerio a quem padece?!...

E conheço ainda assim que não devia
chorar por quem no ceu agora existe...
conheço claramente, e todavia
não sei que dor é ésta, que me assiste!

Não sei, mas que me importa que eu ignore
a causa d'este amargo soffrimento?
Quem póde ser senhor do pensamento,
quando as máguas aviva e diz que chore?!...

Embora! Fique o pranto em nossos olhos
e tu remonta á patria, volve aos ceus.
Os jardins do Senhor não têm abrolhos...
pomba, que nos fugiste, adeus, adeus!...

Coimbra, 13 de dezembro de 1863.

J. Simões Dias.

HYMNO

Da ponte do Sarzedo

(Musica de A. C. N.)

AO EX.^{mo} SR.

A. R. DE G. A. P. A. PACHECO

(Na inauguração da mesma ponte em 1858)

Accipe parvo mei laetus munuscula census
Nec quae sint, sed qua, suscipe, mente data.

Parabens, vizinhos d'Argos,
que Arganil ora chamaes.
Parabens, povos amigos:
parabens, povos leaes.

— Demonstrações de alegria
não cessemos nós de dar.
Util ponte sôbre o Alva
vemos nós ja cimentar.

Parabens nos dêmos hoje
nesta solemne funcção.
Inauguremos a ponte
à fraternal união.

— Demonstrações de alegria
não cessemos nós de dar, etc.

Nossa eterna gratidão
por obra tão singular
ao bom Rei e ao seu governo,
vamos junctos offertar

— Demonstrações, etc.

Dediquemos nosso hymno
ao illustre cavalheiro,
que em promover tanto bem
merece o lugar primeiro.

— Demonstrações, etc.

É Antonio Ribeiro
o popular cidadão.
O dever de nós exige
um eterno galardão.

— Demonstrações, etc.

Teu nome sera lembrado
na futura geração;
nessa empresa gloriosa
deixas immortal paixão.

— Demonstrações, etc.

É a ponte de Sarzedo
o maior de teus brasões,
que farão que nunca esqueças
na memoria dos Beirões.

— Demonstrações, etc.

E que não fique no olvido
o prestante deputado.
É Moraes Pinto d'Almeida
por nós todos adorado.

— Demonstrações, etc.

Do porvir, que nos espera
grande parte a ti devemos
gratos e reconhecidos
o teu nome exaltaremos.

— Demonstrações, etc.

Digam embora alguns Zoilos
que temos adulação,
emmudecer nunca podem
as vozes do coração.

— Demonstrações, etc.

Sinceros e sem refolhos
não podemos com razão
reprimir dentro do peito
expansões do coração.

— Demonstrações d'alegria
não cessemos nós de dar.
Util ponte sobre o Alva
vemos nós ja cimentar.

A. J. Ribeiro de Campos.

E A CHRONICA?

Ai! meus amigos bem quizera eu tirar da
minha fraqueza forças para conversar convos-
co; mas a minha doença tornando-se *chronica*
me impede por hoje de fazer a *chronica*. Tam-
bem que vos diria eu que vós não soubesseis?

Rogae pelo restabelecimento do vosso amigo.

O *chronista*.

EXPEDIENTES

Agradecemos a promptidão com que alguns
srs. assignantes pagaram a importancia de sua
assignatura, e ao mesmo tempo declarámos que
a falta de alguns numeros não deve ser impu-
tada ao administrador d'este jornal; mas á ma
direcção dos correios; pois que inclusivamente
por nossa mão os temos lançado na caixa: en-
tretanto queiram fazer as reclamações que en-
tenderem, para darmos as providencias.

O administrador responsavel

Duarte de Vasconcellos.

Acha-se reimpresso o 1.º numero da *Chrysa-
lida*. Os srs. a quem faltar esse numero devem
fazer as suas reclamações a esta redacção.—
Rua dos Estudos n.º 22.



AHI VAE!

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

(Continuado de pag. 73)

III

Assim foi que o homem, mais conscio da sua missão em cada dia, se travou de lucta ingente e vigorosa com a natureza brutal, que lhe era sujeita; e, conquistando terreno palmo a palmo, proseguiu e progrediu tanto, que, á proporção que via coroados de feliz exito seus intentos e esforços, mais se empenhava em tirar todo o partido possível da sua superior condição d'ente racional.

E, com effeito, a ésta superioridade e áquelle empenho bem respondiam os resultados da empreza; porque o homem, instando de continuo por fazer vingar as beneficinas intenções de suas vistas, e redobrando a intensidade da lucta, ia descobrindo mais vastos horisontes sempre, sempre alargando e alongando pela amplidão do espaço esse terreno conquistado a palmos. E' neste, como em campo d'honra, sujeitava para logo ao jugo do seu braço forte tudo que, parecendo querer zombar do poder soberano do homem, a natureza rebelde oppunha de contumacia e resistencia em reconhecer e aceitar um tal dominio!

Tal é, emfim, a resposta da philosophia, quando, na sua applicação aos factos, se incumbe de os estudar circumstanciadamente; usando para isso de uma análise critica a mais minuciosa, por meio da qual os aprecia em si e nas suas multiplas e variadas relações, consideradas no tempo, como no espaço: — que taes são as condições, sob as quaes a philosophia, como sciencia especulativa, os aceita hypotheticamente, para depois, como sciencia práctica, os confiar de novo á historia, e d'esta exigir, por último, como sciencia moral, que faça d'elles a devida exposição, sincera e franca.

E, protegidos e defendidos por semelhante escudo, quem ha ahi, philosophos criticos e im-

parciaes, que, sendo amator d'estas virtudes, deixe de aceitar os factos sem suspeita, nem reserva?

Ninguem. Assim o cremos.

Pois bem! Desenrolando as dobras de suas páginas, ninguem ousará duvidal-o, a historia, que desenha as feições caracteristicas da humanidade, revela-nos, ainda uma vez o repetimos, que o homem, sujeito de taes e tão excellentes dotes, trabalhou sempre, ainda mesmo quando d'isso não tinha inteira consciencia, trabalha hoje e trabalhará de futuro, como é de presumir, por destruir obstaculos e vencer embaraços, que, disputando-lhe a passagem, têm retardado mais ou menos a sua marcha á conquista do bem.

Não obstante, — graças ao genio do homem! — meteoro brilhante, que assomou ao largo, o seu clarão allumiou as trevas; e tirando o homem da noite, em que o precipitára um momento de cegueira, o erro desvaneceu-se, a verdade substituiu a falsidade, e o homem, retomando o seu posto, caminhou alem com passo mais firme; porque, á medida que a evidencia era com elle, a dúvida e a incerteza fugiam diante espavoridas!...

As joias, producto do trabalho, uma a outra se engastam; e as palmas, aqui e alli colhidas e por toda a parte espalhadas, se nos attestam a passagem d'um genio, tambem assignalam a epocha d'algum triumpho alcançado.....

É que o homem, olhando as difficuldades, não se arreceia; ao contrario, elle tem conseguido ja ir sôbre muitas, tenta animoso ir sôbre todas, e todas com o tempo levará de vencida, uma a uma quando menos, servindo-se e usando para isso de varios processos e methodos, que, ora mais ora menos modificados, tenderam e tenderão sempre, mediata ou immediatamente, a um grau maior de perfeição.

Ora, sendo que a perfectibilidade constitue o cunho mais geral da humanidade, a taes processos e methodos, cuja existencia se anticipou debuxada na mente, nunca fugiu de todo o lume do ideal em que foram concebidos.

E que este é perfectivel tambem, assás o demonstra um sem-número de phenomenos pneumatologicos, e bem o confirma ainda o estudo peculiar da sensação; pois que ha alli as propriedades de multiplice e simplificavel, que se verificam sob os dominios do entendimento humano, segundo que este *associa* por partes ou *abstrah*e até os elementos, conforme é modificada tambem a sua especial organização, tão susceptivel de affectar-se!

Nem d'outro modo podia ser.

Assim se resolve a concepção em facto sensível. E, assim, a ideia, realisando-se no mundo physico, converte o objecto peculiar de um so em assumpto para todos; e nos subministra, pela sua *materialisação* (sacrifique-se a lingua a prol da ideia) mais um instrumento novo para novos commettimentos, cujo desempenho, pelo artificio d'aquelle, e tudo, por seus resultados combinados, deve de constituir a signa de um progresso real, e ser-nos ainda seguro penhor e garantia da sua continuidade regular, d'elle.

(Continúa).

G. B. Garcia Pereira.

HYMNO

Dos artistas da Regua

Nobreza é tambem o trabalho.
EL-REI D. LUIZ I.

Quando a aurora ao trabalho convida
quem não sente seu peito exultar?
O trabalho dos povos é a vida
no futuro radiante a brilhar.

Nossas crenças d'amor consagramos
'neste dia solemne e feliz.
Somos filhos do povo: cantemos
o trabalho que o povo bem diz.

Nossas almas estreitem o laço,
que no peito a amizade sagrou.
Ninguém negue o auxilio, o seu braço,
se ao irmão a desgraça humilhou.

Nossas crenças d'amor consagramos
'neste dia solemne e feliz.
Somos filhos do povo: cantemos
o trabalho que o povo bem diz.

Trabalhar é tecer a grinalda
que a ventura nos ha de cingir.
É bandeira que ao longe desfralda
mil esp'ranças nos ceus do porvir.

Nossas crenças d'amor consagramos
'neste dia solemne e feliz.
Somos filhos do povo: cantemos
o trabalho que o povo bem diz.

Nossos braços 'num so reunidos
alevantem as c'roas do chão.
E que os louros por nós acolhidos
symbolisem da gloria o padrão.

Nossas crenças d'amor consagramos
'neste dia solemne e feliz.
Somos filhos do povo: cantemos
o trabalho que o povo bem diz.

J. Simões Dias.

CONTOS DA THIA CECILIA

Uma aventura

II

O serão acabára: a noite sobreviera: e rompera o dia chuvoso e de aspecto funebre como o dia de commemoração dos finados!

Rosa Branca não dormira: e mal a arraiada surgira, levantou-se para ir á fonte.

Ahi se encontrou com Antonio o Duque, como tantas vezes o faziam, levados pelo amor mútuo que se consagravam.

Antonio recostado no seu varapau era um d'estes typos que o cinzel do esculptor procuraria para o cinzelar no marmore: era realmente bella a postura e as fôrmas de seu corpo, quando havia algum pensamento mais do que trivial agitando-lhe o íntimo.

O aldeão ao ver duas lagrimas deslisarem pela face desmaiada de Rosa-Branca, e cahirem mal escondidas na veia da lymphá, tornou-se sublime no rosto: o sangue pulsava-lhe com energia nas arterias: sentia-se enlevado d'um puro sentimento que fez abrir os labios e articular a doce interrogativa:

— Que tens Rosa-Branca, então tu choras?

— Ah!... Suspirou a donzella.

— Porque choras?

— Porque... porque desde hontem á noite... tenho tido um não sei que, que me faz estremecer. Escureceu-sé-me o coração quando tu disseste que ias á meia-noite hoje ao adro...

Antonio mais animado sorriu e disse:

— És uma louca... que tem isso lá o ir ao adro?

— Jesus! A thia Cecilia não disse que, levado lá o fidalgo, ouvira gritos?

— Sim!

— Pois eu penso que era o diabo que o queria levar para o inferno...

— Enlouqueceste, Rosa-Branca... Eu queria que tu ouvisses os meus amos estudantes a fallarem da religião, dos padres, da missa, da confissão; aquillo é que é fallar! Os padres, diz um d'elles, são uns bebados a perdem as mu-

lheres: a missa, diz o outro, é para elles ganharem dinheiro.

Para mais nada... Elles berram e dizem que nem ha ceu, nem inferno, que tudo isso é uma corja de disparates. Elles que o dizem é que o sabem...

— Elles são hereges Antonio!... E tu acreditas 'nisso?

— No entanto eu sou bom christão; vou á missa, confesso-me, mas não sou d'esses que acreditem nos *espiritos*...

— Então sempre teimas em ir ao adro?

— Que dúvida!

— Pois bem!... Sabes o que minha avó me contava, e ella não mentia... Um dia passou á meia-noite no adro, e de repente se ergueu debaixo da terra um esqueleto assim em fôrma de luz terrível. Meu Deus eu queria que tu ouvisses minha avó!

— Isso são historias Rosa-Branca!

— São! e 'noutro dia de noite em casa de teus amos não houve de noite um grande barulho nas prateleiras, parecia que os pratos e potes tudo tinha quebrado.

— É verdade... eu ouvi esse barulho, disse Antonio, meditabundo.

— E depois, de manhan nada estava quebrado. Quem faria esse barulho, serão os *espiritos* Antonio? Ah! não vas ao adro que eu morro!

Rosa-Branca pedira com sua voz tão meiga e tão terna, que Antonio se commovêra de véras. Mas quando a mulher que falla é de peregrina belleza, o homem que ouve phantasia escutar as harmonias da sereia, e se elle é bem poeta, nada acha na natureza que equiparar á melodia sonora: portanto, a mulher convence sem apresentar argumentos, e convence porque commove. Antonio pois, era ja desanimado no seu projecto. Todos esses prejuizos que a mulher que adorava lhe expozera, se apresentavam a seus olhos, e pensava como philosopho rude e agreste — isso pôde ser certo!

D'ahi procedeu um temor que fazia oscillar seu ânimo.

Antonio e Rosa-Branca eram duas d'essas creaturas que Deus formára para se encontrarem no mundo. Ambos — com finos dotes physicos, ambos pobres para bem desinteressadamente se amarem, ambos de um sentimento puro, comprehendendo-se nas mais leves alternativas, tinham contractado o matrimonio sem, durante o periodo do *namôro*, manifestarem um ao outro mais do que innocencia e amor. A natureza os reunira pelos sentimentos, para bem comprehenderem de que subido quilate não é

a virtude — ouro que se apregôa a mãos cheias mas quasi sempre esse pregão leva a essencia falsa.

Francisco, assombrado pelos prejuizos de Rosa-Branca, ia quasi a prometter-lhe que não iria ao Adro: mas pensa no que diriam todos os seus collegas da aldeia.

Elle, o rapaz mais destemido e o mais temido nas feiras da redondeza: elle o primeiro maltez dos sitios, o primeiro no bailarico, o mais querido das mulheres, o *leão* da aldeia, havia de ser *caçado* por cobarde?!

— Oh! Não! Disse em voz alta o campino. Apostei, hei de ganhar a aposta.

— Vaes decididamente?

— Sem faltar!

Rosa-Branca lançára-lhe de novo os olhos, nos quaes borbulhavam duas novas lagrimas: fixa-os depois no acaso, como se no horisonte lesse o oraculo de seu porvir, e resignada péga no cantaro e o enche. Durante o tempo necessario para o encher e o collocar 'numa pedra ao lado; nada disseram os dois amantes.

Rosa-Branca pallida e trémula collocando a rodilha na nuca, apenas disse:

— Sim! o nosso noivado ha de ser bem triste... Palpita-me que está bem perto...

Ao menos iremos ambos... Antonio ajudame!

O Duque colloca o cantaro na cabeça de sua amada; Rosa-Branca caminha para a aldeia: o campino a segue taciturno. Ao subir uma collina apartaram-se: Antonio a rir constrangidamente; Rosa-Branca a chorar sem querer — qual dos dois era o mais socegado e feliz 'nesse instante?

(*Continúa*).

Heresta do Vaticinio.

O TITULO QUE QUIZEREM

Demetri, teque Tigelli,
Discipularum inter jubeo plorare cathedras.
Horat., lib. 1, satyr. 10.

Poeta de arromba
Olhou o futuro,
E viu Trovadores
'Num cantito escuro.

E aos pobres de espirito,
Por dó, ou zombando,
Deu elle conselhos,
Dest'arte fallando:

«Meninos bonecos,
Tarellos esguios,
Deixae-vos de lyras,
Tocae assobios.

Deixae-vos de tubas,
Que esfalfam o peito,
E so para gaitas
Tereis algum geito.

Deixae-vos de versos;
Que isso é p'ra quem é:
Fazei cantiguinhas
Com seus — *Ai lé lé*.

Os versos demandam
Genio transcendente.
E vós tendes chocha
A bola demente.

Bons versos são raros,
E está seu primor
Nas vivas imagens,
Quaes o *Adamastor*.

Quando o amor adeja
Nas cordas da lyra,
E em chammas ardentes
Insano suspira,

Os versos não prestam,
Se, em vivo retrato,
Não vibram as chammas
Do amor insensato.

Sem vultos, os versos
São qual vidro baço
De espelho safado,
Sem brilho, nem aço.

Taes são os do Mattos,
Reles trovador,
Que apagam gelados
O fogo do amor.

No mundo bello do Vate
Deve tudo respirar:
Altos montes são gigantes,
Que o ceu tentam escalar.

O loureiro é triste Dafne;
Ouve e falla arduo rochedo:
Susurram brandos queixumes
Nos murmurios do arvoredado.

E, do fundo pego, alçadas
Sôbre as correntes undosas,
Levantam liquidos rios
Humidas fronte limosas.

Surdem monstros portentosos,
A Chymera, o Centimano,
Sereias, Cyrces, Harpias,
O Minotauro tyranno.

São os versos painel vivo
De uma expressiva pintura,
Em que o Vate aos olhos mostra
Bem retratada figura.

Se elle a dor nos versos pinta,
Os versos devem gemer;
Se a alegria, devem rir;
Se o terror, devem tremer.

Se de Jove agita o raio,
Deve aos olhos fulgurar
O Relampo, e terroroso
Rouco trovão retumbar.

E, se os tyrannos guerreia
Da cara patria opprimida,
Deve a guerra aterradora
Ver-se armada, e enfurecida.

Deve amavel a virtude
Sôbre os astros rutilar;
E o vicio, torpe, execrado,
No antro horrendo negrejar.»

O Vate morreu...
E a peste assomou
Dos taes trovadores,
Que Apollo engeitou.

Fazem so versitos
Da noite ao luar,
As brisas dos ventos,
Murmurios do mar:

Ou ja de Feliza
Aos olhos bonitos,
Seus anhos mansinhos,
Saltões cabrititos;

Ou da ave pintada
Ao vario matiz,
Da flor e da rosa,
Ao cheiro, e verniz.

Tambem alguns d'elles,
Que são onodúlos,
Em trovas asnaes
De couces e pulos,
Adulam, zurrando,
Onagros tyrannos,
Os vis Tigellinos,
Infames Sejanos.

Cantor, que do Pyndo
Aos louros aspira,
Tyrannos não louva
Com torpe mentira;

Do genio, com arte,
Os voos alteia
Ao sol da verdade
Nos ares de Astreia.

As cordas não fere
De infame alaúde,
Que avilta no crime
Honras da virtude.

E altivo despreza
Os baixos favores,
Que o vulgo prodiga
Aos rudes cantores.

Mimosos do vulgo,
Cumprí vossos fados;
Cantae-lhe fandangos
De versos safados.

Cantae, trovadores,
As pobres cantigas,
C'os cegos, que tangem
Sanfonas mendigas.

Sobral Tavares.

DISTRACÇÕES (a)

Quem não tem que fazer, faz colhéres.
Rif. pop.

(Continuado de pag. 55)

— E tu achas *tambem* extemporanea a liberdade de cultos?

— Não.

— Porque?

— Por duas razões: 1.^a porque a unidade religiosa so é compativel com a monotonia da ignorancia; cuja hypothese é impia, a ésta hora da civilisação: 2.^o porque amo sincera e ardentemente o nosso paiz, e sôbre tudo a primeira de todas as liberdades — a da consciencia.

— Explica-te claramente, aliás não te comprehendo.

— Pois bem, eu vou expor-te em duas palavras o que deduzi conscienciosamente da lei da historia sôbre tão melindrosa questão.

(a) A redacção, que vive d'outras ideias, devolve de si a responsabilidade d'este escripto do nosso collaborador.

O primeiro e fundamental alicerce do grande edificio social é, ninguém o contesta, o sentimento religioso, que, segundo o principio do calor vital, está na razão directa da sua manifestação em commum. D'onde a origem, e razão de ser das instituições religiosas, que dependem dos costumes, tendencias e desinvolvimento dos povos, porque é absolutamente impossivel, que *sempre e em toda a parte* se pense igualmente ácêrca d'uma qualquer cousa.

Se isto é exacto, como eu poderia demonstrar-t'o satisfatoriamente, se não receiasse offender as susceptibilidades do *tradicionalismo*, segue-se, como conclusão necessaria, que o systema da intolerancia religiosa, sôbre ser um ultrage á razão humana, é altamente prejudicial, porque, condemnando a incredulidade á indifferença, importa forçosamente um perigoso *deficit* no thesouro da moralidade pública.

— Mas tudo isso, creio eu, se pôde remediar, forçando os dissidentes á fe commum.

— Isso é um absurdo. Uma crença não se impõe, por mais violenta, que seja a pressão, que exerçam sôbre as consciencias: e so ahí entra, depois que a razão a achou verdadeira.

É por isso que o meu grande mestre — o inspirado Pelletan — diz num dos seus folhetos: «Por ventura o homem crê, o que quer, e como o quer? Não. O homem crê, o que quer a dictadura íntima da verdade.»

— Mas a verdade é uma so; e portanto proclamar a liberdade de cultos é nada menos, que conferir ao erro as honras da verdade.

— Visto que ainda me não comprehendeste bem, eu me explico melhor.

O sentimento religioso é effectivamente um so, absoluto; as fórmás porêem, que elle reveste, para a necessidade da sua expansão em commum, isto é, as religiões, é que estão sujeitas á variedade dos costumes e das intelligencias.

Sim, o protestante, o catholico, o mahometano, e toda essa immensa variedade de crenças que cobrem a superficie da terra, não tem todos o sentimento de gratidão para com a Divindade pelos beneficios, que ella lhes derrama a cada momento — que é no que consiste o sentimento religioso? — E por ventura a sua manifestação é a mesma em toda a parte? Para isso fôra mister a universal identidade de costumes, e o nivelamento da ignorancia.

Proclame-se pois sem restricções a liberdade de cultos: seja licito a qualquer seita o reunir-se em toda e qualquer parte, e expandir os seus sentimentos religiosos do modo que lhe parecer mais conforme com a sua razão; que n'isso vae não so uma plena satisfação á liberdade ultra-

jada, mas o interesse da sociedade, porque é o unico meio de a salvar da indifferença.

E disse.

— Bem ou mal?

Os leitores que decidam. (Continua).

J. Jacintho Nunes.

AI!

Fragmento

AO MEU AMIGO

Anselmo d'Andrade

Ai do proscripto, que não ve a terra
que em si encerra quem o ser lhe deu! —
estende a vista, mas so ve palmares,
os vastos mares e as soidões do ceu!

Ai da avesinha, que a gentil devesa
deixou, e prêsa carpe a sua dor! —
se solta cantos, são saudosas queixas,
são mil endeixas d'um perdido amor!

Ai da rosinha, se não vem a aurora,
e não irrorra seu matiz gentil! —
empallidece, murcha, e 'num momento
foge co'o vento dos rosaes d'abril!

Ai da balseira, que o suão sacode,
e já não pôde murmurar amor! —
passa o outomno 'num gemer saudoso,
e ve seu gôso involto em negro horror!

Ai do viajor, que no Sahará deserto
vagueia incerto, sem um ramo achar! —
cansado, em balde sombra á palma pede,
mata-o a sêde, ve d'areia um mar!

Ai da rolinha, que a viuvez deplora,
e geme, e chora, e soffre, e carpe a sos! —
a solidão, onde a gemer existe,
escuta triste sua triste voz!

Chorae o proscripto, chorae a avesinha,
chorae a rosinha, roubada ao jardim...
chorae o viandante, chorae a balseira,
a rôla fagueira — e chorar-me-eis a mim!...

Seminario de Vizeu, 1863.

A. Candido.

Amigo Duarte de Vasconcellos.

Delicadamente e por condescendenciã não sei
a que, tens-me feito a honra de publicar no teu

jornal alguns escriptos, que fluctuavam involtos
no *mare magnum* dos papeis da minha gaveta.
Hoje que divagava procurando para te mandar
alguns restos do que 'noutros dias para la reco-
lhêra, deparei com esses perdidos, que 'noutros
tempos alinhavei e que deviam ser a resposta
a um meu amigo, que benevolo desceu a per-
filhar umas quadras minhas que eu não sei por
onde hoje param, se é que ainda não tiveram
a sorte que merecem todas as minhas coisas —
o olvido.

Foram elles feitos quando eu era cioso da
minha paternidade, e não repellia como hoje os
leporosos e miserrimos abortos, que tantos tenho
tido a ousadia de expor na roda jornalística, para
onde olham todos os que passam. Desculpa-me
esse amor proprio d'então; e publica na *Chry-
salida* essa humilissima *aranha*, que nas horas
silenciosas da noite tantas vezes tem sido mi-
nha companheira no trabalho: ella velando en-
tredida na sua teia, que enreda la em cima no
fôrro da cella, e eu em baixo, defronte dos li-
vros em silenciosa conversa com os nossos ami-
gos que Deus tem, meditando nos conselhos que
depois de mortos nos estão dando.

Ja ves que ambos trabalhamos, sem que te
possa dizer qual lucra mais, eu ou ella. Entre-
tanto permite que eu memore 'nestes versos o
pequeno animal, que 'nelles teve uma grande
parte, e que diante de ti e dos leitores do teu
jornal os repita. Escuta

A ARANHA

(SATYRA)

Sic vos non vobis...

Triste aranha, que lida é essa tua,
que nem um so momento alfim descansas?
Pois não ves que alguém pôde chamar sua
a essa pobre teia, em que te cansas?! —

Não te mates assim! trabalho louco,
que ninguem te agradece, antes despreza!
E depois se alguém ve dormir-te um pouco
desfaz-te a branca rede e ficas prêsa!

Mas ja que urdiste assim os teus arminhos
acaba o teu trabalho, doida aranha;
que eu tambem vou fazendo estes versinhos
até que outro depois furtarmos venha.

Coimbra.

J. Simões Dias.

UM QUADRO SOCIAL

Ha pessoas que não fazendo nunca por ascenderem ás classes superiores da sociedade, impõem-se comtudo seus ares de estolida fidalguia, e pretendem dos outros que os considerem em posição elevada.

Procuram-se os fundamentos d'aquella pretensão, e acha-se a vaidade estúpida e tola.

D'aqui parto, por haver sua relação, para uma verídica historia, que passo a contar.

A familia C. pertencia á chamada — classe média — da sociedade.

Os membros varões d'essa familia seguiram diversos rumos. Uns applicaram-se ao commercio, outros ás letras, á milicia outros, e a cousa nenhuma um, por onde vivia vida de ocioso, ou, se alterava este *modo* de viver, jogava.

Não me levem a mal porque digo que o ocioso tem o seu *modo* de vida. A ociosidade tem os seus caracteristicos que a distinguem do trabalho, e bem salientes.

E o jogador não é um ocioso?

Não é.

O jogador tem que fazerás que lhe dão vida. A sua imaginação em actividade constante phantasia montões de ouro, e avêssô a trabalhos pesados, o jogador precisa calcular os meios de realisar a sua ambição. Calcula para jogar *bem*, e n'isto ha, pelo menos, trabalho de espirito.

Depois: não tem elle mil cuidados, dissabores e affeições? não lembra planos muitas vezes criminosos? E não dá isto muito que fazer ao espirito? Logo o jogador trabalha. Para mal seu e da sociedade, é incontestavel; mas trabalha.

Tristes esforços que a sociedade pune!

Um pois jogava. Os irmãos, não.

D'estes chegaram alguns a occupar logares distinctos, sem que comtudo, esquecessem d'onde tinham partido, o que fazia que não desprezassem aquelles que haviam nascido no mesmo plano.

É isto, de certo, não pequeno merecimento.

Raro é encontrar-se homem que levantando-se do po, não desdenhe, quando attingir a riqueza ou o poder, os que a fortuna não quiz que com elle se levantassem.

Sendo assim, estranha-se que o unico que se levantava do po para cahir no lodo, fôsse tambem esse que se arrogasse sempre ás honras de fidalgo.

Fazia dô vel-o assim.

Felisberto, que assim se chamava o improvisado fidalgo, andava sempre farejando a aristocracia, e onde quer que a encontrava, expli-

cava-lhe a sua árvore genealogica, cujo tronco, abrindo-se em muitos ramos, mostrava em cada um d'elles desembargadores, generaes, profundos litteratos, etc.

Felisberto, faça-se-lhe justiça, tinha recebido uma tal ou qual educação num collegio de Lisboa, a expensas d'um tio que la tinha, e por ella apresentava-se com boas maneiras.

Corria entre a aristocracia a fama do novo fidalgo, o que fazia que este fôsse para logo admittido. Deixassem passar dois dias e elle abi estava logo a tractar-se por *tu* com os seus *primos*.

Não sei se elle tambem tinha a mania de chamar primos aos collegas.

Não sera, porventura, muito proprio o termo — collegas — que acabo de empregar; eu dou, porém, a razão do emprêgo.

Collega no sentido litteral quer dizer — ler junctamente — e os fidalgos (quero fallar dos de pergaminho, sem nobreza de acções) lêem todos pela mesma cartilha, porque todos lêem la para si umas certas doutrinas, que me parece não lhe ficarem bem.

Assim, de si para si, entendem que os que não têm pergaminhos são d'uma natureza muito differente da sua; que a elles compete o mando, o poderio, a riqueza, e os privilegios; aos de escala inferior a sujeição, a pobreza, o trabalho duro, os encargos pesados, e quantos absurdos imaginam.

Quem nos diz que é por se cerrarem os ouvidos ás suas doutrinas que elles têm horror á palavra — liberdade?

Tenho pensado que é possivel ser assim!

Seja o que for, o que é certo é que o povo vae abrindo os olhos, e ri-se ja agora da nobreza de sangue, quando não ve acções das que costumam acatar os respeitos de todos.

Felisberto julgava-se o mais feliz dos homens, quando se via cercado da sua gente, e de noite, pensando nös seus braços, dava gargalhadas de contente, dizem.

Infeliz Felisberto, vão aguar-te esse feliz enlêvo em que vivias! Vae apparecer na tua árvore de geração um rebentão que vae enodoarte a familia. Tiraram-te d'aquelle engano d'alma ledo e cego, que tu esperavas te duraria para sempre.

Tremes porque saibam os da tua *egualdez* que um ramo estranho, *negro* ramo, fôra enxertado na tua árvore, a mais limpa e mais respeitavel árvore que jamais conheceste!

(Continúa).

Abel P. do Valle.

TRIBUTO

AO MEU ÍNTIMO AMIGO

Antonio Vieira d'Almeida

A amizade é o sol, que nos aquece
o coração de frio enregelado.

J. Simões Dias

Não se esquecem do orvalho as lindas flores
Quando o ceu as irrorra em mez d'abril:
O peito não se esquece dos amores
Que 'nelle fez nascer visão gentil.

Os rios que no mar têm seu abrigo
Não cessam para elle de correr
So eu 'nesta hora triste, meu amigo,
De ti me hei de esquecer!

Esquecer! Oh! nunca, nunca
Poderei do pensamento
Derriscar um so momento
As promessas, que te fiz
Nas aras do coração.

Póde a negra desventura
Prostrar-me na sepultura
Fazer-me até infeliz!...
Mas fazer-me deslebrado
Dos teus serviços d'outr'ora,
E transformar-me 'nesta hora
A minha sancta amizade
No vicio da ingratição.

Isso não!

Mamuel Novaes Ferreira.

SEM CHRONICA!

Participámos aos amantes da *chronica*, que por hoje ficam sem ella; porque o estado sanitario do chronista de obra tão apeteçada o impede. Nos numeros seguintes compensará.

O *chronista*.**EXPEDIENTES**

Acaba o primeiro trimestre com o n.º 12, porisso pedimos aos srs. assignantes que estão em debito da sua assignatura se dignem mandal-a satisfazer com brevidade.

Os srs. que não quizerem dar-nos a honra

de continuarem a ser assignantes do nosso jornal, deverão participal-o á redacção até á publicação do n.º 12; os que não derem parte até então, serão considerados como assignantes.

O administrador responsavel

Duarte de Vasconcellos.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS**FATALIDADES DO AMOR**

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.

BELICARIO**OU O MUNDO INTERIOR**

DE

J. Simões Dias

Vende-se nas livrarias da viuva Moré no Porto e Coimbra, e nas de Melchiades em Lisboa e Coimbra.

ODES DE HORACIO

Mandadas adoptar nos Lyceus pelo conselho geral de instrucção pública

POR

Antonio Maria d'Almeida Netto

Em frente de cada Ode se acha a coordenação das palavras em harmonia com a traducção. São precedidas de explicações, notas e exemplos de medição, e d'uma breve noticia da vida de Horacio.

Assigna-se: — Em Lisboa, Silva Junior & C.ª, Praça de D. Pedro.

Porto e Coimbra, Viuva Moré, e na Imprensa da Universidade.

Vizeu, Francisco Gomes Pinto, ao Arco.

Preço 550 réis, franco de porte.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.



O SÉCULO DEZENOVE

(Continuado de pag. 75)

Correm sempre grande perigo as novas sociedades, quando se constituem sobre as ruínas das velhas. Foi o que aconteceu á nova sociedade que substituiu a romana.

A severidade de costumes e a tempera rígida dos barbaros do norte foram cedendo á corrupção civilisada dos romanos. E, para infortunio das gerações futuras, nem a propria igreja escapára ao funesto contagio.

Com a estrondosa quéda do imperio todos os elementos sociaes ficaram por um pouco misturados e confundidos; um espesso e denso veu de trevas cahira sobre a terra. O proprio christianismo, destinado a servir de pharol no incessante peregrinar da humanidade, la ficára por um pouco sepultado no cahos.

O terrivel incendio da famosa bibliotheca de Alexandria em 644 por Amrou, general d'Omar, contribuiu para enegrecer a epocha de trevas e ignorancia que se aproximava, e que mais tarde devia chamar-se *idade-média*. La ao longe, passados tempos, é que se principia a ver bruxulear a luz do evangelho.

Os barbaros, herdando dos romanos essa chamada civilisação, tinham-se pervertido e desmoralisado. A pureza de costumes, o gôsto das sciencias e das artes, se existiam, eram unicamente nos mosteiros e conventos.

A classe clerical, guardadora das sanctas doutrinas do evangelho, depositária das artes e sciencias, tinha portanto em suas mãos os destinos de todo o mundo christão. Nella estava o germen do progresso, ou a reacção contra o desinvolvimento dos espiritos, que a pouco e pouco se devia manifestar.

Todavia os successores dos apostolos esquecem o seu sagrado mandato; escolhem Roma

para capital do mundo catholico; e, desprezando a humildade recomendada no nosso codigo religioso, adoptam tambem a sumptuosidade e o luxo da antiga Roma!...

Os Cesares são substituidos pelos pontifices romanos; e, para mais facilmente dominarem todos os povos da christandade com o mais absoluto imperio, concebem o nefando projecto de unirem o poder temporal ao espirital! Ao famigerado Hyldebrando, depois Gregorio VII, cabe a gloria de realizar o pensamento dos seus antecessores.

Roma está definitivamente senhora absoluta de todo o mundo; o seu poder não concebe limites!...

Os principes christãos são pura e simplesmente feudatarios da Sé Apostolica. E ai d'aquelle que sem resistencia se não submete ao jugo, porque uma tremenda excommunhão o espera, e com ella a perda de throno e da sua importancia politica.

Sancho II cae fulminado, e não mais se levanta; a Curia Romana dispõe do throno vago, mandando que seja occupado por Affonso III!...

Henrique IV d'Allemanha, que tivera a louca e arrojada pretensão de depor Gregorio VII, vae depois a Roma rojar-se-lhe aos pes, pedindo-lhe perdão!...

Se algum malaventurado ousa confrontar os principios proclamados pelo Christo com o modo de proceder dos pontifices, é anathematisado pela igreja dispersa, ou reunida em concilios; e o anathema naquelles tempos era a morte do infeliz que o soffria.

A força das armas nada pôde ja contra o prestigio religioso da hierarchia ecclesiastica!

O poder papal interpreta a seu modo o evangelho, e so essa interpretação é a verdadeira; porque as decisões da igreja são infalliveis, ou antes as decisões dos papas, visto que elles são os chefes da igreja.

Num tal estado de cousas não podia o espirito humano deixar de se conservar acanhado, e limitado a um mui restricto horizonte; o arrojô das almas elevadas e fortes era suffocado pelo peso das censuras: so a igreja tinha o direito de pensar.

Mas a humanidade marcha, marcha sempre; o progresso, se encontra obstaculos, não soffre intermittencias prolongadas. Se não se pôde pensar de dia, pensa-se de noite; se os productos do pensamento se não manifestam á luz da publicidade, apparecem protegidos pela sombra, que bem depressa se fara luz...

Que importam as perseguições feitas a Copernico, Galileu e Descartes?... Os productos

do espirito escapam sempre á violencia bruta da materia...

Estes philosophos fazem uma revolução quasi completa no mundo scientifico; as impertinentes questões metaphysicas foram cedendo o campo á philosophia experimental, a unica de que se podem tirar algumas vantagens. O methodo de observação supplanta o syllogistico, sempre esteril, quando desacompanhado da observação dos factos.

As sciencias vão-se pois emancipando, e com ellas a humanidade: deixam de ser privilegio da classe clerical, a quem não convinha dar-lhes extensos limites.

A importante reforma feita nas sciencias, e o desinvoltimento progressivo do homem moral, produzem a reforma nas ideias religiosas, que tanto se afastavam do verdadeiro espirito do evangelho.

Luthero, frade agostinho em Erfurt, é o primeiro que leva o terror e o espanto ao centro do catholicismo. As suas doutrinas, ferindo no coração os chamados direitos do Papa, e atacando até muitos dogmas, maravilham uns pela sua audacia, e acham noutros milhares de pro-selytos.

O dogma das indulgencias, origem da manifestação de Luthero, segundo alguns publicistas, foi o primeiro que elle atacou. A sua audacia ja não conhece limites; escreve contra o poder temporal dos Papas, impugna o celibato e os votos religiosos, argumenta contra a hierarchia ecclesiastica, e não conhece outra auctoridade, senão a dos livros sagrados, que elle interpreta e traduz!...

Débalde Leão X o manda comparecer em Roma; débalde faz queimar pública e solemnemente todos os seus escriptos como hereticos: Luthero tira a desforra, queimando na praça de Wittemberg a bulla que o anathematisava!!...

A igreja reúne-se em concilio na cidade de Trento; mas não consegue mais, do que Leão X.

A heresia lavra ja por toda a Allemanha, e em breve se communicará ás terras do occidente.

Em França, Calvino abraça a reforma, e simplifica ainda mais as ja simples doutrinas de Luthero. Débalde virá um horroroso S. Barthelemi, e a impolitica revogação do célebre edito de Nantes: a revolução é completa.

Os espiritos estão definitivamente libertados da pressão e do influxo religioso; a liberdade de consciencia é reconhecida como um direito do homem.

(Continúa).

Coimbra, 10 de fevereiro de 1864.

A. Eduardo de Moura.

O SONASGO

Ensinemos nós o povo;
que a moral virá depois.

O auctor

I

Padre, o que fazes sosinho
co'teu rosario na mão?
De noite por tal caminho!
que negra a tua missão!

Ficaram padres no côro
e foges da oração!...

Ai! que soluços! que chôro
te sahem do coração!

Que tens tu, meu sancto frade
que assim te pões a chorar?

Algun segredo... e quem ha de
fazer-te assim caminhar?

Ouve-se alem no mosteiro
os teus irmãos a orar
e tu perdido romeiro
por ésta serra a vagar!

«Quem me pergunta o que faço?
«quem nestes montes fallou?
E foi seguindo o seu passo
até q'a um povo chegou.

II

Bateu á porta d'um pobre
veio o pobre sem demora
«não ha da ceia que sóbre
«para quem vem a tal hora?»

Correu uma e outra porta
de dentro ninguem fallava;
par'cia que estava morta
a gente que alli morava!

Todas as casas correu
te que nas pedras da rua
sentou-se, quando appareceu
no ceu a brilhar a lua.

Ergueu-se o pobre do monge
em roda olhou, ninguem viu.
Fitou os olhos ao longe
poz o capuz e partiu.

Foi-se direito ao mosteiro
o bom do frade a pensar

porque não teve hospedeiro
no povo onde foi dar.

III

Tres noites e mais um dia
passou na cella a resar.
Não fallava nem dormia,
era um continuo scismar.

Tanto scismou que 'num dia
sahi sosinho a prégar.
No povo ninguem havia
que o não viesse escutar.

Depois escolhas fundou
no vizinho povoado.
Por fim ninguem la passou
que não fosse agasalhado.

J. Simões Dias.

CONTOS DA THIA CECILIA

Uma aventura

III

Tinham soado na torre da aldeia onze horas e tres quartos. Todos os rapazes eram reunidos: e concordava-se no modo de todos reconhecerem no dia seguinte em como Antonio o Duque fôra ao cemiterio.

— Está decidido! Disse o *Zé Conde*. Irás la espetar uma estaca e aqui te esperámos, e depois vens dormir comigo, de modo que não te largarei até amanha.

Estas palavras mal eram ouvidas a pouca distancia, pois um vento fortissimo zunia pelas fimbrias dos edificios, e bem era sobranceira uma medonha tempestade.

Antonio o Duque, ancioso e com medo que sempre heroicamente dissimulou, esperava o último quarto d' hora passado: com a estaca na mão e um masso estremecia, quando lembrava as palavras de Rosa e o conto da thia Cecilia. Esses dictos cynicos de seus amos ja lhe tinham varrido, ou, se os lembrava, era para mais crer na falsidade d'elles. Estava pois escrupuloso como o é uma consciencia rustica. Finalmente batem quatro quartos, e a cada uma das horas da meia-noite o sangue se agitava nos vasos, e um péso desconhecido parecia vergar-lhe o peito.

— Ao adro! Ao adro! Gritaram os camponeses.

E Antonio, chamando a si todas as suas forças, embrenha-se 'num caminho algum tanto estreito, que o conduziu a uma collina algum tanto erma, onde era sita a igreja. Ao chegar ao cimo da collina, parou o campino para respirar livremente: e applicou o ouvido para escutar... Nas correntes de vento vieram-lhe conduzidas, em suaves accordes, as seguintes quadras que seu coração bem advinhou de quem eram:

«Minha mãe, Nossa Senhora,
Eu vos amo, minha mãe;
E que vós olheis agora
Para a que soffre tambem!»

Meu amante pois sem medo
Ai! se esquece do serão,
E do candido segredo
De meu triste coração!»

Antonio reconheceu que a voz se aproximava, e continuou a escutar:

«Ai! do cemiterio foge,
A meus braços vem cahir,
Que a ventura minha d'hoje
Deus m'a livre no porvir.»

Minha mãe Nossa Senhora
Eu vos amo minha mãe,
E que vós olheis agora
Para a que soffre tambem!»

O vento mudou momentaneamente de rumo: Antonio não ouviu mais que o ciciar monotono das florestas vizinhas de mistura com o pio lugubre e aterrorisador das aves noctivagas. O campino suspendia a respiração e vacillava, se devia ir ao cemiterio, se voltar para o seio dos seus companheiros que lhe chamariam cobarde! Este último pensamento lhe dá algum animo que logo é resfriado por um relampago intenso e inesperado, que lhe allumiou os altos muros do cemiterio, onde sua imaginação phantasiava phantasmas! E em seguida os seus ouvidos se desarranjam ao echo quasi sumido mas terrivel do trovão que do largo horisonte avançava. Cabiou quasi, no chão, desfallecido quando de novo lhe chegou aos ouvidos a voz de ha pouco vibrada e agora bem proxima:

.....
«Resarei Ave Maria
Se mal *lhe* não succeder

Vinte e tres em cada dia
Neste mundo, se eu viver.

Irei d'hábito — romeira —
À festa da Nasareth
— Passarei a noite inteira,
Da vossa imagem ao pé.

Deporei o cordão d'ouro
Em vosso collo a brilhar
Ai! e meu cabello louro
Hei de la il-o aparar!

Tantos annos a promessa
Cumprerei quantos viver;
O padre que me confessa
A missa ha de dizer.

Minha mãe Nossa Senhora
Eu vos amo minha mãe;
Se me abandonaes agora,
Eu morro agora tambem!

A voz se calára: um relampago mostrára a Antonio na collina fronteira, a imagem bella e melancolica de Rosa-Branca que se encaminhava para o cemiterio. Antonio clama:

— Vamos; um anjo resa por mim!

E avançou para o cemiterio.

Mas Rosa-Branca caminhava apressada e cessára de cantar, pois se horrorisára ao relampejar vasto e ao ulular da trovoadá que se approximava. Desce a collina para subir para a rampa, em cujo cume era o cemiterio, e estreinece de horror e dá um grito rouquenho, quando de repente, depois de um intervallo de silencio durante o qual mais se não ouvia, do que o ciciar das árvores e o cahir da chuva e o estampido d'um trovão que estalara nas nuvens secco e retumbante como o tiro do peça.

Rosa-Branca parecerá atravessada por descarga electrica: cahira quasi desmaiada, ergue-se pallida e quasi cadaver, e como doída sobe a rampa e entra no adro-cemiterio...

Tudo é escuro... tudo é silencioso... A donzella deseja um cirio que lhe allumie aquella escuridão; uma oração mental eleva á Virgem para mandar um relampago. E a luz electrica veio, e mostrou a Rosa-Branca ao lado de uma estaca espetada um vulto deitado...

— Antonio! Gritou a donzella com a força e sentimento d'um coração que ama.

O corpo em balde tentára reanimado erguer-se; um estrondo identico ao do lenho que cae no valleiro, certificou Rosa-Branca que estava ao pé de um cadaver.

A rapariga cae sobre o corpo do amante, chama-o; mas quando acha a face gelada, os labios frios, o coração sem pulsar, dá um grito d'intima agonia, que foi ouvido pelos rapazes que estavam no terreiro da aldeia esperando pelo Antonio Duque. Os campinos ao ouvirem o grito correm uns apos outros para a egreja. Ao entrarem no adro, allumiados pelo clarão dos relampagos, notaram dois rostos cadavericos conchegados um ao outro. O aspecto do homem era feroz, era do proprio condemnado que a corda estrangulou: o da mulher exprimia a intensa agonia da amante que bebeu no coração congelado do amante o hálito da morte!

Hoje quem na aldeia de... assistir d'inverno aos serões, ouvirá pouco mais ou menos esta historia que escrevemos como podemos dos proprios labios da thia Cecilia. So ella accrescenta a seguinte conjectura — que Antonio entrára no adro, medroso em excesso, e que, ao espetar a estaca á pressa, espetára tambem a ponta do gabão. Depois, quando se queria vir embora, achou-se preso sem saber como: que havia de pensar uma alma timorata naquelle ensejo? Não podia deixar de ser — eram as almas do outro mundo que o agarravam, era o satanaz que o queria arrastar para o inferno. Ora o Duque colhéra medo a essa prisão a tal ponto, que de medo morrera.

— E que Deus se compadeça de sua alma, accrescentava sempre no fim do conto a thia Cecilia, derramando uma lagrima.

Heresta do Vaticinio.

UM QUADRO SOCIAL

(Continuado de pag. 89)

Felisberto andava triste; supposto comesse por duas pessoas de bom estomago, dotado de valentes forças digestivas, diziam comtudo as criadas da casa que o sr. Felisbertinho (chamavam-lhe assim, apesar dos seus trinta e cinco) trazia muito fastio.

É que o Felisbertinho a comer, era ordinariamente um Felisbertão; quero dizer, comia elle so, á sua parte um jantar bem servido para quatro que comem soffrivelmente.

Assim vê-se, que elle, se não tinha incommodo de corpo, teimára em alguma ideia que lhe dava que entender. E teimava. Era o caso.

Um dos irmãos que seguira a milicia, que

serviu por annos no continente, sujeitou-se a ir para as nossas possessões d'Africa, com a esperança de que em breve seria transferido para o continente, mais graduado. Demorou por lá uns dois annos, e nesse tempo tomou amores (quem o diria!?) com uma negrinha.

Ao cabo de um anno tinha elle uma filha, fructo d'aquelles amores, e voltando a Portugal trouxe-a consigo. Que lhe importava a elle que nas veias da filha corresse sangue africano? Era pae, e o amor paterno não olha a cores.

Um filho, qualquer que seja a raça a que pertença, é sempre parte do coração de pae, e não póde este, a menos que não tenha descido da condição de homem, deixar de amal-o. Antonio, pois, queria muito a Maria (assim se chamava) como filha que era, e os parentes respeitavam-na em consideração ao pae, que se dizia trouxera muito dinheiro.

Pesava isto muito na balança das considerações: os parentes esperavam preciosos donativos. Felisberto, não. Não era homem que deixasse de se mostrar qual era com o fito no interesse, que do irmão lhe podesse vir.

Deixou ver logo o seu descontentamento e desapprovação em o irmão apresentar em Portugal e na terra natal uma filha mulata, que elle considerava um desdouro para a familia. Não se abriu porém com elle, a quem, por ser mais velho, respeitava.

Antonio viera a Portugal a ver se se restabelecia de incommodos de que padecia. Aconselharam-lhe os medicos que viesse a ares, meio de que frequentes vezes se serve a medicina, quando não atina com os padecimentos do enfermo!

Eram passados poucos mezes desde que Antonio chegara á patria, e ja a sua familia vestia de lucto. É que Antonio succumbira aos seus padecimentos.

(Continúa).

Abel P. do Valle.

TESTIMUNHO DE GRATIDÃO!

Se uma boa acção é sempre um motivo de consólo para a alma d'aquelle que a practica, não é menos o reconhecimento d'ella uma grande satisfação para a alma d'aquelle que a recebe. É porisso que, cedendo aos impulsos da minha consciencia, que sem ésta expansão de reconhecimento, nunca seria tranquillá, venho hoje num estreito abraço apertar ao coração aquelles de meus amigos e irmãos, que, na triste quadra, por que acabo de passar, mais me pinhoraram

com suas palavras de consólo, seus offerecimentos e serviços em favor de minha saude e interesses.

Deus vos cubra a todos de benções no ceu, como vós cubristeis de consolações o meu leito de agonia! Nas tantas dedicações que me dispensastes, bem mostrastes que sabeis comprehender o quanto é de horrorosa a situação de quem se ve so' neste mundo a braços com os rigores da sorte, sem patria, sem familia, sem ninguem!

— Deus vol-o pague!

Summamente penhorado para com todos, não posso deixar de nomear aqui o meu, jamais esquecido amigo, Pedro Alves Rei.—

— É a elle talvez, depois de Deus, a quem devo hoje alguns restos de vida. — Na maneira officiosa por que se prestava a passar noites inteiras juncto do meu leito, subministrando-me os remedios por sua propria mão, bem me mostrou o amigo, que lá dentro se lhe esconde uma alma tão grande e nobre como é nobre e grandioso o seu nome! O amigo que assim se sacrifica por outro é um verdadeiro *Rei*. Talvez que se cingisse á frente uma coroa e empunhasse um sceptro não merecesse tanto este nome, porque o brilho do sceptro e da coroa, cegando muitas vezes a magestade, não deixam ver do alto do throno as lagrimas, que ca correm em baixo no pó! E lá so chega o pranto do infeliz, quando é levado nas azas do patronato, ou arrastado nas ondas da lisonja e da adulação fementida! Involvamos num veu de reticencias este fel que nos quer correr da pen-na.....

E é tambem verdadeiro *rei* o amigo que enxuga a outro amigo a lagrima que lhe escalda as faces mirradas pela febre do soffrer!...

Rei! mas *Rei* pela nobreza d'alma! *Rei* pela virtude!

Que a tua modestia se não offenda, amigo *Rei*, que é tambem nobre o prestar culto á virtude.

A todos um abraço de gratidão eterna envia

F. A. Duarte de Vasconcellos.

Coimbra, 15 de fevereiro de 1864.

CHRONICA

Amaveis leitoras. — Ao levantar-me do leito da dor, d'esse sepulchro de vivos para onde Deus, castigando os meus delictos, se dignou arrojarme ha tanto tempo; mal podendo suster ainda no braço enfraquecido o leve pêsso da penna; que poderei dizer-vos, amaveis leitoras, que vos promova interesse?! Podia, é verdade,

apresentar-vos em estylo lamuriante e lacrimoso, o ordinario do meu infeliz viver — se é que tenho vivido! — de vinte dias de continuos soffrimentos, que me têm parecido vinte seculos de angustiosa existencia: e talvez que a minha elegia não viesse fóra de proposito, quanto ao tempo, por estarmos na quaresma; mas quanto ao logar?! o da chronica é tão improprio e presta-se tão mal a *sermões de lagrimas!*

Mas ainda assim, piedosa leitora, não posso resistir á tentadora lembrança de vos apresentar aqui, mas em breves traços, *au galop*, como diria um francez,—um quadro todo digno de dó e compaixão, como aquelle que offerece a doença d'um estudante em Coimbra.

Se tendes um coração demasiadamente sensível, e vos não julgaes com forças sufficientes para lhe encarar, sem estremecer, o carregado das sombras, retiraes-vos antes que eu lhe erga a ponta do veu que vol-o encobre; não! não quero ver-vos manchado o setim das faces com lagrimas de sangue!

Se tendes coragem bastante para suster as lagrimas, que hão de ser teimosas em querer saltar-vos dos olhos, vinde commigo, acompanhae-me até ao leito do inferno.

Entrae por essa porta carunchosa, que na maneira por que se vos apresenta — meia-aberta — parece querer convidar-vos a entrar, e dizer-vos compassiva que la dentro está quem soffre: é o unico ente que alli solta, de vez em quando, um ai de compaixão, quando agitado pela frigida corrente que trepa pela escada, roda sôbre os velhos ferrugentos gonzos! E quem sabe, se até a mesma porta chorará de frio, se de dó? Quem sabe se os ais que ella solta tão queixosos serão filhos da mentira, como os suspiros tão bem fingidos da hypocrita servente? Mas sejam ou não estudados nas escholas das Pulquerias, das Genovevas, das Narcisas, das Gervazias e... das Poncias que tanto abundam 'nesta terra, o certo é que so a gemedora porta alli se encontra deplorando em seus queixumes a sorte do misero filho de Minerva! Mas deixemol-a continuar com suas nenias falsas ou verdadeiras, e entremos ja para dentro.

Eil-o, o *vosso* martyr, entre quatro paredes tão nuas, tão despidas de adornos como a sua alma o está das illusões do mundo! vede-o e contemplae-o hirticamente estendido sôbre um *faminto* enxergão, que, pretendendo fugir das companheiras tábuas, com quem ha muito se debate em rixa aberta, parece querer ir devorar toda quanta palha se aloja nas *baincas* do Castello.

Ornam o aposento uma mesa de pinho pintada d'azul, e duas cadeiras da mesma materia e cor. Irmans-gemeas, ninguem seria capaz de differencal-as na infancia, vendo cada uma por sua vez; hoje, ja quasi no último quartel da vida, até um cego as póde facilmente distinguir. Quando *moças* divertiram-se bastante, e d'aqui resultou perder uma uma perna, e a outra duas *costellas* d'um lado.

Póde V. Ex.^a servir-se da *cóxa*, que para melhor commodidade, lhe encósto á parede, em quanto eu me *colloco* na *corcovada*, que por seu mau estado physico me não concede licença para me recostar para traz.

Aqui tem V. Ex.^a tres companheiras inseparaveis do estudante, desde que entrou em Coimbra com a grammatica do José Vicente debaixo do braço, até que sae, levando a tiracól as cartas de bacharel formado.

Ai! e de quantas *datas* de *colicas* são ellas testemunhas?!

Sôbre a classica mesa (a), em cujo azul o filho da sciencia contempla de continuo o lindo ceu d'um futuro esperançoso, através das *nubellosas* leis do *Digesto*, e das *carregadas* sombras da *sebenta* (b), tomam agora assento, em vez das *Pandectas* e das *Institutas* de Gaio, uma chavena de caldo de gallinha, saturado de *chlorureto de sodio* (desculpe V. Ex.^a os palavrões; é que não quero que a servente me entenda, ainda que me ouça, que me lançaria o fogo!) e algumas garrafas que inculcam conter remedios, como se depreheende facilmente dos rotulos que dizem assim:

PHARMACIA

DE

LUIZ ANTONIO BOTELHO DE VASCONCELLOS

Rua Larga n.º 4;

é mais — pelo meio — umas garatujas, que se não lêem, e que servem so para esconder ao doente o segredo da molestia.

E o doente? Ninguem lhe ouviu ainda um gemido! Se chora é em silencio, porque sabe que em volta do seu leito não ha um coração amigo onde os seus ais encontrem echo; sabe que não ha alli a mão da mãe carinhosa que lhe revolte as palhas do leito, e que lhe amaine com uma séde d'agua os ardores da febre,

(a) Academicamente *banca*.

(b) Chama-se assim a lição lytographada, ordinariamente redigida por um dos melhores estudantes do curso, a incumbencia dos mais condiscipulos, que lhe dão por gratificação a *modica* quantia de 600 réis por mez cada um, uma boa rebecada quando não sae bem feita, e sôbre tudo o *brilhante* epitheto de *sebenteiro*.

nem o anjo de seus sonhos que lhe sorva em doces beijos d'amor as lagrimas que lhe affluem á flor das palpebras! Sabe que nada ha alli, e porisso esgota em silencio o seu calyx de amargos soffrimentos.

Agora que V. Ex.^a acaba de presenciá' neste desprezo e abandono um dos quadros mais singelos, mas ao mesmo tempo, talvez o mais tragico e tocante da vida academica, podemos, se lhe apraz, retirar-nos.

— Veja, minha senhora, por que preço nos fica esse tropheu de gloria que aqui comprámos por lagrimas de sangue, para irmos depois lançar aos pes d'uma mulher, que nos diz por entre um sorriso d'estupido cynismo — «levanta essa insignificancia que não vale sequer o brilho do meu ouro...»

— E não terei eu razão bastante para chamar *vosso* martyr ao homem que por vós percorre a senda do seu calvario, para depois o pregardes numa cruz!?

Mulher! em po se torne o teu ouro, se julgas que o homem ensanguenta os pes na senda da vida seduzido pelo seu fulgor!

Que mundos d'ouro ha ahí que valham uma so lagrima, das tantas que o homem chora ao atravessar este sérro escabroso da existencia!

Por um raio dos teus olhos, sim! um mundo de martyrios!

Por um riso dos teus labios, sim! um inferno de tormentos!

Por um dos teus cabellos lourós, sim! arrastado até aos confins do universo!

Mas pelo fulgir do teu ouro?! Nem um so passo!.....

E foram os teus finos cabellos louros, que ainda me prenderam á existencia, e me detiveram á beira do abysmo, para onde me sentia arrastar no auge da desesperação, pelo anjo mau do suicidio, que estendia as suas azas negras por sôbre o meu leito d'agonia!

E foi um sorriso dos teus labios que me tornou a dar a vida que me fugia!...

E foi á luz dos teus olhos que eu tornei a ver o ceu; e, la por entre as nuvens da noite, — da minha negra noite! — vi reluzir ao longe, — muito ao longe! — uma estrella de esperanza, que, apontando-me para o futuro, me dizia na energica expressáo de seus raios: — «Ergue-te d'ahi ainda; cobra alento e caminha.» —

E eu, obedecendo á voz da minha estrella, levantei-me do leito, revesti-me de coragem, lancei mão do bandolim, — o meu «bordão de peregrino» — e pondo-me a caminho para as regiões do futuro, fui-me cantando assim:

OUTRO CEU?

A M. C.

«Não me encantam do mundo os montes d'ouro que não têm para mim algum valor!

Mas seduz-me do teu cabello louro

Esse brilho que tem do ouro a cor!...

É longa a minha noite, e não desmaio...

Qu'inda guia uma luz os passos meus...

— Meiga luz vinda do ceu presa num raio

Que me enviam de la os olhos teus!... —

.....E sinto-me voar ao paraizo

Nas azas do mais doce talisman,

Se descerras os labios num sorriso

Tão lindo como o riso do manhan!

Oh! se um dia no mundo venturoso

Dos encantos gosar que Deus te deu,

— Se dois ceus póde haver, serei ditoso

Achando depois d'este um outro ceu!...

.....

1863.

E o caso é que o passeio começou a aproveitar-me tanto, que ja no dia d'Entrudo pude ir ao baile de mascarar.

Enchente na plateia extraordinaria — camarotes desertos — *costumes* os do costume, sem gosto, nem significação, excepto uma *concha* que la appareceu, onde todos cuidavam que vinha peixe, mas d'onde, com grande desapontamento, viram sahir apenas um *animal amphibio!*... Musica, a monotonia do costume — A dança tocou o *delirio!* —

Quanto a espirito e originalidade podemos dizer dos mascarar de Coimbra, como diz de todos os de Portugal, o illustre folhetinista do *Monitor* — «Les masques spirituelles sont bien rares en Portugal, et dans leur babillage, il n'y a pas un bon mot, qu'on puisse citer.

«Les allusions sont toujours vulgaires, et la pensée en est dans toutes les bouches, et dans toutes les imaginations «connaissez-vous moi?»

«L'originalité y manque, mais cependant, c'est incroyable, tout le monde en rit et personne n'a l'idée de s'écrier: «Quelle banalité!» «Que sémaboria!» como nós diríamos.

Tambem ja póde ir acompanhar á última jazida os restos mortaes de nosso irmão e collega, o estudante de preparatorios Julio da Gama que teve o mau gosto de se suicidar, envenenando-se com acido arsenioso.

«Era filho do Brasil, e moço de muitas esperanças, com grande e decedida vocação para a poesia, como é tão natural aos filhos «d'essa terra abençoada, onde, como tão bem diz Pinheiro Chagas, a poesia fluctua na atmosphera por entre as ardentes emanações d'uma natureza esplendida, e cujo férvido sol faz florir os poetas no seio dos seus habitantes, como faz brotar os diamantes nas entranhas do seu solo.»

São muitas e mui variadas as explicações, que correm ácerca do motivo que levou o manco a praticar um crime tão horroroso, reprovado por todas as leis naturaes, divinas e humanas.

Entre outros corre tambem que elle voára prêso aos *cabellos louros* d'uma prima, que ainda ha pouco o prendia, com tão *dourados laços*, á existencia, e que agora por elles ainda o arrastava para juncto de si no ceu!

Quem acaba de dizer, que prêso a uns *cabellos louros* se deve ir até aos confins do universo, não pôde reprehender agora o voo audacioso da ametade d'essa alma que tinha a outra ametade no ceu! Deus lhê abra as portas do infinito e o receba em seu seio de infinita misericordia!

E ahí fica uma chronica que vale por tres... Julgo portanto saldas as contas com as amaveis leitoras.—Et par cette nuit, je vais finir tout-à-l'heure. Ne vous fâchez pas, monsieur le lecteur! Vous en prie

Le chroniqueur.

EXPEDIENTE

Finda com este número o primeiro trimestre da publicação d'este jornal.

A redacção pede aos srs. assignantes se dignem continuar a coadjuval-a na sua sancta cruzada. Tem quasi a certesa de que nem um se recusará a um pedido tão justo; no entanto avisa áquelles srs. assignantes que não quizerem continuar com a sua assignatura, tenham a bondade de o participar ao *administrador responsavel*, satisfazendo a quantia de 420 réis, importe dos doze números sahidos.

O silencio será tomado como manifestação de continuação, assim como não tera logar a reclamação depois da publicação do n.º 13; pois que isso traria consigo desperdicio de exemplares, e transtórno ao serviço do jornal.

Estão a dar-se á estampa novamente alguns números, cujas tiragens se esgotaram; aquelles senhores que tiverem alguma reclamação a fazer neste sentido, queiram dirigir-se ao *admini-*

strador para dar as devidas e promptas providencias.

Tambem se pede desculpa por alguma irregularidade que por ventura possa ter occorrido no serviço do jornal, devida ao mau estado de saúde do seu *administrador*. Hoje que ja se acha melhor, melhor andará tambem d'aqui em diante o mesmo serviço.

Pedimos a alguns senhores assignantes d'Aveiro tenham a bondade de mandar satisfazer quanto antes o importe de dois mezes (oito números 280 réis) por que assignaram a *Chrysalida*, para nos não collocarem na dura necessidade de lhes publicarmos os nomes.

Todos os senhores podem satisfazer pelo meio facilimo das estampilhas do correio.

Esperámos do cavalheirismo de todos alguma attenção para o que deixámos escripto.

A redacção.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

FATALIDADES DO AMOR

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.

ODES DE HORACIO

Mandadas adoptar nos Lyceus pelo conselho geral de instrucção pública

POR

Antonio Maria d'Almeida Netto

Em frente de cada Ode se acha a coordenação das palavras em harmonia com a traducção. São precedidas de explicações, notas e exemplos de medição, e d'uma breve noticia da vida de Horacio.

Assigna-se: — Em Lisboa, Silva Junior & C.ª, Praça de D. Pedro.

Porto e Coimbra, Viuva Moré, e na Imprensa da Universidade.

Vizeu, Francisco Gomes Pinto, ao Arco.
Preço 550 réis, franco de porte.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.



PHANTASIA

Densas eram as trevas, medonha a cerração. Sibilava o norte e a tempestade aproximava-se com o seu côro de harmonias infernaes, e um sequito de pavor e ruinas!

Vergava o chopo, curvava-se o altivo carvalho, e a folha tremia no alamo, como se de subito a accommettêra sezão de medo.

Por sôbre estes rumores surdos, que prendem a tormenta, elevava-se a voz majestosa e immensa do oceano, orgulhoso em suas fúrias, como o leão que se ve humilhado e pequeno encerrado na jaula, para onde a mão do homem o levou.

Os elementos interrogavam-se experimentando forças, á espera de que Deus lhes dissesse: — chegou a vossa hora, desencadeai-vos!

Havia agitação na natureza e como que receio em toda a criação; so o homem, verme que se dissipa com um sópro de Deus, mas athleta pelo espirito, preparava-se para a lueta com um indifferentismo de atheu...

Homem de que és tu capaz? Quem manda a zombaria a teus labios, se ante os teus olhos parece a terrã anniquillar-se?!

Insecto que te rebellas contra o poder do Senhor, curva-te á sua voz, que falla no echo magestoso das tormentas!!

Estava magnificamente adornado o salão: a luz que sahia em jorros das serpentinas de prata, prestava aos rostos mil esplendores diversos — uns como reflexos phantasticos, cheios de feiticeiras seducções.

Os sons da orchestra suffocavam os ruidos da tempestade, e no redemoinhar da valsa perdia-se o vosear confuso do trovão, ao passo que os relampagos empallideciam nas vidraças com o vivo reflexo das luzes.

Estava-se no ardor da festa: as flores elanguesciam, pendidas na frente da donzella, e mais de uma roza se desfolhava ao contacto abrazador das mãos, e ao sópro ardente dos labios sedentes de mais gôso.

De todos os olhos reverberavam faiscas de

entusiasmo e delirio; nem uma so fronte se curvava sob o peso de um fugitivo desgosto.

Era alli o reinado das chimeras, onde ainda o desengano não tivera partilha; mais tarde porém, viria a realidade roubar a um as illusões mais queridas e afagadas d'aquella noite, quebrar a outros o prisma feiticeiro, que a sociedade sabe collocar sôbre as suas mais asquerosas misérias!..

Entretanto que não chegára essa hora para todos fatal, muitas cabeças se embriagavam com o perfume invenonado de uma alegria ephemera e passageira!

Palavras d'amor, juras e protestos, todos os labios sabiam formular, e todos os ouvidos escutar com avidéz.

As rainhas da festa, (havia mais que uma no salão) porfiavam em colhêr coroas no olhar submisso dos mancebos, chamados invulneraveis, que ora num simples sorriso, se lhes iam rojar aos pes como obedecidos vassallos!

Era aquella uma realeza muito disputada e com inveja repartida...

Por toda a parte se viam sedas, veludos, plumas, riquissimos estofos e brilhantes pedrarias.

Qualquer donzella se adornava com éstas magnificencias, sem se lembrar de que ellas eram o suor de muito rosto, o pão de muita familia, lançada neste mundo a todos os horrores da fome e da miseria! Como porém ir-lhes dizer taes coisas, se para todos o universo estava nagnelle salão, e a vida se resumia na noite que rapida passava em gosos e delicias?.

Entretanto a tempestade bramia, mas seus rumores não chegavam até alli. Na sala confusão e ruido, la fóra desordem e ruinas, tudo se misturava em horrivel cahos!

Que é um baile senão uma tempestade num salão, de onde poucas pessoas sahem illesas, como entraram!

Tempestade é esse mar de cabeças agitando-se como as ondas se incapellam; esse sussurrar de vozes em trocadilho de palavras mais ou menos innocentes, mas sempre banaes; o ruido da orchestra, a desordem, a agitação, e finalmente, todo esse compacto de paixões discordes: o ciume, a inveja, a emulação, o odio, o amor, ruidoso tumultuar de ambições mesquinhas e desejos vão, que uns aos outros se hostilizam e guerreiam.

Um baile é pois um cahos, que hoje amamos porque nos deleita e embriaga, e amanha aborrecemos, porque so confusão, desordem e tedio, deixou em nosso espirito.

Eis uma face da sociedade, ao que parece

risonha e matizada de flores: olhae agora o inverso da medalha, achais so miserosas e desgraça.

Em quanto a turba alegre e desacidada folga e ri 'naquella sala aborrida pela embriaguez do que era; em quanto se soffoca com o calor das luzes e das luxuosas alcatifas; em quanto ricos taboleiros de preciosos manjares, e custosos vinhos giram de continuo, desafiando o appetite ja de ha muito saciado; descei ao atrio do palacio, transponde seus humbraes; que védes, que ides procurar ahi?..

Horrorisa-se a alma, menos bem formada!! Ante vós avulta um quadro de miseria e dor! é a reunião dos desgraçados, aos quaes não chega um raio da fortuna que coroa a fronte do rico!

A indigencia espera de mãos cruzadas ás portas do rico;... um pontapé do seu laçao!.....

A chuva cae em torrentes, o norte fustiga com desabridas rojadas as faces cadavericas e ossudas de um espectro semi-phantoasma semi-mulher, para quem todas as vicissitudes da desgraça, todos os horrores da fome e todos os martyrios da miseria são conhecidos! Creatura fadada para os grandes martyrios, passou ja no mundo por todos os degraus da escala do infortunio!

Conheceu a grandeza, o fausto, o luxo; todas as regalias que o ouro procura e so o ouro da, com ellas nasceu.

A primeira vaga d'este oceano chamado sociedade, a arrancou dos braços de sua mãe, do seio de sua familia para a impellir apos os passos de um homem, que tinha palavras de irmão, desvellou de amante, e que jurára sobre a Cruz, d'amar esta falta, pagar esta dedicação, recebendo-a por esposa, ante os altares.

Eis a Eva comendo o fructo prohibido, levada pelas caricias da serpente.

Começa agora o castigo de Deus, ou antes a sua justiça; o paraizo fecha-se para sempre, e em troca abrem-se os abysmos do mundo!!

Para que seguiu esta mulher por todos os atalhos de sua triste e misera carreira?! dedo de fogo do inexoravel destino! gravara-lhe uma terrivel sentença, não na parede como no festim de Balthazar, mas na alma para seu eterno supplicio.

Mundo que tristes são os teus exemplos, e e horriveis as tuas lições!

Eil-a agora que passa, e rides e não a conheceis; a rica, a formosa a requestada de outra, sera esse esqueleto ambulante que se cobre com andrajos repellentes e immundos?!

A fome devora-lhe as entranhas, a febre gy-

ra-lhe nas veias, queimando-lhe o sangue, e comtudo seus membros tremem de frio, ao contacto d'estas gotas glaciaes que lhe caihem sobre os hombros nus! Não a assustam as ameaças dos laçaios, nem a intimidam seus pungentes e grosseiros sarcasmos: de pe encostada ao humbral da porta, prega os olhos avidos 'naquellas vidraças d'onde manam jorros de brilhante luz!

A tempestade, não a ouve; passa por ella pesa-lhe sobre a fronte, sem a presentir; em verdade que são esses ruidos exteriores, a par das infernaes harmonias que lhe vão n'alma?!

As desordens da natureza emmudecem em presença d'um cahos de horriveis torturas!..

Os labios do phantasma movem-se, de sua garganta sahem sons que se convertem em palavras entrecortadas e sacudidas....

Oicamol-a.

(Continúa).

Henriqueta Elyza.

UM NOIVADO DE SANGUE

É ella! a noiva! ella a mais formosa,
Que lindo noivo tão gentil que tem!...
Os outros dizem que elle é bem ditoso
Feliz na posse de tão grande bem.

Almeida Braga.

Em abril de 1860 estava eu na villa de....

Por uma bonita tarde passeavamos algumas senhoras e cavalheiros em uma quinta que fôra de nobres fidalgos, nobres e antigos como o castello, quasi ruinas, que a dominava.

Eu sentara-me em um banco de pedra em frente de arruinados torriões, e em roda de mim tudo eram folgares em que a tristeza, que aquellas memorias do passado relevavam, me não deixava tomar parte.

Uma amiga minha veio perguntar-me em que pensava.

— Na incuria — lhe respondi — dos donos d'este castello.

— Parece-me, minhas senhoras — exclamou um cavalheiro edoso que estava ao pe de nós — parece-me que, como tantos outros, ignoram a historia que essas ruinas nos conservam.

— Historia!.. De certo ignorámos.

— É bem triste! sanguinolenta até!... — tornou o cavalheiro sem conter um suspiro.

Não o deixámos mais, e com nossas instancias obrigámol-o a contar-nos o que vae seguir-se.

Não é um romance; não é mesmo uma historia; é uma narração.

O sr. Vasconcellos começou assim =

— D. Ambrozio, o dono d'este castello, era um dos mais antigos fidalgos de Portugal.

Nobre por sua linhagem e virtudes tinha respeito e veneração de quantos o conheciam.

Mas, se suas qualidades lhe grangeavam estima e respeito, não poderam todavia desviar de sua encanecida cabeça o golpe do inexorável destino.

No outomno da vida a mão resequida da morte ceifou-lhe a esposa, a estremecida metade da sua alma.

Desde então, debaixo dos pes de D. Ambrozio converteram-se em espinhos as flores que elle julgára nunca ver mirradas e menos transformadas.

Ainda, comtudo, lhe restava um bem para lhe adoçar os amargores da velhice; restava-lhe uma filha; Amelia; unica bonina que vecejava no agreste da viuvez do nobre castellão.

E a encantadora donzella parecia destinada para com a mimosa mão amparar o magestoso cedro, que o tufão da velhice queria arrojarao tumulo, que ja aberto o esperava.

Amelia era formosa, quanto podia sel-o nos seus 20 annos de innocencia.

Meiguice, amor filial, ninguem teria mais.

E a donzella era para o velho o raio de sol da primavera, que vinha dispersar os nevoeiros do inverno que o opprimia.

E esse raio de sol tingia com reflexo dourado as orlas, do negro manto, que a morte estendia aos olhos do velho fidalgo.

D. Ambrozio concentrava todo o seu amor em Amelia.

Para elle não havia mais nada em todo o universo!

Mas ella repartia o seu affecto.

Tinha no coração duas imagens, a de um velho e a de um mancebo; a de seu pae e a de Antonio de Noronha, valente capitão.

Antonio de Noronha era gentil entre os mais gentis.

Seu porte irreprehensivel, suas maneiras gahardas e cortezans tornavam-no querido das damas; mas havia unicamente uma que lhe fazia vibrar as cordas suaves do coração.

Era Amelia.

Os dois moços não souberam combater aquelle amor que devia fazel-os desgraçados.

Antonio de Noronha vinha amiudadas vezes ao castello, e era um dos amigos mais estimados do castellão.

Apezar da assiduidade do capitão em seus paços, D. Ambrozio não suspeitava dos amores de Amelia; e foi grande o seu espanto quando o mancebo lh'a pediu em casamento.

O nobre castellão respondeu negativamente.

Corria-lhe nas veias genuino sangue godo.

Queria antes ver morta a filha e deixar-se morrer do que concedel-a a um companheiro do acaso, a um aventureiro.

Antonio de Noronha viu-se precipitado do cumulo da felicidade no abysmo insondavel da desesperança.

Nada lhe restava no mundo. As suas douradas esperanças viu-as cair uma a uma para não mais florescerem.

Desvairado quiz fugir para longe do astro dos seus amores.

Foi em março, numa noite que, talvez neste mesmo sitio em que agora estamos, Antonio de Noronha disse um a Deus eterno á sua Amelia.

Os juramentos que se fizeram ninguem os sabe!...

O moço partiu e a filha do castellão continuou — aparentemente — no seu pacifico viver.

Tinha por uso soccorrer os necessitados e consolar os afflictos.

Era uma sancta — dizia-o o povo.

O velho fidalgo suppunha que o amor de Antonio de Noronha não tinha sido correspondido por sua filha, e julgava o coração da donzella livre, inteiramente livre.

Muitas vezes, afagando com suas decrepitas mãos a loura e formosa cabeça de Amelia, dizia-lhe:

— O dia em que contrariasses a mais leve vontade minha, esse seria o último da existencia de teu pae.

Éstas palavras não eram dictas sem intenção.

Amelia repousava a cabeça no seio paterno e nada respondia.

Havia ja um anno que Antonio de Noronha se tinha ausentado e nunca o nome d'elle o pronunciára a donzella; nunca uma lagrima de saudade foi surprehendida em seus lindos olhos, nem tão pouco uma sombra de tristeza veio anuviarlhe a frente.

Por este tempo D. Ambrozio recebia no seu castello D. Fernando Arris, hospede bemvindo.

Era moço, e rico de honras e cabedaes.

Em gentileza e valentia ninguem lhe levava vantagem.

Cavalgava como qualquer heroe de cavallarias, e jogava o espadão e a adaga como qualquer lidador.

Valia muito, mas não valia tanto como Antonio de Noronha.

A formosura de Amelia impressionou Fernando.

Logo se converteu em submisso vassallo, e

levantou-lhe um throno de amor no amago do coração.

Os galanteios do cavalleiro não colhiam da donzella senão indifferença.

Fernando era vaidoso, e tanto que lhe parecia impossivel que a indifferença de Amelia durasse muito.

D. Ambrozio prezava o mancebo.

Fernando era destro e astuto; sabia fazer-se estimar.

Isto affligia a pobre Amelia, pois adivinhava que seu pae ja acalentava projectos de casamento.

Com effeito não tardou que elle lhe dissesse — que a sua unica vontade era vel-a unida a Fernando.

Não se mostrou ella surprehendida, e o noble fidalgo julgou ver nesta serenidade o assentimento a seus desejos.

Quizera Amelia dizer quanto lhe repugnava esta união, mas reprimira-lhe o intento aquelle dizer de seu pae — que a mais leve opposição a sua vontade lhe causaria a morte. Tremia com a ideia do parricidio!

Respondeu a D. Ambrozio que supplicava — que era filha e obediente.

O velho pulou de contentamento.

Louco! Pensava assegurar a felicidade da sua querida Amelia.

Fernando, quando tal soube, ia enlouquecendo de satisfação.

— Mais uma victoria! — dizia elle.

As bodas foram aprasadas para d'alli a onze mezes.

Preparava-se uma festa brilhante e nunca vista nestes sitios.

Por estas vizinhanças não se fallava n'outra coisa.

E quantos invejosos não teria o noivo?

E quantas invejosas não teria a noiva?

O praso marcado ia findar.

Mais um dia passado, e celebrava-se o consorcio.

Tudo eram ja folgares e divertimentos.

O castellão rejuvenescera, e promettia bailar na boda.

A mesma noiva não parecia indifferente áquella alegria.

Que mudança se teria operado no coração da donzella?

Teria olvidado Antonio de Noronha?

Ninguem o sabia.

De tarde sahiu acompanhada da sua aia querida, e foi fazer como de costume beneficas visitas aos desgraçados.

O que a aia notou foram as lagrimas que a

donzella derramava, ao despedir-se dos pobres que soccorria e ao dirigir-se para a capella do castello, que estava como escondida debaixo do verde-negro de copados castanheiros.

À porta d'ella, encostado ao tronco de um cipreste, estava um mendigo.

A donzella ao vel-o sorriu-se como sorri a criança que cae nos braços da mãe depois de longa ausencia.

Ao mendigo rolaram duas grossas lagrimas pelas faces macilentas.

— Eis a minha bolsa esgotada — diz á aia a filha do castellão — e alli está um pobre!

— E como elle chora, senhora! veja! Deve ter bem fome, coitadinho!

— Vae, corre ao castello e traz confortativa esmola a este infeliz, em quanto eu vou pedir á Virgem pelos desgraçados!

A donzella, vendo-se a sós com o mendigo, caminhou para elle offegante mas resoluta.

— Esperava-te — disse — Não faltaste aos teus juramentos.

— E os teus! — perguntou o mendigo com voz suffocada.

— Serão fielmente guardados.

— Então! — murmurou elle designando com gesto afflicto e ar de censura os aparelhos festivos que animavam o castello.

— Serei tua.

O pobre ajoelhou e beijou a mão que Amelia lhe abandonava.

— Levanta-te Antonio. Eu vou implorar a misericordia de Deus, e tu encommenda-lhe a tua alma como eu tambem hei de fazer. O Senhor ha de perdoar-vos porque não ha de querer a quebra de juramentos tão sanctos como os nossos.

— E teras ânimo?...

— Esta arma é bem afiada — exclamou ella tirando do seio um punhal scintillante.

E sorriu, como se visse nelle o seu anjo custodio.

O mendigo estremeceu.

(*Continúa*)

Ephigenia do Carvalho.

CHRONICA

Obrigado, amaveis leitoras, mil vezes obrigado pelo interesse que tendes mostrado pelo meu prompto restabelecimento. Estou melhor, se não completamente restabelecido, graças ás vossas orações, e aos milagres da *Senhora dos Remedios*, que é uma sanctinha da minha aldeia, muito da minha devoção e sympathia.

Quem me dera no tempo em que eu la ia ao pôr do sol em *novena* com as raparigas da aldeia, pedir á sancta em fervorosas preces, que fôsse servida permittir, que não continuasse a *pôr fóra* a gallinha da vizinha!

Ai! nunca me hão de esquecer as *novenas* á *Senhora dos Remedios*, em que era sempre a thia Ritta Marcelina, que entoava as orações, a que as raparigas correspondiam em voz meiga, terna e plangente, e d'onde dimanava em torrentes a innocencia, como de um côro d'anjos. Quando esquecerei eu essas tardes da minha infancia, em que me *pirava* da eschola e ia para o terreiro da capellinha — theatro dos meus brincos d'innocencia — *jogar o peão* e a *billarda*, ou passar horas inteiras a conversar com a *sancta*, das gradeadas janellas da sua ermida?! Que innocente que eu era então! Era a minha favorita cantar-lhe esta cantiga, que eu tinha aprendido ás raparigas quando voltavam cantando das *novenas*:

A Senhora dos Remedios
minha procuradora;
procurae-me la no ceu
minha rica Senhora!

E o echo da minha voz repercutindo-se nas abobadas da capella vinha trazer-me aos ouvidos estas últimas syllabas da estrophe — ora! — e eu recebendo-as como um preceito da *Mãe Sanctissima*, ajoelhava e mormurava uma oração d'innocencia!...

«Que bello tempo o da minha infancia!
Tempo tão doce que por mim passou!
Mas esse tempo?! Esse tempo foi-se
Rápido, breve!...

Ah! sim! mas, como eu ia dizendo, estou melhor; muito obrigado a VV. Ex.^{as} Agora ja posso dar-lhes algumas noticias, minhas senhoras, e se estão de pachorra para me escutar, vão ouvindo:

Esteve aqui de volta do Porto para Lisboa, Mr. Herrmann. Demorou-se apenas dois dias. Herrmann em Coimbra foi relampago no meio de trevas; quasi que nem se deixou ver!

Foi luminoso meteoro que se mostra um momento, e que, traçando logo uma elypse, vae perder-se no espaço; nem julguem a imagem mal cabida; Herrmann é o meteoro mais brilhante e luminoso d'este seculo: é a estrella polar do genio e do talento.

Não tinhamos ainda visto a Herrmann; e as razões ja as declarámos nas *chronicas* passadas

— eram as trevas da minha *negra noite* — da noite do meu viver! — que me não queriam deixar ver e admirar o bello astro do sol; mas d'esta vez as sombras rasgaram-se d'alto a baixo, e vimol-o, e contemplámol-o, e pasmámos (!-) porque alli ha mais que a força do homem; alli ha *talvez*... quem sabe?! alli ha *quasi* a força do milagre.

E Herrmann não é so a estrella do talento; Herrmann é, como logo dirá o *artista poeta* — «o sol da caridade.» —

Subiu duas vezes ao palco em D. Luiz: a primeira a beneficio da sociedade dos artistas. Uma commissão expressamente nomeada para isso subiu la tambem num dos intervallos, oferecer-lhe o diploma de membro da mesma sociedade, sendo-lhe lida em francez uma allocução *ad hoc*, por um dos membros da commissão, o sr. José Maria da Silva Torres, que o eximio artista agradeceu com um significativo apêrto de mão.

Em seguida distribuiram-se dos camarotes para a plateia duas mimosas e sentenciosas poesias, uma da bem conhecida philomella do Mondego, a ex.^{ma} sr.^a D. Amelia Janny, outra do esperançoso e talentoso poeta o ill.^{mo} sr. J. Simões Dias, um dos mais illustrados collaboradores d'este jornal. Eil-as

A CARLOS HERRMANN

NO DIA DO BENEFICIO POR ELLE DADO
AOS ARTISTAS DE COIMBRA
NO THEATRO DE D. LUIZ I

Tens hoje em cada olhar que te contempla
Um thesouro d' affecto, e almo throno
Em cada coração:

Por magia que exerces, tantas almas
Entoam um so hymno, que traduzem
Nas palmas que te dão!

Aos filhos do trabalho a mão estendes,
Dás-lhes ouro que o talento te grangeia,
Que em flores se tornará...

— Irmão da caridade — das-lhe a esmola,
Não a que humilha o pobre, a que ennobrece
Quem recebe e quem dá.

Abrigo dos que soffrem, em mil bençãos
D'aquelles que soccorres tens o premio,
Cifras o prazer teu.

Exhala a gratidão doces perfumes,
Que embriagam teu seio, e vão tecer-te
Igneas c'roas no ceu!

Amelia Janny.

Ves as lagrimas candentes
borbulhando pelas faces
tismadas pelo trabalho?
Não são forçadas torrentes
que d'involta levam dores...
são da gratidão as flores,
regadas por esse orvalho!

São corações, que distillam
pelas meninas dos olhos
que vêm sabindo de abrolhos
para os jardins da alegria!
são fontes, que 'neste dia
vêm orvalhar as corollas
das flores que vaes colhendo
ao semear das esmolos!

Os louros, que o genio enfeixa,
são, como a luz apagada,
depois que o artista se deixa
de trilhar na sua estrada;
mas os, que a esmola conquista,
— se nasce do coração —
são perpétuas, que o artista
recolhe por sua mão!

Em quanto os outros procuram
nas grandezas do talento
seu unico monumento...
maior o teu se levanta
no solio da eternidade;
pois os louros que mais duram
são filhos da caridade!

J. Simões Dias.

No fim do espectáculo foi tambem ao palco
agradecer e despedir-se por parte da associação
dos artistas o sr. A. F. Barata, — o *artista poeta* —
que o fez em verso, recitando a seguinte
poesia que em seguida offereceu a Mr. Herrmann:

Ha povos rudes e selvagens inda,
Que o sol adoram como o proprio Deus,
E que, quando á tarde o seu curso finda,
Com festejos lhe dão sentido adeus.

Ao modo d'esses povos, no occidente
Nós te adorámos, sol da caridade!
Delegado na terra, providente,
Do Ser d'immenso amor e de bondade.

Nós te adorámos, e com mil folgares
Aqui te vimós dar saudoso adeus;
E ca por sôbre a terra ou la nos mares
Não olvides jamais amigos teus.

Não olvides, que um adeus que vem do povo,
Mentido não lhe sae do coração:

É dos que dá aos seus; e, amigo novo,
Artista como nós, és nosso irmão!

A. F. Barata.

A sahida do theatro as philarmonicas d'esta
cidade esperavam o *artista philanthropico* e o
acompanharam até ao hotel — em que se achava
hospedado.

Na noite immediata deu Mr. Herrmann outro
beneficio a favor do theatro. Foi-lhe offerecida
para a sua esposa uma prenda que constava
d'uns brincos e um alfinete de brilhantes,
acompanhada da seguinte allocução em francez:

Monsieur Herrmann

La direction du théâtre de D. Louis, en devinant les plus beaux penchants de votre âme, vous parle aujourd'hui de votre épouse. Tout le monde admire les subtilités de votre talent; nous aimons mieux les prodiges de votre cœur.

Voilà un petit cadeau pour la belle moitié de votre existence. Sur sa poitrine cette épingle frémira avec les pulsations de son amour. Sur ses oreilles ces pendants écouteront toujours les confessions de votre cœur toujours fidèle.

Quand vous verrez, tous les deux, ce petit cadeau, resouvenez-vous qu'il y a au monde des cœurs qui pensent à vous!

Antonio José Alves Borges, Antonio Joaquim Doria, Frederico Ferreira, José Julio Cesar, Antonio de Sousa Pires de Lima.

É escusado dizer que em ambas as noutes a enchente era real; os applausos tocavam o delirio do frenesi, e a curiosidade, o espanto e o *pasm*o divisava-se no rosto de todos!... E Herrmann sumiu-se de Coimbra como que por *encanto*, e d'elle, e do poder da sua vara magica, so nos resta uma lembrança saudosa sua, mas vaga e indecisa como a reminiscencia que nos deixa um... *sonho de bruxas*...

Mas a *noite* de insipidez que quasi de continuo pesa sôbre os lindos horisontes d'esta terra, foi d'esta vez bem curta! Ha quinze dias Coimbra é um paraizo de delicias, um mundo todo cheio de vida e amor!

Escondeu-se-nos, fugiu-nos a luz do genio de Herrmann; mas as trevas foram apenas crepusculares, porque outro astro mais radiante e bello as precedia; era o clarão de um planeta brilhante a aproximar-se de nós...

Era a *estrella do norte* a allumiar-nos — era finalmente Emilia das Neves a reaparecer, depois d'uma noite de quatro annos, no palco do nosso theatro.

Emilia das Neves! Quem ha ahi que a viu

estas duas noites no theatro academico, que se não curve so ao ouvir o seu nome?!

E onde ha ahi palavras com que possa tecer-se-lhe os elogios que merece?! Onde ha ahi phrases sublimes que exprimam a sublimidade do que ella nos faz sentir 'naquelles transportes?!

Onde ha ahi penna capaz de escrever o amor e o odio, a desesperação e a esperança, a colera e a meiguice, que ella tão bem sabe exprimir so 'num volver dos seus olhos! Não! não cremos que possa havel-a?!

Muito se tem escripto e dicto de Emilia das Neves; mas quem foi ja capaz de exprimir, de pintar esse *que* divinamente sublime, que ella nos faz sentir n'alma, e com que nos arranca da terra para nos transportar ás vagas regiões do infinito?! Ninguem pôde conseguil-o ainda; ninguem, que para tanto não são humanas fôrças! Ja senti esta fraqueza o joven poeta (a), quando de Emilia das Neves exclamou:

«O silencio diz tudo, e é muda a lyra;»

Emilia das Neves não é so a primeira actriz portugueza, é a primeira actriz da Europa, e não é so a primeira actriz da Europa, é a primeira actriz do mundo civilisado. Emilia das Neves é a actriz que nos desce ao seio d'alma a roubar-nos o coração para exercer sôbre nós um poder infinito!

Fallem por mim, e digam o que eu não sei nem posso escrever, essas lagrimas que a todos arrancou do peito; fallem esses bravos e applausos de enthusiastica loucura, essa trovoadade de palmas que fez tremer as paredes do theatro; falle por mim a multidão immensa que agrupando-se-lhe em roda, a cobriam com nuvens de coroas e flores — falle mais alto que, tudo, e que todos a lyra inspirada d'outra mulher igualmente grande pela grandeza d'alma e genio!

Calle-se tudo e falle so a mimosa poetisa do Mondego, que, não podendo resistir mais á inspiração com que Emilia lhe inflammava o estro, se ergue no seu camarote, como que impellida por uma molla occulta, e por entre um chuva de lagrimas que lhe cahiam do ceu d'aquelles olhos de poetisa, brada em enthusiastico *improviso*

Mulher que me arrebatas, quem poderá
Pintar o que tu és?

Q'ria eu ter essa gloria, e — rival tua —

Ir depol-a a teus pes. —

(a) Anthero do Quental.

Esp'rança desfolhada, — arrôjo inutil!... —

Quem terá tal podêr?!

Minha alma que te segue e que não pôde

Ver-te, sem t'o dizer.

Amelia Janny.

Fallem tambem, alem d'estes, os lindos versos de A. e de J. Tavares, recitados no palco por Delphim Guedes, e que passámos a transcrever aqui:

À EXIMIA ACTRIZ

Emilia das Neves

Se, quando a gente chora, o mesmo pranto
Traz não sei qual allivio triste e brando,
E a propria dor volve olhos meigos, quando
Sacode a escura dobra do seu manto;

É que o doer do coração é sancto,
E sancto o soffrimento miserando;
E á frente oppressa a está Deus afagando,
E, sempre d'um gemido sae um canto.

C'oas lagrimas, mulher, que a Arte chora
Não sei quaes cordas intimas se afinam
Que a gente, erguendo as mãos, seu mal adora.

Mal que se solte um ai nesse momento,
Os escuros da vida se illuminam
À viva e pura luz do sentimento.

Juncto ao berço infantil, em que pousavas
a frente adormecida, anjo divino
veio um dia sorrir;
flamula ardente d'um ceruleo raio,
era o fogo do genio que descia
a dourar-te o porvir.

À terra o anjo desceu. Na face tua
collou soffrego beijo, que em teu seio
de Deus a inspiração
deixou gravada; e logo, sacudindo
azas brancas de neve, foi perder-se
dos ceus na vastidão.

Voou!... Mas a teus pes jaz esquecido
magico sceptro de immortal talento,
com que Deus te dotou.

Nos teus braços ficára o diadema,
que, cingia orgulhoso: ao ir beijar-te
da frente lhe tombou.

Foi a herança tua! Sceptro em punho,
na frente o diadema, entraste a senda,
que á gloria te conduz!

E em redor de teu vulto magestoso
resplandece depois, vivaz, candente,
aureola de luz!

Rainha no palco vales mais que um throno.

Com ardente fervor dariam Cesar's

por tua gloria a sua!

Ha' nessa frente o sello do infinito!

Tua alma eleva-se á região dos astros!

É alli a patria tua.

J. Tavares.

E dil-o por fim de tudo a academia em massa
acompanhando a sublime artista ao hotel onde
se achava hospedada. Emilia deve ter sentido
em sua grande alma tudo quanto ha de mais
alegre e aprazivel; pois a academia tambem tem
sentido em seu brioso coração tudo quanto ha
de mais sublimemente bello e admiravel no ge-
nio de Emilia, e tudo quanto ha de mais sauo-
do pela ausencia d'ella.

Coimbra, 7 de março de 1864.

O chronista.

EXPEDIENTE

Começa com este número o segundo trimestre da publicação d'este jornal. Agradecemos a todos os cavalheiros que, tendo escutado os nossos justos pedidos, se tem dignado mandar satisfazer o importe de suas assignaturas, e pedimos áquelles srs. que ainda se acham em débito, o obsequio de mandar satisfazer o mais depressa que lhes seja possível.

A *Chrysalida* vive so das suas assignaturas, e foi creada para salvar um homem, não para lançar uns poucos no abysmo! Estas poucas considerações bastarão para calar no ânimo dos nossos illustrados e cavalheiros assignantes.

Para satisfazerem de prompto, têm todos á mão o meio facilimo e seguro das estampilhas do correio, dirigidas á redacção, rua dos Estudos n.º 22; e quando o não queiram fazer por este meio, podem recorrer aos agentes das provincias.

Desejando dar ao serviço do jornal toda a regularidade possível neste segundo trimestre, o administrador desde ja agradece toda e qualquer reclamação que a tal respeito lhe for enviada, para dar as devidas providencias.

Em virtude do expediente do número previ-

mo preterito, declara-se que não tem logar a despedida d'assignantes depois da aceitação d'este número, excepto querendo pagar o trimestre por inteiro.

A redacção summamente penhorada para com aquelles senhores, que conservaram a sua assignatura, aqui lhes agradece e beija as mãos pela parte que se dignam continuar a tomar na sua *sancta cruzada*. Honra seja a almas tão ennobrecidas pelas gallas da virtude! Deus acolha em seu seio infinito essas gôtas de balsamo, que corações tão generosos tem derramado no calyx amargoso do desvalido da sorte, ja que não póde tributar-lhes mais, que sincero respeito e gratidão eterna.

Coimbra, 8 de março de 1864.

A redacção da *Chrysalida*.

A CHRYSALIDA

Jornal litterario

(Academico)

SEMANARIO

Redactor responsavel—Duarte de Vasconcellos.

Collaborador effectivo—J. Simões Dias.

Entra este jornal no segundo trimestre da sua publicação, com o n.º 43.

Aquelles senhores que so quizerem assignar d'este número em diante, devem remetter á redacção do mesmo jornal,—Coimbra—o importe de 420 réis de estampilhas; aquelles porém, que quizerem a colleccção completa, enviarão pelo mesmo meio 840.

Não se aceitam assignaturas por menos d'um trimestre (pagas adiantadas).

Quem enviar á redacção seis assignaturas realisadas, ou por que se responsabilise, terá uma *gratis*.

Assigna-se em Coimbra—rua de S. João na loja do sr. Sanches;—rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita;—na Calçada na livraria da V. Moré.—Em Lisboa, na Praça de D. Pedro, Pharmacia Azevedos, ao ill.º sr. Moreira Feio, e na livraria da rua Augusta n.º 474.—Em Braga, em casa do ill.º sr. dr. Moura, professor de grego.—Em Castello-Branco, em casa do ill.º sr. dr. Manuel Pires Marques, professor de theologia, e commissario dos estudos d'aquelle districto; e na do ill.º sr. negociante José do Espirito Sancto Caio.—Vizeu, na botica do hospital, ao ill.º sr. Luciano Teixeira de Mendonça.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.



PHANTASIA

(Continuado de pag. 99)

— Oh! mendigar ás portas da casa paterna, e receber insultos dos lacaios que outrora se curvavam ante as minhas vontades! é horrível!!!..

Minhas irmãs como doidejam no turbilhão da dança, brilhantes de viço, luxo e juventude, em quanto que eu, faminta e velha, arrasto-me descalça, moribunda e esfarrapada, e recebendo so por toda a parte insultos da Providencia e escarneo dos homens!

Oh! tambem eu assim gozei: quando moça e formosa como ellas, como ellas tambem fui requestada. Ouvi a linguagem lisongeira das salas, e recebia-a no coração, porque a julguei nascida la; que crime foi este, meu Deus, para que tão longa e dolorosa seja a expiação?!.. Demasiado crédula e innocente, criança inexperta e folgazan, *todo o meu erro*, foi a ignorancia; a minha unica culpa, amar, amar muito, até ao infinito!

Não me poupei a sacrificios; a sociedade com seus prejuizos de nobreza collocára-me mais alta do que elle; o meu nascimento, diziam á uma, era inexpugnável barreira entre nós.

Transpuz eu propria essa barreira, desprezei preconceitos de raça, desci até elle e segui-o por toda a parte.

Que conseguí porêem?... Morreu primeiro o amor, como fenecem as flores da primavera aos primeiros calores de estio; ficou a gratidão, que deu logar ao fastio, e isto trouxe após si a indifferença e o desprezo.

O desengano fez-me velha, cada dia me abria um novo sulco nas faces, assignalando a sua passagem na neve dos meus cabellos!!

Com trinta annos, sinto-me decrepita! — Não ha insulto que os meus ouvidos não tenham escutado, nem escarneo e desgosto com que a minha alma não affronte!

Mendigo de porta em porta, vagueio indecisa pelo mundo, e por toda a parte encontro so uma gota de fel para o meu calix d'agonias!

Quantas vezes me tenho prostrado neste pottico, quantas tenho estendido a mão para minhas irmãs, reclamando uma esmola, quantas

finalmente me tenho arrastado de joelhos aos pes de meu pae, sem que elle suspeite o que significa este acto de humilhação?!

Se um dia eu lhe dissesse — sou sua filha, — mandar-me-ia açoitár pelos seus criados; e se dissesse a minhas irmãs — eu sou da familia, — lembrar-se-iam que tiveram uma irman muito desgraçada, e voltariam o rosto, temendo reconhecê-la sob este aspecto!

Resta-me pois morrer, meu Deus! estou para sempre privada dos affectos da familia, das alegrias do lar domestico! Sou proscripta, e todo o mundo é meu desterro; vagabunda por toda a parte, passo sem deixar vestigios da minha passagem!

Não tenho uma telha que me abrigue do inverno, nem um ramo que me defenda do sol no verão.

Por toda a parte onde vou, o isolamento, a miseria, o remorso, por companhias inseparaveis da minha sombra!.. Nem Deus me ouve, que meus labios vacillam ao proferir-lhe o nome!..

É horrível pensar que fui feliz, virtuosa e rica! olhando da altura do meu passado para os abysmos do presente, eu sinto que é impossivel medir-lhe a profundidade sem vertigem!

Como são rapidas e perigosas as descidas?!..

E todavia, meu Deus, eu era agora feliz com pouco: a benção de meu pae, o perdão de minhas irmãs, um olhar, um sorriso d'elle, que me dissessem, que ao menos eu lhe inspiro compaixão ou dó! Mas nada d'isto! Jesus! que vertigem é esta que me passa pela mente? é a ideia do suicidio! Mas a religião que me ensinaram meus paes, as orações que aprendi no berço, me defendem d'isso; abençoada sejas, morte, se me vieres das mãos de Deus!

Hoje, ou amanhã, que me importa morrer? por um dia mais, por mais alguns instantes este fardo de infortunios não pesará muito.

Dizem que além d'esta vida ha outra; que onde habitam os anjos, ha logar para os espiritos attribulados da terra; mas o Ceu, cobre-se de trevas para mim, e Deus não desce até á sua mais humilde creatura!.....»

Disse, e affastou-se o phantasma. Serenára a tempestade, e as estrellas surgiam como diamantes, sob o veu transparente da noite!

Continuára o delirio no baile; mas a briza, que vinha das montanhas, trazia os sons perdidos d'um canto, lugubre e triste, como a primeira risada de demencia!.....

Lodéiro, 12 de Fevereiro de 1864.

Henriqueta Elyza.

ROSANITA (*)

Acabem hoje as tristezas,
que traziam nossos peitos
apertados, contrafeitos
como em ferros de prisão!
Exultemos de alegria;
que uma aurora neste dia
renasce no coração!

Vimos, ha pouco, entre ferros
essa victima, coitada!
contorcer-se escravizada
pelas algemas do algóz!...
Era a innocencia captiva
bracejando por mil modos!
Era um martyrio p'ra todos!
Era um martyrio p'ra nós!

Era um gemer sempiterno,
como o deve ser no inferno
o do pobre condemnado
a passar a noite e o dia
numa continua agonia
em ferros agrilhoado!

E depois ouvir ainda
os echos tristes das filhas,
que ao longe sem luz, perdidas
se lamentam nas soldões...
ouvir os gritos da esposa,
que soluçando estremosa,
com sua voz lamentosa
vae acordar as prisões!...

E nem ao menos poder
fallar de la e dizer:
«chorae, filhinhas, choraes;
«que ficeas orphans no mundo,
«se vos falta vosso pae!»

É triste, senhores, é triste
ver as lagrimas candentes
sobre peitos innocentes
em continuo borbulhar!...

É triste ver a innocencia
sem allivio, sem clemencia
aos pés do algóz haquear!

Mas não pensemos nas máguas,
que ja la vão, que passaram:

(*) Recitados e offerecidos por Domingos José d'Almeida a Firmino Eduardo de Sousa Peres na noite de 4 de janeiro de 1864, numa reunião de familias, organizada pelo senhor a quem estes versos vão offerecidos, na sua casa em Penella.

sejam ellas, como as aguas,
que p'ra sempre se olvidaram!
Nos olhos sequem as lagrimas;
que não venham neste dia
por nós hoje celebrado,
como espectro do passado,
perturbar nossa alegria!

Celebremos o triumpho
Da justiça e da verdade:
na balança da egualdade
so teve péso a razão;
por isso ergámos um brado,
que por todos celebrado,
neste dia de ovação
seja o *salve* da justiça:
seja a voz do coração!

J. Simões Dias.

AHI VAE!

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

(Continuado de pag. 84)

IV

Estadio por estadio, marcando epochas, que
se chamam civilisações, o progresso tem por
divisa caminhar sempre.

É pois continuo e indefinido; mas nunca irá
confundir-se com o infinito, (como muitos er-
radamente crêem ou querem); — que são es-
tas duas ideias bem diferentes, — e até basta-
va aquelle ter o caracter da indefinidade, para
nunca chegar a ter o da infinitidade.

Entretanto, por estes dois caracteres se asse-
melha o homem com o seu Creador, e o ser
moral se avisinha de Deus; porque este, tendo
dado áquelle a terra por patria e por condão o
trabalho, quiz, por tal meio, a lucta ingente que
o homem agita e agitará, até que o debate por-
fioso lhe venha depôr e assegurar nas mãos a
palma da victoria, dando-lhe como certo o trium-
pho do genio sobre a materia, que não cessa
de render áquelle o legitimo preito e devidos
tributos de vassallagem.

Tal é a proclamação unisona de todos os arau-
tos do progresso hodierno.

E, se não, vêde.

Le monde marche! — dizia ahi ha pouco *Eu-
gène Pelletan*. E *Eugène Pelletan* marcha com
o mundo na vanguarda do progresso.

O poeta francez, dominado d'este pensamento, converteu-o num livro d'inspiração, a que deu por título aquella mesma expressão tonante.

E não menos inspirado que elle, a sorte nos deu a nós um sabio, que moldou nas bellezas do seu estylo fluente e grave o pensamento do insigne escriptor de França; mas por fórma bem mais galharda e poetica, para calar-nos fundo no amago d'alma.

«A acção do soffrimento sobre o homem responde a reacção do homem sobre o soffrimento. — Toda a philosophia da historia girá no vai-vem perpetuo d'este dualismo.»

Assim se exprime o escriptor portuguez.

E, com effeito, assim é.

Acções e reacções resumem todo o progresso e definem toda a vida do homem. E sobre estes dois polos gira constante a actividade humana, que é um perfeito vai-vem entre o nascimento e o occaso da vida terrena, cuja felicidade, moral e material, a todos cumpre promover com zeloso afincio.

Nisto vae todo o progresso que conduz á felicidade. E a felicidade é o destino do homem. Não pôde ser outro.

Aperfeiçoar pois o espirito e o involucro material, que lhe serve de templo augusto, é trabalhar por um bem real, é trabalhar pela verdadeira felicidade; porque esta deve e não pôde deixar de estar na razão directa do aperfeiçoamento; que é, em especial, para o espirito humano tanto maior, quanto maior for o seu uso.

No tocante á materia, o aperfeiçoamento d'ella versa sobre o exercicio regular de todas as nossas forças e faculdades; de modo que, guardada sempre a devida proporção entre todas e cada uma das suas funcções, tenhamos constantemente, em resultado, productos analogos, que dêem de si a uniformidade nos actos da vida.

Fóra d'este regramento, não ha a harmonia, ha o desaccôrdo. E, se deixamos, podendo evitar, que uma ou outra paixão nos tome d'improviso, ahi vamos caminho do erro, como consequencia fatal d'uma omissão do entendimento, que nos pôde levar a uma situação precaria e ás mais desvantajosas condições, tanto a respeito do espirito, como a respeito do corpo.

De forças e faculdades, o facto d'uma acção anarchica attesta irrevogavelmente desmancho, por um lado, e desvio, pelo outro; e, se d'ahi vem a irregularidade no funcionalismo hominal, d'ahi pende tambem, em grande parte pelo menos, a sua ruina e destruição, que conduzem á morte do individuo.

Taes são as relações d'união, tal é o consorcio ou o commercio de vida, em que se acham

o espirito com o corpo entre si! Ao soffrimento de um se segue logo o soffrimento do outro, se a tempo não cortamos a causa viciosa que gera os incommodos.

Porque o espirito porém, em virtude da excellencia de sua condição, deve dominar a materia; d'aqui vem, que ao desinvolvimento e aperfeiçoamento d'esta se deve sempre antepor o desinvolvimento e aperfeiçoamento d'aquelle: e os apóstolos do progresso, que trabalham neste sentido, são verdadeiros obreiros da civilização verdadeira, — denodados campeões na mais sancta das *cruzadas!*

Neste seculo, que se diz *das luzes*, muitos ha, comtudo, que têm empenhado seus esforços em sentido contrario!...

Mas — ainda bem! — a ideia não ha dominado todos os animos.

Os mesmos chamados *tribunos do povo* não são todos, por ora, apóstolos do progresso material, de preferencia ao moral!...

Que o digam..... mas não, não é mister nomeal-os aqui; vós os conheceis ja; — e suppor o contrario de leitores illustrados, seria attentar contra a san doutrina, e commetter um crime de lesa-ciencia. *(Continúa).*

G. B. Garcia Pereira.

DUAS BARCAS

Uma sahia — quando a outra entrava,
E para ambas era bravo o oceano...
E uma abria ao vento as velas brancas,
Quando a outra abaixava o roto panno.

Moço e velho — saudaram-se nas ondas,
Seguindo cada um sua viagem;
— E vaes, Colombo?!... Ao acenar do mundo!
— E tu, ó velho?... — Vou pisar na margem!

O velho, fronte curva, olhar sombrio!
O moço, olhar de fogo, o sol bem vindo!
— Dizia o velho — Como é bella a patria!
— Responde o moço — O horisonte é lindo!

E disseram-se adeus: boa viagem!
Sombras ao velho! ao joven luz e brilhos!
A um — o mar, o sol que nasce, a ideia:
Ao outro — os lares, a mulher, os filhos!

Homem, a vida é a barca que se agita
Ao sopro das paixões d'uma e outra idade;
Uma tem — a esperança da ventura!
A outra — do passado a tempestade!

F. A. Felgueiras, Sobrinho.

UM BAILE CAMPESTRE

(VERSAO)

I

Que tinha feito a senhora de Foligny, desde o momento em que se levantou até á hora em que começámos a nossa narraçáo, duas horas depois do meio-dia? Estava profundamente aborrecida.

Um livro, do qual ella tinha vinte vezes encetado o primeiro capitulo, cahia no tapete, escoregando do *fauteuil*, onde tinha sido desdenhosamente abandonado. Soavam ainda as ultimas notas d'um piano, cujas teclas tinha experimentado animar com seus lindos rosados dedos.

Mirava-se a aborrecida senhora em todos os espelhos da sua camara; tinha successivamente aberto e fechado as janellas; tinha ja contado as flores do tecto, e os arabescos do estuque: vãos esforços! De todos os inimigos da especie humana, o mais difficil de vencer é o aborrecimento, ou por outras palavras — a semsaboria.

Depois d'uma lucta heroica, mas não coroada de successos, a senhora de Foligny, cansada dos esforços, enterrou-se nas almofadas do seu *divan*.

Soupire, étend les bras, ferme l'oeil... mas não adormeceu... o que ella deveu á voz de Victorina, sua criada de quarto, que, com um canto o mais alegre possivel, a despertou.

Immediatamente a senhora de Foligny apoia o dedo sobre o botão d'uma campainha electrica, e apparece a alegre Victorina.

— Mademoiselle, não é hoje, creio eu, um dia de melancolia?

— Oh! pelo contrario senhora... Mas eu peço perdão á senhora de ter cantado, e por pouco que isso lhe desagradasse...

— Não, rapariga, eu estou Bem longe de te criminar pela tua alegria, somente não desgostaria de lhe conhecer a origem.

— A origem, senhora, é ser hoje domingo. Instada por sua ama de se explicar mais claramente, Victorina não se fez rogar. Nós porém não a seguiremos em todos os detalhes da sua proluxa narraçáo. Diremos somente que a jóven e esperta criada de quarto tencionava, segundo o costume, aproveitar-se do dia de passeio, para exercer o poder dos seus grandes olhos, e a agilidade dos seus pésinhos num baile campestre ás portas de Paris, o que de ordinario, era para ella uma origem de tão agrá-

dáveis recordações, que bastava para o entretenimento do seu bom humor até á sahida seguinte, isto é, durante uma quinzena.

A senhora de Foligny, depois de ter escutado muito attentivamente a historia de Victorina, despediu-a, e cahiu numa profunda meditaçáo.

Feliz rapariga! pensava ella; na sua posiçáo, liberta d'este decoro que me condemna a não sahir d'um certo circulo de prazeres falsos e insipidos; ella pôde ir onde se diverte realmente, em quanto que, retida captiva, no seio de uma sociedade dourada, affectada e arrebicada, eu vejo escoarem-se no vacuo os meus bellos annos e o meu coração desalentar-se...

De repente ella levantou-se com energia.

— É escravo quem quer! exclamou ella, se me convem soltar por uma vez a minha cadeia, quem me impedirá? Não sou eu viuva?

E uma linda viuva de vinte e cinco annos, accrescentaremos nós como narrador fiel. Com effeito, para que serve a viuvez se uma pobre mulher não acha nella liberdade d'acçáo?

A nota aguda da campainha electrica foi pela segunda vez ferir o timpano da criada de quarto.

— A senhora tocou?

— Victorina, o *toilette* que tinhas hontem era encantador.

— Era um costume bem simples: um vestido de mouselina, um mantelete de seda preta, um bonnet com lilazes, botinas da mesma cor; a senhora ha de convir comigo que não se poderia imaginar um *toilette* mais simples.

— Em todo o caso ficava-te a mátar.

— A senhora é demasiadamente boa.

— Victorina?

— Minha senhora?

— Gostava de saber se tudo isso me ficaria tão bem como a ti.

— Nada mais facil de verificar.

E num instante o vestido, o mantelete, o bonnet, tiveram logar sobre o *divan*.

Victorina assumiu logo as suas funcções, e tractou de despir e vestir sua ama.

A methamorphose operou-se no meio de estrepitosas gargalhadas das duas loucas. O aborrecimento tinha ja desaparecido, o que prova em favor da efficaciedade do meio.

A senhora de Foligny viu-se ao espelho, e nunca se tinha visto tão bonita.

— Victorina?

— Minha senhora?

— Eu compro-te este costume.

— A senhora está a rir?

— Fallo muito séria.

E mettendo na mão da criada uma bolsa com meia duzia de peças d'ouro:

— Estás contente, Victorina? lhe perguntou ella.

Julgo que sim; por este preço eu venderia todo o meu guarda-roupa á senhora.

(*Continua.*)

Ignacio R. da Costa Junior.

ESCUITA?

AO MEU AMIGO

J. A. B. S.

Infeliz coração, recobra alento,
Sêcca as inúteis lágrimas que choras.

Camões — Sonetos.

Que de prantos tu exhalas,

Triste victima d'amor!

O lagrim de tuas fallas

Bem demonstra horrivel dor!

Que teu peito grande e nobre

A paixão ja não encobre

Que perdido quasi o tem!

Essas lagrimas ardentes

Que te queimam de ferventes

Por quem as choras?! por quem?!

Amaste-a, sim!... era o anjo

Que adoravas com paixão;

Era na terra o archanjo

Que te merecia affeição!...

Era ella a estrella tua

Que como a pallida lua

Meiga luz te vinha dar!

Como a estrella era formosa,

Innocente como a rosa

Ou como a virgem do altar!...

Foi qual mimosa bonina

Nascendo bella entre mil

Que desdobra na campina

Nas meigas tardes d'abril!

Era a rainha entre as flores

— O condão dos teus amôres

Que no teu peito nasceu;

Com ternura de pombinha

Fez-te crer que n'alma tinha

Um amor que era so teu!...

Foste-lhe sempre fiel

Em teu puro, eterno amor;

Deu-te em troca negro fel

Para allivio á tua dor!

A mais cruel indifferença

Eis qual foi a recompensa

Dos ternos protestos teus!

E tanto que confiavas

'Nesse amor que tu julgavas

Mais puro que a luz dos ceus!

Ja ves, amigo, na terra

Onde agora és triste e so

Que as bellezas que ella encerra

Não são mais que apenas po...

Para que chorar agora

Se teu sancto amor d'outr'ora

Não soube ella comprehender?!

Deixa-a — risca-a da tu'alma

Que teras por premio a palma

Que o martyr no ceu vae ter!

Olha — deixa-a, qu'inda um dia

Tambem pranto verterá;

Se hoje nada em alegria,

Amanhan triste sera!

Não queiras d'ella vingar-te

Não queiras tanto abaixar-te...

Que vingado ja tu és!

Deixa-a, que inda has de vel-a

Sem o seu brilho d'estrella

Pedir perdão a teus pes!...

E quando — o brilho abatido —

A teus pes pedir perdão,

Lembra-lhe então que trahido

Foi teu terno coração!

Lembra-lhe mais que constante

Deve ser sempre da amante

O amor, que nos jurou;

Porque a promessa trahida

Não pôde ser esquecida

D'um peito que a dor matou!...

Torres-Novas, setembro de 1863.

Antonio Cesar d'Almeida.

CHRONICA

... E Emilia das Neves, se ca deixou saudades, levou-as n'alma tambem; e senão, amaveis leitoras, lêde comigo a carta que ella se dignou enviar-nos ao ausentar-se de Coimbra; vêde como ella se despede da briosa mocidade academica, que tão bem sabe acolher sempre em seu coração de vinte annos, cheio de vida e d'amor, os artistas que a visitam, que lhes faz derramar a todos lagrimas de saudade no momento da partida.

É que a academia, se sabe repellir com orgulho quem se atreve a desconsideral-a, é prodiga

também d'acrisolado affecto para com quem a respeita e lhe dá a importancia que por direito lhe pertence, e de facto se lhe não contesta porisso os artistas que vêm ao nosso theatro despêdem-se sempre de nós com os olhos humidos de lagrimas.

Ora vêde a carta de Emilia; eil-a: —
«Sr. redactor. — Não encontro no coração expressões assás vivas, com que possa manifestar o meu eterno reconhecimento, pela extrema amabilidade, e pelos immensos obsequios que acabo de receber do conselho dramático em particular, e de toda a academia em geral.

Faltaria a um dever sagrado, se antes de deixar com saudade esta bella cidade, eu deixasse de dar publicidade aos sentimentos de estima e gratidão, que me acompanham.

Receba pois a mocidade esperançosa do nosso paiz, nestas mal alinhavadas phrases, os meus mais cordeas agradecimentos por tanta benevolencia e tão repetidos obsequios, e com elles um saudoso e sentido adeus da actriz, que mais uma vez recebeu a distincta honra de pisar o palco do theatro academico com tão amaveis cavalheiros.

Peco, sr. redactor, o especial obsequio de dar cabida nas columnas do seu acreditado jornal, a esta carta, escripta á pressa, e no momento que deixo saudosa esta bella cidade de gloriosas recordações, aproveitando a occasião para me subscrever com inteira consideração — De v. muito att.ª veneradora e criada. — Coimbra, 7 de março de 1864. — Emilia das Neves.»

E Emilia deixou-nos a chorar também! Inda-bem que nos deixou cá ficar o grande Sanctos, para não morrermos logo de semsaboria.

Sanctos é também artista de incontestavel mérito; é inda uma criança, e pôde dizer-se que anda ainda nos seus primeiros ensaios; dá ja porém tantas esperanças, que não duvidamos avançar a que, com mais alguns annos de estudo e posse do palco, Sanctos venha a conquistar em breve os foros de nosso primeiro actor. E Sanctos tem uma grande vantagem, que é saber-se apresentar em ambos os campos da scena com mestria e naturalidade. No dramático tem o condão de fazer chorar as rochas, no comico o de fazer rir as pedras. Tanto no drama — Pedro — como na scena comica — a Bengala — que subiram á scena em D. Luiz nas noites de quarta e quinta feira, se viram as provas do que deixámos dicto.

Sanctos andou segundo a nossa opinião inexcusavelmente. — O sympathico actor teve repetidas chamadas, e muitas vezes foram enter-

rompidas as scenas com fortes rajadas de freneticas palmas e entusiasticos bravos. O Pedro é incontestavelmente um dos primeiros ornamentos da nossa litteratura dramatica, ja pela excellente elocução com que está escripto, ja pelo enredo altamente moral e civilizador. — É de Mendes Leal, e tem-se dicto tudo; é por certo a sua corôa de dramaturgo, se é que não é também, com mais ou menos cambiantes, a sua biographia egualmente. Não tememos asseverar-o; pois quem ha ahi que conheça Mendes Leal, e que não veja logo que aquella força de vontade e nobreza d'alma que se revella em Pedro, são as devisas com que tem militado sempre o grande poeta ja como escriptor particular, ja como estadista?!

Estamos ao facto de todos os dramas de Mendes Leal, mas gostando e achando merecimento em todos, com nenhum sympathisamos ainda tanto, como com o seu — Pedro. É que ali ha episodios tão parecidos com outros que nós conhecemos... que nos fazem redobrar por elle o interesse e a sympathia...

Em ambas as récitas a enchente era real; por todo o theatro reinava immensa vida: la de cima cahia ella a jorros — via-se mesmo cahir — sobre os leões da plateia, que contavam mais uma noite de conquistas e felicidades.

Em ambas as noites o thrôno de rainha do theatro, era o camarote n.º 8 da 1.ª As damas haviam entregado rendidas o sceptro e a coroa de belleza á menina Q. Debalde pretenderam roubar-lh'o na segunda noite as interessantes e coquettes A. R., que são lindas como duas estrellas; mas as estrellas empallidecem ao pe do brilho do sol. Na primeira noite attrahia também... com uma força magnetica a direcção dos binoculos o n.º 13 da mesma; é que la estava J. L. pallida, romantica, encantadora como sempre.

Na mesma noite e no mesmo n.º 13 da 2.ª la estavam também aquellas tres graças, em que ja fallei d'outra vez; tem ainda a mesma graça e encantos. Em ambas as récitas sobresahia com especial graça, com aquella graça dos espiritos elevados — que suspensos em suas azas mysticas pairam pelas regiões ethereas — a cantora das veigas do Mondego, que na segunda noite brindou a Sanctos com a seguinte poesia:

AO ACTOR SANCTOS

A arte é como um livro precioso,
Que a cada nova phrase mais se infiltra
N'alma de quem o lê:

Que obriga a meditar se mais bellas
Mostrar pôde o talento — e volve a folha,
Pasma do mais que vê!
Sempre um novo primor — mais um encanto —
Mais suave harmonia, um leve gesto,
Ondé o dedó de Deus
Escreve, que infinitas como Elle,
São as graças do genio — azas formosas,
Que deu aos filhos seus.

Nesse palco que pisa, ja minha alma,
Amante do que é bello — a dois artistas
Seus hymnos offertou.
— Emmudecêra a lyra — quando o astro
Da scena portugueza — Emilia Neves —
As cordas lhe vibrou!

E eu, ainda tremulante d'enthusiasmo,
D'ouvir aquella fada inspiradôra,
No proscenio te vi.
Fizeste-me sentir, que a harpa do genio
Tinha mais uma corda, — um som mavioso,
Encontrado por ti!
Coimbra, 10 de março de 1864.

Amelia Janny.

La estavam tambem na segunda noite as elegantes Ab.^{as} no camarote n.º 11 da 1.ª ordem. C. estava n'esta noite sympathicamente tentadora.

Variemos d'assumpto. O estado sanitario da academia não tem decorrido lisongeiro n'esta epocha.

Ao facto desastroso de J. da Gama, seguiu-se uma epidemia terrivel de *beixigas*. Foi Deus a castigar a academia pelo extravagante delicto d'um so de seus filhos, como castigou toda a humanidade pelo delicto d'um so homem.

No Seminario foi que este flagello carregou com maior força, mas nem porisso se infira d'aqui, como alguém inconsideradamente disse ja, que o estado de saude naquella casa tem sido mais arriscado por falta de condições hygienicas, ou de providencias das auctoridades d'aquella casa, que se não tem poupado a fadigas nem a despesas para que os doentes sejam tractados com disvello, e o mal se tenha tornado o menos contagioso possivel. Os doentes atacados eram logo retirados dos dormitorios para salas separadas, onde eram quasi sempre assistidos por medico ou cirurgião, conforme a gravidade do mal.

Nalgumas vesitas que temos feito aquella casa, temos encontrado juncto ao leito dos en-

fermos o rev.^{mo} sr. padre Gaspar Alves de Frias, vice-reitor do Seminario, que é sempre atetividade incansavel quando a casa se acha n'uma d'estas crises; e além dos sacrificios pessoais a que nunca se poupa em taes occasiões, mau grado o seu continuo padecer, tem tomado todas as medidas e dado todas as providencias para atenuar o mal, que se pôde dizer quasi extinto, senão de todo eliminado. Louvores pois á auctoridade solícita, desvelada e energica; louvores ao sr. vice-reitor do Seminario.

Não vae no que deixámos dicto, vislumbre de lisonja ou de adulação; livres por convicção, detestámos com rancor a adulação e a lisonja, e so poderá duvidar d'isto quem não conhece nosso verdadeiro character.

Fomos guiados so pela luz da verdade a que procedemos pelo exame rigoroso dos factos, e por informações dos proprios alumnos que julgámos os mais competentes para se queixarem, havendo razão de queixa.

À ÚLTIMA HORA

Nas noites de sabbado e domingo houve recitas no theatro academico, em que tomou parte o eximio actor Sanctos. Na primeira noite a enchente era regular; na segunda nem porisso; o que não admira por ser vespóra de dia de aula.

Subiu á scenã a comedia-drama em 4 actos — *Os amigos intimos*. — A peça é de chiste e gosto, se bem que bastante impropria d'aquelle theatro, e do tempo quaresmal: não queremos com isto dizer que seja immoral, mas achámos-lhe as scenas vivas de mais, e a phrase um pouco livre; somos d'opinião que o conselho teria andado melhor, regeitando-a; ou reservando-a para melhor occasião.

É escusado dizer que — Sanctos — andou divinamente, e que foi freneticamente applaudido; basta dizer que elle é um dos nossos primeiros actores, e que representou no theatro academico, onde o merito artistico é sempre acolhido com delirio e phrenesi.

Todos os demais actores andaram bem, distinguindo-se sobremaneira *Parente* por sua especial graça e naturalidade de maneiras. *Paiva* tambem merece especiaes louvores, por se haver, como não era de esperar, attenta a circumstancia de ter pegado no papel de vespóra. *Bandeira* seria prudente se não voltasse ao palco; a sua caracterisação e maneiras affectadas, tem affectado um pouco o systema nervoso á plateia; não somos nós que o dizemos, é ella nas rizadas sarcasticas que lhe lança quando elle falla.

Eram poucos os camarotes occupados; mas esses poucos adornados pelo que ha de mais bello e elegante do sexo amavel de Coimbra.

Estavam as encantadoras Ab.^{as}, a Sapho coimbricense, as sympathicas M.^{as}, a vaporosa L. A.^{as}, a terna e meiga D. F.^{as}, e la em cima, muito em cima, quasi a perderem-se no azul do ceu... do theatro viam-se ora apparecer ora desaparecer cinco brilhantes estrellas, que attrahiam nos seus repetidos reaparecimentos uma descerrada batteria de binoculos que mal podiam conduzir a vista a taes alturas. Se tão lindos astros continuarem a pairar por tão elevadas regiões, para lhe admirarmos o brilho, em lugar de binoculo teremos de ir munidos d'um telescopio!

Mas desçámos do mundo das illusões ao mundo da realidade... uma lagrima depois d'estes sorrisos!... o mundo é assim! rizos e lagrimas, eis o terrivel contraste em que se cifra toda a vida humana. Ainda hontem abrilhantava com o seu nome as columnas da *Chrysalida* essa flor de tanta esperança, que ja hoje é feita em pó. Curvemo-nos irmãos, que passam por deante de nós as cinzas venerandas do mancebo protentoso, do desvelado amigo, do filho dedicado, d'um dos primeiros ornamentos da nossa academia, que frequentando hoje o 1.^o anno de direito e o 4.^o de theologia, sempre premiado em todos os annos, era ja para a familia o seu amparo no presente, e a sua esperança para o futuro.

Coragem e resignação, são as unicas gotas de balsamo com que podemos adoçar o seu calyx d'amargura; é bem mesquinha a nossa offerta, que sabemos que não ha filtro que adoce tão agra dor; mas ao menos reste-lhes por linitivo que Joaquim Ferraz de Carvalho nunca morreria, se o anjo da morte tremesse diante do talento e da virtude.

Coimbra, 14 de março de 1864.

O chromista.

A CHRYSALIDA

Jornal litterario

(Academico)

SEMANARIO

Redactor responsavel—Duarte de Vasconcellos.
Collaborador effectivo—J. Simões Dias.

Entra este jornal no segundo trimestre da sua publicação, com o n.º 43.

Aquelles senhores que so quizerem assignar

d'este número em diante, devem remetter á redacção do mesmo jornal,—Coimbra—o importe de 420 réis de estampilhas; aquelles porém, que quizerem a colleção completa, enviarão pelo mesmo meio 840.

Não se aceitam assignaturas por menos d'um trimestre (pagas adiantadas).

Quem enviar á redacção seis assignaturas realisadas, ou por que se responsabilise, terá uma *gratis*.

Assigna-se em Coimbra—rua de S. João na loja do sr. Sanches;—rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita;—na Calçada na livraria da V. Moré.—Em Lisboa, na Praça de D. Pedro, Pharmacia Azevedos, ao ill.^{mo} sr. Moreira Feio, e na livraria da rua-Augusta n.º 474.—Em Braga, em casa do ill.^{mo} sr. dr. Moura, professor de grego.—Em Castello-Branco, em casa do ill.^{mo} sr. dr. Manuel Pires Marquês, professor de theologia, e commissario dos estudos d'aquelle districto; e na do ill.^{mo} sr. negociante José do Espirito Sancto Caio.—Vizeu, na botica do hospital, ao ill.^{mo} sr. Luciano Teixeira de Mendonça.

Aquelles senhores, que não sendo ainda assignantes, receberem comtudo este número da *Chrysalida*, junctamente com o proximo número antecedente, e os não devolverem ambos á redacção até ao número seguinte, ficarão sendo considerados como taes, neste segundo trimestre.

EXPEDIENTE

Salhe hoje (15 de março) o 2.^o n.º do 2.^o trimestre. Ja vêem os srs. assignantes que a *Chrysalida* principia de novo a marchar com regularidade; e se alguma vez dá algum passo para traz, creiam os srs. assignantes, que não provém de nós a culpa.

O nosso principal fim é fazer a vontade a todos, mas sentimos que *alguns* srs. assignantes tenham sido tão remissos na remessa do importe de suas assignaturas; pois não se lembram que a *pobresinha* assim não póde viver?! A proposito. Pergunta-se a um cavalheiro de Vizeu que alli se incumbiu da gerencia da *Chrysalida*, á razão porque nos não envia o dinheiro que alguns honrados assignantes têm depositado na sua mão; ou porque não responde ao menos ás nossas cartas. Esperará que aqui lhe apresentemos o nome em letras gordas?!...

Duarte de Vasconcellos.



UM NOIVADO DE SANGUE

É ella! a noiva! ella a mais formosa,
Que lindo noivo tão gentil que tem!...
Os outros dizem que elle é bem ditoso
Feliz na posse de tão grande bem.

Almeida Braga.

(Continuado de pag. 100)

Foi quasi ao anoitecer que Amelia regressou ao castello.

Era isto em junho. O firmamento, como de ordinario nesse tempo, azul limpido, pallidamente doirado pelos ultimos raios do sol, começava a marchetar-se de brilhantes estrellas.

Amelia olhou a relva que pisava, o sol que parecia dizer-lhe um sentido adeus, o formoso ceu que a cobria e sentiu no peito uma saudade infinita.

Mas ella precisava dar de mão a este sentimento, a estes quadros mundanos, que o despertavam, para levar a effeito o seu temeroso projecto.

Entrou em seus aposentos, fez-se mais bella com arteficios, e desceu ao salão.— Aquelle, cujo portão ainda alli se vê — disse o sr. Vasconcellos, mostrando-nos uma porta arruinada que, no dizer d'elle, communicava com o salão nobre do castello.

Alli a donzella encontrou seu pae, Fernando, e parentes tanto d'ella como do noivo.

O nobre castellão beijou-a na fronte reprehendendo-a amavelmente de se fazer esperar tanto.

— Mas agora apparece como sol brilhante que vem apagar as trevas do nosso insoffrido esperar — diz Fernando em tom apaixonado.

Louvaram muito a noiva por sua belleza e discrição, e felicitarão o mancebo pela boa estrella, que o encaminhára aos paços de D. Ambrozio.

No dia seguinte mal a donzella descerrou os olhos, que por certo so a fadiga do espirito conseguira adormentar, entrou uma aia com as suas ricas vestes de noiva e uma linda corôa de flores de laranjeira.

— Que vestido tão improprio para o meu

noivado! — exclamou Amelia com um triste sorriso.

— Não lhe agradará acaso, senhora minha?

— É rico de mais!

Depois com infantil curiosidade examinou as flores.

— Encommoda-me este aroma!

E repelliu a corôa.

A aia recuou espantada do pouco aprêço que Amelia dava ao presente do seu noivo.

Que festas não iam neste castello naquelle dia, que tão tragicamente acabou!..

Numerosas cavalgadas chegavam de todos os lados.

Nomes illustres echoavam na vasta quadra onde os convidados eram urbanamente recebidos pelo castellão.

Ginetes e palafrens empinavam-se relinchando naquelle grande terreiro.

Musicas harmoniosas soavam de todos os lados.

Por todos os sitios prepassavam pagens de ricos vestidos.

A formosa noiva ainda não tinha apparecido. So o seu toucador e suas aias podiam dizer o que ella fazia.

D. Fernando chegou acompanhado de seus paes, que tinha ido esperar, todo resplandecente de alegria e felicidade.

O corcel que montava era negro, e fogoso como um selvagem.

Até o seu escudeiro parecia assumir arê de grande importancia.

Ao entrar a cavalgada no terreiro ia quasi atropelando um mendigo que desde pela manhã se conservava alli, encantado, talvez, do brilho d'aquelles paços e com a mira na esmola.

— Desvia-te, vil farrapilha — bradou-lhe o enfatuado escudeiro — ou as patas do meu cavallo sujar-se-hão no teu corpo immundo.

Debaixo do velho capuz do mendigo reluzia um olhar de colera.

D. Fernando apeou-se sorrindo ao gracejo do escudeiro que lhe segurava ja o estribo; lançou aos pes do pobre uma moeda de prata, que elle não levantou, e dirigiu-se para as escadarias do castello sem reparar nas vistas ardentes e desesperadas com que o mendigo o seguia.

(Continúa)

Ephigenia do Carvalho.

QUEM?

Tu não ris, perolas choras!..

São perolas com que enfloras
a c'roa da pallidez!

Quem á sombra dos palmares,
dos palmares do Oriente
te embalou tão docemente,
te inspirou tal languidez?

Quando a lua se retrata
nas mansas aguas de prata,
tu vaes c'os astros fallar!

Quem te disse que as estrellas
são as fies messageiras,
que me vêm, rindo, ligeiras
teus devaneios contar?

Quando rompe a leda aurora,
e o sino da ermida chora,
tu volves a vista aos ceus!

Quem te disse, que do sino
o murmúrio doce e brando,
na montanha retumbando
exprime o nome de Deus?

Tu em sonhos me appareces
e até julgo que adormeces
no meu leito, a par de mim!

Quem te disse que incessante
busco uma ideal figura,
que, nas azas da ventura?
me dê abrigo por fim.

A tua fronte engrinaldas
de boninas e esmeraldas,
rosa de magico alvôr!

Quem te disse que é teu rosto
— tincto da côr do martyrio—
entre as flores, branco lyrio
na túnica do Senhor?

Tu so vens ao fim da tarde,
quando o sol apenas arde
nas cumiadas d'alem!

Pallida virgem, quem disse,
quem te disse, que 'nesta hora
meu coração se enamora
so de ti, d'onde amor vem?

Porto, 18 de Fevereiro de 1864.
F. M. de Sousa Viterbo.



NECROLOGIO

« ... fugit velut umbra! »

(JOB, XIV.)

E fugiu! Fugiu, qual sombra passageira que assenou por momentos nos pareceis da vida!

Era hontem entre nós, cheio de vida, cheio d'esperanças! — Fanaram-se estas, fugiu-lhe aquella, desapareceu do meio de duzentos camaradas, que ha pouco pisavam com elle o escabroso trilho, essa senda alagada d'espinhos, por onde se vae á conquista do saber!...

O amigo!... sumiu-se!... não é ja nosso!... arrebataram-n'ol-o do seio!...

Para onde?!...

Oh! A tão fatal pergunta só ésta, dura, cruel resposta:

Joaquim Ferraz de Carvalho ja não existe, morreu!!! — *Fugit velut umbra!* — Após sereno dia, tremenda borrasca escurecendo toda a luz com medonha cerração!...

Foi sombra ligeira o anjo da tempestade, que, passando sôbre nós e sob este céu, tombou no chão entre nós e apanhou nas garras, qual ave de rapina e sinistro agouro, o condiscipulo, o amigo, que ainda hontem estreitavamos!...

E o anjo da tormenta, agora ave segando vidas, ergueu-se, levantou-o e levou-o, e com elle dezenove primaveras que repelliram, ingratas, mais uma e outras muitas, que pareciam vir abraçar-se com ellas, para espaçarem mais este sacrificio intempestivo á sciencia.

Mas a sciencia não transigiu. E a victima, a despeito de morte prematura, foi immolada! — Foi!... e, pelas dôres do trabalho, mais um martyr da fé no seu futuro, e — quem sabe?! — no futuro, talvez, de uma familia inteira, que alli, nos amparos provaveis, tinha o anjo da sua guarda 'nesta vida, — oh! terrivel fatalidade! — mais um martyr gemeu um a um até o último os golpes tremendos de uma dôr multiplice, 'que, cravandô por último o desventurado no leito da morte, ainda ahi parecia querer com forças exauridas do corpo levantar-lhe o braço, ja tão debil, e auxiliá-lo em seus frouxos movimentos, tendentes a atalhar futuros males que o coração lhe presagiava tristemente, e que a intelligencia, quando ja suspensô em parte, tentára desviar com empenho, talvez desmesurado!, para longe de sôbre muitas cabeças!!!.....

Infeliz joven! Compreendeste quanto deviam doer os espinhos do soffrimento! Sentiste-te inspirado pelas sympathias do infortunio! Trabalhavas por adoçal-o! E então, coitado!, foste surprehendido nos ardôres do teu disvello filial!.....,

Embora! Era teu condão talvez!...

Pois bem! — Ainda assim, em recompensa d'homens, resta a gloria do teu amor e dedicação pelo trabalho! Que ella te fique, em fim, e seja, como eu creio sera, padrão eterno e memoria duradoira aos extremos do teu affecto! Lá, 'noutra patria onde vais viver, outro melhor premio te sera; que não é Deus capaz de faltar aos homens com aquillo que elles merecerem.

Creio-o, eu, — crémol-o, todos nós, os que, associados pela dôr, aqui — nos seios d'alma — te erguemos este singelo mas firme monumento d'eterna saudade.

E vós, amigos e condiscipulos!, vós, cujo coração vae todo por certo nas sympathias de tristeza, que tanta dôr inspira, ide, acompanhae o irmão á sua última jazida! Dae-lhe para sempre o último adeus da despedida! abraçae-o! offertae-lhe as vossas lagrimas, por último tributo d'amor!... E, antes de retirar-vos da mansão veneranda, onde o deixaes, tomae logar aos lados d'elle, reparae-lhe nos labios, e vereis que a saudade, fallando por elle em echos saídos d'aquelle peito, e ferindo nossos ouvidos, nos dirá em seu nome, d'elle, pelas palavras do poeta da dôr (a):

Aqui!...
« Longe do mundo, na soidão d'um sêro,
« Perdido ao mar, a namorar-lhe as iras,
Sagrae, amigos, ao meu somno infindo
Gelido leito!...

« Cavae bem fundo, seja negra a pedra,
E em letras brancas escrevei-lhe — *Um triste!* —

Triste!...

Repete o echo ainda.

E bem triste foi esse amigo, que parecendo ainda estender-nos a mão ja myrrada, parece tambem estar dizendo, por último, a cada um dos amigos, com Job (C. 7):

« *Ecce nunc in pulvere dormiam; et si mane me quaesieris, non subsistam* » — Dormirei aqui neste pó até ámanhan; e, se voltardes, não me achareis.

(a) João de Lemos.

Em fim, a nós, que ficámos por ora, cumpre orar pelo descanso do condiscipulo-amigo, que fugiu rapido como sombra leve e tenue que pareceu dissipar-se ao calor dos primeiros raios d'um sol de primavera!

Oremos!

Coimbra, 13 de março de 1864.

Um amigo e condiscipulo do finado, do 4.º anno de theologia.

MAIS UMA ESPERANÇA

AO MEU AMIGO

Duarte de Vasconcellos

Eu amei-a com delirio
Como se ama uma vez!
Eu amei-a como a Pedro
Amou a formosa Iñez!
Amei-a como Camões
Amou os lusos pendões,
Como Tasso amou Leonor!
Amei-a mais do que a gloria,
Mais que o soldado a victoria,
Mais que a mariposa a flor!

Como o proscripto ama a patria,
D'onde a sorte o separou!
Como o lyrio ama a corrente,
Onde viçoso brotou!
Como ama o peregrino,
Perdido no seu destino,
A vinda do arrebol!
Como as tufadas da aragem
Amam do bosque a folhagem,
Como a relva o rouxinol!

Amei-a como o Calvario
Ama reverente o christão!
Amei-a como na infancia
Sabe amar um coração!
Ao ouvir seus juramentos,
Quasi meus labios sedentos
Lhe iam as faces queimar!
E estreitada em doce enleio,
Era agitado seu seio
D'um assiduo palpitar!

Tudo p'ra mim era júbilo,
Tudo fallava d'amor,
Tudo dizia — és ditoso —
Não sentia um dissabor!

Julguei então ser a vida
 Vasta campina florida,
 Sem um so espinho ter!
 Conveni-me de que o fado
 Tinha o homem destinado
 P'ra um continuo prazer!
 Mas veio logo o martyrio
 Terminar esta illusão!
 Veio a dor do abandonô
 Ulcerar meu coração!
 E essa amargura immensa,
 Precursora da descrença,
 Sentiu n'alma penetrar!
 Meu soffrimento foi tanto!...
 Mas enxuguei o meu pranto,
 Sem que o vissem deslizar!
 Assim passei em silencio
 A minha acerba agonia!
 E cada dia volvido
 Um soffrimento trazia!
 Mas quando o triste momento
 Do terrivel desalento
 Eu ao longe divisei,
 Vieste, ó casta donzella,
 Qual ao nauta vem a estrella,
 Guiar meus passos — Marchei!!

P. Augusto.

UM QUADRO SOCIAL

(Continuado de pag. 94)

Como disse, Antonio passava por ter grandes sommas de dinheiro, e a familia, que antes queria o dinheiro que a vida de Antonio, vestiu lucto por fóra e gala por dentro. É que contava receber muito conto de réis, julgando-se com direito á herança.

No seu entender, Antonio era um homem nobre, e a filha, pertencendo á infima classe da humanidade, não podia, como pean, succeder a seu pae.

Sahiram-lhes logradas as esperanças. O pae de Maria deixou, morrendo, apenas algumas centenas de mil réis, e os parentes, vendo que aquillo repartido por todos dava em resultado um pequenissimo quinhão a cada um, e que ainda assim seria necessario sujeitarem-se ás despesas de uma demanda, renunciaram á herança que entendiam caber-lhes.

Nunca mais se viu um sorriso para a pobre

Maria, no rosto d'aquelles que mais proximos lhe eram pelos vinculos de sangue. A expectativa de grandes haveres, malogrados, fez que aroilhassem com odio.

Felisberto não lhe queria menôs mal que os outros parentes, mas por diverso motivo. Para este, Maria estava accusando, a todos quantos a viam, um desdouro para a familia C.

Houve, porém, alguém d'esta familia, que, condoído da sorte da pobre Maria, a acolheu debaixo de sua protecção.

Carlos, casado com uma sobrinha de Felisberto, senhora que se fazia estimada de quantos a conheciam, porque a natureza a enriquecera de estimaveis dotes, d'accôrdo com esta, propoz-se protegê-la, fazendo até com que fosse nomeado seu tutor. Tomou-a para casa, e principiou de educal-a.

Não pôde Felisberto perdoar a Carlos um procedimento tal; e, tractando-o até láhi com amizade, foi até indispor-se com elle.

Carlos, homem de sentimentos nobres, de principios de rectidão inabalaveis, quiz convencer a Felisberto de que o seu proceder para com Maria, não tinha nada de deshonoroso para elle, antes fizera aquillo que a sua consciencia lhe dictára, e que a sua razão apoiava.

Que mal, dizia elle, escrevendo a Felisberto, que mal nos faz Maria, para assim a desprezarmos? Se nas veias lhe corre sangue africano, nelle anda misturado o sangue de minha mulher.

Maria é da mesma condição que nós, tem corpo como nós temos, e alma para pensar, sentir e querer, como nós pensamos, sentimos e queremos, alma dotada das mesmas faculdades e que se revela pelos mesmos productos, corpo sujeito ás mesmas impressões de prazer ou dôr, conforme é a causa, que produz essas impressões. — Tem a côr negra? Que importa isso? A côr é apenas um accidente que em nada altera a natureza da substancia, que modifica.

— Pobre Maria, que crime commetteste em nasceres no torrido paiz da Africa e teres por pae um europeu? Vieste ao mundo com a mesma natureza, que eu tenho. É differente a côr? Não te despresarei por isso.

Christo, prégando a egualdade e fraternidade entre os homens, não fez distincção de raças, nem mandou que os negros fossem servos dos brancos. A humanidade é que, entre as aberrações que a envergonham, e lhe mancham as paginas da sua historia, conta a abjecção da raça africana.

Muito custam a fructificar as boas doutrinas, quando não são lançadas em terreno preparado! Ja la vão dezoito seculos, desde que Christo pró-

clamou a egualdade de todos os homens, e ainda hoje os que têm a infelicidade de nascerem de côr negra, são vendidos por seus irmãos como se foram irracionaes. Quando acabará por uma vez o vil trafico da escravatura, que faz revoltar a todos aquelles, para quem a idéa de um ser supremo não é mera ficção?

Felisberto não era homem para se convencer assim. Tinha um pensamento predominante: era o da arvore genealogica da sua familia, arvore que lhe estava retratada no espirito, e de cujos ramos via pender grandes homens. Agora rebrantar novo ramo, e n'elle pendente um fructo negro, era idéa que se lhe não arredava do espirito, nem lhe dava cabida a novos pensamentos.— Continuou portanto Felisberto a olhar mal á pequena Maria, e mal a Carlos porque a protegia. Não se importou este com isso, a ponto de que retirasse a sua protecção á pobre negrinha. Lamentava apenas o não ter podido convencer Felisberto do erro em que estava, suppondo que Maria era para a sua familia uma nodoa, que se não lavava, e que pôr tal motivo interrompesse relações com elle, relações, que aliás Carlos estimava, porque, seja dicto em abono da verdade, Felisberto era obsequiador, e tractavel mesmo, quando o não assaltava a idéa de nobreza.

Carlos, pois, moço de espirito esclarecido, e coração generoso, continuou acolhendo debaixo da sua égide a negrinha. Deu-lhe com o auxilio dos escassos meios, que elle possuia, e com o apoio de uma vontade firme, uma tal ou qual educação em harmonia com esses meios, e como o permittia a terra em que vivia, terra pequena, em que a educação de Maria não podia ser muito apurada por falta de meios de instrucção. Aprendeu Maria com extrema facilidade o que em tal terra se poderia ensinar-lhe, revelando desde logo o talento, de que era dotada. Quiz Deus favorecer a sorte da pobre negrinha, e desde então seguiu-a uma boa estrella: Martha, mãe de Maria, recebeu na Africa uma avultada herança de seu irmão, que morrera sem descendencia: sabendo por cartas de Carlos do talento da filha, quiz Martha que se continuasse a educação em terra que para isso offerecesse melhores meios, e pediu a Carlos que continuasse o trabalho que com tanta generosidade tinha encetado, pondo meios á sua disposição. Carlos teve nisto extraordinario contentamento, porque sabia do talento de Maria. Promoveu immediatamente a entrada de Maria para um collegio em Lisboa. Escusado é dizer que Maria fez extraordinarios progressos, resultado do seu talento e applicação.

Aprendeu, além de outras cousas que entram na educação de uma senhora, musica, desenho, francez e inglez, fazendo-se professora em piano, em que tocava composições suas, e fallando com perfeição o francez e inglez. Maria, coração bondoso e grato, nunca esquecera a protecção, que lhe dispensava Carlos, e os carinhos com que fôra tractada por Adelaide, mulher d'aquelle. Sahindo do collegio pediu a sua mãe para que viesse para Portugal. Accedeu a mãe aos rogos da filha, e resolveu-a esta a que fossem viver por algum tempo com a familia de Carlos.

Maria, como dissemos, não esquecera o que devia áquella familia, e offerecia-se-lhe occasião de poder mostrar-lhe a sua gratidão.

Recebeu-a a familia de Carlos com lagrimas de contentamento. Que muito, se Maria fôra criada com ella, e tractada como filha!

Correu logo fama do talento de Maria e das estimaveis prendas com que no collegio se enriquecera. Professora em piano e canto, e dotada de linda voz, Maria tornava-se o enlevo de quem a ouvia. Deixava admirados aquelles com quem conversava nas duas linguas estranhas que aprendera, pela facilidade e perfeição com que o fazia. Maria tornou-se adorada de ricos e pobres, de nobres e plebeus. (Continúa):

Abel P. do Valle.

Amigo redactor.

A vida tem-me corrido tão enredada e lerda nestes ultimos dias, como regular tem sido a publicação da tua *Chrysalida*.

Este numero 15 tão apressado o via, que a sua pressa me surpreendeu. Quêro dizer: havia-se-me acabado o meu peculiosinho dos versos ineditos, e eu sem ter dado por tal! Dei quatro voltas pelo quarto e decidi— nada escreverei d'esta vez.—

O nosso amigo Gerardo— pessoa muito conhecida pela cor indecisa de suas barbas— que me ouvira as ultimas palavras, desata em voz roufenha e esganiçada uma choradeira tão fóra do seu usual modo de chorar, que mais parecia rabujento ganir de muitas creanças na primeira dentição (vid. Camillo?) do que chorar d'homem que soe ser mudo.

Era que— segundo elle ia dizendo entre soluços— não podia concilliar o somno sem a prévia leitura d'alguns meus versos ineditos, que segundo a minha expressão não appareciam na *Chrysalida* d'esta vez. Tive dô do homem. Procurei de novo na gaveta, e num cantito lá ap-

pareceram, como envergonhados, esses versos-dormideiras, que te remetto.

Têm elles uma historia muito longa, que eu não trago para aqui. Saiba-se somente, para sua intelligência, que duas senhoras deviam psalmejar éstas cantilenas em presença e honra de sua mãe que Deus guarde, em certas reuniões, e o meu amigo Erse Junior — que lhe compoz uma lindissima musica — devia orgulhar-se ouvindo na bôcca d'outrem as notas que d'alma lhe sahiram...

Resam assim as taes quadritas.

AMOR FILIAL

Nós somos nuvens de insenso,
que evolvam não sei para onde:
somos luz do espaço immenso,
que la se apaga e se escondê.

Somos estrellas sem lume
vagando no azul dos ceus:
sons de plangente queixume,
que sobe ao throno de Deus.

Vimes que um vento de morte
fôrça a rojar pelo chão:
nautas que vagam sem norte
em busca da salvação.

Nós somos folhas perdidas
que ao tronco não voltam mais:
gotas de pranto cahidas
entre suspiros e ais.

Nós somos como as hervinhas
longe das aguas do rio:
tristes, como as andorinhas
longe da patria no estio.

Viageiras sem caminho
por guia sem ter ninguem:
nós somos aves sem ninho
se nos falta nossa mãe!

Dezembro de 1863.

J. Simões Dias.

INDUSTRIA

(Continuação)

Portugal, a quem a mão desastrada das revoluções parecia ter arrojado do cume elevadíssimo em que se tinha perdido, pelos esforços produ-

giosos de seus filhos, vai enfim receber o influxo da civilização e partilhar, na communhão da familia europeia, de todos os bens que ella disfructa, e de que a nossa patria se podia considerar *relegada* e muito distante.

Fomos felizes e considerados nação de primeira ordem, quando a felicidade se obtinha sulcando as ondas com flotilhas erriçadas de canhões, levantando exercitos, que levavam a destruição e a morte por todas as regiões do velho e do novo mundo.

O estandarte da cruz, levantado pelo nosso primeiro monarcha, guiou por muito tempo os portuguezes, que timbraram em o sustentar puro de toda a mancha; e o valor desenvolvido por tal arte encheu os cofres publicos de muita riqueza, tornando nossos feudatarios muitos povos, que aos nossos abasteciam de immensos valores.

Mas a face do mundo voltou-se. Não é pela mesma fórma que hoje se alcança a fortuna das nações. Aos factos succedeu-se a observação e o desenvolvimento moral e intellectual dos povos, que por toda a parte se vai operando gradual e progressivamente; achou outros principios, que mais permanentes e humanitarios do que os antigos promettem á geração presente e ás futuras, fortunas mais solidas e muito maiores.

O trabalho e a associação vão dominando o mundo; e a exploração do homem pelo homem vai desaparecendo, como um anachronismo so proprio de epochas barbaras, em que o sentimento da fôrça é tudo, e a razão cousa nenhuma.

E na verdade, 'nessa vasta officina todos somos artistas, e so quando todos trabalharmos e empregarmos reunidos todá a nossa actividade, poderemos dizer então que o fim individual está obtido, porque hade resultar d'esse mais importante e mais vasto fim social, que so pôde ser conseguido, quando todos trabalharem, e se ajudarem.

É por ésta fórma, que vemos hoje, que as nações se engrandecem, e que esses duellos do exterminio, que 'noutros seculos se presenciavam entre as nações, vão desaparecendo e cedendo o campo a ideias mais proveitosas e racionais.

As vias ferreas são a maior conquista dos modernos tempos, porque além de servirem ao desinvolvimento da associação servem tambem ao desinvolvimento do trabalho, unicos principios capazes de desterrar antigos erros, e de reunir os homens 'numa so familia.

Ninguem ja desconhece ésta verdade, e so o espirito mesquinho das facções poderá preten-

der offuscá-la para, sobre o descredito d'outros, fundar o proprio credito. Mas quando uma ideia chega a dominar um povo com força irresistivel, nem as facções nem os partidos podem obstar á realisação d'ella, sem que fiquem envolvidos no pó, e a sua memoria detestada por todas as gerações.

É o que acontece com as vias ferreas. A observação e a reflexão têm convencido a todos das immensas vantagens que nos trazem, e não ha ninguem que, em boa fé, se opponha á construcção d'ellas; e, mais ainda, que não esteja disposto a fazer todos os sacrificios para obter uma perfeita rede d'estes caminhos, que so pôde dar todas as vantagens de que elles são capazes. Por ésta fórma, Portugal voltará a tomar posição ao lado das primeiras nações da Europa, porque o seu solo é fértil, e a população robusta e intelligente. Possui portanto todos os elementos para o trabalho, e o que lhe falta é a comunicação e a convivencia com os outros povos e mesmo entre as povoações, que o constituem.

— E comtudo não julgámos que essa viação só bastasse, porque se os caminhos districtaes, municipaes e vicinas continuarem como no estado presente, pequeno resultado poderão dar aquelles; sendo por isso de absoluta necessidade tirar os municipios d'esse torpor, em que têm vivido, para acompanharem a civilisação na sua marcha magestosa, desenvolvendo toda a sua actividade, e provimento das necessidades publicas mais imperiosas.

Coimbra, 16 de março de 1864.

Annibal Augusto Pereira.

UM BAILE CAMPESTRE

(VERSÃO)

(Continuado de pag. 110.)

II

No domingo seguinte todos os jovens frequentadores do baile de R... fixavam, com admiração, a vista no vestido, mantelete e bonnet de Victorina, ou antes sobre quem os vestia, que, posto que não fôsse Victorina, nem por isso tinha deixado de ser a rainha incontestavel da festa, desde o momento da sua apparição.

A senhora de Foligny saboreava com delicias o seu triumpho. Lembrava-se das ceremoniosas homenagens nos salões da Chausuè d'Antin, e via a franca e expressiva admiração de que ella

era objecto, num recinto de verdura, e num mundo todo novo para ella! Mas não se teria ella animado, se entre os *leões* que voltejavam em redor de si não tivesse encontrado um que captivou mais especialmente a sua attenção, e cuja conquista mais lisonjeou o seu amor proprio.

Mr. Ledit voltejava com uma graça particular, e era impossivel imaginar-se nada mais *coquette* que as suas azas.

Este maravilhoso vestuario parecia ter vindo dos *ateliers* de Dusantoy, e em todo o caso bastava elle so para fazer a reputação do habil alfaiate.

A figura não era ma; as maneiras, sem serem irreprehensíveis, não careciam d'um certo verniz, e so tinham o defeito de parecerem um pouco estudadas. É muito provavel que um critico severo lhe tivesse notado, na maneira de dançar, uma agitação contínua de pernas, d'um gôsto alguma cousa exquisito... Mas qual é o homem que é perfeito?

E mesmo as mulheres estarão bem certas de que o são?

Sommando tudo, o *leão* não desagradou, e a senhora de Foligny não se oppoz a que elle viesse queimar as azas no fogo do seu amor incendiario.

Na verdade, pensava ella, encontra-se nesta casta de modestos burguezes seres privilegiados, como *desgraçadas na nossa*. E fazendo ésta philosophica reflexão ella dançou, polcou e conversou toda a *soirée* com o seu *leão*. Junctaremos que não era o medo de ser criticada que a convidou a acceitar do adonis, orchata, limonada, doce e biscoutos. Era isto alguma tanto compromettedor para uma criada de quarto de casa grande; mas a senhora de Foligny, uma vez introduzida no seu palacio, *cahiam* o vestido, bonnet e mantelete, *desapparecia* a camarista e só ficava a grande dama: a identidade não se podia contestar.

Escutava, pois, a senhora de Foligny os amorosos devaneios do seu galante *leão*, e contentava-se em sorrir quando na *chaine des dames* elle lhe apertava a mão um pouco mais do que a circumstancia o demandava; e se elle lhe deitava alguma olhadella assassina, os seus olhos respondiam com chammas abrasadoras.

O nosso *leão* — continuaremos a denominar-o assim — tinha ao fim da tarde conduzido a sua conquista para um bosquesinho bastante affastado do logar da dança. Os ultimos raios do sol poente penetravam através da folhagem neste encantador recinto, e derramavam por elle uma doce luz; o ar estava tépido. Ouviam-se vaga-

mente ao longe os sons expirantes da musica do baile; é impossivel achar um lugar e hora melhores para uma declaração d'amor. Diremos em abõno da senhora de Foligny, que não foi para isso que ella se deixou conduzir, mas sim para respirar o ar puro e fresco da tarde, o que era impossivel no meio da poeira do baile. A senhora de Foligny assentou-se sôbre um banco coberto de relva, mas o seu inflammavel companheiro julgou opportuno precipitar-se inopinadamente a seus pés. (Continúa).

Ignacio R. da Costa Junior.

CHRONICA

Coimbra está outra vez avara de noticias. Acabaram-se as noites de theatro, e ésta boa terra voltou ao seu estado normal,—ao da pasmaceira! —

Foram-se Sanctos e Emilia, como ja todos sabem; que dizer agora?!

A proposito d'Emilia. C. L. diz na sua carta ao Benjamim que o elogio que lhe tecemos era *baço e frivolo*. Não respondemos a C. L. porque não temos o *Diccionario dos palavrões*; porisso mal o podemos entender; — diremos apenas que o talentoso mancebo é um pouco incoherente comsigo mesmo e com os seus principios, quando nos accusa de demazia, por chamarmos a Emilia das Neves «a primeira actriz do mundo civilizado» porque logo em seguida elle a compara ao *infinito*: — pergunta-se qual das duas ideias abrange mais? Responda quem quizer, que eu vou continuando.

Como não ha mais que dizer; vou fallar *do tempo*, que é *refugium peccatorum* — quando não ha novidades.

Ha oito dias temos tido por aqui *plena primavera*. Os dias têm corrido amenos e fagueiros, e as noites limpas, mornas e estrelladas, como o costumam ser as bellas noites d'agosto — as noites das *escamisadas*. —

Domingo foi a festa dos Lasaros — a festa das amendoas e rofadas.

A concurrencia ao jardim foi extraordinaria, porque a amenidade da tarde convidava a isso. Aquelle recinto havia-se convertido naquelle dia em paraizo terreal; por la se viam aqui e alem as mais lindas e tentadoras *Evas* d'esta terra; viam-se atrás d'ellas os *Adões* em cardumes, arastados e seduzidos pelos seus encantos.

Mas o tempo retomou o seu aspecto chuvoso, e parece-nos que temos Semana Sancta molhada. Os *leões*, que esperam por este *sancto* tempo, como os judeus pela vinda do Messias,

hão de dar com isso um *cavacão*! Mas seja o tempo qual for, nada poderá obstar a que procuremos a Deus naquelles dias; — depois, na chronica seguinte, diremos o que houver de mais interesse no desempenho do *drama da redempção*. E d'esta vez fica por aqui.

O chronista.

A CHRYSALIDA

Jornal litterario

(Academico)

SEMANARIO

Redactor responsavel—Duarte de Vasconcellos.
Collaborador effectivo—J. Simões Dias.

Entrou este jornal no segundo trimestre da sua publicação, com o n.º 13.

Aquelles senhores que so quizerem assignar d'aquelle numero em diante, devem remetter á redacção do mesmo jornal — Coimbra — o importe de 420 réis em estampilhas; aquelles porém, que quizerem a colleccção completa, enviarão pelo mesmo meio 840.

Não se aceitam assignaturas por menos d'um trimestre (pagas adiantadas).

Quem enviar á redacção seis assignaturas realisadas, ou por que se responsabilise, terá uma *gratis*.

Assigna-se em Coimbra — rua de S. João na loja do sr. Sanches; — rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita; — na Calçada na livraria da V. Moré. — Em Lisboa, na Praça de D. Pedro, Pharmacia Azevedos, ao ill.º sr. Moreira Feio; e na livraria da rua Augusta n.º 171. — Em Braga, em casa do ill.º sr. dr. Moura, professor de grego. — Em Castello-Branco, em casa do ill.º sr. dr. Manuel Pires Marques, professor de theologia, e commissario dos estudos d'aquelle districto; e na do ill.º sr. negociante José do Espirito Sancto Caio. — Vizeu, na botica do hospital, ao ill.º sr. Luciano Teixeira de Mendonça.

EXPEDIENTE

Démos pressa á sahida d'este numero para ainda ser entregue aos srs. assignantes academicos antes de irem para ferias; — o jornal não deixará de sahir durante os quinze dias feriados; porém so sera expedido para as provincias, e na cidade so áquelles srs. que o solicitarem, ficando a distribuição para segunda-feira de Paschoela; e isto para evitar desvios de exemplares, e embaraços no serviço.



UM QUADRO SOCIAL

(Continuado de pag. 118)

A uns captivaram os dotes e prendas que Maria possuía; aos outros prendia-os a caridade, que dos seus rendimentos dispensava Maria quanto podia para os necessitados. Por isso os que soffriam chamavam-lhe o anjo da caridade: e era, que se não contentava ella em dar-lhe o pão para matar a fome: dava-lhes tambem a esmola das consolações, procurando os enfermos necessitados, e ensinando-os a soffrer, apontando-lhes para o ceu, aonde não ha ricos nem pobres, e vertendo-lhes no coração a luz suave da esperança, fazendo finalmente aquillo que não sabe fazer a philantropia. Philantropia!... Como esta palavra diz pouco ao pe da palavra *caridade*.

Na essencia e na sua origem differe tanto a philantropia da caridade, como o que é do ceu differe do que é da terra. Esta, a caridade, prende raizes no ceu, e fructifica para a terra; a philantropia nasceu ca 'neste mundo. Tambem esta dá os seus fructos, é verdade, mas estes alimentam so a vida do corpo.

Os da caridade, esses alimentam tambem a vida do espirito e os sentimentos suaves do coração.

Maria era, pois, para os pobres — o anjo da caridade. — Dava-lhes o pão com que matavam a fome, roupa com que se resguardavam dos frios do inverno, e consolações com que se resignavam na sua sorte.

Assim, pois, não admira que Maria fôsse por todos adorada; e era. Dizia ella que a Carlos e Adelaide devia as consolações que experimentava em prestar consolações, porque com elles aprendêra, quando era pobre, pelo bem que lhe dispensaram, ao dispensal-o aos outros, agora, que podia fazel-o.

Maria, como dissemos, nunca esquecerá o

que devia a Carlos e Adelaide, e queria mostrar-lhes a sua gratidão.

Carlos tinha duas filhas, que eram o enlevo dos paes. Quando Maria sahiu do collegio estavam ellas tocando a idade, uma dos oito, e outra dos doze annos.

Carlos, supposto vivesse com muita decencia, não era comtudo abastado; so com grande sacrificio poderia dar ás filhas uma educação esmerada. Sabia-o Maria. Porisso, querendo mostrar a sua gratidão, e tambem pela amizade que consagrava ás filhas de Carlos e Adelaide, as quaes considerava como irmans, encarregou-se da educação d'ellas, ensinando-lhes tudo o que sabia, e que havia aprendido no collegio. Carlos não cabia em si de contente, vendo os progressos que iam fazendo as *suas delicias*, como elle dizia das filhas, e comprazendo-se na sua consciencia da protecção que dera a Maria.

Repetia elle muitas vezes que não se devia perder occasião de fazer bem: que d'isso resultava, quando mais não fôsse, o prazer de consciencia, prazer que não tem igual.

Felisberto é que ficou varado, quando viu e ouviu Maria a primeira vez, depois que sahiu do collegio. Parecia-lhe impossivel que a filha de uma negra podesse aprender tanta cousa, e com tanta perfeição, e que se apresentasse com maneiras tão delicadas.

Andava comtudo ainda um pouco desviado d'ella por causa da côr. Entendia elle de si para si que os fidalgos por tal motivo haviam de consideral-a como um borrão na sua genealogia. Quando, porém, viu que estes mesmos a cercavam de respeitos e considerações, ficou de todo enleiado, e disse consigo mesmo: pois sera possivel que Maria não envergonhe a minha familia, provindo la da Africa, e sendo d'aquella côr?

Passeiava Felisberto 'numa sala, e passeiando, ruminava esta ideia. Não sabendo que resposta deveria dar á pergunta que a si mesmo fizera, sentou-se de fatigado, juncto a uma mesa. Sobre esta estava um livro, que acabava de sahir do prelo, e que 'nesse dia lhe haviam entregado, como assignante que era.

Principiou cortando algumas folhas, e ao passo que ia cortando, lançava a vista por uma ou outra página.

Quando estava 'nisto deu com os olhos nas seguintes palavras:

«Falla-se ahi hoje muito contra clero e nobreza. Eu, não, que sou apologista d'um e d'outro.»

(Continúa).

Abel P. do Valle.

ESPERANÇA

(A MEU IRMÃO EMILIO DE BARBOSA)

Doce amigo, ésta vida amargosa,
No passado e presente incessante,
Ha de um dia sorrir-te gostosa,
Com prazer e fortuna constante.

Ha de, sim, que José malfadado,
P'lo destino cruel perseguido,
Foi depois no ceu puro, estrellado,
Encontrar o seu astro perdido.

O trabalho, a virtude, a brandura,
Feliz Ruth tornaram outr'ora;
Vae, meu anjo, e terás a ventura
Na coragem que mostras agora.

Ir pisar novo solo estrangeiro,
É bem triste, saudoso e pesado;
Ai! so póde um porvir lisongeiro
Compensar-te d'um negro passado.

Magestoso ergue a fronte abatida,
As tormentas encara sorrindo,
E no peito gentil, renascida,
Olha a esp'rança, risonha, surgindo.

Doce amigo, ésta vida amargosa,
No passado e presente incessante,
Ha de um dia sorrir-te gostosa,
Com prazer e fortuna constante.

Ponte da Barca, 7 de janeiro de 1864.

Hortencia Paulina de Lima Barbosa.

AHI VAE!

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

(Continuado de pag. 103.)

Esses, sim; esses — que não são muitos, infelizmente! — cujo saber e virtudes são incontestáveis e incontestadas (e cujos nomes, aliás respeitáveis, uma especie de modestia, bem ou mal cabida, faz substituir por meia duzia de reticencias, por não offender susceptibilidades), esses, dizemos, é que têm sabido inculcar ao mundo, que é a sua patria, porque o mundo é

a patria do genio, as mais solidas e fundamentaes theorias do progresso, os melhores e mais são principios de civilisação; e quaes, emfim, os mais seguros e adequados meios de pôr aquelles por obra, traduzindo-os em prática que não desdiga dos racionaes dictames de um entendimento vigoroso, nem contrario, mas antes se conforme e harmonise com os generosos sentimentos, de que sóem inspirar-se os corações bem formados!

Esses, — digamol-o assim, por dizer tudo em poucas palavras — é que melhor têm comprehendido a verdadeira missão do homem que pelea pela illustração do povo e pela fé no futuro!

A elles, sôbre todos, cabe pois o melhor quinhão da gloria, por terem pugnado com maior ardor e zêlo pelo engrandecimento moral e material do homem, lembrando-lhe a dignidade de sua duplice natureza, chamando-o, por isso, ao cumprimento dos seus devêres, e por último, invidando os seus e os esforços de todos, para que a boa direcção e a applicação d'estes com a plena satisfação e desempenho d'aquelles, promovam e produzam a felicidade real e cabal a que todos devemos aspirar, sem jamais nos transviarmos da senda que conduz a ella.

So assim — todos o sabem, embora nem todos o digam — a humanidade chegará a lograr o grande *desideratum* da moderna philosophia. So assim, as promessas d'esta serão realisaveis e realisadas, e do mesmo modo satisfeitas as lisongeiças esperanças d'aquella. Numa palavra, só assim — crémol-o piamente; porque é o móte escripto na bandeira de todos os partidarios do progresso — voltará esse reinado d'Astrêa, tão decantado pelos poetas do nosso seculo e geralmente apregoadô por todos os modernos escriptores, que se dizem ou reputam verdadeiramente inspirados d'amor fervente pelo bem da humanidade, ou antes pelo mais completo bem-estar social.

V

Mas, em taes dados, teremos nós ja, por ventura, bem garantida a solução d'este grande problema social?

Não, por certo. Crêmos, e sinceramente o confessamos, que 'neste logar a substituição da negativa pela affirmativa seria, por extemporanea, inconveniente, além de extravagante; — seria a reprovação injusta e desdenhosa do juizo reflectido de tantos pensadores profundos, que têm deixado amadurecer na prudencia mais trabalhada os sabios conceitos que exprimem no meio dos seus intuitos e louvavel proposito!

Resta ainda, ao que parece, trabalhar na ac-

quisição de mais um dado, que, por ser talvez o último, não deixa por isso de ser o mais importante e por ventura o mais difficil tambem.

Resta levar a idéa até á última das camadas sociaes, e depois protegê-la e ampará-la ahí, até que, fecundada pelo sol da sciencia, germine e comece de fructificar, ainda que poucos, ao menos bem sazonados pômos.

É o que falta. E a falta é tal, que longo tempo terá ainda de fazer sentir-se; porque, infelizmente, mesmo entre os que se dizem illustrados, parece não estar bem disposto o terreno para abraçar uma semente, que de certo daria viçosas plantas e, a seu tempo, prodiga e abundante colheita de bons, óptimos fructos sociaes.

Tal é a fraqueza dos homens!...

D'ella vêm idéas menos boas, que, applicadas, dão de si uma ruim práctica, divisada, aqui e alli, por entre funestos resultados e pessimos exemplos na sociedade, que são a consequencia mais fatal, um triste e doloroso effeito dos desvios da intelligencia, ou antes — perdoae a dureza da phrase — do *trivialismo* intellectual!

Outras vezes — quem sabe?! — serão desvios da vontade, voluntarios até!... É pena, causa mesmo dó o dizel-o; mas mais pena é, e mais dó causa a realidade; porque, embora custoso de acreditar, não seria talvez facil desmentir o factó, em presença de testemunhos irrecusaveis que nos apresenta a historia de todos os tempos e de todos os dias.

Respeitando, porém, a intencionalidade de cada um — permittam-nos os leitores sinceros e conscienciosos — desde que a doutrina ou as idéas de qualquer chegam pelos órgãos da imprensa, especialmente, a entrar no dominio do público, a este, a todos em geral, como a cada um em particular, é dado tambem o julgar d'ellas, comtanto que ao seu juizo presida toda aquella rectidão e pureza de motivos, que, depois de maduro e reflectido pensar, devem fazer proferir aquelle com toda a ingenuidade e franqueza, — exempto de toda e qualquer nota, por pequena que seja, de parcialidade ou suspeição.

(Continúa) Gaspar B. Garcia Pereira.

O AMOR

As ethereas rosas fulgidas
Que desparze ao oriente
A aurora, quando ridente
Sahe dos braços de Mórphœu;
O manto d'azul purissimo
Que se desdobra no ceu;

Aquella brilhate purpura
De que se veste o occidente,
Quando é quasi extinto dia;
A doce melancolia
Que tem da lua a luz pálida;
Do iris as côres mimosas,
As côres de tantas rosas
Que ingrinaldam val e serra;
Toda emfim, toda a belleza
Que reveste a natureza,
Vem do sol, d'esse astro esplendido,
Que de luz inunda a terra,
Que lhe empresta as varias côres
Que da aurora enchuga os prantos,
Das aves desperta os cantos,
Reanima, dá vida ás flores
Que exalam odor suavissimo.

O amor é sol da vida; esparge prodigo
No difficil caminho da existencia

As rosas do prazer.

Fecunda o coração de mil virtudes;
Illuminado por elle, o entendimento
Sobe ao Eterno-Ser.

Ai do desterrado 'neste mundo,
Que vae palpando trevas, solitario,
Sem ver a luz do amor!
Ludibrio das paixões tumultuosas,
Impossivel a fe, perdida a esp'rança,
Por companheira a dôr!

Braga, 6, 63.

D. Maria. ...

DIVAGAÇÕES

Como «a ociosidade é mãe de
todos os vícios; assim a neces-
sidade o é da boa industria.»

Maximas populares.

Hoje, em pleno seculo dezenove, na epocha que se diz das luzes, porque a liberdade, nome escripto pela mão da Providencia no coração do homem, pullula de todos os cantos d'esta velha terra de Portugal, alguém julga, que fallar em materia religiosa ja não está na moda, ja não merece a attenção de nossos pensadores; como se o sentimento religioso, que eleva o homem pelo interesse temporal ao espiritual, podesse em tempo algum ser riscado do coração humano, pelo roçar dos seculos, pelas continuadas vicissitudes da humanidade; como se o ente racional bem longe de progredir, quizesse retrogra-

dar, e esquecendo-se do fim supremo, confundir-se com os irracionaes; como se liberdade e religião, emfim, não fossem duas irmãs queridas, que ligadas pelo laço tão suave—fraternidade, podessem desprender-se, repelir-se, e disputarem-se os interesses proprios.

Illusão terrível é esta, que arrasta o homem ao scepticismo religioso, e que fazendo-o olvidar o que sente em seu peito, o põe na collisão de abraçar religião ou liberdade, desprestando assim a historia, que, imparcial, lhe está mostrando o sangue do Golgotha, vertido para libertar a humanidade captiva!..

Eu, porém, animado d'outros sentimentos, esforçando-me até por encurtar o liame que une a liberdade com a religião, não deixarei de falar 'nesta por temer offender aquella; que isso seria renunciar ao meu pensar, exprimir o que não sinto.

Por isso, lá vae.

É principio certo, e por todos reconhecido á luz da philosophia, e á face da historia, que o homem, *como finito*, não pôde subsistir em sociedade sem religião — vinculo forte, que o une ao seu Deus. — É, pois, consequente que os povos serão mais ou menos felizes, amar-se-hão com mais ou menos ternura, o principio do direito, e os preceitos da moral executar-se-hão com mais ou menos justeza, conforme a religião fôr mais ou menos pura, mais ou menos adequada á natureza e fim do homem. E, assim, demonstrado que seja que uma de todas as religiões é a que melhor exprime esse sentimento, de que o homem foi dotado pelo Creador, parece-me a mim, e confesso-o do coração, que todos os povos devem trabalhar, empenhar-se para abraçá-la, não so para se tranquilisar o espirito a respeito do que é além da campa, mas até attendendo a fins terrenos; pois que, ligados todos os povos pelo mesmo sentimento religioso, serão melhor satisfeitas as necessidades quotidianas, ao que prestam grande auxilio as associações.

Feliz, portanto, o povo que possuir tal thesouro; verdadeiramente feliz, por ter em si o germen de toda a civilisação, que desenvolvendo-se, ha de fructificar, e produzir, assim, os mimosos pomos, que a sociabilidade pôde dar.

Infeliz o que, desprestando o verdadeiro e o bello, abraça principios, que so lhe mostram a verdade através de prismas embaciados; e longe de despertarem a sensibilidade com impressões grandiosas, so a alimentam com crueldades e depravações, com vagidos profundos de tenros filhos, queimados lentamente á vista de suas mães ante o *pobretão e repellente* deus Molok;

— com a descarada prostituição das virgens, aconselhada por seus proprios paes, como sendo o culto mais pomposo, que devia prestar-se á luxuriosa Venus!... (Continúa).

Coimbra, 18 de Março de 1864.

A. M. S.

FLORES DO PASSADO

A M. P.

Tive esp'ranças, tive anhelos,
Sonhos dourados, tão bellos,
Que mais não!

Duarte de Vasconcellos.

.....
Da noite a brisa flacida
as tranças te aflagava;
'nesses immensos páramos
a lua campeava,
'scondendo em veus diaphanos
o rosto virginal;
eras-me ao lado, candida
como a pura assucena,
que na estação amena
perfuma, orna o rosal!

Felizes ambos, eramos
'num tapete d'alfombra,
debaixo do verde álamo
que além o tanque assombra...
não sei que vozes magicas
então ouvi sahir
de teus labios carmineos,
que ledos se entre-abriram,
e para mim sorriram
um celeste sorrir!

Depois... mudos meus labios
so apenas puderam
beijar-te a fronte rosea,
com que de arder temeram...
O claro arroio próximo
no leito murmurou...
e a brisa, odora e tépida,
juncto a nós perpassando,
'num tom suave e brando
— *amae-vos!* — ciciou!...

Seminario de Viseu.

A. Candido de Figueiredo.

DEUS SEMPRE

Á EX.^{ma} SR.^a D. A. M. A.

Tenho desejos ardentes
Quaes lavas escandecentes
D'um volcão.
Imagens d'immensa gloria,
Sonhos de louca victoria,
Illusão!...

Fadada para o martyrio,
Que importa que este delirio
No soffrer
Me destrua minha crença?!
Quem pôde triste sentença
Esquecer?!

Soffro e a voz não levanto.
O animo não ousa tanto
Nesta dor!
Do peito não vem um brado,
Que me seja bem fadado
Para amor!

Amor!.. palavra descrida,
Crença mais que fementida,
Vão sonhar!
Vão sonhar, que me embalaste
E que depois me deixaste
Sem ainar!

Se em momentos de loucura
Poude crer'nessa ventura
Que é do ceu,
Veiu cedo o desengano
Com seu halito profano
E venceu!

Hoje so tenho uma esp'rança,
Qual meiga luz de bonança
A surgir!
Da minha vida no termo
Ha de vél-a o peito enfermo
La sorrir.

Além da morte ha a vida,
Além da campa sumida
Ha um Deus!
Ha premio para a desdita
Ao transpôr da alma afflicta
Para os ceus!!

Henriqueta Elysa.

A VOZ DO SUICIDA

Imitação-parodia

DA EX.^{ma} SR.^a

D. H. Elysa

Tive esp'ranças, tive anhelos,
Sonhos dourados, tão bellos
Que mais não!
Tive aspirações de gloria;
Juguei sorrir-me a victoria...
Tudo em vão!

Fadado para o martyrio
Levou-me até ao delirio
Meu soffrer.
Destruida a minha crença
Tive por negra sentença
So descreer!

Ja não tenho meigo pranto
Que me seja orvalho sancto
Nesta dor.
Mas do peito mal fadado
De descrença solto um brado
Não d'amor!

Amor... palavra maldicta
Que me deu esta desdita,
Meu penar;
Sonho vão que me acalenta,
E que depois me atormenta
Recordar.

Se em momentos de ventura
Poude crer'nessa loucura,
Que tal é,
Infesou-me o desengano
Com seu halito profano
Minha fé!

Hoje p'ra minha vingança
So me reluz uma esp'rança
Num punhal!
Da minha vida no termo
Ficará meu peito ermo
D'este mal.

Extincto o sôpro da vida,
Além da campa abatida
Que haverá?!
Ou alli finda a desdita
Ou então p'ra alma afflicta
Deus não ha!

Duarte de Vasconcellos.

UM BAILE CAMPESTRE

(VERSÃO)

(Continuado de pag. 121)

— Que quer dizer isto, senhor? lhe diz ella fazendo esforço por se levantar.

O que se tornou para elle um pretexto plausivel de se lhe apoderar das mãos para a reter.

— Senhor, tenha a bondade de me deixar!

Elle, porém, só tractou de se lembrar da phrase d'ataque.

— Deixar-vós! Oh! não!... Não agarrar pelos cabellos uma occasião, que não se repetirá talvez na minha vida!

Oh! não!... terieis vós, luminoso metéoro, brilhado um momento na minha existencia para em seguida desaparecer e mergulhar-me nas trevas?

Oh! não!... Serieis tão cruel, anjo do ceu, que me fizesseis ver todas as joias do paraizo e não me deixasses aproximar d'elle?

Oh! não!... Oh! não!... Oh! não!...

Modulando em todos os tons está harmoniosa negativa e esta successão de metaphoras roubadas ao *secretario dos verdadeiros amantes*, depois de ter percorrido até ao *dó* a escala de notas da voz humana, levantou-se de repente com os braços estendidos para a senhora de Foligny, como Orpheo correndo após a sua Eurydice.

O que se passou neste momento por detrás d'elle? Seguramente alguma cousa de novo.

Porque, levantando-se no ar como um balão, deu um salto prodigioso e cahiu com o nariz em terra aos pés da amavel viuva, que assistia admirada a este exercicio amoroso-gymnastico, desconhecido para ella.

Devemos confessar ao leitor que o galante *leão* não estava em poder do seu livre arbitrio, quando executou este excentrico e pouco brilhante passo de dança.

Um desconhecido tinha contemplado, com um ar de vivo descontentamento, todos os passos do fozoso *leão*; elle tinha-o seguido até ao bosque, e ahi, no meio da declaração já referida, allongando o pe bruscamente (brutalmente, digamos) á altura d'uma certa região, dignou-se

Tal é a explicação do maravilhoso salto de que a senhora de Foligny se aproveitou para fugir para a carruagem, que a esperava a alguma distancia.

III

Dois dias depois aconteceu que a senhora de

Foligny precisou d'um criado. Um dos candidatos apresentou-se com poderosas recommendações.

Coisas do mundo!.....

O criado aspirante não era mais do que o *leão* do baile.

Complemento da explicação dada em cima.

Monsieur de tal, sabendo que o seu criado, aproveitando-se da sua ausencia, se adornava com a sua roupa para ir representar o papel de conquistador nos bailes campestres dos arbabades de Paris, deu-se ao trabalho de o seguir, de apanhal-o em flagrante delicto, e gravar-lhe no... juizo a licção que nós sabemos, decretando-lhe a sahida sem pagamento.

Conclusão

A senhora de Foligny julga que se divertiu muito em toda esta aventura, mas não parece tentada a procurar outra.

Em quanto ao galante criado, tornou-se de uma circumspecção extrema; em cada criada de quarto, julga elle ver uma duqueza.

Coimbra, 10 de fevereiro de 1864.

Ignacio R. da Costa Junior.

SONETO

Eis o *primeiro* verso d'um soneto,
O *segundo* não fica no tinteiro,
Com a mesma pennada eis o *terceiro*
E so d'*outro* depende este quarteto.

De não ficar no *quinto* inda prometto,
Pois o *sexto* lhe dou por companheiro,
Salte o *septimo* ja para o poleiro,
Em quanto que na forja *est'outro* metto.

Nem se diga que o *nono* é coxo ou manco,
Que não corre parelhas com o *decimo*,
Nem que o fim do terceto fica em branco.

O difficil, agora, está 'num *essimo*....
Mas se livre fiquei d'este barranco,
O soneto — coitado! — acabou pessimo!

Coimbra, março de 1864.

Severino d'Azevedo.

CRÊ!

Quem te poz, minha amada, assim de luto e nos olhos as lagrimas cahindo?

E os longos suspiros, que hoje escuto, quem t'os faz suspirar, meu anjo lindo?

Bem sei que vives, orphan, tristemente, sem pae, que te alivie em tuas dores!...

Que importa? Posto o sol, la do Oriente hade vir outra aurora — a dos amores!

S. D.

CHRONICA

Foi-se, fugiu a *semana sancta*, rapida como... uma tarde de vespõra de feriado! Ai! *sanctas* noites de *semana sancta*, vós devieis ser longas e duradoiras como as noites dos tropicos, ou tão continuadas e successivas como os dias d'uma semana *macha*, porque vós sois noites *divinas* para quem sabe *aproveitar-se* de vós, e empregar-vos em continua *adoração e amor*.... de Deus!

Recordam-vos com saudade os *leões* e as *pantheras*; as *sensitivas* e as *tartarugas*, porque vós sois para todos um tempo *divino*!

Eu recordo-vos porém com mágoa e tristeza, porque vi durante vós o templo do meu Deus transformado em praça pública, desacatados os sanctos mysterios da paixão d'AQUELLE, que de lá expiliu á ponta d'azorrague os vendilhões infames; — e porque vi durante vós em todas as egrejas, onde se celebraram os officios divinos, mal desempenhado o que ha de mais augusto, poetico e sublime no drama da redempção — a parte musical.

Principiemos por nossa casa. Na Universidade, na Capella Real, alli onde a *semana sancta* todos os annos têm sempre um *não sei que* de mais sublime e attractivo, para onde nós sentimos arrastar por mais *sympathico* interesse, este anno nem *quasi* lá se podia entrar; é que os *divinos officios* eram ali desempenhados a *canto-chão*. Foi na realidade uma triste lembrança, fosse ella de que fosse.

Aquellas rajadas de divinina poesia mistica, que o trovador propheta do alto das ruinas de São desprenhia das cordas d'uma lyra afinada ao som d'ais e gemidos; as inspiradas estrophes, que o Poeta Rei decantava dedilhando as cordas da sua harpa sancta quando constricto e arrependido

« o seu peccado chorou »

não são para traduzir agora em *conto* tão *baixo* e rude por alguns padres, que mal sabe procurar

a *corda coral* num responsorio de defunctos. Em festas de tanta pompa, magestade, e grandeza, não admittimos meio termo; ou tudo, ou nada; e melhor fõra *nada* que *tão pouco*. Por isso, repetimos, foi bem triste a lembrança do *canto-chão*, fõsse ella de quem fõsse; e esperámos que para outro anno se não repetirá.

Agora, descendo á Capella da Misericordia, cumpre-nos tambem pedir para outro anno mais *misericordia* pelas coisas de Deus. O corpo do templo estava decorado com regularidade e decencia, e nem isso admira porque todos aquelles adornos se acham ja de reserva, mas a musica é que estava uma miséria, principalmente os solos que eram desempenhados por crianças que mal podem dar ainda ás peças a força que a letra em certas partes requer. A ex.^{ma} mesa deve por uma vez convencer-se de que a *prata da casa* não é sufficiente para o decente desempenho que taes funcções exigem. Na Sé foi onde as coias marcharam inda assim com melhor ordem, havendo comtudo inda bastante tambem que notar pela parte *musical*; e nem isso admira; pois se o côro era regido por um musico sem *ouvido*! O *tiple*, cujos solos no grande poema do « *Miserere*, » são esperados com tanto afan, e tão sempre escutados e admirados com empenho e interesse, desapparecia alli, sumia-se mesmo, por demasiadamente fraco, na vastidão do templo.

E foram estas as tres egrejas em que se celebraram os *officios divinos*, sendo todas tres no bairro alto.

Em nenhuma d'ellas tivemos o gôsto d'ouvir uma *lamentação* cantada com algum geito; era uma pena ouvir como aquelles... *marrecos*, — para não dizer outra coisa — *estropiavam* aquelles hymnos de tanto mimo e doçura, de tanta unção poetico-religiosa! Era uma pena, fazia mesmo perder a paciência ouvir assim *estragar* a linguagem, que os anjos empregam nos coros celestes.

Era o *Miserere*, o que unicamente se podia ouvir em todas as partes sem *irritação dos nervos*; isso sim, que sendo uma composição partida do seio do Infinito num momento d'inspiração, em que José Mauricio sonhava com a voz de Deus traduzida na voz da natureza, não pôde nunca resentir-se da fraqueza e imperfeição das coisas humanas.

O *miserere* é esse hymno sublime que tendo feito a gloria de José Mauricio, ha de fazer tambem a sua immortalidade, porque é esse hymno grandioso que o poeta soube compor de notas espalhadas no medonho rugido das vagas, como no doce estalo do beijo; no siciente sibilhar da

brisa, como no terroroso estampir do trovão; nas trovas enamoradas da canção da philomela, como nos ultimos e ternos gorgeios do cysne moribundo; em tudo o que ha de mais magestoso e sublime na voz da natureza, na eloquencia de Deus; porisso o *miserere* de J. Mauricio, ha de ser sempre o primeiro, e embora mal executado ha de ser sempre escutado com interesse e fervoroso enthusiasmo christão, porque ha de ser sempre sublime como é sublime a doutrina do christianismo, que acolhendo-o para si, nelle possui tudo o que ha 'naquelle genero de mais grandioso e bello.

É que J. Mauricio era o artista christão, que sentia o que escrevia, e escrevia o que sentia; porisso o seu *miserere* lhe sahiu d'uma magestade verdadeiramente divina, porque aquella reunião immensa de sons diversos se assemelha em tudo ás toadas harmoniosas e melancolicas dos anjos em redor do throno da Virgem.

Por isso J. Mauricio foi o compositor *divino*, como em Italia lhe chamaram, porque a sua composição revela toda a magestade grandiosa da letra que exprime; alli vê-se e admira-se a inspiração do poeta, que se desprende da terra e se eleva até ás regiões desconhecidas. J. Mauricio prende-nos, arrasta-nos pelas harmonias divinaes do seu *Miserere*, como O'Connell levava atraz de si os povos que o escutavam; enebria-nos, como o selvagem do Canadá embriaga a *cascavel*, que estaca deante d'elle ao ouvir os sons melodiosos do seu rustico instrumento; seduz-nos como a Sereia do mar fascina o nauta que lhe escuta um canto; eleva-nos da terra, como Orpheu destacava das montanhas as pedras, que, para ouvi-lo, o seguiam.

E é porisso que sendo o seu *miserere* quem o fez appellar «o *Cysne do Christianismo*,» foi tambem elle a sua coroa de poeta.

E enthusiasmado com o *Miserere* ia ficando por aqui d'esta vez; mas contando tambem com o vosso *miserere*, piedosas leitoras, vou contarvos ainda, o que na noite de sexta-feira succedeu na Sé Cathedral por occasião que prégava a *soledade* o sr. dr. Rodrigues, lente de theologia na universidade. Isto agora é so para as leitoras de fóra, que as de ca, estou eu bem certo que ainda se não esqueceram, nem esquecerão, em quanto forem leitoras, e houver *semanas sanctas*, de um facto que lhes ficou para sempre gravado na memoria com um ponteiro... de ferro.

Sabia-se que ia prégær de *soledade* o sr. dr. Rodrigues d'Azevedo; a sua bem conhecida fama de excellente orador christão, havia attrahido ao templo uma massa enorme de gente de to-

dos os sexos, condições e edades, e que apesar de sua grande vastidão la mal cabia, e note-se que dizemos «de todos os sexos,» e não d'ambos os sexos, porque alem do masculino e feminino, estava o sexo dos *leões*, o das *tartarugas*, o das *pantheras* é o sexo das *sensitivas*.

Como é natural em taes logares e por taes occasiões a massa compacta de povo, principiou de remechar-se em *ondas*. Alguem impellido por uma d'ellas — dizem — cahira para cima d'algumas mulheres que começaram de se queixar em altos gritos; não foi nada: num momento espalhou-se por toda aquella pinha de gente um tal terror panico, que a Sé era agora a verdadeira imagem de Sanct'Iago do Chili pela occasião do grande incendio que ainda ha pouco alli teve logar.

Era curioso e interessante ver num so momento, e como que todos impellidos por um machinismo occulto, as *tartarugas* levantadas no *tanque* implorando soccorro; as *pantheras* agaradas aos *leões*, em quanto estes amparavam as *sensitivas* que se lhes deixavam cahir nos braços pallidas como a açucena dos valles, flexiveis como a junça do brejo. Foi ésta uma scena indescriptivel; era o *bello horrivel*, que se pôde imaginar, mas nunca traduzir-se.

E ha bem quem ainda hoje se recorde d'aquella noite com saudade, porque aquelle momento de horror sabemos nós que o foi tambem de *terrivel felicidade* para muita gente. É que então ja não haviam distancias possiveis; alli todos se conheciam, ja todos se uniam e tractavam de salvar-se reciprocamente. Era bello e curioso ver como todos procuravam, quasi que instinctivamente, salvar so *aquillo* que o seu coração lhes apresentava como mais digno de estima!...

E estão quasi passadas as ferias! mas coragem, que as *grandes* estão á porta. Fui hoje ao jardim e ja vi borboteando a *árvore do ponto*. Desejámos *boas festas* á leitora, e até á chronica seguinte.

O chronista.

AVISO

Com bastante mágoa e sentimento *somos arrastados* a participar aos srs. assignantes que *ainda não satisfizeram o importe do primeiro trimestre*, que no proximo número começaremos a publicar os seus nomes, se até la nós não pouparem a tamanho desgosto.

A redacção.



O SECULO DEZENOVE

(Conclusão de pag. 92)

Tinha-se o espirito humano libertado da pressão e influencia religiosa; mas, como sempre apparecem tyrannos debaixo de qualquer fórma, o homem é depois subjugado pelos imperantes civis, cuja oppressão é porventura mais intoleravel. Até aqui o despotismo era cuberto com o manto religioso; agora com a purpura real.

O homem é novamente considerado como uma entidade de que o imperante civil pôde dispor como quizer; o poder das bayonetas sufoca qualquer expansão de liberdade, que se manifeste. A theoria do direito divino é arvoreada em systema de verdade; a soberania popular não tem razão de ser, está toda resumida na pessoa do monarcha. Os reis seguem á risca o detestavel systema de Machiavel; o fim das nações é o fim do Estado, que é o rei: os povos são meios de que se pôde servir a seu bello prazer!... Insensatos!... Que desconheciéis os mais sanctos e inalteraveis principios da natureza humana, e o legitimo fim das sociedades! Quantos martyres sacrificasteis ás vossas insaciaveis ambições e aos vossos caprichos!?

Que importam o direito e a justiça, vans palavras so na imaginação escandecida dos philosophos? Temos o poder tremendo das bayonetas, a que nada resiste: a nação somos nós. Mas cautela!... Pois não vêdes que o soldado filho do povo pôde fraternisar com elle? Não vêdes como se aproxima rapida e necessaria essa terrivel epocha de 93?!... Oh!... Então a ira do direito ultrajado desmoronará até aos alicerces o vosso edificio baseado na tyrannia, mal baseado!... O oceano revoltoso da ira e vindicta popular em um momento lançará no abysmo a barca que julgaveis vogar em honançoso mar de rosas!... Mas lancemos um veo no futuro; sigamos a marcha dos tempos, esse trabalhar continuo d'acção e reacção.

O seculo 19.º é uma consequencia forçada dos seculos 17.º e 18.º É muito para se notar o rapido desinvolvimento do homem nestes dois seculos memoraveis: a razão, emancipada do

jugo da auctoridade, submete tudo á sua critica, e invoca a philosophia como sua unica divindade tutelar. Todas as sciencias e artes progridem de um modo espantoso: é que o espirito de servilismo e adulação fôra banido.

O direito natural, até alli modelado pelo arbitrio e vontade dos imperantes civis, é constituido na sua verdadeira base, é elevado á cathegoria de sciencia, fóro que ainda lhe não tinham dado: fica por consequencia formando um dos mais brilhantes ramos da philosophia.

Grocio, Puffendorf, e especialmente Kant, estudando psychologicamente a natureza humana, são os primeiros que, tomando por pontos de partida a *sociabilidade, equaldade e liberdade* do homem, organisam systemas de direito natural, sobre que toda a legislação positiva se devia basear.

Todas as artes e sciencias tinham tido um progresso maravilhoso, depois da descoberta do novo mundo; e, como o espirito humano tende a ter conhecimentos variados de todas ellas, ahi pelo meado do seculo 18.º apparece á luz da publicidade essa obra monumental, — a *Encyclopedia*, em que collaboraram os primeiros sabios da epocha, D'Alembert, Diderot, Jaucourt, e outros.

Esta obra grandiosa é d'um trabalho incalculavel, onde são tractados profundamente e á luz da philosophia todos os ramos dos conhecimentos humanos, e onde vêm artigos que so por si fazem a instrucção do individuo, prepara nas ideias politicas a reforma que Luthero produzira nas religiosas.

Era geral a fermentação!...

Aproximava-se a revolução tremenda e gigante!... Faltava só um homem que primeiro tivesse a audacia de se manifestar, e soubesse arrebatar as massas pela força da palavra: esse homem appareceu, era Mirabeau. Não sei se foi elle quem produziu a revolução, se foi a revolução que produziu Mirabeau. O que é certo é que a explosão estava de ha muito preparada; Mirabeau foi apenas a centelha...

Este Demosthenes francez, eleito pelo *terceiro estado* representante dos Estados Geraes em 1789, deslumbra ahi as primeiras notabilidades, e ganha pelo enthusiasmo e força de eloquencia, apostrophando a realesa, a mais solida e subida reputação.

A elle se deve o celebre juramento do Jogo da Pela em 24 de junho de 1789, pelo qual o *terceiro estado* se declara em assembleia soberana, deliberante e superior á prerogativa real!...

Desde então os acontecimentos succedem-se rapidos e quasi pelas leis da fatalidade!

Desapparecem distincções sociaes; as duas classes, nobreza e clero, são sotterradas, e com ellas os seus privilegios.

Eis-nos ja na epocha inexoravel e terrivel da Convenção Nacional; Danton, Marat e Robespierre fazem ir á guilhotina milhares de victimas, e entre ellas o infeliz Luiz 16.º, digno por certo de melhor sorte. Coitado! Fadou-te talvez a Providencia para seres victima expiatoria dos attentados dos teus maiores!... Mas quem sabe da Providencia os arcanos!?

Aquelles homens fortes da revolução, que alguns accusam de tyrannos e sanguinarios, não foram mais que frageis instrumentos da ira popular, quebrados por ella.

Expliquemos a contradicção—*fortes, frageis*. Fortes, em relação ao que fizeram; frageis, em relação ao que deviam fazer: a sua obra era superior ás forças humanas.

Portanto não alcunhemos estes homens de tyrannos e sanguinarios. Fizeram martyres, é verdade; mas eram forçados por imperiosas circumstrancias, que todos sabem: outros em igual situação, que não fôsem *anjos*, faziam o mesmo, senão peor.

Ja visteis alguma grande revolução social sem martyres? Teve-os o christianismo, teve-os a revolução franceza, e hão de tel-os todas as revoluções: é lei da natureza.

Mas demos o facto por consummado, e vejamos quaes as suas consequencias. É fóra de toda a dúvida que a revolução franceza de 1789 é o acontecimento de maior alcance futuro e mais memoravel que tem havido depois que ha mundo. A ella se deve a segunda regeneração do homem; foi ella que produziu a civilisação do seculo 19.º, e accelerou a marcha do progresso, que até alli caminhava vagaroso; foi ella ainda que levou á execução o pensamento dos philosophos sobre a liberdade e egualdade do homem, mostrando que elle não era uma chimera.

Os principios proclamados pela revolução franceza, abraçados primeiramente pelas nações europeas, mesmo a despeito da mais tenaz reacção dos imperantes civis, irradiaram-se, como luz vivificante, por todos os povos conhecidos, e vão produzindo os fructos, de que ainda hoje gosámos.

Mas concluiria a revolução franceza toda a obra da regeneração do homem? Podêmos nós deitarmo-nos tranquillos á sombra da viçosa arvore da liberdade, que os nossos irmãos plantaram e regaram com o seu sangue?... Não podêmos; seria um suicidio. Muito nos resta ainda que fazer. Não vemos nós por ventura como

está carregado o horizonte politico para o lado da Allemenha?!... Estejamos pois todos alerta, e quebrems os grillhões dos povos ainda escravos contra os sceptros dos tyrannos que os têm algemados.

E, para não sermos sepultados nas ruinas da nossa propria obra, muito releva preparar e aguardar a occasião propicia, mas não a deixemos passar desapercibida. Façamos como o bom agricultor, que, para ter boa colheita, semeia em tempo competente.

Por isso, vós, apostolos e proselytos d'uma ideia, ávante; caminhae sempre, e sobre tudo aproveitae as occasiões favoraveis para as grandes tentativas...

Coimbra, 24 de março de 1864

A. Eduardo de Moura.

UM NOIVADO DE SANGUE

É ella! a noíva! ella a mais formosa:
Que lindo noivo tão gentil que tem!...
Os outros dizem que elle é bem ditoso,
Feliz na posse de tão grande bem.

Almeida Braga.

(Continuação)

O noivo era esperado no salão por uma torrente de felicitações e parabens.

E elle via a sua felicidade tão brilhante como o sol que o alumiaava.

No horizonte do seu futuro não divisava a mais leve nuvem, mensageira de tempestades.

D. Amelia appareceu, enfim, acompanhada d'outras donzellas, entre as quaes ella sobressahia em formosura e gentileza, apesar de ir o anjo da melancolia de quando em quando agitar as turvas azas sobre a fronte da meiga filha de D. Ambrozio.

Bellas estrellas, e um sol no meio.

Este verso de Camões dá uma ideia do quadro que Amelia formava com suas companheiras.

O cortejo sahio do castello, rico, magestoso, surprehendente!

E assim se encaminhou para a capella.

Na passagem todos iam tão absorvidos no fulgor da festa, que ninguem reparou em um pequeno papel que a briza em suas ondulações conduziu da mão de Amelia aos pés de um mendigo, que no meio da numerosa multidão do povo via e admirava o luzido cortejo.

O mendigo baixou-se o apanhou-o furtivamente; desenrolou-o e leu:

«Verás como é curto o caminho que conduz do noivado ao sepulchro».

Chegaram á capella.

Ja celebrar-se o consorcio.

Quando o sacerdote pronunciava as sacrosantas palavras que faziam a felicidade de Fernando, a sineta da capella, ou porque alguém roçou acaso por ella, ou porque o vento a impelliu, agitou-se e vivrou uma badalada que prepassou pelos ouvidos de todos como um dobre de finados!

Voltaram-se com arrepios de pavor indefinido.

E Amelia, aproveitando este incidente, tirou das pregas do vestido o quer que fosse.

Houve um momento de silencio, que uma voz saída do centro da multidão cortou dizendo — Vamos!

A cerimonia continuou.

Perguntou o padre a D. Amelia, segundo o costume — se recebia por legitimo esposo a D. Fernando.

Ella respondeu com a vista em chammas — Não, porque sou casada.

Houve um brado de espanto e confusão.

D. Ambrozio sentiu que as pernas lhe vergavam; escorreu-lhe da fronte enrugada um suor frio; julgou não ter ouvido bem; julgou sonhar.

Adiantou-se vacillante. — Minha filha, exclamou — és tu que deliras ou sou eu? Tu casada?!

Fernando parecia fulminado. Tinha no rosto o assombro, o ciúme e a raiva. — Casada!.. bradou rangendo os dentes e reanimando-se — Apareça o ladrão da minha felicidade, appareça, e venha a minha espada apagar o seu nome do livro dos que vivem!.. Amelia, a minha Amelia, casada! E com quem?

— Com o tumulto — disse ella suavemente; e com mão rapida cravou um punhal no seio, thesouros d'amor!

E da ferida burbulhou sangue, que foi naccar-lhe as vestes de pomba!

E nos olhos lindos pairou a vida dizendo adeus ao corpo; abriu-os meiga, fitou o pae, que não acreditava no que via, e cahiu-lhe aos pés dando um gemido frouxo; e morreu!

Neste momento de horror, que a penna não sabe descrever, aproximou-se do cadaver com um passo magestoso um mendigo.

Era tão triste o seu todo, tão imponente tambem, que não houve vista que não ficasse immovel pregada nelle.

Beijou na face o cadaver e ergueu-se altivo. Era outro.

Sacudiu os cabellos e deixou ver uma frente espaçosa e de talento; scintilavam-lhe os olhos com um brilhar inspirado; arrojou de seus hombros os andrajos de mendigo, e deixou ver as

formas juvenis, nobres e esbeltas de Antonio de Noronha.

Novo grito de espanto.

Antonio sorriu, e tomando a mão da defuncta disse com voz pausada e sonora: — Sr. capellão, dignae-vos proseguir as ceremonias! O noivo sou eu.

Cavalleiro — exclama o padre — que horrores são estes? Respeitae o cadaver, não o profaneis!

— Isto não é profanação, é um noivado de sangue.

Não tinha acabado ainda e tinha mergulhado no peito o punhal de Amelia.

— Abençoe-nos, padre! Em seu leito gelado espera-me a minha noiva.

Foram as suas ultimas palavras ao cair morto aos pés de D. Ambrozio.

O sr. Vasconcellos fez uma pausa.

Eu e a minha amiga sorrimos á inverosimilhança da narração.

(Continúa) *Ephigenia do Carvalho.*

A POBRE

Eu sou pobre, cá na terra
Os prazeres que ella encerra
Para mim ja nada são!
Sou infeliz!.. desgraçada!..
Vivo pobre... abandonada,
Sem ja ter consolação!

Eu sou pobre... a minha vida...
É c'róa toda teçada
D'espinhos, penas e dor!
Ja fui grande, rica e nobre!
Mas agora vivo pobre...
Pobre de pão e d'amor!

Com esta mão estendida,
Entre as turbas involvida,
Sulçando imploro em vão!
« Dae esmola á desgraçada »!
Mas o mundo passa, e nada
Cae nesta gelada mão!

Pobre, velha, ja sem brilho,
Sem pae, sem mãe, sem um filha,
Que tudo tive e perdi!
Sem um parente, um amigo...
No mundo sem um abrigo!..!
Porque ao nascer não morri?!..!

Em quanto que vou pedindo,
Ora de fome cahindo

Ou de frio a tiritar;
 Vive o rico na grandeza,
 E os restos da lauta meza,
 Não-lhe a matilha fartar.

Deus não deu ao rico o ouro,
 Para o fechar num thesouro,
 E á fome o pobre morrer!
 « Dáe á pobre » — disse Deus —
 « Qu'essas esmolas nos ceus »
 « Haveis um dia encontrar »

Peço pão, mas ai! que importa!
 Todos me fecham a porta:
 Tudo é mudo á minha dôr!
 A desgraça desprezaes:
 Á fome vós me mataes:
 Mas perdoar-lhes, Senhor!

D'êsta vida no tormento
 No auge do sofrimento
 Heidê ter resignação,
 Que do que tive em creança,
 So me ficou na lembrança
 — Patria... amor... religião!

Torres-Novas. A. C. d'Almeida.

VIUVA E ORPÃO

Dorme, anginho, oh! não volvas
 Para mim teu triste olhar!
 Que de Deus a benção pura
 Sobre ti ha de baixar.

Calla gementes queixumes
 Nos braços de tua mãe;
 Minhas lagrimas se dobram
 Se em teu rosto as vir também!

Tu não sabes quantas maguas
 Se abrigam no peito meu;
 Quantas queixas eu devoro
 Que não vão da terra ao céu!

Cobriu teu berço a mortalha
 Em vez de branco lençol!
 E em vez de rigor so prantos
 Saudavam teu arrebol!

E em vez das faxas da infancia
 Negro crepe te cingia!
 De teu pae a sepultura
 Juncto ao teu berço se abria!

Deus, se é bom, as minhas preces
 Ha de no ceu attender;
 Levar-nos-ha d'este mundo,
 Onde estamos p'ra soffrer:

Tens frio? teu corpo aquece
 Na febre que queima o meu;
 De mim te chega bem juncto.
 Tê raiar a luz no ceu!..

Mas soffres, pobre innocente,
 Tanta fome; e Deus sem vir!..
 Reza, reza, meu anjinho,
 Que a Providencia hade ouvir!

Virgem mãe dos peccadores
 O meu filho adormeei:
 Eu sinto a morte tão perto,
 Ai! de mim que o deixarei!..

Com vosso manto cobri-m'o
 E p'ra Jesus m'o levae:
 Que vae ser do desgraçado,
 Na terra, sem mãe, sem pae?..

Sobre estas lages tão frias,
 Vae-se meu filho finar,
 Antes de vir mão amiga
 Sua fome metigar!

Ouvi-me, Virgem Sanctissima
 De mim perto a morte vem:
 E o meu filho, o meu filho
 Leva-o do mundo tambem!

Ouviu Deus aquella prece,
 Um anjo á terra mandou,
 Que ao raiar da madrugada
 Duas almas resgatou.

Lodeiro, 11 d'outubro de 1863.
 Henriqueta Elysa.

UM QUADRO SOCIAL

(Continuado de pag. 128)

—Estas palavras despertaram a attenção de Felisberto. Era natural, visto que acabava de dar tracto ao espirito para resolver se esta ou aquella côr poderia influir em alguma cousa na nobreza de uma familia. Continuou, pois, a ler e leu o seguinte: « Mas entenda-se; eu gosto do padre; — padre, quero dizer, gosto do padre que comprehende o

evangelho, e o ensina por palavras e com o exemplo.»

« O padre, que sahe d'aquí; o padre da politica; o padre que, desprezando as cousas do ceu, se envolve constantemente em interesses terrenos, esse, acho eu, que para pouco ou nada serve; e que passa da primeira dignidade na sociedade para a última, para a escoria!»

Assim também gósto do homem nobre, mas nobre por sentimentos e acções. Nobreza de sangue causa-me riso; fidalguia de pergaminhos faz-me dó.

Nobreza de sangue! O que significa isto? Corra nas veias do mendigo, ou nas do homem poderoso, nas do homem que nasceu nas torridas regiões d'Africa ou nos climas temperados da Europa, o sangue é em todos o mesmo, ou se é azul o dos ultimos, então classifiquemol-os d'outro modo; não no reino hominal. O que significa um pergaminho? Esse, para quem o possui, mas não o ganhou por acto seu, pôde ser um documento historico, ou monumento a passadas glorias, se não foi comprado a dinheiro pelos seus antepassados.

« Passou ja o tempo em que os filhos pagavam culpas dos paes; e, se ainda hoje respeitam vestigios d'esses tempos, é que as ideias ainda as mais justas precisam ser lançadas em terreno bem preparado, e este preparo não pôde ser obra de alguns dias ou mezes, nem ainda de poucos annos. Virtude e vicio são pessoas; são so, por tanto, o engrandecimento de uma e o rebaixamento do outro. Em presença d'estas ideias, que respeito, o que significa um pergaminho? Se tanto, é o epitaphio num tumulo de glorias, que ja foram.»

Felisberto, acabando de ler estas palavras, levantou-se, e principiou de novo a passeiar pela sala.

De quando em quando parava, levava a mão direita aos bigodes, que retorcia; inclinava a cabeça um pouco para o chão, e fitando a vista num ponto so, parecia meditar, e meditava.

Aquellas palavras, que acabava de ler, fizeram-lhe impressão, e parecia-lhe conterem a resposta á pergunta que a si mesmo fizera. Pegou de novo no livro; leu segunda vez, e quando acabou, pronunciou em voz alta e com a espontaneidade da convicção: *Não ha dúvida. Debaixo d'aquella cor escura pôde existir uma alma candida, e existe.* No dia seguinte, Felisberto procurou Maria; apertou-a num estreito abraço, e chorando lagrimas de arrependimento disse: Perdoar-me-has tu, Maria? Perdoar-me-has o desprezo que te votei? Olha, o meu espirito obsecado não via senão brazões e pergami-

nhos; não comprehendia a nobreza da virtude; não descobria através d'esse teu rosto, queimado pelos raios ardentes do sol d'Africa, o teu coração tão generoso! Perdoar-me tu, Maria, e não me desprezes.

Maria, cedendo ao impulso do seu coração nobre e generoso, exclamou: Oh! como eu sou feliz! como é consolador o ver trocado em amizade o desprezo que nos votavam! Ouviu o Senhor as minhas orações! Benedicto seja elle! E'nisto apertava nos braços o thio Felisberto, que chorava ainda suas lagrimas de contentamento, com que se misturavam as de Maria.

Pouco a pouco foi esta conquistando a affeição de todos os parentes, d'aquelles mesmos, que a haviam desprezado; a ponto de por todos ser adorada. Continuou Maria, vivendo na companhia de Carlos e Adelaide, a quem dedicava amizade de filho, renunciando assim, da melhor vontade, aos gozos das grandes terras. Ella vive ainda.

(Continua).

Abel Pardo Valle.

Que do que vive em grande
So me ficou na lembrança
— Patria... amor...
A M. P.

... a mim o que me é dado?
Voz p'ra cantar... uma alma para amar-te.

— Anthero do Quental.

Sempre tu, visão aerea,
nos sonhos que o triste sonha!
ora contente e risonha,
ora prantos a verter!
ora na pallida face
o desesp'rar da bonança,
ora o sorrir da esperanza
no rosto todo prazer!

Quer com risos, quer com prantos,
me acordes a phantasia,
sempre meus braços, Maria,
estendendo, mas que estreitar,
se os archanjos, quando descem
a este mundo d'enganos,
aos maldados humanos
so concedem o sonhar!?...

Mas... é doce o sonhar! — desce
á minha mente abrasada,
e leva na aza nevada
o saudoso pranto meu!

Quer com risos, quer com prantos,
me acordes a phantasia,
seras sempre a minha guia;
tu me levarás ao ceu!

Não são as tranças douradas,
 não são as faces de rosa,
 não é a mão graciosa,
 que me prende o coração!
 nem são os olhos que fitas,
 côr do ceu, no ceu infindo,
 nem os lábios que, sorrindo,
 mostrando perolas vão!

É, sim, essa alma d'archanjo
 que envolvem rosas e neve,
 a quem este peito deve
 mil esp'ranças no porvir!
 Amo-te! e embora hoje triste
 na desventura eu me abysme,
 um doce preságio diz-me
 que hei de um dia resurgir.

Seminario de Viseu.

A. Candido Figueiredo.

CHRONICA

Corria escassa de novidades a segunda semana de ferias, chamada da *Paschoela*, como é escassa de poesia uma página de Waldeck ou uma lei do Digesto. Alguns restos da academia, que por cá tinham passado a *semana sancta*, haviam-se evaporado com os primeiros raios do sol da primavera, e procurado em volta de Coimbra outros logares, onde corresse um ar mais puro e livre, onde o ceu fosse mais azul e estrellado, onde a vegetação se visse desenvolver com mais ardor, finalmente outros logares, onde a natureza se offercesse com mais vida, e a vida com mais amor.

Mais de vinte mancebos academicos reunidos em associação tinham escolhido Soure para theatro de seus recreios juvenis.

Com o fim de passarem mais ameno e deleitoso o tempo, em que a noite, envolvendo a terra nas pregas do seu manto, nos não deixa ler e contemplar o livro da natureza, cujas paginas se desenhavam no matiz dos campos, na limpidez das agoas, no azul dos ceus, e finalmente em tudo que é bello e sublime, haviam ensaiado algumas peças theatraes, que alli levaram á scena nas noites dos dias 1 e 3 do corrente.

Ha muito que nutriamos desejos de visitar Soure; d'êsta vez, levados pela curiosidade, e pela opporrtunidade da occasião, que viamos ser excellente, não podêmos resistir á tentação, e montando a cavallo, na companhia de dois bons

amigos partimos para lá. Eram 11 horas do primeiro dia d'abril. Tomando pela estrada de Lisboa. O sol mostrava-se radiante e bello; o dia esplendido; o ceu puro e limpido; os campos bordados de um variadissimo tapete de relva e flores; o ar que respiravamos vinha embalsamado de essencias enebriantes; e finalmente a natureza inteira, enfeitada pelas gallas da primavera, parecia dizer-nos em seus sorrisos festivaes, que por alli era o caminho para um *paraizo perdido*. Chegadós a *Condeixa*, e depois de fazermos os devidos *comprimentos* ao amigo Castella, tomando á direita, a 10 kilometros de distancia, surprehendemos de subito a linda Soure sentada em graciosa postura nas margens do seu Ourão. Ja não havia que duvidar; aquella era a terra paraizial que a natureza nos tinha vindo segredar no perfume das flores, na pureza dos ceus, no esmalte das campinas, e finalmente em todas as gallas com que por toda a parte a enobrecia a rainha das estações. Estamos pois em Soure abraçando a nossos irmãos academicos, que com todo o afan trabalham no ensaio dos seus papeis, para darem nesta noite a sua primeira récita; deixemol-os pois entretidos com tão doce trabalho, e, em quanto se não fazem horas de theatro, vamos dar um passeio pela villa.

Soure é uma terra boa em toda a extensão da palavra desde o *urbs* até ao *civitas*. Os seus predios são regulares e de excellente construção e architectura; as ruas bem calçadas, direitas e espaçosas; os largos amplos, e bem collocados e dispostos; o seu solo regado com abundancia pelos rios Anços, Cabrunças e Ourão, os quaes, vindo alli todos confluir, formam o rio Soure que dá o nome á terra, é vasto, mimoso e fertilissimo. — Mirando-se vaidosa nos tres espelhos, que lhe offercem as cristalinas agoas dos seus rios, Soure tem o seu trono de princeza no meio d'uma extensa bacia, cujo diametro excede talvez mais de 40 kilometros. — Os seus habitantes são joviaes e geralmente obsequiadores. Penhorado para com todos, a quem protestámos ser eternamente gratos, muito principalmente o ficámos para com os exc.^{mos} srs. irmãos Mellos; emquanto por sobre a nossa louza sepulchral se não desfolharem as boninas de nossa existencia, jamais esqueceremos um so momento da nossa vida as altas provas de estima e consideração, que tão nobres cavalheiros se dignaram dispensar-nos, e que gravámos, — para so morrerem commosco, — com caracteres indeleveis em nosso coração.

Jamais poderemos esquecer aquelle passeio á linda e pitoresca quinta da Cruz, cuja caza acastellada é sufficiente prova do bom gosto,

com que ss. ex.^{as} sabem gozar dos bens que a fortuna lhes prodigalizou, e de que são por todos os titulos tão merecedores: tambem não deixaremos de recordar com saudosa gratidão aquella tarde, em que o exc.^{mo} sr. dr. José de Mello mandou que a philarmonica, de que é dignissimo presidente, fôsse tocar á quinta da Madeira, e nem tão pouco esqueceremos tambem a *soiré*, que na noite do 2.^o dia da nossa estada alli, ss. ex.^{as} se dignaram dar — em honra nossa, —

— em sua casa, para a qual convidaram algumas familias particulares, concedendo-nos tambem a faculdade de apresentarmos aquelles de nossos collegas, que quizessem passar uma noite cheia d'alegria e prazer, como aquella foi.

Não podendo deixar de notar aqui a elegancia e boas maneiras com que se souberam apresentar as damas, que alli concorreram, era sobre tudo para admirar o porte magestoso, lhano e delicado da exc.^{ma} dona da casa. Os rasgos de franqueza e urbanidade, com que a exc.^{ma} filha do exc.^{mo} sr. dr. Luiz de Mello recebia a todos os convidados, eram muito para admirar 'numa menina que ainda não conta 15 primaveras. Mas se por suas delicadas e affectuosas maneiras roubava os corações a todos os visitantes, e 'nelles a admiração, a estima e o respeito, não era menos interessante o garbo magestoso e elegante, com que ella sabia apresentar-se 'numa *quadrilha*, nem menos surprehendente o mimo e gosto, com que feria o teclado do seu piano, quando d'elle fazia destacar em torrentes d'harmonia as inspiradas composições de Verdi, e de Rossini.

Entre as variadas peças, que lhe ouvimos executar, maravilhava-nos sobre maneira a que se intitulava *Gorgeios do rouxinol*. Era ella tão bem desempenhada, que por vezes nos chegámos a convencer que aquelles sons eram antes os verdadeiros trinos do plumoso cantor da primavera, escondido debaixo do teclado do piano, que as pulsações das cordas do instrumento: tal era a naturalidade e verosimilhança com que era executada!

E notem que tão aprimorada educação, e qualidades tão nobres e tão raras encontram-se reunidas numa criança, que, além da sua tenra idade, nunca sahio d'aquella terra, nem tão pouco tem tido mestres effectivos, devendo tudo o que sabe ao seu proprio estudo e raro talento. É por isso que ella é estimada pelo avô, estremecida pelo pae, adorada pelo thio, e querida e amada pelo irmão. Deus cubra sempre de benções aquelle portento de virtude, e defenda do halito pestifero a aureola de candura e innocencia, que irradia na frente d'aquelle anjo!

Na 3.^a noite que alli passámos houve a se-

gunda e última récita, dada por nossos irmãos academicos; levaram á scena a repetição da «Modesta» e pela primeira vez «Feio do corpo, e bonito d'alma». Tanto no drama como na farça andaram bem em geral, merecendo desculpa algumas leves faltas, que não podiam deixar de commetter, attento o pouco tempo que tiveram para se ensaiarem, a difficuldade das peças, e o acanhamento do palco.

Entre outros mereceram-nos menção especial — no drama, D. L. de B. no papel de Capitão — M. F. no papel de marinheiro; e — na farça, D. L. de B. no papel de Crispim, e T. no papel de «Feio do corpo e bonito d'alma». Além d'estas peças recitaram-se muitas poesias, sobresaindo especialmente T. na recitação do *Ginja*, e D. L. de B. na recitação dos «Ultimos momentos d'Albuquerque» por Soares de Passos; e no «Gomes Freire» de Palmeirim.

É pena que SOURE não tenha ainda um theatro propriamente dicto, e se esteja a servir com um theatro-celleiro, onde além de se estar com immenso incommodo pela grande falta d'ar e immenso aperto, se passa pela *sensaboria* de não ver o rosto ás elegantes, que se sentam na mesma bancada, que os cavalheiros, mas em frente de todos; vendo-se assim na dura necessidade ou de torcerem o pescoco, ou de procurarem uma posição caricata e ridicula, se querem deixar admirar o gosto e elegancia das *toilettes*, ou os prodigios de belleza, que Deus lhes estampou nas fronte, ao envial-as do ceu para aquella terra de encantos e delicias.

Foram verdadeiramente cheias aquellas tres noites, talvez as melhores da nossa vida academica; cheias, mas cheias de sensações enebriantes, opulentas de delicias celestias, e ferteis de effluvios do mais verdadeiro e delirante enthusiasmo. Parece que todas as bellas de SOURE (a) se haviam apostado a qual havia de «exibir-se mais formosa na elegancia, mais elegante na belleza, e mais attractiva na simplicidade do seu composto». Divisava-se apenas nesta última noite *um não sei que* de suave tristeza e melancholia na physionomia de todas ellas, que se traduzia pela saudade que ao outro dia ia ficar-lhes, ao deixar a mocidade academica aquelle paraizo de fadas. D'esta vez aquelle recinto parecia vistoso canteiro de mimosas e elegantes flores, que a musa Calliope tinha vindo cobrir com o manto de suas candidas azas, ou que a fada Mab convertêra em paraizo terrestre.

Entre todas ellas via-se principalmente uma, a que um frouxo véo de natural tristeza mal deixava entreabrir as petalas, mas a quem aquelle

(a) Contámos cincoenta!

mesmo ar de costumado ou estudado desdem, que á primeira vista parece antes ter seus visos de orgulho e soberba, tornava mais que todas linda.

Era na bancada esquerda, e ornava-lhe o lindo cabello castanho escuro uma rosa branca collocada a capricho do lado esquerdo. Se a visseis, como eu a vi, melancolicamente recostada sôbre aquella mão vaporosa de neve, diríeis ser o anjo da *paixão* «a expandir mágoas, innocencias, tristezas, saudades, perfumes, que o coração aspira, mas que a alma guarda no sacrario das suas mais intimas recordações».

Se a visseis, como eu a vi, languida como a açucena dos valles, pensativa e amadora como o lyrio dos montes, envolta em candidas vestes de fada similhando o floco d'uma nuvem, dilahieis a flor esmaecida, que nas calmosas tardes do estio chora pelas lagrimas da noite.

Se lhe visseis, como eu vi, a fronte magestosa, como o cedro da encosta, mas melancolica e pallida como raio de lua nova, lá veríeis tambem, como eu vi, as capellas virginaes, que em breve vão trocar-se — inferno! — pelas corôas do noivado!

Formosa como uma estatua de Praxiteles, aquella mulher reune na physionomia as mais sublimes perfeições d'uma existencia typica.

Se é verdade, segundo S. Bernardo — que não ha vida, onde não existe amor — muita vida reinou em Soure, durante os tres dias da nossa permanencia alli, porque o amor via-se transluzir no rosto de todos: e se lá houve muita vida e muito amor, tambem lá ficaram e de lá vieram saudades, que nunca se extinguirão. As que lá ficaram deixavam-se ver nas lagrimas que cahiam das janellas no momento da partida; as que de lá vieram, mostrámol-as nós na occasião solemne da nossa

DESPEDIDA DE SOURE

POESIA

RECITADA PELO AUCTOR NO THEATRO

D'AQUELLA VILLA, DEPOIS DA ÚLTIMA DAS RÉCITAS
QUE ALLI DERAM ALGUNS ACADEMICOS

NA SEGUNDA SEMANA DE FÉRIAS DE PASCHOA,
ESTANDO TODOS NO PALCO EM TRAJE DE JORNADA

Da patria tem saudades o proscripto;
A alampada da luz que se extinguiu!
E a estrella que se perde no infinito,
Tem saudades do ceu d'onde cahiu!

E a rola se se vae voam com ella
As saudades da sua solidão;
Dos amores tão seus, da quadra bella,
Que lhe encheram d'amores o coração!

O lyrio tem saudades do seu monte;
Da quadra dos amores o rouxinol;
E quando o sol á tarde esconde a fronte,
O dia tem saudades do seu sol.

Pelas tardes calmosas do estio
Leva a briza saudades do rozal;
E a violeta se nasce em ermo frio
Tambem chora saudades do seu val.

E nós, que tambem somos debeis plantas
Que das letras o sol vem affagar,
Não hemos de verter lagrimas santas
Quando um eden d'amor vamos deixar?!

Não hemos ter saudades d'estes dias?!
D'esta terra?! das flores d'este jardim?!
D'estas noites tão cheias d'harmonias?!
Das vossas sympathias... tudo em fim?!

Se pois nos deste — Soure — mil amizades,
Como terras como tu somente dão,
Tambem de ti levamos mil saudades,
Mas escriptas aqui — no coração!

Coimbra, 18 d'abril de 1864.

F. A. Duarte de Vasconcellos.

EXPEDIENTE

Pedimos aos srs. assignantes desculpa por ter havido alguma demora — que não descuida — na remessa do n.º antecedente: perfazem o maior n.º de nossos assignantes estudantes de Lisboa, Porto, Braga e Castello-Branco, que deviam achar-se em férias, e pelo que receiavamos extrávio dos n.ºs e embaraço no serviço.

Lamentámos a indifferença com que leram o aviso do n.º antecedente *aquelles cavalheiros*, que se têm descuidado de mandar satisfazer o importe do primeiro trimestre. — Com bastante mágoa e pézar, nosso lhes repetimos, que não começamos a publicar-lhes ja os nomes neste número por falta de espaço.

Aquelles senhores, a quem faltar o n.º 3.º e o não receberem junctamente com este, queiram ter a bondade de ó reclamar á redacção, que já se acha reimpresso.

Coimbra, 7 d'abril de 1864.

A Redacção da Chrysalida.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.



UM NOIVADO DE SANGUE

É ella! a noiva! ella a mais formosa;
Que lindo noivo tão gentil que tem!...
Os outros dizem que elle é bem ditoso,
Feliz na posse de tão grande bem.

Almeida Braga.

(Conclusão)

— E o desgraçado D. Fernando? — Perguntou a minha amiga.

— E o desditoso castellão? — Exclamei eu. Fernando chorou por alguns dias a morte de suas doiradas esperanças, e casou, tempos depois, com uma donna muito rica que soube meios de consolal-o com o esplendor do dinheiro.

O castellão, porém, era o pae da suicida; não logrou mais a isenção de lagrimas de sangue; não passou por elle mais um minuto, que não fosse uma eternidade de agonias. Comtudo não succumbiu logo. Dois annos viveu ainda o infeliz e no decurso d'elles, todos os dias ia rezar sôbre a loisa funebre dos noivos da sepultura. No fim d'esses dois annos a morte amerceou-se do desventurado e cortou-lhe o debil fio da pesada existencia.

Depois este castello passou para uns parentes de D. Ambrozio, que nunca se dignaram sequer visital-o.

Que importava aos ricos homens das cidades populosas, os paços acastellados d'estas montanhas?!

Aqui têm em resumo, minhas senhoras, a tragica historia dos donos d'estas ruinas e o final de uma festa, que tantas venturas promettia.

As flores do noivado convertem-se ás vezes em goivos do sepulchro.

— Mas, sr. Vasconcellos, disse eu a rir, — caberá no possivel similhante historia?... Não cabe. O que v. ex.º conseguiu com ella foi provar-nos que tem mui lugubre phantasiar!

Juro-lhe, minha senhora...

— Não jure... Pois como hei de acreditar que dois apaixonados, tão cheios de vida e de bellas esperanças — que nada os impedia de as terem — se fossem apunhalar sem mais *tir-te* nem *guar-te*, manchando um lugar sagrado e cobrindo de lucto e de mágoa uma villa inteira? A sentimental Amelia era então bem hypocrita, bem

má. Seria ella tão *ingenua* que não conhecesse que mais depressa abreviaria a duração de seu pae matando-se, do que contrariando-o? Por que motivo lhe não declarou que amava Antonio de Noronha, e que só com elle podia ser feliz? Porque não supplicou?... Porque não chorou aos pés de D. Ambrozio? Provavelmente para ter o prazer de se matar..

— Outros tempos, outros costumes! Murmurou o sr. Vasconcellos. A fallar verdade, eu tambem não sou lá grande narrador. Talvez não fosse muito explicito no desenvolvimento das scenas ahí esboçadas. A imaginação de v. ex.º supprirá a minha falta.

Isto foi ja conhecido entre um rancho de senhoras, que passeavam por entre as murtas entrelaçadas de silvas e d'outras plantas bravias.

Por fim fomos visitar á capella arruinada do castello uma sepultura, que o sr. Vasconcellos affirmou ser a morada de Amelia e do seu noivo.

Era posto o sol, hora que desperta saudades.

De saudades tinha eu um ramalhete na mão. Lancei-o sôbre a sepultura, e, acompanhando minhas amigas, dirigi-me para casa do sr. Vasconcellos, onde fui mimoseada com um baile inebriante.

Contrastes!!...

Nem as obsequiosas maneiras dos donos da casa, nem as agradaveis conversações, que se agitavam, nem todo o bulicio de tão animada festa me poderam fazer esquecer a narração da tarde.

Mesmo durante a vertigem embriagante das walsas e o perpassar ligeiro das mazurkas me lembrei muitas vezes dos noivos da sepultura!

Ephigenia do Carvalho.

CANTO NO MAR!

Nas aguas dormentes do mar da existencia
Sonhemos aos raios do frio luar!
Sonhemos! qu'a mente s'embebe d'imagens,
E co'essas imagens podemos sonhar!

As brizas vêm cheias de aromas e beijos,
Sussurram na barca que dorme e descansa.
Nas azas tem harpas que cantam nos ares
Martyrio, saudades, amores, esperanza!

Aos doces murmurios das ondas que cantam,
Que placido sonho! que muzica e flores!
Aos doces recórdos do peito que s'ama,
Que banho de crenças! que sonho de amores!

Desliza a canção, e a voz do bargeiro
 Se funde nos gritos das ondas do mar.
 Que orchestra divina! os uivos das feras,
 E as brizas que passam, nos dizem — amar!
 A lua branqueia na areia gelada!
 A praia é deserta: podemos sonhar!
 Amemos! que a vida desliza entre sonhos,
 Dormindo no leito das ondas do mar.

F. A. Felgueiras (Sobreiro.)

CARTA PRELIMINAR

Ao meu amigo o Sr. F. A. D. de Vasconcellos

Sr. Redactor.

Tem insistido com tamanha bondade, que não posso deixar de me prestar a aceitar o favor, que me faz, franqueando-me as columnas do seu semanario.

Quem o persuadiria a querer fazer de mim um escriptor, e de mais a mais escriptor publico?! mal acertada escolha! Mas ja que assim o quer *ahi vae*, como diz um dos seus distinctos collaboradores; mas peço-lhe que se não queixe ao depois, se o publico, estranhando a ousadia, envolver no mesmo anathema, o redactor da *Chrysalida*, e o escriptor improvisado.

Depois de me decidir a escrever, precisava saber o que posso escrever: eu não faço versos, apezar de me considerar tambem poeta como os mais homens, mas fica-me a prosa, que hei de aproveitar como poder; a difficuldade agora está em escolher o assumpto; quer que lhe falle no castello *inpreable* de Vigo, nos amantes de Catharina da Russia, ou no *raboleva* do Imperador da China? Não! estas questões são decerto muito importantes em si, mas creio que não têm cabida na *Chrysalida*.

Não tenho artigo nenhum, que possa apparecer decentemente no seu jornal, apezar da sua costumada benevolencia, sr. redactor; mas espero poder em breve apresentar-lhe algum fructo da minha debil e pouco valiosa penna.

Concluo esta carta, transcrevendo alguns trechos de uma que recebi ha pouco de P... do Sr. Sanct'-Oclud (pseudonymo), meu antigo companheiro de estudo e excellente amigo, que a *Chrysalida* poderá talvez contar ainda no numero dos seus collaboradores.

Transcrevo os trechos na lingua franceza, em que vêm escriptos, porque uma qualquer traducção poderia tirar-lhes o gosto e a graça da originalidade.

A proposito de Byron, diz-me Sanct'-Oclud
 «j'apprendrai à fond la langue anglaise,
 la langue de Byron, ce génie magnifique,
 un des premiers de notre siècle.

au siècle présent il fout une poésie
 rêveuse, mélancolique, passionnée, qui jette le
 trouble dans l'âme, qui vouleverse le coeur;
 à mon avis la littérature des notre siècle se
 trouve personifiée dans Byron.....

Fallando da litteratura moderna em geral,
 diz elle:

«J'aime cette poésie âpre et sauvage que nôtre époque a enfantée.....

..... j'aime ce vague, cette imagination fantastique et sombre que l'on trouve dans Victor Hugo, Lamartine, et Musset.....»

Numa outra carta falla-me elle de M.^{me} de Staël:

«..... quelle sensibilité et quel tact! c'est en vain qu'un homme voudrait l'imiter; la femme est toujours superieur à l'homme par les qualités du coeur; de plus, quand elle égale l'homme en intelligence elle produit des chefs-d'oeuvre que jamais l'homme ne saurait pas imiter: les *Corinnes*, les *Delphines*, peut-être trouvera-t-on que ces deux héroïnes ont au fond le même caractère, qu'elles se ressemblent au beaucoup des points en sorte que ces deux ouvrages pourraient paraître presque la repetition l'une de l'autre; mais, quel génie dans tous les deux, quelle finesse de tact, quel style! quelle manière claire et élégante de démêler les sentiments du coeur les plus cachés!.....

Não cito mais para não augmentar demasiadamente a extensão d'esta carta; acabo aqui agradecendo-lhe, sr. redactor da *Chrysalida*, a sua excessiva benevolencia e delicadeza.

Arimo do C... 21 de março de 1864.

C. B.

DIVAGAÇÕES

Como «a ociosidade é mãe de todos os vícios, assim a necessidade o é da boa industria.»

Maximas populares.

(Continuado de pag. 125.)

E, se feliz é o povo que professa a verdadeira religião; infeliz o que segue a falsa; não o é menos o que despreza aquella para se dedicar a esta.

Esse, renegando os verdadeiros principios, repellindo, ingrato, a verdade que o illustrava, dará por certo um passo *en arrier* na verdadeira senda do progresso, subtrahindo-se assim a lei da perfectibilidade; e seu proceder sera registado na historia adversa da humanidade pelos outros povos, que indignados o olharão com desprezo e odio.

Verdade seja, que tal retrocesso não sera infringir essa lei eterna, gravada com caracteres indeleveis em todos os séres da criação, quando se estabeleça, ou que a religião não influencia no progresso dos povos, ou que todas as religiões são verdadeiras, e consequentemente poderá-se seguir uma ou outra como meio conducente ao mesmo fim.

Pois bem, toquemõs de leve a questão.

Desmrolemos uma a uma as paginas esmaltadas da historia, que é como a memoria da humanidade, onde vão reflectir-se suas grandes e variadas evoluções.

Estudemos a philosophia do progresso; e acharemos por fim que os principios d'esta são d'accòrdo com os factos d'aquella em admittir — que o cumprimento da lei da perfectibilidade está na razão directa da religiosidade dos povos.

Determinada bem a noção d'essa palavra — progresso — cuja extensão é tão vasta, colheremos sempre, á luz da san philosophia, que o seu fundamento é a fraternidade, que lhe serve como de sol vivificante, cujos raios o fazem desabrochar, e desenvolver-se em todos os sentidos. E, de facto, só quando, armando-se todos entre si, se coadjuvarem na consecução de seus fins particulares, é que a humanidade inteira poderá chegar ao estado de civilisação, ganhando, assim, o titulo de civilisada.

E que ha ahí, que nos inspire a fraternidade, senão a religião?..

So ella; porque so ella manda que não haja distincção alguma entre os homens; que pobre, rico, plebeu e nobre signifiquem sempre o mesmo, embora cá *no mundo* sejam termos coloridos com côres mais ou menos agradaveis.

A historia, por seu turno, confirma nossa asserção com factos bem frizantes.

E, senão, lancae um olhar ligeiro sôbre a Roma do tempo de Augusto: vêde, que sumptuosidade, que opulencia!.. notae tambem que lhe falta a moralidade, que é para a união social o que a alma é para o corpo; e, faltando ella, as fibras, que formavam os tecidos sociaes, dilaceram-se. Mas esperae.. continuae lendo a historia d'esta cidade famosa, porque a humanidade não pôde subtrahir-se ao rigor das leis

que eternamente a regem; e vereis por fim esse gigante, que outr'ora causara terror ao mundo, a seus pés tantos povos valentes, vergado até o pó da terra, por um bando de barbaros, que, destacados lá do norte, se lançam, como cães famintos, sôbre esse cadaver ja em putrefacção!.. e ultimamente ponderae, que terriveis são as consequencias da irreligiosidade d'um povo!..

(Continúa.)

Coimbra, 15 de março de 1864.

A. M. S.

TALVEZ!....

Talvez as nuvens que o brilho escondem
Ao meu futuro, se vão rasgar;
Que o soffrimento dos tenros annos,
Inda á ventura faça um altar!

Talvez as crencas, tão cedo murchas,
Possam ainda reverdecer;
E a dôr intensa que o seio escalda,
Se troque em risos d'almo prazer!

Talvez a esp'rança, mimo celeste,
Que entre a desdita se me offuscou,
Renaça ainda, viçosa e fresca,
Brote no peito que abandonou!

Talvez ainda que o amor... quem sabe?
Entre delicias me eleve ao ceu;
Que eu inda brade com voz segura,
— O amor nesta alma, nunca morren!

Talvez que ainda pulses, qual d'antes,
Que inda palpites, meu coração!
E que a desgraça que eu vejo e temo,
Seja um fantasma — negra visão!

Talvez que ainda, lá no horisonte,
Hoje revolto da tempestade,
Resurja o astrô que eu hei perdido,
Desponte a aurora da flicidade!

Talvez o manto de triste crepe,
Em mil pedaços me caia aos pés;
Que eu inda diga — ventura — esp'rança,
Em ti eu creio — sombra não és!

Coimbra, Maio de 1864.

Amelia Janny.

me, saiv e de o **SAUDADES!** morrem a morte

que morte o corpo. Ora, sendo tão profunda-
mente diversa a **ACCIPERE DOMUM.**

D'estes ermos d'aqui, ó minha amada,
quem podera fallar-te, meu amor!
embora a endeixa triste e a voz magoada,
fosse o canto final do trovador!

Embora as cordas íntimas do peito
me estalasses de dor na soledade ;...
ao menos que o meu canto, amor perfeito,
de ti fosse escutado com saudade !..

Saudade, meu Deus, que triste nome
aos labios do proscripto vem pôsar!
Se eu d'êsta negra dor, que me consome,
ir podesse em teu seio descansar !

Se eu fosse, como a nuvem dos espaços,
que vae num ponto agora e noutro logo !
como eu iria agora aos teus braços
matar do coração o ardente fogo !

Iria a toda a parte, se eu soubesse
que de lá me enviavas um suspiro,
iria nos murmurios d'uma prece
pousar nos labios teus o som que expiro.

Iria... mas p'ra que se um laço estreito
o amor em nossas almas ha formado ?..
Por ventura não vivo no teu peito,
como vive no meu teu rosto amado ?..

Quem sabe? Quem me diz se o amor ausente,
proscripto de teu peito agora existe?
Oh! lembrança fatal, brado plangente,
deixa que eu viva alegre, andando triste!

J. Simões Dias.

A FLOR DA CARIDADE

(A UMA JOVEN)

Que bella flor, Maria!... Como brilha
na grinalda gentil que te circunda!
de risos e de bençãos tudo innunda,
do jardim da innocencia é pura filha.

Olha em roda! — não vês como a porfia
t'a bem dizem, t'a cobrem de louvores?
o seu brilho scurece as outras flores.
quanto é bella essa flor! não é, Maria?

Pois bém! guarda-a cuidadosa — não a queiras
abandonar, inda nascente!
Nunca vejas no dorso da torrente
sumirem-se-lhe as folhas derradeiras!

Vive com ella! A flor da caridade,
quando a mansão do Altissimo voáres, —
irá contigo, dividindo os ares,
cingir-te-ha ante o Deus da immensidade!..

Oh! conserva essa flor! Sempre eu a veja
de bençãos mil e de louvores cheia!
sempre eu escute os pobres, que da aldeia
no adro te vêm passar correndo á igreja!

« Olha-a, lá vae ella pressurosa
resar, a mãe dos pobres, na capella
Que sorriso de saneta! Que alma aquella!
É um anjo do ceu! como é formosa!

Seminario de Vizeu, 25 de Janeiro de 1864.

A. Candido.

IMMORTALIDADE DA ALMA

Bem fracos somos para nos propormos á resolu-
ção d'um problema tão difficil, como é o
da immortalidade da alma; mas nem porisso
deixaremos de levantar a nossa debil e fraca
voz contra aquelles, que por toda a parte pu-
blicam alto e bom som, que ceu e inferno é
uma chimera, que outra vida depois d'êsta não
tem realidade.

Collocados entre dois campos, que nos atacam de continuo; d'um lado o materialismo, do outro o scepticismo e o atheismo; os d'aquelle vendo so materia em tudo; os d'este ja duvidando de tudo, ja negando tudo, até o próprio Deus, ficaremos, como christãos, e amantes da sciencia, de braços cruzados, quedos e mudos, em presença d'um e dos outros? Decerto que não. Pois vamos, quanto couber em nossas forças, proycar a nossa these; e para isso servir-nos-hemos de quatro argumentos, que costumam aduzir-se em confirmação do dogma da immortalidade da alma: O 1.º d'estes argumentos deriva do carácter metaphysico da alma, isto é, de sua unidade e identidade pessoal; o 2.º resulta do carácter moral d'ella, isto é, dos seus direitos e deveres, e da sancção que estes presuppõem além dos castigos e recompensas da vida social; o 3.º é deduzido do conjuncto de suas faculdades, de todas as precisões de sua triplíce natureza e da impossibilidade, em que está de satisfazer-as dentro dos limites d'êsta vida; o 4.º finalmente,

é o que tira toda a sua força das altas ideias de justiça, bondade e sabedoria de Deus; mediante o principio de contradicção.

Temos pois, que a demonstração da immortalidade da alma assenta em 4 provas: — uma metaphysica, — outra moral, — outra psychologica, — e finalmente, outra theologica. Examinemos cada uma d'estas provas por sua ordem.

Vamos á prova metaphysica.

Para que a alma haja de sobreviver ao corpo, força é que seja coisa distincta d'elle. O corpo é um conjuncto, um aggregado de substancias, é um todo collectivo e divisivel, que se compõe d'uma infinidade d'orgãos, e cada um d'estes d'uma infinidade de partes, distinctas umas das outras. Mas a alma, mas o principio a que attribuímos a liberdade, a sensibilidade e a intelligencia, é um so e exclusivo. Em cada um de nós não ha senão um ser unico, uma coisa so que sente, quer e pensa, — funcções estas que a não ser essencialmente um so ser que as exerce, seriam impossiveis:

O corpo além d'isso, isto é, o organismo não tem um so instante em que seja o mesmo. Os elementos diversos que o compõem vão incessantemente passando e renovando-se como a agua d'uma fonte. A alma porém, que tem consciencia do presente, lembrança do passado e precisão do futuro, acha-se constantemente a mesma; e esta permanencia de ser no meio das modificações que passamos, é que lhe dá a ideia de tempo; é que lhe revella o segredo da sua duração e identidade pessoal.

Estabelecida esta differença de natureza, está metaphysicamente resolvida a questão da immortalidade da alma; porque, que nos diz a experiencia acerca da morte? A morte é a simples dissolução dos orgãos, é a cessação nesta substituição d'alimentos, pela qual se conservava e desenvolvia o corpo no estado de vida. Logo, se o corpo morre dissolvendo-se porque é um composto, um aggregado de substancias, a alma que é uma substancia simples não morre, não pôde morrer como morre o corpo, nem coisa alguma nos auctorisa a pensar que ella morra com elle.

Kant na sua critica da razão pura diz, que Deus por um acto da sua vontade pôde aniquillar um ser, que não podera dissolver, pôde matar um ser simples.

Esta objecção de Kant assenta numa chimera, porque presuppõe um genero de morte, que ninguém conhece. O que aqui se tracta de saber é — não, se a alma em razão de sua unidade e simplicidade é absolutamente immorttal, — mas se na economia de sua natureza, — se na essencia de sua individualidade ha coisas, que a

forcem a morrer no mesmo ponto de vista, em que morre o corpo. Ora, sendo tão profundamente diversa a sua natureza, em relação ao corpo é absolutamente impossivel comprehender, como a morte, que se opéra pela dissolução de partes, haja tambem ferir a existencia d'um ser que as não tem.

Mesmo, quando se diz que o corpo morre, não se quer dizer, que se aniquilem as substancias, de que se compõe o corpo. O corpo morre quando estas se desprendem do estado de aggregação, em que as tinha a vida; mas é tão difficil comprehender a aniquilação, como a criação de qualquer d'ellas. Ora se o que a experiencia nos mostra por um lado é que neste mundo os corpos se decompõem e transformam incessantemente sem que todavia pereçam quaesquer dos elementos d'elles, como é que havemos de pensar e crer que morra a alma, substancia inteiramente; simples, reductivel, e que tanto se avanta ao corpo?

(Continúa.)

CHRONICA

Voltemos ainda a *Souré*. Vamos observar os effeitos da chronica passada; ouçamos o que por lá se diz do *chronista*: attenção! nem um sapt! lá ouvi!... coisas incriveis!.. 1.ª que o *chronista* é *aristocrata*; 2.ª que é *historico*; 3.ª que veio apaixonado de lá.

Ah! ah! ah!

Tres aleivosias, ou por outra, tres falsidades que merecem as honras de tres gargalhadas, como as que o *chronista* sabe dar.

O *chronista* não é *aristocrata*, porque veio do pó, jaz no pó e beija com amor o pó em que rasteja. Chamar-lhe pois *aristocrata* é atirar-lhe aos *queixos* com a mais amarga ironia, ou jogar-lhe o sarcasmo mais pungente; porisso o *chronista* responde á 1.ª das falsas supposições com uma gargalhada.

Responde com outra á 2.ª; porque o *chronista* nem é *historico*, nem *regenerador*: é apenas um *nada politico*; e nem mais, por em quanto, lhe convém ser.

Convicções *politicas*, se ja as nutre no peito, não lhe convém por ora propalal-as; mas, que as propalasse, que as identificasse mesmo com as d'este ou d'aquelle partido, que tinha com isso alguém?! Pois não tem o *chronista* liberdade d'opinião, como tem liberdade de religião, liberdade de consciencia, ... e todas quantas liberdades se pössam conceber no espirito do homem?!

Se pois elogiei os srs. Mellos, foi porque não mereceram, e muito pouco disse, pelo receio de offender sua modestia, para o muito que vim penhorado para com ss. ex.^{tas} ant.^{as} srs. srs.

Não idolatrei a nobreza, nem prestei culto á politica de ninguém. Tributei preito de gratidão aos cavalheiros que me estimaram, honraram e obsequiaram; e, se o fiz, é que entendi, que assim o podia fazer, e não tenho porisso a dar satisfações a *ninguem* de *Soure*, porque durante o tempo, que ahí permaneci, estive numa hospedaria, e não me lembro ter ficado a dever nada a pessoa alguma d'aquella terra, a não ser muita estima e delicadeza, com que todos me tractaram, e que eu creio ter a todos retribuido igualmente.

Para mim ha uma so nobreza — a que é filha d'uma alma nobre e virtuosa como a dos srs. Mellos; não beijei pois os pergaminhos de seus avós; beijei, agradecido, as suas mãos pelos obsequios que se dignaram prestar-me; seria um refinado ingrato, se assim o não fizesse, e a ingratidão é um monstro, que além de detestação me infunde horror!

Ha para mim tambem uma politica so — a politica, que, assentando nos bons principios de moralidade e de justiça, respeita acima de tudo e de todos o principio fundamental da natureza humana — a sociabilidade.

Não era pois allí o lugar proprio para a manifestação de minhas convicções, por que nenhum d'estes principios conheci na politica de *Soure*, que longe de levar os cidadãos á felicidade, á harmonia e coexistencia social, condul-os pelo contrario á facção, á discordia, á desintelligencia, ao retrocesso, e ao misantropismo, porque é uma politica facciosa, discolor, desintelligente, retrograda e tacanha; e uma politica assim não pôde fazer a felicidade d'um povo, porque, que desconjuntando-lhe os membros, tira-lhe a unidade e a força, e esse povo, não podendo então caminhar, por enfraquecido, ou estaciona de todo, ou então por não poder obedecer a um quietismo absoluto, que é o estado antithetico da humanidade, caminha, mas para trás — para o abysmo, e não para deante — para a luz. Eis *Soure*, enquanto os seus habitantes não tiverem coragem bastante para arrancar do seio d'ella o cancro roedor d'uma politica assim, que se a não poder matar de todo, que isso seria quasi impossivel, hade pelo menos por longo tempo, fazer-lhe arrastar uma existencia infésada; porque allí entra politica em tudo; a politica vae ao theatro, acompanha com enthusiasmo phrenetico por toda a parte as philarmonicas (a);

(a) Ha lá duas, cada uma de seu partido.

assiste á *semanaria sancta*; anda conosco pelas ruas, repara a quem tirámos o chapéu, a quem apertámos a mão, e ma força com que a apertámos; observa a quem dirigimos nossos olhares, toma conta na força d'expressão com que os lançamos; a politica vae lá conosco ao baile, não pôs deiza numa *quadrilha*, numa *walsa*, numa *polka*, numa *schotsi*... e finalmente é tão confiada e atrevida, que até nos não deixa sós, quando se falla ao *derriço*... Vejam, caros leitores, que tal é a *politiquinha* d'aquella terra! até o *chronista*, até a *Chrysalida* — pobre insecto — queria apanhar na sua téa d'aranha... Mas d'esta vez falharam-lhe os calculos; para outra vez sera, ja que d'esta não pôde ser; bem se lhe fez a diligencia, mas o *chronista* conhecia-a demasiadamente, e ja ha muito, para-lhe saber presentir a estrategia! — e foi por isso, que, na última noite, em que a philarmopica *historica* se dignou acompanhar os estudantes na sua despedida e agradecimento ás auctoridades, elle tomou a iniciativa, e se poz á frente de todos, (ainda que bem sabia-lhe não competia por não fazer parte da associação dramatica) — para evitar qualquer lapso, que algum de seus collegas podesse commetter na melhor fé e offender assim susceptibilidades, sem nem sequer o presumir. E apesar de tantas cautellas e prevenções, ainda por lá se tem dicto tanta coisa! Louvada seja a politica de *Soure*!

E é pena! porque *Soure* é, como ja dissemos, uma das melhores villas que rodeiam Coimbra; mas não ha formosa sem senão. O d'esta é a sua *mal entendida politica*; se assim não fôsse, *Soure* poderia vir a ser em breve uma terra até de primeira ordem. *Soure* achase hoje ligada a Lisboa e ao Porto pela linha ferrea; á Figueira pelo seu rio, que vae desaguar no Mondego em Monte-mór; e a Coimbra pela linha ferrea, pelo mesmo rio, e por uma estrada de macadam, depois de concluido o curto ramal, que tem de a ligar a Condeixa; e além d'isso sendo, como ja dissemos, uma terra fertilissima, tem todas as condições para bem poder prosperar pela industria agricola e commercial, que são sem dúvida as duas fontes de riqueza mais proprias para tornar feliz uma povoação qualquer. Mas d'esta maneira é impossivel a prosperidade d'aquella terra, porque o progresso, que é o resultado d'uma lei geral, não se circumscreve em certos e determinados limites; a sua área estende-se por toda a parte, como o poder immenso de Deus, de que ella é o reflexo; é necessario que a par do desenvolvimento do corpo ande o desenvolvimento do espirito; é necessario que ao lado das artes marchem as sciencias; que

a par do progresso material caminhe o progresso moral. O commercio e a agricultura, sendo aliás as condições principaes, não são comtudo as unicas e exclusivas da prosperidade d'um povo: qualquer. É necessario que o espirito, que é d'uma actividade continua, tenha sobre que a faça actuar nos momentos em que o corpo, alquebrado pelo trabalho, procura o repouso e o descanso. SOURE pois necessita d'um theatro onde o espirito vá recrear-se nas divagações da poesia dramatica, e onde o homem possa aprender a estudar e a conhecer a sociedade, no meio da qual tem necessariamente de viver; e carece absolutamente d'uma casa d'associação, onde, a par d'um gabinete de leitura, haja aquelles jogos, que a decencia não prohibe, nem a boa educação reprova. Alli em conversação amena e familiar hão de extrear-se mais os laços d'amizade e de sympathia, e promover-se a felicidade no seio das familias; mas para o conseguimento de tudo isto é necessario que todos os sourienses se convençam, d'uma vez para sempre, de que uma politica assim não é politica, nem é coisa alguma; e que por isso a devem desterrar d'entre si, acordando todos num so principio e num fim unico — a felicidade commum.

Emquanto á 3.^a conjectura, que por lá se faz a nosso respeito, so responderemos, que lamentamos que ainda em SOURE se leia um folhetim ou uma chronica de theatro com o mesmo sangue frio e seriedade, com que se lê um artigo de fundo ou um noticiario. Se a avaliar por algumas allusões, aliás as mais puras e innocentes, que fiz na chronica passada, se podesse d'ahi concluir que tinha trazido de SOURE alguma paixão, devia concluir-se tambem que eu tenho tido tantas paixões, como de bellas eu tenho commemorado por esse mundo de chronicas de bailes e theatros; e onde iria ja este pobre coração?!

Não vejo tão perto, apezar de miópe, que me não conheça a mim proprio! Sei que tenho um coração bem infeliz para merecer as honras d'uma tão nobre paixão, como a que se lhe pretende attribuir; e ainda que uma rajada de demasiado amor proprio, podesse extinguir-me a luz que me mostra tudo isto, Deus me livre de ir envenenar esperanças, de quem outro coração ha tanto se alimenta! Não! Costumado so ao rigor de desapaixoados soffrimentos; affeito so a ver sempre uma traição esconder-se nas pregas d'um sorriso, ja tenho, com o poeta, por muitas vezes bradado:

Eu não tenho na terra os meus amores!
Alma afinada pelo som da minha
So existe no ceu! — é nivea estrella!

Mas basta de SOURE.

Voltemos agora a Coimbra. Esta velha preguiçosa e mandriona acordou da sua costumada somnolencia no dia 10 do corrente, porque neste dia o silvo esganicado da locomotiva, que é o port-vois da civilização d'este seculo, veio annunciar-lhe, que o progresso lhe batia á porta a procural-a; ella com ar alegre — d'uma alegria estouvada, despertou do seu somno longo e profundo, e erguendo-se do seu leito de torpor, espavorida e espantada pela presença d'um tão respeitavel e venerando hospede, recebeu-lhe a visita com alvoroço e enthusiasmo de louca. O seu passeio favorito de hoje é para a estação; o assumpto forçado e mais animado de toda a sua cavaqueira é o caminho de ferro; em dias sanctos ou vespuras de feriado os trens particulares e os omnibus cruzam-se continuamente em todas as direcções, e por todas as ruas principaes do bairro baixo.

Nisto, e nesta parte, ja quasi que se parece com Lisboa; mas os seus tão lindos e pitorescos passeios, esses, se não morreram de todo, muito perderam do que valiam. Aquellas poeticas e saudosas digressões á melancolica *Fonte dos Amores*, á encantadora *Lapa dos Esteios*, á alegre *Fonte do Castanheiro*, ao poetico *Penedo da Saudade*, ao solitario *Penedo da Meditação*, e aquellas

idas a Cellas,

E as formosas tardes bellas,

Passadas da ponte no O,

trocaram-se hoje pelas idas a Souzellas, á Mealhada, á Aveiro, ás Devézas, á Serra do Pillar,

e finalmente ao Porto.

Hoje diz-se em Coimbra —

— queres vir passear

até ao Porto? — com tanta singeleza, como até

aqui se dizia — queres vir até ao jardim? E se

a leitora duvida d'esta linguagem, pol-a achar

demasiadamente hyperbolica, mas que á *fe de*

chronista lhe juramos ser verdadeira, venha até

Coimbra, e verá que lhe não mentimos. Cousa

pásmosa! Como o Icaro da Fábula, o homem

transporta hoje não so os seus pensamentos,

mas a si proprio, num instante, d'um polo a outro

polo da terra! Tal é ja o poderoso dominio

do espirito do homem sobre a subjugação

da materia, d'onde elle se esforça por liber-

tar-se! Mais alguns seculos de continuo pro-

gredir, e a humanidade terá talvez tocado o

zenith da perfeição de que é susceptivel, porque

se terá quasi aproximado da perfectibilidade di-

vina, sem comtudo lhe poder tocar sequer. De-

pois?! Depois o seu progresso será o retrocesso,

e d'esta maneira o *motu-contino* sera talvez a

lei fundamental, que rege os destinos da humanidade.

A academia tem ido mesmo de batina no caminho de ferro até quasi ao Porto; apoiámos a ideia; ja que nos não querem dar um hábito qualquer, que nos distinga, quando d'aquí sahimos para qualquer parte; vá-se então de batina, que é mais commodo e mais bonito; apoiados, rapazes!

Em D. Luiz tem-se-nos moído a paciencia com o *rabo da caçarola*, que ja foi á scena quatro vezes. É ja *rabo* de mais, que ja parece mais *be-xiga* do que *rabo*. A peça — do genero burlesco, é de nenhum interesse, como é geralmente reconhecido por todos: ainda assim tem-se feito valer bastante José Novaes e Apolinario. Tem-se além d'isso tornado de especial interesse os quadros e as vistas do scenario, que são surprehendedes, são obra do sr. Macedo, que pôde chamar-se affoitamente um scenographo de 1.^a classe. A musica dos côros tambem é linda e mimosa, mas tem sido no geral desempenhada mal por todos. Não nos parece porém que a culpa tenha sido do acompanhamento da orchestra, porque a temos achado nestas ultimas récitas excellente. Mas concluindo, repetimos: tanto *rabo* é que ja aborrece; outra coisa; outra coisa, que não queremos ver sempre o theatro um deserto, porque inda que a peça seja excellente, quando lhe falta a concorrência e muito principalmente pelos camarotes, falta-lhe a vida, e um theatro sem vida converte-se num cemiterio, e um cemiterio infunde-nos aborrecimento e horror. — Houve assembleia geral academica em que se decidiu que se pedisse a S. M. a graça da dispensa d'acto; não nos pertence avaliar o proceder da academia, nem tão pouco se ella por todas as circumstancias merece ser este anno attendida com uma graça tão honrosa; não podemos ser juiz em causa propria; mas se o podessemos ser diriamos ao menos em nosso favor, que não pôde ficar mal ao character do Rei, — que tem felizmente atravessado um anno so cheio de venturas e felicidades para o seu coração, — dar tambem depois d'um anno, so cheio de trabalhos e fadigas, ao menos um dia repleto d'alegria e prazer a uma corporação que consome os melhores de seus dias, devotando-se á causa do Rei e da Patria.

Aos nossos collegas — á imprensa desinteressada, deixámos o avaliar despreoccupadamente d'uma acção não menos lisongeira para a briosa mocidade academica, que nobre para a alma do Monarcha.

Coimbra, 16 d'abril de 1864.

Duarte de Vasconcellos.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Recebemos, agradecemos e recommendámos as *Estréas* — um volume de prosa e verso pelo distincto academico do 5.^o anno juridico, o sr. J. M. da Cunha e Seixas: é um livro bastante curioso e instructivo, principalmente na parte — prosa.

Vende-se em Coimbra nas livrarias do costume.

SOL Á SOMBRA

Com este nome acaba de sahir do prelo, e vende-se nas principaes livrarias de Coimbra, Lisboa e Porto, um pequenino poemeto do sr. J. Simões Dias. O joven poeta, que cultiva com continuo afan e ardor a mimosa flor da poesia, além d'este livrinho publicou ja o anno passado o *Relicario*, e tem ja para publicar no anno seguinte um lindo drama — *A Mão de Deus*. — Tenciona celebrar cada anno da sua vida academica com uma nova producção.

A acção que elle teve em vista narrar neste poemeto, é uma acção verdadeira, e que teve existencia real, o que tornou o livro muito mais interessante pela verdade do assumpto.

Isto e o nome de seu actor basta para tornar o livro bastante recommendavel.

NOVO JORNAL

Tracta-se da publicação d'um novo jornal — *A Independencia nacional* — que sahirá semanalmente. É devido á iniciativa d'um mancebo que se dedica do coração á cultura das letras e á defesa das ideias de nacionalidade.

A ideia e a empreza merecem coadjuvação.

A Um estudante albicastrense

Agradecemos a mimosa e linda poesia que fez favor de nos enviar, e participamos que, se a quer ver publicada no nosso jornal, tenha a bondade de nos mandar o seu nome, em carta fechada, reconhecido por tabellião, pois que não publicámos tão bons escriptos sem reconhecermos a authenticidade d'elles, para obstar qualquer concurso de pretensões que possa dar-se.



PERDÃO D'ACTO

A academia de 1864 desejando conservar o direito, que nunca foi negado, quando noutras eras se achavam em eguaes circumstancias os seus antecessores, usando das garantias que lhe confere o governo constitucional, foi, não ha muito, pedir ao throno uma graça, com o respeito deydo á soberania. Com as solemnidades do estylo, se nomeou uma commissão composta de cinco membros para ser a intérprete dos sentimentos da academia unanime sôbre o perdão d'acto.

A petição foi formulada nestes termos.

Representação academica

Senhor!

Ha no evangelho social um artigo, que, exigindo respeito ao Chefe do Estado, impõe a obrigação d'amor pelo Rei.

Nem a obrigação tem sido esquecida, nem a exigencia olvidada.

A nação olhá para o Chefe do Estado como para a Providencia, que, no seu constante velar, protege a independencia, a fôrça, a industria, o commercio, a sciencia — as rodas do machinismo social, o desinvolvimento intellectual e material do paiz. É por isso que a nação inteira festeja sempre a feliz nova, de que no jardim dos reis desabrochou flor mimosa, que, propiciada por Deus, virá mais tarde a ser o herdeiro da corôa de Portugal: — fácil de supportar, se o bem-estar nacional é o horisonte do Chefe do Estado: pesada, se for esquecido. É por isso que sempre se festeja a appareção d'um novo Moysés, mandado por Deus a fazer respeitar o decalogo nacional.

A 16 de setembro de 1837 nasceu o primeiro filho da virtuosa Mãe de Vossa Magestade: todos confiaram que o neto seria a continuação da ideia do avô, transmittida na educação pela Mãe. Exultaram as artes, presentindo

o impulso que a mão do rei lhes daria; folgaram as sciencias pelo amplo desinvolvimento, que esperaram dever á intelligencia robusta do sabio Rei; as liberdades publicas postaram-se alerta, antevendo receber a maior garantia possivel, que lhes podia dar um Rei, predestinado a entender a verdadeira missão constitucional. E a sua aspiração realisou-se.

Foi neste anno, Senhor! que a Mãe de Vossa Magestade, sempre lembrada entre nós, mostrou até onde pôde chegar a alegria da Mãe que pela vez primeira sente nos labios o calor do osculo filial; foi então que deu o exemplo de dedicação pelos filhos, mandando-os para o seio materno a gosarem da bonançosa vida da familia — elles, que peregrinavam, havia 8 mezes, por terra isolada de affectos de pae e mãe.

Foi, por que comprehendeu, sentindo, o amor de mãe: foi, porque viu no riso do Senhor D. Pedro V a resposta que a natureza põe nos labios do filho ao *amo-te* da mãe: foi por querer a denominação de Mãe extremosa por todos que bem comprehendessem o fundamento da graça régia.

A Carta de Lei de 9 d'abril de 1838, traduzindo o costume, nunca interrompido desde o primeiro fundador d'esta Universidade, foi a repercussão da alegria sentida pelos academicos de 1838; foi o echo do júbilo que no coração da Mãe fez a dedicação expansiva pelo filho.

Era a virgem das graças que vinha habitar entre elles; era a atmospherá pura da primavera substituindo o frigidó inverno d'uma longa separação.

Era luz ao pe de treva.

Surge á vida o príncipe D. Carlos; beneficia Deus Vossa Magestade com o sublime dom da paternidade: no Seu livro ha mais o nome de duas almas paternas representadas no indice por um anjo, laço d'amor d'essas almas ja coadunadas nesse amor: planta Deus no coração paterno semente, que, cultivada, sera árvore de amena sombra, onde Vossa Magestade irá repousar da fadiga da governação pública.

E a vida sera esquecida; o dom rejeitado; o anjo expulso; o laço quebrado; a semente miurrada; a árvore cahida; e a sombra deixada?

Não; a Mãe de Vossa Magestade no exemplo traçou leis que ainda vigoram.

Vemos todos uma vida a expandir-se, e todos psalmodeiam, para que nos não seja roubada. Herdeiros das tradições, usos e costumes passados, ao Rei entoámos um cantico; ao Chefe do Poder mandámos uma prece — EXEMPÇÃO DA ÚLTIMA PROVA PÚBLICA QUE O ESTUDANTE DÁ NO FINALISAR DO ANNO.

«Não pedimos perdão de sciencia, Senhor!

Os ouvidos do Rei são surdos a taes rogos: ja o sabemos. Do coração do academico não partem pedidos baixos: sabe-o quem conhecer a bandeira, que seguimos. A synthese do acto não destroe a prova analytica de oito mezes. Quarenta e oito horas, Senhor! não annullam todo um passado de gloria. A nossa sciencia está formada; falta-lhe o ponto final. A sua escusa é o que pedimos. Foi este ponto que a Filha de D. Pedro IV, por sua régia munificencia, concedeu aos academicos de 1838.

E nós, Senhor! esperaremos pelo prazo fatal?! E D. Carlos não lembrará ao Pae a graça concedida pela Avó?! E a academia d'hoje não sera tão dedicada ao Chefe do Estado, como a academia passada?!

Uma prece ao throno nunca ficou em silencio. Não é perdão que pedimos! aqui não ha reu. Pedimos graça: —VOAR DEPRESSA AO CENTRO DA FAMILIA PARA JUNCTOS ORARMOS A DEUS PELA DILATAÇÃO DAS VIDAS DO REI E DA RAINHA DE PORTUGAL; PARA O CEU DEIXAR CAHIR ORVALHO BENEFICO SÔBRE A EXISTENCIA TÃO CARA E TÃO NECESSARIA DO PRINCIPE D. CARLOS.

Coimbra, abril de 1864.

Joaquim Jose Maria d'Oliveira Valle.

Pedro Victor de Sequeira.

Casimiro Antonio Ribeiro.

Henrique de Bessa.

Manuel d'Oliveira Chaves e Castro.

Ao sr. Ferrer, reitor, da nossa universidade nomeámos procurador em Lisboa. Recebido o nosso requerimento, respondeu-nos com a seguinte

Carta

«Ill.^{mo} Sr. — Recebi a estimada carta de v. s.^a e de seus illustres Collegas da Commissão com a representação em nome da *nossa Academia*, para obter perdão d'acto.

«Hontem appresentei-a ao ministerio do reino; e, como *bom procurador*, ponderei a favor d'ella tudo, quanto a *minha intelligencia me suggeriu*. O Duque prometteu decidir em poucos dias esta pretensão. Provavelmente ouvirá o Conselho de ministros. Veremos o que decidem.

«Sou com muita estima e consideração — De v. s.^a — Am.^o cr.^o aff.^o e mt.^o v.^o — Lisboa 24 de Abril de 1864 — *Vicente Ferrer Netto Paiva.*»

Em vista dos esforços, que o sr. Ferrer diz ter empregado, e em vista do modo como foi

formulado o nosso requerimento, em vista das justissimas razões que allegámos, em vista do silencio do governo sôbre o que por direito nos competia (pois que sabendo elle quaes eram as esperanças da academia sôbre o perdão d'acto, as não havia desmentido), parece que não havia ou não devia haver myopes, que em nós não vissem a razão e a justiça: mas infelizmente para Portugal houve-os: digo, para Portugal, porque os homens que nos regem foram os que lavraram isso que por ahi se estende. Ouçam:

Portaria

«Tendo sido presente a Sua Magestade a representação dos estudantes de Coimbra, pedindo exempção de fazer actos no actual anno lectivo, graça que os mesmos alumnos sollicitam em comemoração do nascimento de Sua Alteza o Principe Real, o Senhor D. Carlos.

«Considerando que os mais gratos testemunhos de respeito, que a mocidade esperançosa da Universidade pôde dar pelo feliz natalicio do Principe Real, são os exemplos de aproveitamento nos seus estudos, e todas as demais provas de que serão dignos um dia, ao entrarem na vida pública, de merecer a confiança do Rei e da Nação;

«Considerando que da exempção dos exames nunca resultam para os estudantes verdadeiras vantagens, senão graves inconvenientes, por que os bons folgam sempre de dar provas públicas da sua aptidão, para justificarem o direito que possam ter ás condecorações academicas; e os incapazes de dar essas provas, tendo de transitar para os annos ulteriores de seus cursos, ver-se-ão depois nos actos d'esses annos na impossibilidade de dar conta de si em consequencia da ligação das materias dos cursos, sendo dos mais graves resultados uma reprovação 'nessas circumstancias, porque quasi os impossibilita de se rehabilitarem por causa do grande número de disciplinas, que são obrigados a estudar;

«Considerando que a concessão da dispensa dos exames dos alumnos da Universidade seria uma excepção, que os collocaria 'numa situação menos airoza ao lado dos alumnos dos outros estabelecimentos litterarios e scientificos, que não pediram tal dispensa;

«Considerando que sendo o requerimento assignado apenas por cinco estudantes, sem a declaração de representarem a academia nem serem delegados d'ella, se mostra que o pedido a que se refere o mesmo requerimento deixa de exprimir o voto não so da maioria da academia, mas nem sequer d'uma parte importante d'ella,

podendo deduzir-se d'este facto que a academia em geral reconhece o anachronismo d'uma medida contrária aos verdadeiros principios de instrucção;

«Considerando, finalmente, que a excepção dos actos é uma dispensa de lei, que não cabe nas attribuições do poder executivo: Ha por bem o mesmo Augusto Senhor mandar declarar, que não póde ser concedida a dispensa dos actos, requerida pelos supplicantes.

«Paço d'Ajuda, 25 de Abril de 1864. — Duque de Loulé.»

Não fazemos commentários: os jornaes da localidade pouparam-nos esse trabalho para nós tão penoso. Como, porém, se não encontram neste documento razões que destruam o fundamento da petição academica, foi dirigida ás côrtes por intermedio do sr. Thomaz Ribeiro esta nova

Representação

«Senhores deputados da nação portugueza: — A academia de Coimbra, reunida em assembleia geral, no dia 18 do corrente, constituimos em commissão, a fim de que implorássemos de Sua Magestade a graça de dispensar-nos da última prova dos nossos trabalhos academicos. Pediamos esta graça em commemoração do fausto nascimento do principe herdeiro da coroa de Portugal.

«É a vós, senhores deputados, que nos dirigimos hoje. Quando recorremos ao poder executivo, não ignoravamos, que era a vós que deviamos requerer. Esperavamos, porém, que o govêrno, tomando em mão o nosso pedido, vol-o apresentasse como de iniciativa sua.

«Esperavamos que não tivesse d'úvida em reconhecer, como representantes da academia aquelles, que a esta haviam merecido tão alta honra, pois que, quando uma outra commissão cumprimentava aqui Suas Magestades, nenhum dos membros do actual govêrno se lembrára de pedir aos representantes da academia o seu titulo de procuradores.

«Esperavamos, enfim, que se o govêrno entendesse, que Sua Magestade era incompetente, não affrontasse com considerandos de todo o ponto inúteis a commissão que se lhe dirigira, e a academia que ella representava.

«A vós, pois, senhores deputados, em nome da academia, que nos constituiu de novo seus representantes, pedimos que se nos faça justiça, e reconheça o nosso direito; o nosso direito, sim, porque é costume não interrompido desde o fundador d'esta Universidade, o conceder dis-

penza da última prova dos nossos trabalhos academicos, pelo nascimento do herdeiro presumptivo da coroa.

«No tempo do govêrno absoluto, faziam os monarchas, que tinham então poder legislativo, esta concessão; e no tempo do govêrno representativo, que felizmente nos rege, ainda ella foi ratificada pela Carta de lei de 9 de abril de 1838.

«Senhores deputados: a academia de Coimbra não despreza, nem descarta o estudo e a sciencia; a academia, nascida no meio das ideias civilisadoras e progressista do seculo actual, estima e preza a illustração como mobil do verdadeiro progresso. Mas a academia, conscia da sua dignidade, não quer ver seus brios offendidos e seus direitos prostergados.

«Assim esperamos que vós, os sacerdotes do santuario das leis, não sereis surdos aos brados da justiça que sollicitamos.

«Coimbra, 29 de abril de 1864. — Joaquim José Maria de Oliveira Valle — Pedro Victor da Costa Sequeira — Casimiro Antonio Ribeiro — Henrique de Bessa — Manuel de Oliveira Chaves e Castro.»

No dia 30 do mez passado a academia partiu para o Porto a fim de evitar alguns conflictos, que poderiam ter logar com a tropa, que para aqui foi mandada (não sabemos para que!).

Todos os dias têm partido academicos para o Porto, e os que ficaram em Coimbra, porque as suas circumstancias os obrigaram, assignaram hoje o seguinte

Manifesto

«Irmãos: — Applaudimos a vossa heroica resolução. Não vos acompanhamos com os nossos corpos, porque circumstancias embaraçosas nos retêm em Coimbra; mas nossos animos, nossos votos, nossas sympathias estão convosco. Correnos nas veias o mesmo sangue, que são os mesmos brios, o mesmo pundonor, e a mesma honra. Não precisaes ahi da força de nossos braços: portanto, aos que vos não seguiram, ninguém poderá chamar invalidos ou covardes. Temos todos a mesma altivez d'alma, a mesma energia de vontade, e uma interrupção d'algumas leguas não dá quebra a esta grande solidariedade moral.

«Quando uns fanaticos arrancaram dos punhaes contra Cezar, este offerecia o peito, cobrindo a cabeça com o manto, para não ver os rostos dos assassinos afeiados por villan ingratição.

Seja a nossa attitude a do grande romano.
Conservemo-nos quèdos e serenos, e tapemos
os olhos, em quanto esses que vilipendiaram a
academia, tiverem levantado sòbre ella a arma
do escarneo e da injúria.

Esta será a nossa resistencia ja que outra
nos è impossivel.

O mesmo golpe que descarregarem sòbre
vós aqui o aparámos.

Podeis manifestar a todo o paiz este jura-
mento, que prestámòs em vossas mãos.

Os abaixo assignados adherem às vossas in-
tenções e aos vossos actos, e prostam-se a com-
partilhar convoscò todas as consequencias ainda
as mais funestas.

(Seguem-se as assignaturas).

Aqui poucos academicos estão, e esses poucos
esperam com ansiedade as medidas do govérno,
que parece mudo á causa da academia!

CONFISSÃO DE UM LOUVELACE DA BORDA D'AGUA

LOUVELACE

Meu padre, eu tenho
D'amores cinco;
Com tôdas brinco
Sem ter amor.

Eguaes protestos
A todas faço;
Meu peito è aço
Não sente ardor.

Finjo transportes
Apaixonados;
Ternos cuidados
Finjo tambem.

Com tudo isto
Eu me entretenho:
Padre convenho
Amar ninguem.

PADRE

Meu filho, è isso
Grande peccado;
È ser malvado,
È enganar.

Talvez um dia
Sejas punido:
O deus Cupido
Se ha de vingar.

Negros ciumes
Accendes nellas;
Feias e bellas
Eguaes te são.

Por toda a parte
A rêde lanças;
Nunca te canças
Da vil traição.

LOUVELACE

Meu genio è esse;
Nasceu commigo;
O tal castigo
Não sei temer.

Amor è sonho
Que dá tormento:
Meu pensamento
È so prazer.

Affecto, zangas,
Depois ternuras;
Que as imposturas
São gostos meus:

Soffrer amante
So meia hora:
Paixão agora,
Dopois... adeus.

PADRE
Meu filho, attende
Ao meu conselho:
D'um padre velho
Verdade vem.

Olha o que digo,
Respeita as damas,
Se è que te chamas
Homem de bem.

Procura a noiva,
O casamento:
Finda o tormento
Do seu lidar.

A borboleta,
Que as flores beija,

Também deseja
Por fim pôsar.

LOUVELACE

Que dizes, padre,
Ver-me casado?!
Ter a meu lado
Uma mulher?!

A variedade
De mil cada anno
É doce engano
Do meu viver.

Adeus, meu padre,
Tantos conselhos,
Que de joelhos
Ouvir-te vim,

Não me convencem:
Mulher é pouco
Por todas louco,
Todas p'ra mim.

Lisboa... 1863.

Clotilde.

Pobre é ainda o homem, que
sobre a cabeça tem tres coroas,
quando nellas se não ve engas-
tado o diamante da virtude.

...

O Principe e Monarcha da terra, que veste a purpura, que empunha o sceptro da realesa, que estende o dominio por sobre as vastas provincias, de que se compõe o seu reino, não, não é ditoso, não encontro nelle a felicidade; alli mesmo sentado em seu throno mui subido está sujeito ás privações da vida, aos trabalhos, ás enfermidades, e á morte. Menos ainda são ditosos os ricos do mundo, que vivem nos mimos do fausto e da grandeza, que esses mimos são leves e passageiros, desapparecem como a sombra da noute ante os doirados raios do sol, fogem, como o sulco do navio la na vasta amplidão do mar. Nem alfim são ditosos os que o mundo chama ditosos; o sentimento da dor lhes vem quasi sempre apos as grandes alegrias; muitas vezes do fastigio da grandeza e elevação, em que vivem, são impetuosamente arrastados ao abysmo da miseria.

Eu na terra não encontro felicidade.

Dos botões d'alegria, que desabrocham no ri-

goroso clima da vida, poucos são, os que abrem em flores, sem que a dor e o tormento os façam murchar e seccar.

A historia, esse espelho fiel, que nos põe á vista todas as feições do triste quadro da vida bem plausivel apresenta esta verdade. Cesar no meio de tantos triumphos, cingindo a fronte activa com os verdes loiros de tantas victorias; é barbaramente apunhalado no senado. O filho de Jupiter Amon, que aspirava á conquista do mundo inteiro morre miseravelmente num banquete. Napoleão, o maior homem na guerra acaba os ultimos dias, repassado de dor e de amargura no rochedo de S. Helena.

Felicidade! palavra cheia de illusão e de vaidade, onde está o que tu significas? Cuidei lançar-te a mão, e achei-me com uma sombra: procurar-te ca na terra é resistir aos decretos de Deus; é querer usurpar um direito do ceu. Tu és, felicidade, a mimosa almofada prometida aos espiritos cansados de viajar neste valle, e sobre que todos elles têm de repousar eternamente. (Continúa).

Coimbra, 27 d'abril de 1864.

A. Ribeiro.

A VIDA

AO MEU AMIGO M

J. A. X. de Magalhães

Così trapassa al trapassar d'un giorno
Della vita mortal il fiore è verde;
Ne perchè faccia indietro April ritorno,
Si rinsiora ella màs ne si rinverde.

Tasso.

A vida, amigo, é um ligeiro sonho
Que a morte em breve vem fazer cessar;
Assim se apaga no porvir medonho
Esse luzeiro que se viu brilhar!

Oh! sim! a vida é so de encantos cheia,
Quando uma esperança nos afaga e luz;
Porém la cede; e a final baqueia
Ao péso ingente d'uma acerba cruz!

A esp'rança morre, fuge-nos a crença,
Vem o cynismo o coração gelar!...
E essas venturas em que o homem pensa
Negra desgraça as faz então murchar!...

D'essas falazes illusões d'outr'ora
Não resta ao homem ja nem uma so!

A flor da vida ao despontar da aurora
Ainda brilha; mas á tarde... é po!...

Volvem os annos, e na fronte traçam
Profundos sulcos que dizem — vivi!
Partem-se os vinc'los que a existencia enlaçam
Sella-se a morte com um — jaz aqui!...

P. Augusto.

A lingua portugueza abunda em annexins mui significativos, decentes, e joviaes, mais que outra nenhuma nação.

Estes annexins, ou termos extravagantes tem tal connexão entre si, que d'elles se podem formar longos discursos, sem que nelles se encontre o menor resalbo da baixaza, que vulgarmente se lhe nota, quando são *mal* proferidos, e mal applicados pelo povo. A escolha, e a judiciousa coordenação, que d'elles fez um litterato para tecer um elogio a Lord Wellington, figurando uma carta dos habitantes do Vimieiro, é uma prova d'esta asserção. Dizem que aquelle Lord a vira, e a applaudira muito, e particularmente pela impossibilidade de ser traduzida em outra lingua.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Depois que V. Ex.^a fez ir de escantilhão para França o fanfarrão Junot, tendo-o posto em papos de aranha nos campos do Vimieiro: depois que V. Ex.^a fez sair com vento de baixo ao ladino Soult da cidade do Porto, fazendo vispere, e com as calças na mão para Castella; depois que V. Ex.^a disse ao Zanaga Massena, alto la Sr. S. Macario; e jogando o jogo dos sizudos lhe mostrou as linhas com que se cozia, fazendo-o dar ás trancas, e apanhar pes de burro, por ter dado com as ventas num sedeiro: depois que V. Ex.^a fez ir de catambrias a Berrier da Cidade de Rodrigo, e ao caxolla Filippon limpar a mão á paredê em Badajoz, como quem diz faça que me não viu; e tendo estado tem-te Maria não caias: depois finalmente que V. Ex.^a nos campos dos Arapiles zas traz nó cego desasou o mancabusio Marmont, e o obrigou a contar a sua derrota, pá pá Sancta Justa, tim tim por tim tim; foi então, Ex.^{mo} Sr. que nós os pes de boi, portuguezes velhos, dissemos, este não é General de ca ca ra ca, tem amoras, não faz cancaburradas, não deixa fazer-lhe o ninho atraz da orelha, e como prudente accommette umas vezes, e outras põe-se na con-

serva; agora podêmos dormir a somno solto; o nosso medo está nas malvas; a vinda do inimigo sera dia de São Nunca á tarde, no entanto só resta agradecer a V. Ex.^a a visita que nos faz, que desejámos não seja de medico, nem com o pe no estribo; devendo saber V. Ex.^a, que estes desejos não são embofias, nem parolas, que leve o vento; mas sim ingenuos votos de corações agradecidos e leaes, sôbre os quaes tem V. Ex.^a erguido com tanta justiça um throno d'amor e respeito.

De V. Ex.^a, etc., etc.

TRAVIATA

Inda ha pouco trajavas, innocente,
As brancas vestes, a grinalda olente
De virgem que tu eras:
Inda ha pouco o pudor de teu semblante
Fazia-te vermelha; eras infante
Cheia de mil chimeras.

E agora, mulher, ves inodoras
As flores da coroa que hoje choras
Na pallidez da orgia.
Mareaste essa perola brilhante
Do ceu do teu futuro radiante
Que hoje choras, Maria!

Oh! chora! que éstas lagrimas são puras!
Tu veras que no fel das amarguras
O pranto extingue a dor,
Muitas vezes a flor, cedo mirrada,
Co' os orvalhos gentis da madrugada
Toma novo frescor.

Não ves no lodo a perola escondida?
Póde a chuva fazel-a mais hizada,
Como estrella no mar.
Depois do estio, refloresce o prado.
Depois da chuva o ceu mais azulado
Se parece mostrar.

O mundo te formava mil chimeras
Nos doces sonhos teus das primaveras
De um amor ideal!
Tremeste — de vertigens inflammada:
Dêste ao prazer da noite, arrebatada,
Teu pudor virginal!

Maria, porque assim perdeste o trilho
Do teu viver sem mancha? astro sem brilho,
Onde extinguiste a luz?

Agora és um' alampada apagada!
Uma concha vasia arrebatada
Pelas aguas azues.

Ave, — perdeste da virtude o ninho!
Na taça d'hydromel provaste o vinho
Qu' embriaga o sentir.
Mordeu-te o seio — o verme dos prazeres!
Findando a festa os ultimos tangeres,
Negreceu teu porvir.

Ó Maria, tu tinhas o futuro
Cheio d'estrellas, no brilhar tão puro
O astro da 'sperança...
Tu eras hontem borboleta em flores;
Julieta depois — sentindo amores...
Eras hontem creança!...

Tudo perdeste no seguir de um sonho
D'imagens, d'harmonias, tão risonho
D'encantos ideaes!
Tu foste como planata perfumada
Qu' arrancaram do Eden, e foi plantada
Em quentes areas.

Mancharam-te os roupões da infancia tua!
Magnolia, se abrindo á luz da lua,
Desprendeste um sorrir.
Creança, tu trocaste os veus macios
De tua infancia, pelos veus sombrios
Das noites do porvir.

O berço da innocencia foi manchado!
Pomba, és abutre: anjo, és transformado
Em phantasma de ouro.
Tinhas azas, tens garra; flor sem mel,
Virgem sem c'roa, Ophélia no bordel
Amor — sem seu thesouro.

És um' harpa sem musica sonora!
És como a rosa, que nasceu n' aurora
Sem perfume e sem cor.
Botão mirrado no viçor do seio!
Tu perdeste, bebendo o copo cheio,
A alma de beija-flor.

Teu passado, Maria, é um cemiterio,
Onde jazem sepultas no mysterio
De outr'ora as illusões.
No futuro não tens uma esperança!
E o presente é o desejo que te cança
No gôzo das paixões.

Um sacrario sem fe — eis teu futuro!
Mas sem ella o presente é sempre escuro,
Como a noite sem luz.

Maria, és um thuribulo suspenso,
Sem perfume, sem fogo, sem incenso,
Nos braços de uma cruz!

Chora, e tu serás pura — arrependida! —
Faze como a açucena, que, pendida,
Para o chão s'inclinou,
Golpha prantos do seio avelludado,
Magdalena chorou o seu passado,
E seu pranto a salvou!

F. A. Felgueiras (Sobrinho).

ASPIRAÇÕES

Permitte que eu pouse a fronte
sobre teu eburneo seio;
eu quero sentir o anseio,
que d'elle brota: sem medo
eu quero saber se o fogo
da teu amor se insinua,
bem como um raio de lua
no macisso do arvoredo.

Com teus cabellos dourados
a pendida fronte enrama,
deixa-os depois como a fama
voar ao grado do vento:
quero saber se os cabellos
de tuas tranças formosas
são asas mysteriosas,
que elevam meu pensamento.

Descerra teus puros labios,
quaes duas fitas de lume;
da tua boca o perfume
me embriagues; pois desejo
penetrar no sonho d'alma
que agita a tua existencia.
Gentil irman da innocencia
oh! revelam-o 'num beijo!

Os labios teus me pertençam,
colla a tua face á minha,
diz «amor» como a andorinha
«adeus» diz á selva amena:
quero saber se este nome,
nos meandros do meu peito,
penetra, como 'num leite
de relva, a fonte serena!

Porto, 17 de Março de 1864

F. M. de Sousa Viterbo.

AMIZADE

Ao meu amigo e companheiro do collegio
Flauzino de Castro

De Milton como o Adão, no terreo paraizo,
feliz fui, aspirei as fraganeias do amor.
Breve tudo perdi... de virgem um sorriso
nunca mais me raiou entre as sombras da dor.

Amante, sem que o anjo alado dos meus sonhos
me venha 'inda sorrir, e ao peito me estreitar,
nas aras da amizade os meus dias tristonhos
vão, co'a esp'rança no ceu, doce conforto achar.

Seminario de Vizeu, 26 de Janeiro de 1864.

A. Candido.

SALVA-ME!

Vivem as rôlas na selva:
as aves na solidão:
os roxos lyrios nos valles
vive o amor no coração!

O fogo vive nas chammas
vive a rosa entre os abrolhos
so eu não vivo um momento
longe da luz dos teus olhos!

E tu bem sabes que a vida
nasce onde medra o amor!
como a luz nasce das chammas
e da seiva nasce a flor!

Eu sou como a luz, que morre,
se em ti a chamma faltar;
sou como a rosa que murcha,
se a minha esp'rança murchar!

Mas tu meu anjo, que matas,
pódes tambem dar-me a vida,
e direi que, estando morto,
fiquei vivendo, querida!

Pseudo-Petrarcha.

CHRONICA?

Os acontecimentos de Coimbra são ja do do-
minio do público; porisso não nos deteremos
apreciando-os.

Os estudantes actualmente no Porto calculam-

se para cima de 600. Não hão de ser 600 vi-
ctimas, creiam-nos, mas 600 bravos, que hão
de mostrar ao paiz com o seu proceder o quanto
póde a justissima causa que defendem e que os
justifica.

Tem havido todos os dias assembleias no thea-
tro academico para se ponderar bem a côr que
o estado academico vae tomando de dia para
dia. O redactor d'este jornal participa la de ao
pe dos seus irmãos (do Porto) que as secções
la correm placidas, e que é muito lisongeiro o
estado da academia. Estou que nunca aquellas
esperanças se desvanecerão, porque a verdade
costuma triumphar de tudo.

Mudemos de assumpto.

O redactor responsavel d'este jornal recebeu
uma carta d'uma ex.^{ma} anonyma de Soure, no-
tando-lhe um êrro typographico que escapára
no número anterior. A pressa com que elle teve
de alistar-se no número dos nossos irmãos que
foram para o Porto não lhe permittiu respon-
der. Saiba desde ja a amavel Sourense que
aquelle 18 devia ler-se 8, êrro que so podia ser
typographico: entretanto estimámos o ter appa-
recido o tal 18 para termos o gôsto de receber
a carta de s. ex.^a! Quando regressar o sabio re-
dactor d'este jornal, responderá melhor a v. ex.^a

À última hora

A academia que se achava no Porto vem re-
gressando a Coimbra, para acceder ao pedido
do ex.^{mo} vice-reitor.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS**SOL Á SOMBRA**

POEMETO

DE
J. SIMÕES DIAS

Preço 120 rs.

RELGARIO**OU O MUNDO INTERIOR**

POESIAS

de
J. Simões Dias

Preço 300 rs.

Vendem-se em todas as livrarias.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

A CHRYSALIDA

SEMANARIO, SCIENTIFICO E LITTERARIO

(ACADEMICO)



Aos srs. assignantes da Chrysalida

Que ainda não curaram de satisfazer o emporte de suas assignaturas.

Quando comprehendemos a publicação da *Chrysalida*, bem longe estava de nós o sonhar sequer, que um dia viria, em que teríamos de advertir aos nossos assignates da falta d'um tão sagrado dever, como é a exacta satisfação do emporte de suas assignaturas. E fazia-nos pensar d'esta maneira, por um lado o fim altamente nobre, e sublimemente sancto a que o nosso jornal mirava, por outro a sua fabulosa barateza.

Nunca foi nossa mira a ostentação vaidosa de dar publicidade a nossas mesquinhas produções; não; mais alto e mais sublime era o fito a que mirávamos confiados na protecção e bom acolhimento do publico—Coadjuvar um mancebo recomendavel por suas qualidade, e dotado das mais louvaveis aspirações; servir-lhe de Cyreneo na senda do seu calvario; ajudar-lhe a levar a cruz ao monte,—a tão pezada cruz da sua formatura—dar a mão ao homem, a quem a morte roubou um protector, e que á dois annos se vê quasi a perder o equilibrio da posição social, em que a sorte o lançou, luctando a sós braço a braço com a desgraça para ver se um dia pôde ser util a si, á familia, á patria, e á sociedade; eis os motivos que nos levarão a dar um similhante passo. E bem alto o declarava assim a singileza, com que ião redigidos os nossos prospectos; eis o que elles diziam—*A coadjuvação d'um socio nas lides do estudo é o fito a que mira este jornal: esperamos, por isso, que os srs. assignantes se associem a nós nesta cruzada tão sancta e philantropica.*—E elles vinham cheios de todas as partes; parecia que a caridade, ou uma força de sympathia, que ha sempre pela desgraça, moviam irresistivelmente a assignar as pessoas, a cujo conhecimento chegavão taes pamphletos—Eram maravilhosas e surprehendentes as cores do prisma, por que viamos a nossa empreza, o

qual parecia já querer mostra-nos os mais li-songeiros resultados. Illusão! Engano perfeito! Não sabiamos, não podiamos pensar sequer, que muitos braços tinham sido movidos a escrever um nome, não pelo desejo de fazer um bem, mas pela vaidade de satisfazer ao pedido de alguém. Stulta gloria! Não sabiam que era melhor revolver o prospecto em branco!.. Ignoravam que o seu nome representava a parcella d'um capital sagrado, com que ia lançar-se os fundamentos a uma obra sancta, ou então não sabiam, o que assignavam, porque talvez assignassem sem ter lido! mas em qual-quer dos cazos deveriam saber ao menos, que andar assim, era andar pessimamente; porque o resultado foi cavarem-nos aos pés um abysmo ao lado d'outro, que queriamos ajudar a transpôr. Senão eram sanctas as suas intenções, para que assignar um nome? para que cometer uma mentira, donde proveio não só impossibilidade de coadjuvação para o nosso protegido, mas sobre tudo *incravilhação* para nós?! Quantas lagrymas de sangue, quantas bagas de suor do nosso rosto nos não serão hoje necessárias para poder-mos remir-nos da quantia que devemos á imprensa?

Poderão dizer-nos que o jornal andou sempre irregular; mas ainda assim era de lá que a culpa vinha. Muitas vezes nos estava o original retido na imprensa perto de 15 dias, e não nos sentiamos com força para o mandar compôr, porque esta só nos podia provir do dinheiro, e este lá está ainda pela mão da maior parte dos srs. assignantes! E que os srs. assignantes não sabem que as manivelas do prello só se movem com o peso do ouro, e sabiam só attribuir qualquer falta de regularidade á redacção, que não queria—por que lhe não convinha—levantar o véu do misterio! Não sabiam que o sr. Administrador da Imprensa da Universidade só mandava trabalhar de vontade os compositores, quando atravez da sua *myopia* podia descobrir o fulgor d'algumas libras?! Ignoraram que a mesma *myopia* lhe deixava perceber melhor o brilho do ouro, que a

luz d'alguns argumentos, que lhe apresentámos para o convencer, de que a irregularidade do jornal éra um meio inteiramente contraproducente para se ir embolçando do que lhe iamos devendo; que quanto mais irregular fosse a sua tiragem, mais se exacerbavam os assignantes na falta de seus pagamentos, e por tanto menos lhe podiamos satisfazer?! Ignoravam tudo isto?! pois saibam agora tudo.

Tambem não foi mira nossa a especulação d'interesse. Viram-no bem claramente escripto aquelles senhores, que se deram ao trabalho de lér os nossos prospectos: 30 réis por oito paginas de soffrivel litteratura, ou 120 por trinta e duas paginas, não sabemos onde se possa escrever mais barato!

Mas não cuidem aquelles senhores, que ainda se não dignaram saptisfazer a esta redacção o importe de suas assignaturas, que vimos hoje com este desabaffo exigir-lhes ou pedir-lhes sequer o cumprimento de tão sagrados deveres; não; pódem obrar como quizerem, que nós entendemos, que para o homem d'honra e de brioso cavalheirismo é offensa até o avizal-o de semelhantes faltas; para aquelles, cuja alma não possui nenhum d'estes predicados, escusadas são taes advertencias; para esses, o silencio e o desprezo é a sensura mais bem cabida que podemos irrogar-lhes.

Taes! não nos meressem sequer uma penada de tinta!

Vimos tão só deffender-nos perante o tribunal da oppinião pública das sensuras d'aquelles, que por ventura nos possam ter accusado d'alguma falta involuntaria no exacto cumprimento de nossas obrigações e agradecer do coração áquelles cavalheiros, que tem religiosamente sabido cumprir com os seus deveres, promettendo-lhes, que a *Chrysalida* não morre, pelo menos em quanto não chegar ao n.º 24, que é o ultimo do 1.º semestre — praso porque alguns srs. satisfizeram já —; e aproveitando esta occasião, vimos ao mesmo tempo beijar as mãos a alguns de nossos presados amigos, que na qualidade de agentes, nos tem prestado em differentes localidades os maiores serviços, concorrendo com o mais desvellado trabalho e apurada paciencia para a realisação do emporte de muitas assignaturas — São elles nomeadamente: Os Ill.^{mos} Ex.^{mos} Srs. D. Ephi-genia do Carvalho, em Veiga do Lilla — Francisco Augusto Cardoso, Monte-mór o Velho. — Dr. Manoel Pires Marques, e José do Espirito Santo Caio, em Castello Branco — Francisco Manso Prétto, na Redinha — Antonio Maximo Verol Junior, em Lisboa — Dr. José Alves de

Moura, em Braga — Antonio Ludovico Guimarães, em Villa Real.

Assim como aqui agradecemos públicamente a tão honrados cavalheiros, da mesma maneira nenhuma duvida teremos em apresentar no nosso ultimo numero os nomes d'aquelles, que o não sabem ser, para que bem se conheçam os homens de bem...

Coimbra 30 de maio de 1864.

A Redacção da *Chrysalida*.

No tumulo de meu irmão

Lampada bella de christal brilhante
A clara luz do céu a allumiava:
Veio a morte: soprou-lhe a luz divina...
E lá se foi a luz que a illuminava.

Deus entornára o oleo perfumado
De innocencia e amor sobre o christal!
Mais um altar teve o céu! e foi-se a luz
Feita em centelhas ao bafo sepulchral

Talvez o visseis. Era luz mais clara
Que a luz que se desperta n'alvorada...
Ouviu-se um grito... Que pensaes? Sublime!
Grito da ave ao raiar da madrugada!...

A, F. Aleixo dos Santos.

SONETO

Ao longe soportei doce agonia
Dos sonhos, que alta noite me enlevavam:
As agoas do Mondego murmuravam,
Sonhava sempre ver-te e não te via!

Dos olhos chrystalinos me feria
A luz com brilhos taes, que magoavam
Os echos d'uma voz triste fallavam
Pedindo só de mim a companhia,

Vivia assim feliz, mas de repente
Da vista fuge o quadro, que saudade!
No sonho quem vivera eternamente!

Acordo! Sepultado na anciedade!
E vendo que de ti me encontro auzente
Jurei-te ainda amor na eternidade.

Madureira.

CANTO DA MANHÃ

A M. P.

A aurora rasga o véu lugubre,
que ha pouco envolvia a terra
qual mortalha funeral:
as aves erguem seus canticos
ao sol que detraz da serra
surge alegre e festival.

O prado esmaltam mil pérolas,
mimosa treme a bonina
das auras ao perpassar;
o arroyo serpêa limpido,
e na fonte crystalina
se vem o sol espelhar.

Tudo vive, e accorda ao mystico
concerto da natureza,
que se eleva aos pés de Deus!
e tu dormes! dormes placida,
como o archanjo da tristeza,
que tem saudades dos céus!...

Não abres teus olhos célicos
ao almo brilho da aurora,
brilho que as almas seduz:
cerras as humidas palpebras,
e buscas a luz d'outr'ora
na mansão da eterna luz!..

Buscas essa luz benéfica,
que te brilhou um instante,
e quo logo se sumiu:
pairas nos jardins ethéreos,
onde brilha radiante
a estrella que te fugiu!..

Oh! em tua face angelica
oxalá resplenda em breve
um vislumbre d'essa luz...
sim! Deus é justo, e o sol fulgido
da ventura innundar deve
quem tomou ha tanto a cruz!...

Dorme, dorme! da innocencia
que em teu rosto transparece,
o somno é sempre feliz:
vi-te inda hontem as lagrimas,
mas, dormindo assim, parece
que aos anjos ora sorris!..

É porque tua alma candida
traz a teus labios o riso,
nuncio de ledô porvir!

assegura-te voz intima
que has-de ver teu paraíso
mil venturas refflorir!...

Dorme! dorme! e quando o Altissimo
desempanar tua estrella,
descerra os olhos então
da ventura á luz magnifica!
só ella, essa luz, só ella,
faz feliz o coração!

Mas esta aurora que esplendida
sorri na montanha tanto
como do prado na flor,
é p'ra ti reflexo pallido
d'outra aurora que teu pranto
seccará, levando a dor...

Dorme pois teu somno placido,
é as gallas da terra olvida,
que p'ra ti já nada são;
sonha e lembra o eterno jubilo,
que te espera 'noutra vida
na celestial mansão.

Dorme, dorme! — é momentaneo
o odor das flores de maio,
eterno o que alem seduz!...
sóbe ao céu, e de lá manda-me
de celeste luz um raio,
que me prenda á tua cruz!..

Seminario de Vizeu 1864.

A. Candido de Figueiredo.

DISTRACÇÕES

Quem não tem que fazer,
faz colheres.

Rifão Popular.

(Continuado da pag. 88)

— Sabes já, que me acomaram por ahí de
contraditorio, por ter afirmado, que todas as
religiões eram verdadeiras, sendo uma só a
verdade?

— Sei-o ha muito. E realmente eu acho
gravissima a objecção; porque a conclusão lo-
gica, que parece deduzir-se do teu principio,
é a falsidade de todas as religiões. E senão
dize-me, convir em que a verdade é uma só,
e afirmar ao mesmo tempo, que todas as re-
ligiões são verdadeiras, não equivalerá a pro-
clamar a identidade da verdade e da mentira?

— É mister, que nos entendamos.

A verdade absoluta é invariavel, superior ás circumstancias de tempo e lugar; mas d'essa não nos occupámos nós, por não ser dado ao espirito humano o comprehendel-a: como poderia o finito abranger o infinito? Quando disse, que todas as religiões eram verdadeiras, referia-me ao ponto de vista das circumstancias.

Em summa o meu pensamento era este: Toda e qualquer religião é verdadeira, em quanto conservar a supremacia sobre as idéias cotemporaneas, em quanto, qual outra columna de fogo, projectar luz sobre o deserto do futuro; porque desde o momento, em que o estado social lhe toma a dianteira, torna-se uma das primeiras pês da civilisação, e portanto *mente* ao seu mandato. O Moysseismo, por exemplo, foi verdadeiro, em quanto satisfez ás legitimas aspirações dos Hebreus: começou porém a entrar na sua decadência, desde o momento, em que o espirito humano descobriu um ideal superior.

Por outros termos, desde que o Moysseismo deixou de traduzir a *verdade relativa*, comessou a declinar, até desaparecer no seu occaso.

— Mas uma religião pôde hoje ser verdadeira, e amanhã falsa?

— Sem duvida. As circumstancias são hoje umas, amanhã outras; porque a humanidade nunca faz alto, marcha sempre.

Se se tratasse de verdade absoluta, seria irrespondivel a tua objecção; mas d'essa, disse eu já, que não nos occupavamos nós, por ser humanamente impossivel a sua traducção.

Mas supponhamos que só uma é a verdadeira, por ter por origem a revelação: nesse caso, se é certo, que dos systemas religiosos é que dependem todas as instituições, todas as formas sociaes, como o demonstrou o profundo philosopho Edgar Quinet com a logica irresistivel dos factos, como ha de comprehender-se, e explicar-se, a grandeza das civilisações antigas?

Seriam ellas uma monstruosidade social, uma mentira? Affirma-o em face da historia, seria a maior das impiedades.

Se a religião fosse uma simples relação entre Deus e o homem, se se limitasse ao puro sentimento, estaria do vosso lado a verdade: entre este e Aquelle porém medeia a distancia, que vae da ideia á sua instituição. Ora a instituição, como tudo, o que se elabora, e organisa no seio social, é que soffre ás modificações chronologicas no sentido do progresso. Para cada atmosphera social sua instituição religiosa, que deve todavia acompanhar o movimento intellectual, sob pena de comprometer gravemente os povos, que dirige.

O *statu quo* secular da China especialmente não tem outra razão de ser.

Aonde vegetarianos nós, se não fôra a revolução d'aquelle, que com razão assumiu as enormes proporções da Divindade?!

Já o disse, e não me cansarei de o repetir; se o meio social fosse um unico em todo o globo, se se verificasse a universal identidade dos costumes, das ideias, do pensar intimo, e se o progresso não fosse uma condição da humanidade, não seria necessaria mais, que uma religião, e essa seria absolutamente verdadeira, se comprehendesse em si toda a somma de verdades correspondente a esse supposto estado. A impossibilidade porém d'uma tal hypothese é uma verdade axiomática; e portanto não pôde deixar de ser verdadeira a minha proposição.

Agora duas palavras a proposito d'esta questão.

Seria muito para desejar, que a nova geração, que leya sobre si a tremenda responsabilidade do futuro, se interessasse vivamente por questões d'esta ordem, porque são muito importantes, e vitaes para a humanidade.

— Mas tu não sabes, que são perigosissimas, e sobre tudo prejudiciaes para os pobres d'espirito, a quem, em compensação do seu myopismo, se deve deixar intacto o reino dos céus?!

— A isso respondo eu com toda a sinceridade da minha convicção, que, quanto mais tenebrosa fôr a noite, tanto mais necessaria se torna a luz. Nada mais assustador, que o desconhecido.

E por este anno está levantada a secção.

J. Jocinho Nunes.

(Continuação)

Pobre é ainda o homem, que sobre a cabeça tem tres coroas quando nellas se não ve engastado o diamante da virtude.

O mundo, vasta morada de lucto, no dizer d'um genio sublime, se tem corôas de rozas, grinaldas de flores, que, enebriantes de perfumes, espargem a suavidade e aroma, que pouco a pouco se vai respirando na estreita vereda

da vida; também possui escolhos, e revéses, taças de fel, e d'amargura, espinhos duros e cruéis, que, dilacerando as fibras d'alma, parecem mesmo irraisar-se no amago do coração. É o homem infeliz por natureza; a sua vida é miseravelmente curta; seus ultimos actos são tragicos, embora tenham sido comicos todos os outros. Os debeis fios, que constituem o pequeno edeficio da industriosa aranha, são grilhões bem mais duros, postos em paralelo com a fragil cadêa, que nos prende á felicidade.

Pois que? nem ao menos será ditoso o rico avaro, que tão altivo se ostenta em seu palacio dourado? Consulte-se a vóz intima da consciencia, do mesmo modo que o povo guerreiro consultava o vôo das aves sobre os grandes destinos do porvir, que ella nos dirá «com a riqueza não se casa bem a felicidade, não; foge-lhe mais ligeira, que o sopro do zephiro ao escuar-se por entre a folhagem do copado arvoredo». Bem longe está também a felicidade d'aquelles, que a fazem consistir nos prazeres da concupiscencia e da paixão.

Oh! quanto esses prazeres são ephemeros e transitorios! Além de não encherem o coração, que remorso, que sentir acerbo é esse, que parece querer acompanhar o homem até á mansão silenciosa dos mortos? até á funerea campa do sepulcro? Que de desgraçados, já com a pallida côr da morte pintada na fronte se não vêm, que embriagando-se no verdôr dos annos com os prazeres da corrupção e do crime, perdido de todo o vigor, estendem hoje a secca e mirrada mão á caridade!

Só não é infeliz quem por entre as urzes da vida sabe cultivar a flor da virtude. É essencialmente nella que consiste a felicidade. Que socego d'espírito, que sancta tranquillidade, ainda mesmo por entre as contrafacções do sofrimento, se não divisa no semblante risonho do homem probo, sisudo, e virtuoso! A virtude é o melhor bem da vida; o cabedal dos ricos, a magestade dos reis, a glória dos heróes tudo vem a acabar na fria lousa; só ella porém, partindo o duro grilhão da morte, vai espriar-se toda no seio da eternidade. Effectivamente o homem no regasso da morte perdendo todos os bens, que o inlação á felicidade, só a ella não perde; é porque a virtude é magestosamente grande, é o jardim da divindade, que cultivado pelos anjos, esmalta de flores a árida rocha da terra, e cujos perfumes vão recender para sempre no ceu.

Coimbra, 13 de maio de 1864.

(Conclue)

A. Ribeiro.

DIVAGAÇÕES

(Continuado do n.º 18, pag. 141)

Como a ociosidade é mãe de todos os vícios, assim a necessidade é da boa industria.

Maximas populares
E assim d'esse pouco, que aqui fica dicto, bem claro se vê a influencia da religião na vida dos povos; sendo que só pódeim prosperar, e firmar-se de dia a dia nos principios reguladores da boa ordem, quando estejam de mãos dadas com essa carinhosa mãe, que entre caricias e afagos lhes ministra o pão civilizador, que mais tarde, depois de digerido, os ha de levar á harmonia social, alvo dos espiritos pensadores e verdadeiramente fraternaes, que ha tanto a almejam, mas com cujo desejo infelizmente cresce a distancia de a alcançar.

Mas serão todas as religiões verdadeiras, e portanto, poder-se-ha seguir uma ou outra para o conseguimento do fim commum?

Não: assim o erém.

Finito, pobre de forças, dependente porisso de auxilio externo, o homem seja qual fór o seu papel nesta tragedia da vida; quer dilacerado pelas paixões politicas, que lhe fazem, em regra, abjurar a verdade; quer retirado d'esse pelago profundo, vivendo tranquillo no seio da sociedade; já vagueando pelo interior das selvas, já passando vida obscura lá pelo concavo das montanhas, sente sempre em seu peito um *quid*, que não se explica, que é como o ferrete da dependencia, uma adhesão continua para um ser que é superior a si; sentimento este que objectivado, traduzido em accões a elle conformes, constitue o que se chama religião.

É a historia que o attesta, e a philosophia lançando mão dos factos o confirma com seus principios expeculativos:— e se não ouça-se Renant, esse genio de imaginação fecunda. «L'homme, dès qu'il se distingue de l'animal, fut religieux, c'est-à-dire, il vit dans l'anature quelque chose au delà de la réalité, et pour lui quelque chose au delà de la mort».

É o sentimento d'um homem, que bem longe está de favorecer nossas crenças, e a quem de proposito cupiamos para não ser suspeito um outro testemunho; pois que muitos há a este respeito.

Mas, assim fica melhor fundamentada nossa asserção tomando para ponto de partida a voz de um escriptor, que tanto tem echoado entre esses, que se levam pelas cadencias harmoniosas d'uma poesia fecunda e sublime, mas sem

fundo real; a voz d'um escriptor, que é o reflexo, já a empalidecer, das idéias d'outros seculos fomentadas por Ario, e conservadas, a despeito do anathma, por muitos seus seguidores.

Portanto a religião é predicado exclusivo, e essencial ao homem.

A historia, porém, imparcial em seus dictames, nos apresenta bem variado o quadro, onde pelas tendencias humanas estão desenhadas as variantes, porque tem passado a humanidade em materia religiosa.

O chaldeo adora o sol, o egipsio o corcodillo, do indio é Deus Bramá: o arabe só ouve a Mahomet, o judeu crê em gehovah; e o selvagem, á falta de Deus determinado, adora tudo, porque nada comprehende.

Nisto há alguma couza de verdade, é a existencia do mesmo sentimento, mas manifestado de formas diversas; é o mesmo foco calorifico, cujos raios atravez de meios heterogeneos se refratem de modo bem variado: a fonte é pura, mas o transito turva os regatos, em que se divide.

Se pois unico é o sentimento cummum, multiplice é a sua expressão, que, porisso, não pôde ser sempre tradução fiel do sentimento: como dizer-se então, que são verdadeiras todas essas formas variadas, porque se expressa um mesmo sentir? ou, o que vale o mesmo, que todas as religiões são verdadeiras?

Afirmar-o seria uma anomalia intellectual.

O nosso raciocinio é bem simples, e mais simples o podemos ainda apresentar—dizendo—o sentimento religioso é unico; diversas são porém as formas, e até diametralmente oppositas, por que elle se pôde exprimir; logo uma só será verdadeira.

É o que cremos, repetimos, porque assim o pensamos; e ahi fica pois esse pensamento, até que alguém, forte em conhecimentos, o queira corroborar, e ajudal-o a viver.

Coimbra 16 de maio de 1864. (Conclue).

A. M. S.

EPYTALAMIO!

OFFERECIDO

POR

DOMINGOS JOSÉ D'ALMEIDA

AO SEU INTIMO AMIGO

ABILIO LOPES FERREIRA NETTO,

NO SEU CONSORCIO

COM A EX.^{ma} SR.^a

D. MARIA A. MARTINS GANILHO NETTO

I.

Amôr, liame eterno, que nos prende

a-Deus, ou cá na terra á sua imagem:
Amôr, favilla d'oiro, que se acende
dos suspiros de Deus á doce aragem!

Amôr, verbo sublime escripto n'alma
do homem, que primeiro a terra viu:

Amôr balsamo sancto, que se espalma
nas ulceras, que a dôr no peito abriu!

Amôr, verdade eterna e perenal,
que o vérmê em baixo adora, e o homem canta:
hymno da creação universal,

Amôr, que 'num suspiro se levanta!

II

Desce, liame eterno, lá do Empyreo,

desce favilla d'oiro!

verbo sublime, alivios ao martyrio!

diffunde amplo thesouro!

Anjos, cobri de flores

o leito do noivado

o culto é recatado

no dia dos amores!

Venha a benção depois

c'roar a união,

que fórma um coração

de dois!

III

E de que val a vida, se ella é erma
das affeições mais sanctas do amôr?

É dolorido ai de velha enferma,
que anhella sem cessar o eterno albor!

É como a tempestade lá nos mares
sem a luz do pharol do porto amigo!

é o queimar do fogo dos palmares
sem oásis, sem sombras, sem abrigo!

Mas quando o amôr sonhado no segredo
das solidões do peito a furto nasce,
é como o sol em fios no arvoredo
que lhe occulta de traz a rosea face!

Depois: se ao perto encontra a nivea casa
d'outro amôr, que se esconde, porque é móço,
é como o combustivel, que se abraça
nos mysticos arroubos do alvarço!

Agora, que eu já vejo nos sorrisos
os segredos do amôr, do coração!
sobre elles mande o céu mil Paraizos,
é perpetua confirme esta união!

S. D.

CHRONICA

Salve leitôras! O chronista ao vir de novo rir e conversar comvosco, sente-se alegre e entusiasmado, como se sentia triste e saudoso na vossa ausencia. A *prepotencia do dispotismo* —ez com que eu vos deixasse por algum tempo, e com que chegasse até a soffrer sonhos terribes de vos deixar para sempre, porque o *vandalismo*, que tudo pretende avassalar na sua passagem devastadora, teve a lembrança triste de pretender aniquilar tambem a pobre *Chrysalida*, não se lembrando ao mesmo tempo, que á vida do mesquinho *infusorio litterario* anda ligada a vida d'um homem, que lhe sabe arrotar as iras com a impavidez e sangue frio do gigante! Era nobre, era irresistivel, porque vinha de cima (!) a força, que nos mandava partir; e quando Deus manda, não se resiste; partimos: e lá ao longe sentiamos a atravessar-nos o coração os queixumes do pobre *insecto* que se debatia, e se exforçava por se subtrahir ás mãos duras dos Neros, que, —cobardes! —tentavam esmagal-o sufocando-lhe os gemidos. E

Longe ao longe nas margens desse rio
Preguiçoso, que dorme em leito d'ouro
Ouvi carpir a lamentosa nympha
E d'ouvil-a gemeu minha saudade!
Dia e noite sentia o chorar triste
Da tão triste Chrysalida, que aflita
Por livrar-se da morte (!) se exforçava!
Grande era o meu pezar, e aos seus lamentos
De lá mesmo juntei meus ais mais tristes!
D'esta alma filha, minha nympha bella
Porque entre as garras te deixei dos Neros?!..

E mal cuidava eu então que havia tornar a vel-a; e que vendo-a, e que beijando-a, e que unindo-a ao coração de que ella é filha, ao coração que lhe dá amor e vida, como ella lhe dá vida e amor, havia por meio d'ella, interessantes leitôras, tornar a ver-vos, e a admirar-vos, e que

«*esquecidas passando horas ditosas*»

havia de inda outra vez entreter comvosco tão delectosos momentos em doce conversação.

Mas o *poder do espirito das trevas* fugio espavorido deante da candidez da estôla do filho do MARTYR, que lançou sobre nós a benção paternal. O pae *pedia, supplicava, exorava* ao filho, que viesse; a *filha chorava, clamava pelo pae*, que a remisse!... Era forçoso vir; viemos: e eisme outra vez com *ella*, e comvosco.

Vou pois dizer-vos o que por cá tem occorrido de mais algum interesse.

Caetano de Seixas, o *digno* governador civil d'este districto continúa a viver encerrado, mas cercado de bayonetas. É o dispotico senhor da idade medea, que manda cercar d'alahardeiros o seu castello feudal... De noite, de dia, continuamente nos está mandando atordoar os ouvidos com o clangor das trombêtas, como quem diz —eu cá estou!

Numa d'estas noites, gozando dos mais antigos fóros academicos, foram alguns estudantes da Universidade *fazer bexiga* a um *caloiro*, que tem suas pretensões a litterato, e que se deixou cahir na miseria de mandar para o prello um pamphlecto narrando a *questão academica*, mas onde ao mesmo tempo, sem dó nem consciencia (que é coisa que elle não tem!) eram adulterados os factos, e menoscabado o credito de seus collegas e contemporaneos. *Fiat justitia!*.. o homem não andou de todo mal! quereria assim fazer mais um serviço ao *padrinho*, que lhe arranjou 20\$000 réis mensaes, e que o mandou para Coimbra *passear, fazer de Lord...* de *grande...* de *chic...* de *Duque...* (!) de homem *du monde...* *que foi a Pariz...* numa palavra, para exercer o ridiculo papel de... *boneco de sabugo!*

A briosa porem é que, não se emportando com tão *louvaveis* testemunhos de *acrizolada* gratidão, foi á porta do *caloiro* chamal-o pelo nome da sua *obra*, que elle denominou *opusculo*. O *bicho*, afastando as arrendadas bambinellas, (que miseria!) deitava a cabeça á janella, *dava o cavaco*, e os estudantes rião-se. Isto foi o bastante para o sr. Caetano de Seixas acordar espavorido (é que estava talvez sonhando com aquella noite, em que, no seu tempo de estudante, mandou *dançar* o governador civil de Coimbra!), esfregar os olhos, mandar tocar a rebate, pôr a sua tropa em armas, e mandar dizer ao governador militar, que era necessario mandar redobrar a força no bairro alto, por que a *academia estava outra vez sublevada!* S. ex.^a o sr. Pratt. appareceu no meio de nós, só, a pé, apoiando-se na sua bengalla, que era a sua arma destinctiva; chegou-se a um academico, e nos melhores termos pediu-lhe, que nos retirassemos, poisque 'nisso lhe faziamos obsequio: foi o bastante para se não ouvir alli nem mais um *piu*, e para todos se retirarem para suas cazas. Assim soube s. ex.^a conseguir na melhor ordem com suas palavras o que o sr. governador civil de certo não era capaz de conseguir com as suas bayonetas— É que o sr. Pratt. á sua madura experiencia

seasonada pelo ardor dos combates, sabe reunir as boas maneiras, e tractar com pessoas delicadas, porque o é também em extremo. Consta-nos que s. ex.^a fôra já demittido, por se ter havido tão sabiã e prudentemente num caso d'estes! Não podemos crer em tal; mas, sendo certo, desde já damos os parabens a s. ex.^a, porque a miseria recabe toda sobre um governo que não sabe premear doutra maneira o funcionario publico, que sabe cumprir com os seus deveres, e que tem crivado de chumbo o corpo, que foi expôr ás ballas nas plagas africanas em favor da Patria!

Tem havido regularmente actos na Universidade nas faculdade de Theologia, Direito e Medicina. Sobre os cursos do 2.^o e 4.^o anno juridico os RR têm cahido desapiedada e indistinctamente, como as serpentes de fogo sobre os hebreus do deserto!... A boa reputação de que eram credores estes dois cursos, tidos e avaliados como os mais regulares da Faculdade durante este anno lectivo, sem despeito dos outros; e além d'isso a semcerimonia com que os temos visto cahir sobre reputações já formadas, e bem definidas, são razões bem fortes, que nos têm feito scismar seriamente sobre a causa de semelhante mal. Qual será a sua origem?! Quanto a nós não pôde deixar de ser o peccado original como fonte de todas as fraquezas humanas! Se já se não attende á reputação litteraria, capacidade de saber, e comportamento scientifico (frequencia) do estudante, o que é que ha de salvá-lo no caso de ser menos feliz no seu acto?! Mas é bem, que assim se recompense a obediencia, com que os Isaacs á voz de Habraham marcharam para o sacrificio.

Timidos! não tivestes coragem bastante para renunciar ao preço das lagrimas d'um anno?! Não podesteis comprehender, que era melhor perigrinar pelo deserto, que vir ser victima sobre o holocausto que estava erguido deante de nós?! Cuidaveis que o SENHOR mandaria suspender o golpe erguido sobre nossas cabeças?! Credulos! o Deus de Habraham esqueceu-se de seus filhos! e agora ahí tendes sobre a batinha nódoas indeleveis, que não ha Jordão que a lave!

Chrysalida.

EXPEDIENTE

Como a maior parte dos srs. assignates d'este jornal são estudantes de Coimbra, Lisboa, Porto, Braga, e Castello-Branco, e está proxima a epocha em que, terminadas por este anno as suas lides litterarias, regressão aos lares patrios, pede-se áquelles senhores que não desejarem, se lhes extravie o jornal, e o queiram

continuar a receber até ao n.^o 24 (fim do semestre); tenham a bondade de participar a esta redacção, quando se ausentarem, para onde lhes deve ser feita a remessa.

Da mesma maneira se participa que, em virtude do que se allega no primeiro artigo d'este numero, não poderão ser reimpressos (por não valler a pena!) os n.^{os} 5, 6, 7 e 8, cujas tiragens se exgotaram; por isso aquelles senhores, a quem por ventura faltar algum numero comprehendido nestes quatro, e que tenham já satisfeito a esta redacção, terão a summa bondade de nol-o participar, para que immediatamente lhes seja remettido em estampilhas o valor do mesmo numero ou numeros; assim como podem também descontar 30 réis por numero aquelles senhores, que não tendo ainda satisfeito, quizerem com tudo dignar-se fazel-o agora, e a quem por ventura falte algum dos numeros indicados. De todos os outros numeros até hoje sahidos ha exemplares na redacção; por isso aquelles senhores, que desejarem ter a colleccção completa, e a quem algum d'estes faltar, podem participal-o, para lhes ser immediatamente remettido.

Finalmente toda e qualquer reclamação, quer neste, quer noutro sentido, entregã de dinheiro, etc., pôde ser feita ou directamente á redacção, ou então—sendo em Coimbra ao distribuidor do jornal—do que elle tomará nota; e nas provincias áquelles senhores que vamos indicar-lhes—em Lisboa ao sr. Antonio Maximino Verol Junior, Livraria da rua Augusta, n.^o 171; ou ao sr. Moreira Feio, Praça de D. Pedro, n.^o 31.—No Porto, rua das Taipas na redacção do *Nacianal*.—Em Villa Real ao sr. A. Ludovico Guimarães.—Em Castello-Branco ao sr. dr. M. Pires Marques, e ao sr. J. do Espirito Sancto Caio.—Em Vizeu ao sr. Luciano Teixeira de Mendonça, na Botica do Hospital.—Em Monte-mor o Velho, na loja do sr. Novaes, á Praça.

O jornal continuará a ser expedido a todos os senhores assignantes até ao n.^o 24; porém, áquelles senhores que ainda não saptisfizeram sequer o 1.^o trimestre, sel-o-hia sem franquia, em quanto não saptisfizerem.

A redacção além d'outras despesas, não pôde estar a perder até o dinheire das estampilhas! Coimbra, rua dos Estudos, n.^o 22.

O Redactor Responsavel,

Duarte de Vasconcellos.



BRINDE

AOS ASSIGNANTES DA CHRYSALIDA

BRADO AOS PORTUGUEZES

O DIA 1 DE DEZEMBRO

São as glórias de um povo os seus pergaminhos. Ler os feitos heroicos de Portugal é ler nos seus pergaminhos. Abramos, por isso, a historia da restauração portugueza 'neste dia anniversario. De cada feito que lermos soltemos um brado de alegria, e 'num abraço apertadissimo de irmãos congratulemo-nos hoje pela nossa independencia, livre ha 223 annos das garras do leão de Castella.

No dia solemne do 223.º anniversario da gloriosa restauração de Portugal, dia em que todos os bons portuguezes celebram com justo motivo uma data brilhante nos annaes da patria, parece-nos não ser fóra de proposito o lançarmos um relançar de vista retrospectivo pela historia d'esses tempos, que nos recordam um dos mais arrojados feitos d'este valente povo, que tantos actos de heroidade conta.

No decurso dos seculos xv e xvi o poderio das Hespanhas tomou um tal grau de desinvolvimento, que, assombrando ja a Europa com o seu agigantado vulto, ameaçava comprometter o equilibrio indispensavel para as nações restantes poderem sustentar a sua autonomia e defender os sanctos principios de liberdade e independencia. Por toda a parte parecia sorrir-lhe o anjo das victorias, porque immenso foi o número dos povos, que ao seu jugo avassallou, adquirindo assim thesouros de fabulosa riqueza, ao passo que o seu dominio se ia tornando mais assustador.

Bem proxima d'esse colosso, que tudo sujeitava a si, existia uma nação florescente e poderosa, não pelo terror dos despotismos, mas pela admiração, que geralmente causavam as suas gloriosas acções: era essa a nação portugueza, que foi sempre o berço de grandes committimentos, e que na epocha, em que os mais dos povos jaziam ainda nas trevas da ignorancia, ja conduzia de um a outro

extremo do globo o facho regenerador da civilização!

Limitado por uma área de 19:000 kilometros quadrados, este pequeno recanto da Europa foi grande constantemente pelo valor dos seus habitantes. Se a mera fôrça physica é propria dos brutos e a fôrça moral caracteriza os homens, a reunião de ambas constitue o heroe. E de heroes era o povo, que se encarregou da nobre missão de promover o adiantamento da navegação e commercio, e de descobrir novas terras para as povoar e esclarecer.

Era Portugal, pois, uma joia de subido quilate, que muito convinha engastar na coroa fulgurante do reino hespanhol. Por diversas vezes, mas sempre debalde, emprehendeu o leão de Castella tomal-a por violencia nas garras, e se as recolhia depois de um revez, era sempre por astucia a fim de se preparar para novo assalto.

Uma occasião propicia se lhe facilitou emfim para a realisação dos seus nefandos intentos.

Quando em 1578 o até alli immaculado pendão das sagradas quinas foi supplantado pelo crescente sarraceno, e destruido o exército de D. Sebastião nos campos de *Alcacer-quivir* pelo alfange victorioso dos arabes, grande número de varões de sabio conselho e muitos jovens de esforçado braço e provado valor cahiram victimas do furor inimigo, ou algemados pereceram nos cárceres negros da Barberia.

Ésta quebra de fôrças, que veio extenuar os recursos do paiz, juncta á extirpação da dynastia reinante, constrangeu Portugal a vergar, abatido sob o péso enorme de tantas calamidades.

Durante o curto reinado do cardeal D. Henrique, *protector* que ja fôra do reino na minoridade de seu sobrinho D. Sebastião, tractou Philippe II de Castella de dispor as cousas por fôrma que lhe coubesse a successão ao throno portuguez depois da morte do velho rei. Allegando o direito de D. Catharina, filha de Philippe I, haver sido espôsa de D. João III. e consequentemente avó do jo-

ven monarcha, que tão prematura morte levou; baseando-se tambem em ter elle proprio sido casado em primeiras nupcias com D. Maria, tia do mesmo infeliz soberano, e não dispondo os outros pretendentes de meios bastantes para se opporem ao poder hespanhol, conseguiu Philippe II fazer-se reconhecer monarcha legitimo de Portugal pelas côrtes, que em 1580 convocou em Thomar o duque de Alba.

Sublimes provas de um nobre patriotismo deram muitos bravos portuguezes, que em diversos pontos do reino resistiram por algum tempo á occupação estrangeira. Uma nação, porém, orphan do seu rei, pobre de recursos, quebrantada moralmente e devastada ainda em cima pelo flagello terrivel da peste, fraca opposição poderia fazer ao leão das Hespanhas, habituado então a sôbre todos dominar.

Com a annexação de Portugal e suas ricas possessões ganhou o usurpador riquezas de infinito e incalculavel valor. Mas a esperanza firme de restauração foi logo calando no peito de cada um dos filhos d'esta boa terra, de sorte que todos aproveitavam com louvavel empenho qualquer oportunidade de revolta; e este espirito de conspiração, passando em herança de paes a filhos, não consentia ao inimigo a posse tranquilla de um povo, que nascêra independente, e que fataes circunstancias haviam reduzido á escravidão.

Todavia a estrella brilhante, que guiava a Hespanha na senda da prosperidade, nada perdeu da sua luz durante o meio seculo, que se seguiu. E, com quanto a esquadra composta de 150 navios com 9:000 homens de mar e 70:000 de terra, preparada para a conquista da Inglaterra, e a que o orgulho hespanhol deu o nome de *invencivel armada*, fôsse destruida no alto mar pela furia dos elementos, com quanto varios revezes lhe succedessem nas differentes guerras, em que alternadamente andava empenhado, sempre conservava em boa ordem e stricta disciplina o govêrno das vastas colonias, que por toda a superficie do globo possuia; e sem

jamais faltar ao necessario para a administração dos proprios estados tinha repartidos pelas possessões exercitos poderosos e numerosas esquadras. O total das forças navaes, de que em 1625 dispunha Philippe II de Castella, montava a 20 naus, 260 galeões e 204 galeras. O exército constava de 450:000 homens, dos quaes uma força de 30:000 praças de todas as armas formava a guarnição de Portugal e 224:000 occupavam as provincias da Hespanha. Os restantes do 9:000 soldados achavam-se espalhados por todas as colonias, tanto em terra firme como insular.

Em breve se offereceu aos portuguezes uma occasião favoravel para aguerrirem um exército e crearem cabos de guerra, de que tanto careciam para a realisação do sonho dourado da sua emancipação. Em 1624 os hollandezes ja livres do jugo castelhano enviaram ao Brazil uma armada de 35 navios, e, apenas chegados, tomaram a cidade de S. Salvador da Bahia e cuidavam ja de sujeitar ao seu dominio o resto d'aquella provincia. Deram-se logo pressa os hespanhoes de aprestar uma expedição, e grande número de portuguezes correu a alistar-se nos terços que se levantavam, contentes por irem defender uma possessão, que tinham fe em tornar ainda a ver portuguezes. So Portugal forneceu 22 embarcações de guerra completamente equipadas, e um corpo de tropas de 3:000 homens de todas as armas, montado tudo á custa de um donativo nacional, que excedeu a 250:000 cruzados.

Foi então que os brios nacionaes se patentearam em rasgos de heroismo; e tal bravura e disciplina mostravam os nossos soldados, que, tendo-se entrado no dia 1.º de Maio de 1625 na capital do Brazil, a defeza da cidade foi confiada a 1:000 portuguezes sob o commando do sargento mor Pedro Correia da Gama. Mas Portugal tão prompto sempre a fazer sacrificios, quando se tractava de repellir qualquer ataque feito aos seus antigos dominios, oppunha vigorosa resistencia em auxiliar os castelhanos nas suas demais empresas. Não foi pois sem grave

descontentamento que os portuguezes foram obrigados em 1639 a fazer marchar contra a França terços de tropa, e a pagar onerosos tributos extorquidos á força com barbaro rigor.

Como o astro, todavia, que levanta, apparece brilhante em chegando ao zenith da sua carreira, e em seguida começa a declinar e obscurecer-se, até que por fim se esconde no extremo horisonte, assim o poder hespanhol, começando por avassallar quantos se lhe não rendiam humilhados, desde o menos poderoso senhorio até ao maior potentado, chegou a ponto de conjunctamente lhe obedecerem quasi toda a Europa, grande parte da America, muitas praças na Africa, ricás possessões na Asia e diversos archipelagos espalhados pelo oceano! No seculo XVI subiu ao apogeu da gloria, e logo no princípio do immediato a estrella de Castella foi vista correr apressada para o occaso. Foi então que os hollandezes, a pretexto de liberdades religiosas, se desligaram do jugo hespanhol: e no decurso do mesmo seculo o throno ja mal seguro de tal modo vacillou nos seus fundamentos, que ao começar do seculo XVIII a Europa viu partido o tyrannico sceptro, que a escravisára, continuando ainda no actual a decahir notavelmente o seu dominio nas Americas!

Depois da Hollanda coube a Portugal o hastear a bandeira sancta da independencia.

Os portuguezes depois de haverem exgotado até ás fezes o calix de absyntho dos infortunios, vendo trahidos um por um os sagrados compromissos reaes, sentindo campear a tyrannia e a oppressão em vez de os favorecer um protectorado amigo, conhecendo o firme proposito que havia de os delapidar nos bens e nas vidas em logar de lhes conceder uma boa e nacional administração, que os levasse á prosperidade, e para cúmulo de injúrias, vendo riscada a sua patria de entre o número das nações, tomaram a resolução heroica de partirem as algemas, que por espaço de 60 annos os tinham opprimido.

Conjurados para esse fim os mais il-

lustrados espiritos e os caracteres mais valorosos da epocha, e havendo concertado entre si o plano mais favoravel para o exito feliz da sua empreza, levantaram em Lisboa ao meio dia do 1.º de Dezembro de 1640 o grito arrojado da restauração portugueza, acclamando rei o Senhor D. João IV, então 8.º duque de Bragança.

Com esse brado memoravel, que foi repetido por todas as boccas; que encontrou echo em todos os peitos e que veio dar fôrça a todos os braços, começou para Portugal o despontar de uma aurora linda, a cujo clarão esplendido tornaram os nossos maiores a recuperar a perdida liberdade, firmando-a depois para sempre, apos uma guerra de 40 annos, em que o amor da sua nacionalidade os fez sempre desprezar o número superior dos inimigos, e vencer constantemente á sombra protectora das quinas de Ourique!

'Neste dia por nós abençoado,
memoria das acções de nossos paes,
desfraldem-se as bandeiras triumphaes
respeite-se no mundo o nosso brado

«Patria dos Albuquerque, patria minha,
depois de ser escrava eis-te rainha!»

Renasça nos teus filhos a alegria,
aponta-lhe depois teus altos feitos...
Oh! se para vergonha houvessem peitos
que a ti se não rendessem 'neste dia!...

Não pôde ser: o doloroso grito
da nossa antiga liberdade escrava
dilacera, qual fogo d'uma lava
o peito do proscripto!

E nós fomos proscriptos por traição
das nossas regalias e poder!
Cahimos pouco a pouco sem saber
nos ferros da prisão.

Quizemos ver a luz do Sol querido
a luz da liberbade, em que nascemos...
embalde! era ja tarde, não podemos
vingar o bem perdido!

Sessenta annos de lagrimas regámos
este solo, que o sangue baptisou:
nossa voz no deserto em vão clamou;
pela espada d'Affonso em vão clamámos!

Era o justo nos carcereos do inferno
bramindo imprecações contra o oppressor:
era o arranco final, final rancor

d'um peito, que se sente
morrer eternamente!

Mas não morreu o bravo,
morreu, sim o leão
que tinha feito escravo
o portuguez pendão.

Soltámos nossos pulsos roxeados
para brandir a espada marcial.
Votámos nossa vida a Portugal
com elle nossos paes foram vingados.

Foi o sangue dos filhos o resgate
da patria, que nos deu a cara vida.
Bem cara nos ficou; mas em remate
a furia castelhana foi vencida!

Gloria aos portuguezes, gloria, gloria
'neste dia solemne e festival.
Festejamos o dia da victoria
do nosso tão querido Portugal.

Retumbe a minha voz em som celebrado
como os echos longinuos do trovão!
Muito embora me estale o coração,
hei de á patria votar mais este brado

«Patria dos Albuquerque, patria minha,
depois de ser escrava, eis-te rainha»

É este o dia maior das nossas tradições
— As nossas sanctas tradições o affiançam.
Um descendente de *Capeto* retalhára
com a lança afiada na cruz, nos plainos
sanguinarios da batalha, os *crescentes* fluctuantes dos cinco *Mauritanos*; e uma coorte de heroes, em echo dignissimo dos bravos, que em tempos chamados barbaros venceram Roma, não se humilhando ante a faustuosa realza; mas exaltando

so o heroe, exclamava unisonante — Viva Affonso Henriques Rei de Portugal!

Depois em Almacave heroes tambem formaram um codice de leis para a lusa nação.

Decorreram cinco seculos...; o povo era o rei, porque o rei se incarnára no povo; e durante esses cinco seculos tivemos um *Lavrador*, um *Justiceiro*, um *Perfeito*, um *Afortunado*, e um *Desejado*! Mas nos penultimos lustros d'esse tempo os ceus da Lusitania illuminados pelo genio e pela liberdade eram contemplados com inveja e pasmo pelos olhos semi-cerrados do mundo; e-la ia reverberar essa illuminação em raios tão vívidos, que os espiritos elevados do estrangeiro eram ofuscados!

A lista dos Nunos, dos Pachecos, dos Gamas...; tinha sido duplamente immortalizada, pois o Bardo-principe descantara as glorias e as façanhas do seu paiz em cithara divinamente sonora, e inflammado pelos raios melancholisadores de saudade duplice, que os ceus de Lysia reflectiam nos páramos longinquos...! Que mais faltava á patria de Camões?

Á luz clara do dia sobrevem a cerração nocturna; *Marengo* conduz a *Waterloo*; ao entreabrir das cataratas no firmamento em quadro infinitamente magestoso advem o cataclysmo; depois das orações e do agonisar em Gethzemani vem o osculo perfido e o lenho pharizaico...; que restava pois, que podia sobrevir a Portugal, o primeiro em glorias na Europa, no zenith de seu poderio, no vigor da mocidade?

Restava a nuvem espessa, tempestuosa, inesperada, que encobrisse as glorias patrias, como mortalha para o que é sepulto vivo á fôrça da golilha e da prepotencia!...

O Bardo-principe definhára á fôrça e em Alcacer-kibir se fórma a nuvem que ameaçadora e caliginosa avança em borbulhões de fogo, e amortalha os ha pouco limpos e vividos ceus, onde Camões bebêra a flux a inspiração!

Assim a nuvem transformando-se em medonho *Ecla* se despenha em lavas exterminadoras, até que o *Dragão do Escu-*

rial finca as garras despoticas e usurpadoras no corpo de Portugal-moço, pouco antes embriagado da summa gloria, que elle no último extasi da mocidade não soube, não quiz acalentar no seio tão puro e tão promettedor!

Portugal não é mais do que um escravo, e envelhece; pois o exilio e a fôrça congelam-lhe nas veias o fogo da mocidade: as cartas geographicas symbolisaram-no uma provincia: á nobreza ou antes aos patriotas são confiscadas posições e propriedades! e mal se escutam lamentos, abafados pelo pavor, na choupana e sob os marmores architectonicos, na cidade ou na aldeia, gemidos d'homens, que derramam lagrimas de desespero ao lerem pela millessima vez as estancias patrioticas do malfadado Luiz de Camões! E esses portuguezes, desprezando os beneficios cavillosos do usurpador, preferem antes morrer estrangulados nos postes, que, olvidando as glorias de *Manuel* e d'um *Joanne*, transpor submissos as forcas caudinas de Castella!

Ajoelhae portuguezes, e reclinae a fronte em veneração memorativa d'esses patriotas, ou antes d'esses martyres!

Sublime martyrio!

Em Roma o Martyr de Narbona e seus christãos consocios deixam-se atravessar de settas pelo seu Deus, pela religião, que maravilhosa brotou em torrentes de luz das escabrosidades do Golgotha, borrifadas pelo sangue sacrosancto do Homem-Deus; e em Portugal homens, cujos nomes.. ai quantos!... a historia mal aponta e nem consignou, se deixaram arrastar pelas peias castelhanas, e, folheando com os labios a epopeia *Patria*, avoaram para o infinito, legando uns á patria apenas seus ossos, e poucos á historia o seu nome e seus heroismos!... Mas quaes são os mais sanctos? Não é o patriotismo, não é o morrer pela patria, uma religião infinita e divina como a do Crucificado?

A *Sebastião*, a tantos martyres, erigiu a Igreja Romana estatuas; e Portugal, este templo de tradições, de virtudes, de façanhas, que estatuas tem levantado em honra e memoria dos heroes, que alimentaram com o seu sangue derramado

a arvore, cujas frondes eram ja amarellecidas, a arvore da independencia?

Ah! longe recriminações: o dia d'hoje é de jubilos; as horas d'hoje devem ser generosas; os minutos de um dia, em que Portugal resuscitou, como Lazaro do sepulchro cavado por alvião tyranno, devem ser delirantes como esses infinitamente expansivos, em que os bravos entoaram ao som das trombetas liberrimas o cantico *Victoria!*

Mas quem foi o Christo, que fez resuscitar esse Lazaro amortalhado? O Christo foi João Pinto Ribeiro: os Apostolos e os sectarios enthosiastas do apostolado foram um punhado d'homens, que inda eram portuguezes, e preferiam antes o ostracismo em perspectiva, a corda do carrasco, a qual balançava no pelourinho aos ventos machiavelicos dos Philippes, que dormir em leitos comprados pelo oiro do Escurial, que ajoelhar ante o sceptro patricida d'um rei, rei estrangeiro e usurpador, e que fizera de Portugal o que fazem os proprietarios ás minas; escavam-nas, subtrahindo-lhes todo o oiro, todos os metaes preciosos, deixando so ruinas, penhascos e lama!

Mas a patria do Bardo-propheta foi restaurada... — Oh caso unico nos fastos da historia dos povos! — ao ribombo rugidor de uma arma, Portugal envelhecido estremece, cheio de fôrças, como o paralytico, cujas articulações são atravessadas por correntes galvanicas! Ao estrondo de uma explosão, Lisboa, Portugal ergueuse da tumba terrivel, com semblante de moribundo, livido de rancor, desgrenhado de furia, como o leão que se escapou da jaula rujindo liberdade! E o grito repercutiu ao longe, fazendo estremecer todos os muros da nação! É que esse grito era voz do Omnipotente, esse rugir era infinito! E de repente Portugal-Americano, Portugal-Lybio e Portugal-Asiatico, como que electrizados, pela mesma corrente, majestosos, tremendos, justiceiros, bramaram liberdade! E logo uma dynastia se inscreveu na historia pouco antes usurpada, e ja em restauração. O Duque de Bragança acceita a coroa com as glorias do preterito, inda assim esplen-

doroso, ou para morrer abraçado a ella, symbolo de Portugal, como Christo á cruz, ou para vencedor, arrogante e justiceiro tambem, bradar á Europa, aos Imperios, ao Mundo—Liberdade! Eu sou descendente dos valentes, que em Aljubarrota esmagaram os covardes dos leões de Castella!...

O dia 1.º de Dezembro de 1640 pertence so a Portugal: aqui foi o theatro: a plateia foi todo o mundo admirador!

Mas a explosão da arma fôra efficaz; o paralytico móvera-se altivo e imperante; cada portuguez se torna um heroe; o esto marcial de Viriato insuffla as arterias de cada bravo; a tradição d'Ourique, do Salado, de myriades de laureis, e mais que tudo o poema, a orchestra, que, harmonisava sem cessar a seus ouvidos, liberdade!, os arrebatava aos plainos da peleja; e ahi, calcando os cadaveres cruentos do inimigo, nadando em oceanos de sangue palpitante, abraçando-se em delirio ás quinas portuguezas, arrastados todos pelo mesmo magnetismo, maravilhosos mil vezes bradaram: victoria! victoria!

Venturosos!... que não escutavam 'nesse momento cego e delirante os gemidos dos orphãos e a pungente voz da saudade, a qual a viuva soluçava; que tremulentos da victoria nem orvalhavam de lagrimas os seus irmãos martyres, os quaes jaziam estirados, hirtos nas planicies, disputadas pelo dragão castelhano! Venturas!... Mas devemos nós hoje chorar com esses orphãos, e prantear os heroes, que morrendo resgataram Portugal da servidão dura e crudelissima de 60 annos, de *sessenta seculos?*

Oh! Jamais!

O heroe nunca morre: a morte do que se sacrificou por uma ideia patriotica converte-se em vida para o porvir: a historia é a pregoeira d'essas façanhas.

As lagrimas são para lamentar os cobardes e os traidores; e ellas então affiam espadas e punhaes.

Hoje so exultemos d'alegria por podêrmos, em espansões infindas de liberdade, commungando na mesa de nossas tradições esplendorosas, contemplando o

porvir com os olhos da esperança e da ventura, e reunindo os bellos matizes dos ceus italianos com os de Lysia, por podermos exclamar em brados majestosos e formidaveis a todo o mundo Liberal: Viva a liberdade! Viva Portugal! Uma estatua a Pinto Ribeiro e aos que brandiram mais poderosos e mais terriveis nos Montes-Claros, nos innumerados reconcontros, as lusas quinas, que hoje se ostentam altivas e soberanas para festejarem o dia maior de nossas numerosissimas tradições gloriosas!...

Verdadeiros portuguezes, e vós especialmente valorosos soldados da liberdade, eia de pe, e saudaes solemnemente o anniversario do glorioso *resurrexit* da vossa patria!.....

Esse genio assombroso, que outr'ora baixára das cumiadas dos Herminios, para enfrear o voo audacioso das aguias romanas, que mais tarde espalhára ao largo as cinzas do crescente, para consolidar a sua nacionalidade, e independencia, e por último, depois de haver affrontado impunemente a cholera do Titan Africano, abríra de par em par as portas do Oriente aos povos europeus: esse genio assombroso, em summa, que representára o papel principal no primeiro acto do grande drama da historia moderna, foi pela mão d'uma raça *perfida e satânica*, arrastado ao inferno da escravidão!!...

E ai! escarraram-lhe taes affrontas, devoraram-lhe tanto as visceras, deram-lhe a beber tanto absyntho, que a morte estava ja prestes a estender o seu funebre veu por sôbre o venerando Martyr!...

Tamanho esplendor porém, e tão gloriosas tradições não podiam tão cedo, e tão ignominiosamente desaparecer na voragem dos seculos. O espirito de Deus passa sôbre a face do moribundo. Este estremece, abre os olhos, ergue-se magestoso e terrivel, e ao brado d'um grande heroe faz voar pelos ares os ferros, que o haviam tão barbaramente ultrajado.

Sim, o grande heroe, que por uma *traição infame* tombára, como o cedro gigante, nos plainos de Alcacer Quivir, e pouco depois desaparecera nas garras do Leão, passados sessenta annos, ou antes sessenta seculos d'agonia, á voz do grande Pinto Ribeiro ressurgiu mais augusto e sublime, ha hoje 223 annos. Portanto, portuguezes, hoje de pe, e solemnisaes a mais gloriosa página da nossa historia!

Marengo quer dizer a fôrça do homem, a tactica dos Fredericos, o genio do tyranno.

É formidavel, assombra o mundo e os tempos; mas... é o *homem*, que so trabalha. *Waterloo* diz mais: independencia da Europa proclamada aos sons pavorisadores das trombetas de Blucher, ou antes ao som da trombeta de Deus, que fez do homem um instrumento para castigar o homem... Por fim Sancta Helena recebeu em seu leito escarpado e ermo o corpo-cadaver do Adamastor, que originára o cataclysmo europeu em catadupas de sangue!...

Cada época, cada seculo não é mais do que o *mane tessel phares* do festim de Balthazar; o heroe-tyranno da epocha tera o seu propheta, o seu antagonista severo; o castigo do Omnipotente!

Portugal ha dois seculos victima de um cataclysmo, mal salvando-se em arca de Noé as reliquias do passado, agrilhado pelo despota ao jugo da escravidão, sorriu, quando viu gravadas nas nuvens, que oscillavam para as partes do norte, as palavras *mane, tessel phares*... sorriu, e libertou-se; porque o propheta, a consciencia inspirada, fez proferir nos labios de cada portuguez:

«Balthazar bebe pelos vasos sagrados; no fim do banquete e da orgia virá o castigo do Omnipotente!»

E os libertados proclamaram na tuba de mil batalhas victoria e castigo. E quem castigava era Deus; o homem era sua creatura, seu servo: e 30 annos, em que as quinas se arvoraram vencedoras sempre, justificaram bem, que os portu-

guezes eram guiados mais por nume sobre-natural do que pelo generalissimo!... E não sera o amor da patria raio despedido da corôa de Jehová que vem infinitisar as fronte, os braços, o coração de um povo, d'um punhado de heroes?

De certo esse raio volveu do empyreo: e ateou no intimo de nossos avós a chama, que ainda hoje vem accender e vigorar a consciencia individual de uma academia, que hoje em festa absolutamente arrebatadora, quasi doudejante, clama:

«Nós somos descendentes dos que uma vez foram vencidos, dos que mil vezes venceram! Nós somos Portuguezes!»

Neste brado não vae philtrada a novicia reacção dos partidos: as convicções olvidam-se para predominar uma unica, o amor que todo o bom filho deve ter a sua mãe; e nós somos filhos de Portugal!

Embora Castella recrimine e zombe d'estas nossas lagrimas de alegrias expansivas da independencia: éstas lagrimas não provocam, rememoram como *Te Deum*, um dia o mais maravilhoso da historia portugueza, e mais assombrador do que esses, em que se pelejavam Mouros. Estas lagrimas são... *como um dia devem ser as dos infelizes Polacos...* mas esse dia?...

Todo o portuguez, que sabe avaliar o que é Independencia, olhe para a escravidão d'essa orphan do Norte, d'esse Portugal de 1639, e versado nos assassinios, nos martyrios, que o tyranno applica á victima, grite com toda a fôrça de seu intimo:

«Independencia ou morte! Liberdade ou valla da planicie, onde cair o cada-ver!... escravos... so da patria!...

Viva Portugal!

Solemnisemos com este brado, filho de um coração que se alarga em frente das glorias patrias, o dia 1.º de Dezembro de 1863, anniversario d'outro que ficou em Portugal assignalado como a benção de Deus em peito de crente!

Ponhamos de parte todas as obras literarias em que nos occupámos para deixarmos escapar uma lagrima de regosijo sôbre a Odisseia portugueza, a historia da nossa patria, na página mais brilhante, que la se ve!

Pinto Ribeiro foi o Homero do 1640, que com a ponta da espada tinta no sangue castelhano escreveu nos annaes da patria o feito que hoje vimos celebrar na companhia de nossos irmãos patriotas que por ahi vivem por todo o Portugal abraçado com a memoria de Pinto Ribeiro, memoria, que, como a columna dos Israelitas projecta sombra para a nação, que alem ficou mergulhada nos mares da carnificina, em quanto allumia a frente dos guerreiros que cingiram as coroas marciaes no dia glorioso da nossa redempção!

Pinto Ribeiro ja não vive na terra. Altares se lhe levantam onde elle existe ainda nos nossos corações!

Sacrifiquem-se em honra do heroe todas as affeições de nossa alma, que nenhuma 'neste holocausto mystico se não consuma a não ser em sua gloria!

Venham as benções do povo coroar o sacrificio!

E em volta da sua sombra se curvem os antigos escravos redimidos por elle 'neste dia, cujo anniversario estamos festejando com successivos brados d'expansivo regosijo

Viva Portugal!

Viva Pinto Ribeiro

Vivam os patriotas, que comnosco celebram este dia!

Viva a briosa mocidade portugueza! Viva a ideia! Resplandeça 'neste solo o sol da liberdade! E, se um dia o jugo de Castella se pretender elevar sôbre nossas fronte, trocando as ideias pelos factos, e a penna pela espada, vamos todos ao campo da batalha bradar com o homem livre, o poeta portuguez.

Antes mortos do que servos
No torrão de nossos paes!...

